PONTOS NOS IT

1885

L. BOURET, REUL.
LISBONNE
ALF.D DAVID

Est. F
Prat. 8
Liv. 10

THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

Apresentação

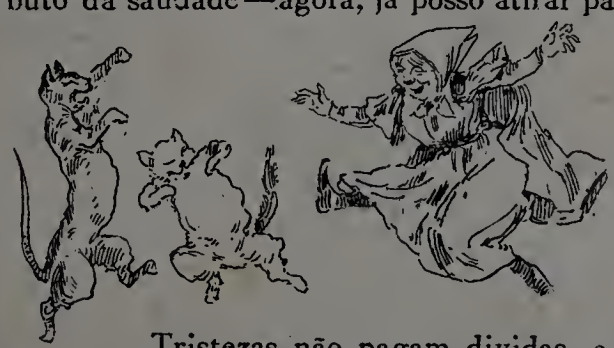
Ora aqui me teem outra vez.

Sou a *Maria*, a viuva do *Antonio*, aquelle que ha trez mezes deitou nariz comprido, enviesou os olhos e morreu embisoirado e triste como o sr. Hintze Ribeiro ou como o homem da laranja da China.

Pobre *Antonio!* Eu bem me cancei de lhe aconselhar que deixasse correr o marfim e fosse rindo de tudo e de todos, porque o contrario seria o mesmo que querer indireitar as pernas aos cães...

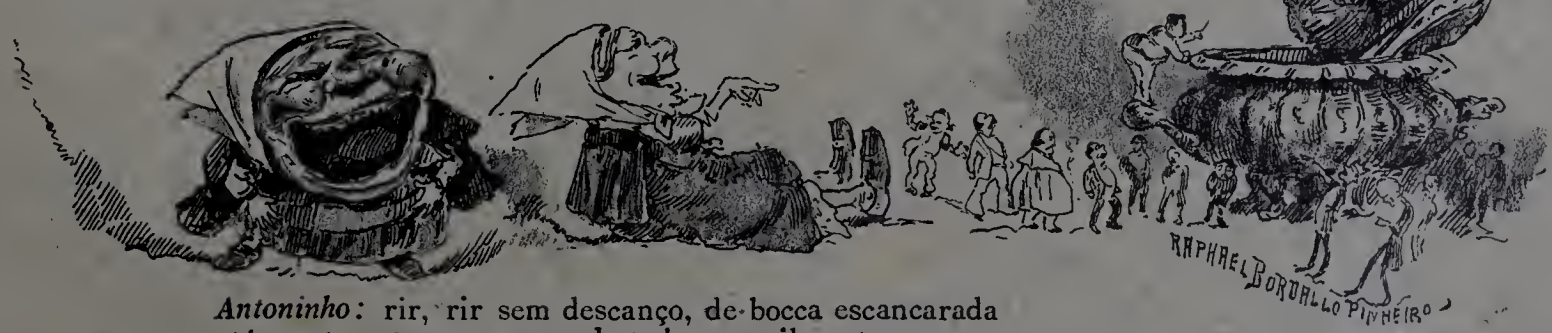
Mas elle tinha aquelle maldito vicio de *indireitar*, casquetado no miolo—e lá o levou para a cova, sem indireitar cousa nenhuma...

Agora, que já vão passados os trez mezes de luto rigoroso—porque eu, na minha qualidade de accionista dos Recreios, não devo pagar senão meio preço ao tributo da saudade—agora, já posso atirar para as costas



O veu de negro lemiste
Com que, n'um pezar profundo
Andava a fingir-me triste
E quasi posta na espinha,
—Como faz por essse mundo
Tanta gentil viuvinha...

Tristezas não pagam dividas, e estou portanto resolvida a fazer hoje sósinha o que, durante uma lua de mel de seis annos e meio, fiz na companhia do meu rico



Antoninho: rir, rir sem descanço, de bocca escancarada até mostrar o cavername, de todos os mil grotescos que por ahi fervilham como formigas n'um assucareiro.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

Pontos nos ii é a minha divisa; mas *pontos nos ii* como eu os entendo, isto é, admiração ingenua pelos poderes constituidos e estupefacção capital pela pessoa

do sr. Fontes, que tem dado tanto lustro ao paiz como o engraxador da travessa da Assumpção costuma dar nas palhetas dos freguezes!

Aquelle idiota do meu marido, que Deus haja, não pensava senão em patriotismos, ao ponto de me parecer ás vezes que tinha mettido em casa o Lobo da *Patriota*, ou a D. Filippa de Vilhena armando os filhos cavalleiros!

Ora isto de patriotismo vae n'uma tal *degringolade*,

como se diz na terra de *mr. Paulus*, (não confundir com o Paulos de Belem) que eu resolvi não mostrar o meu patriotismo se não no dia em que o *Povinho* tiver outra vez nas unhas a *pedreneira* da *Maria da Fonte*...

D'aqui até lá vou passar a vida a rir; e tão arreigada me creio n'este proposito que, se alguma vez sentir encrespar-se-me o sobrolho, corto o mal pela raiz, chamando o barbeiro da esquina para me rapar as sobrancelhas á navalha...

E' n'estas galhofeiras disposições que hoje me vêem «na presença do publico illustrado» a quem peço venia para patenteiar—em doses o mais homœpathicas possivel—todos os patuscos acontecimentos de que tomei nota no canhenho do meu Antonio, desde o dia em que elle foi chamado a baixo.

E, sem mais,

Maria.

Uma sua criada.

CHRONICA

OS CRIMES

Vamos a desabafar!

Durante os trez mezes e uns posinhos em que estivemos encasulados, entre os nossos dois gatos, fieis com-

panheiros de alegrias e pesares, por um triz não succumbimos á nostalgia da troça, assistindo de braços crusados ao desfilar de tantos nossos conhecidos velhos, de tantos acontecimentos extravagantes, como o d'aquelle Soriano que queria fazer ás bochechas d'um guarda da alfandega o mesmo que nós fazemos aos pastellinhos de marisco;

a Maria Eugenia, que tomou os conselhos de Hamlet á Ophelia, indo encaixar-se n'um convento;

a mulher que enguliu o nariz do marido como quem engole uma pilula suissa;

o mano que fez a mana em cabidella, n'um tachinho vidrado, indo depois chamar a policia para esta provar da petisqueira e dizer se estava na conta de sal,

ao passo que um surdo, mais surdo de que o sr. barão visconde de Santo Ambrosio, ouvia gritos angustiosos muito mais distinctamente de que os ouvidores da camara ouvem a rhetorica bolorenta dos oradores parlamentares;

o parto simulado, o casamento simulado, mortos simulados a votarem na assembleia dos Recreios, roubos simulados na companhia dos caminhos de ferro... Tudo simulado, em summa, havendo apenas de verdadeiro o Principe que nos governa e o emprestimo feito á casa real, pela nação que vae vivendo de emprestimos, caso que tem a sua synthese n'aquella phrase do Iago:

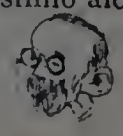
—*Mette dinheiro na bolsa!*

O Soriano foi durante muitos dias o enlevo das meninas que ainda adoram o romantismo de 1830 commulativamente com os versos do sr. Florencio Ferreira.

E como ellas, que o não conheciam, o phantasiaram em suas imaginações!

Uma, suppunha-lhe o buçosinho aloirado d'este

as orelhas invisiveis d'este



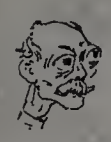
e a cintura de vespa d'este

Outra, imaginava-lhe o nariz accentuadamente aquilino d'esta

e a boquinha microscopica d'este.

Ainda outra, phantasiava-lhe a voz assucarada e as bochechas imberbes d'este

e os olhos semi-vellados d'este.



Mais outra, finalmente, idealisava-o com a cabelleira emaranhada d'este

e a cara ponte-aguda d'este!

Afinal de contas, nenhuma d'ellas o ficou conhecendo, apesar do retrato publicado pelo *Jornal da Noite* em quinta feira de Endoenças, commemorando a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo!

Pois fiquem sabendo que o verdadeiro retrato do Soriano é este:

A Maria Eugenia, que por mais de trez annos supportou aquella enorme cruz do Soriano, fez por um momento reviver entre nós os bellos tempos de Magriço e outros que taes.

Os cavalleiros portuguezes sairam á estacada em bravo e gentil torneio, não chegando a beber-se o sangue aos meios quartilhos porque a politica,— que não vinha nada para o caso mas que em tudo mette o bedelho— se metteu de permeio a congraçal-os.

—Por causa d'isto e que eu não sou senhor de mim...

—Olha o tolo! Troquei-te a *pederneira* pela *inscripção* e se dás fogo... arde-te a *espingarda*... e lá se vae o teu remedio...

O QUE O AGUENTA

(Corre a voz de serra em serra)

A mulher que comeu o nariz ao marido veio pôr em sobresalto os possuidores de bons narizes, ao passo que os menos favorecidos da fortuna, como estes,

pulavam de contentamento.

O sr. conselheiro Dias de Oliveira deu ordem á criada para guardar todos os cacos de garrafas partidas,

afim de transformar o nariz n'um muro de quintalorio,

e o sr. Rodrigo Pequito andou com a penca defendida por um semi-circulo de bicos, como os que se usam nas trazeiras dos coupés!

O Valentim do Martinho, quando foi casar a Tuy, entregou em Lisboa o nariz ao patrão, recommendando-

lhe muito instantemente que não lh'o mandasse pelo correio senão quando elle Valentim estivesse viuvo.

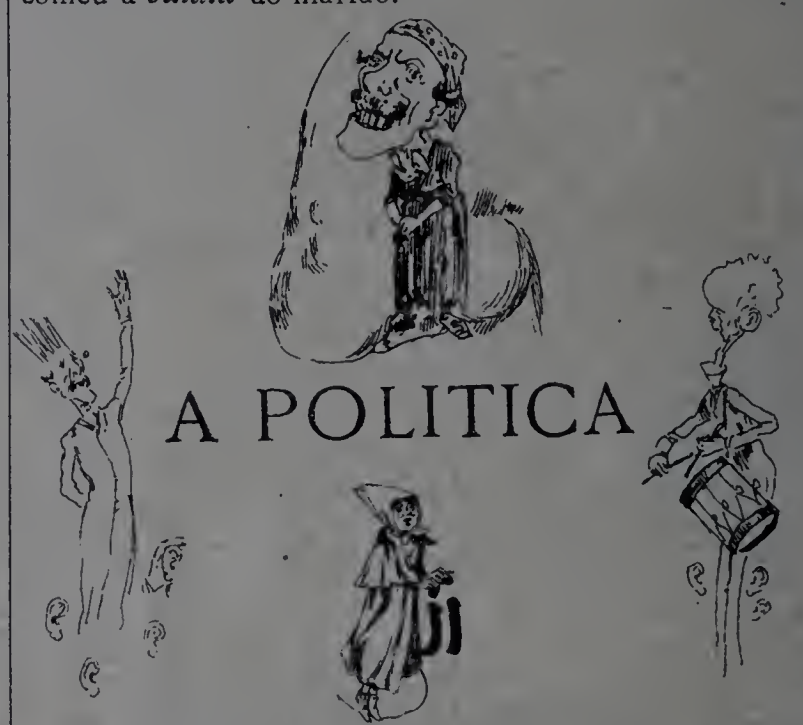
Agora, quando a mulher fôr julgada em audiencia.

O visconde do Rio Sado,
Que é do processo o juiz,
— Talento tão alentado
Quanto alentado nariz,

Terá de mandar pôr uma capa de oleado sobre o *beque*, para fingir que é um soldado da guarda municipal que tem ali, senão a mulher chama-lhe um figo...

Isto faz sua excellencia;
Quanto aos illustres jurados,
Basta que vão p'ra a audiencia
Co'os seus *beques* açaimados.

Já agora, ahi vae tambem o retrato da mulher que comeu a *batata* ao marido.



Em politica, uma embrulhada que ninguem se entende.

Quem lê os jornaes progressistas, fica sabendo que ninguem ouve na camara a palavra do sr. Fontes—*levantada e serena*, no dizer dos regeneradores.

Quem consulta as folhas do governo, vem no conhecimento de que ninguem escuta o rufo de rebate do sr. Braamcamp—*sereno e levantado*, na opinião dos progressistas.

D'ahi se conclue que cada partido só se ouve a si proprio, não surprehendendo portanto que isto chegasse ao lastimoso estado d'uma torre de Babel, onde ninguem se entende.

Nota importante.—O leitor provavelmente não reconheceu o *grande homem*. Pois foi o mesmo que nos aconteceu; com a tregoa que lhe demos, cresceram-lhe os bicos da corôa despropositadamente, e parece que a doença ainda está para peras...

O GOVERNADOR CIVIL

Que era um tyranno, que era um despota, que era um dragão, que era um Peitowitz Carvalhoff, diziam por ahi!

Qual carapuça! O que elle é, primeiro de que tudo, é um janota.

Bella calça de saco, apolainada; bella luva de pellica branca de espuma; tudo bello!

Já em Leiria era aquillo que se está vendo; chamavam-lhe até o *janota de Leiria!*

—«Marido a esposa esconder póde
E eu sei porque!...
Se por acaso o meu bigode
Ao longe vê!»

cantarolava elle, a passeiar todo secio pelos *boulevards* de Leiria, em quanto as formosas da cidade, e mesmo algumas dos arrabaldes, que tinham vindo expressamente, o espreitavam aos ais! por entre os cortinados das janellas, devidamente prevenidas com *abat-jours* e palinhas verdes adiante da vista, para que as não cegasse o clarão d'aquelles olhos inflammados!

Quando o governo o chamou a toda a pressa de Leiria a Lisboa, rogando-lhe de mãos postas que salvasse a patria, e que regulasse as criadas de servir, o pesar femenino foi de tal ordem n'aquella cidade que a camara municipal

Mandou de novo empedrar
Todas as ruas então,
«Porque os olhos, de chorar,
Fazeram covas no chão!»

Chegado á capital, s. ex.ª não perdeu os seus habitos de *janota de Leiria* e é ainda áquella terra que manda fazer os seus sapatos de sola e vira, e engommar as suas camisas de coleirinhos de Bretanha.

S. ex.ª manda as camisas a *Leiria* por não ter encontrado em Lisboa, nem mesmo entre as engommadeiras do Arco do Marquez de Alegrete, quem se entendesse com os seus punhos e os seus coleirinhos de *bocca de sino.*

Assim, o sr. Peito, tanto de pé, como de pernas para o ar, conserva sempre o aspecto d'um *bailhão*...

E, para puxar-lhe o lustro, só as engommadeiras de Leiria.

Por isso é que elle apresenta sempre

Uns peitilhos de camisas
Que brilham, se se meneia,
Qual do Tejo as agoas lisas,
Ao passar das meigas brisas
Por noites de lua cheia!

E por isso tambem que as damas

Ao vel-o assim tão perfeito
Lhe dizem todas:—Ai filho!
Não ha no mundo outro Peito
Com tão bonito peitilho!...

O DADOR DA PARREIRINHA

PARA A MUSICA DAS TROVAS POPULARES
«VIVA A BELLA CRIADAGEM»

A criada que é janota,
Quando vae á missa só,
Co'o seu *chailes* de filó
E casquete de palhinha,
Bella saia de canudos,
De duraque fina bota,
Não parece mais janota
Que o Dador da Parreirinha!

O caixeiro que ao domingo
Vae p'ra a missa do Loreto,
Co'o seu rico fato preto,
E cabello em carapinha,
Quando aos grupos de donzellas
Lança terno os seus olhares,
Nunca chega aos calcanhares,
Do Dador da Parreirinha!

O janota de Estarreja
Que, na volta dos Brasis,
Passando um mez em Paris,
Emfim regressa á *térrinha,*
Quando aos patricios se mostra
Co'o seu fato de *gommoso,*
Nem por sombra é mais formoso
Que o Dador da Parreirinha!

Elle, ha muito que sabia
Que, um aspecto e fatiota
Mais garboso e mais janota,
Com certeza ninguem tinha;
Mas, p'ra tornar-se immortal,
Da Lapa ao caes da Calhêta
Deu-lhe um dia na tineta
Ser Dador da Parreirinha!

Mettido em seu gabinete,
Co'os pés na ceira de esparto,
Qual Dador D. Pedro IV,
Assentou-se á escrevaninha;
Legislou durante o dia,
Dizendo á noite, á socéga:
—De D. Pedro eis-me collega!
Sou Dador... da Parreirinha!

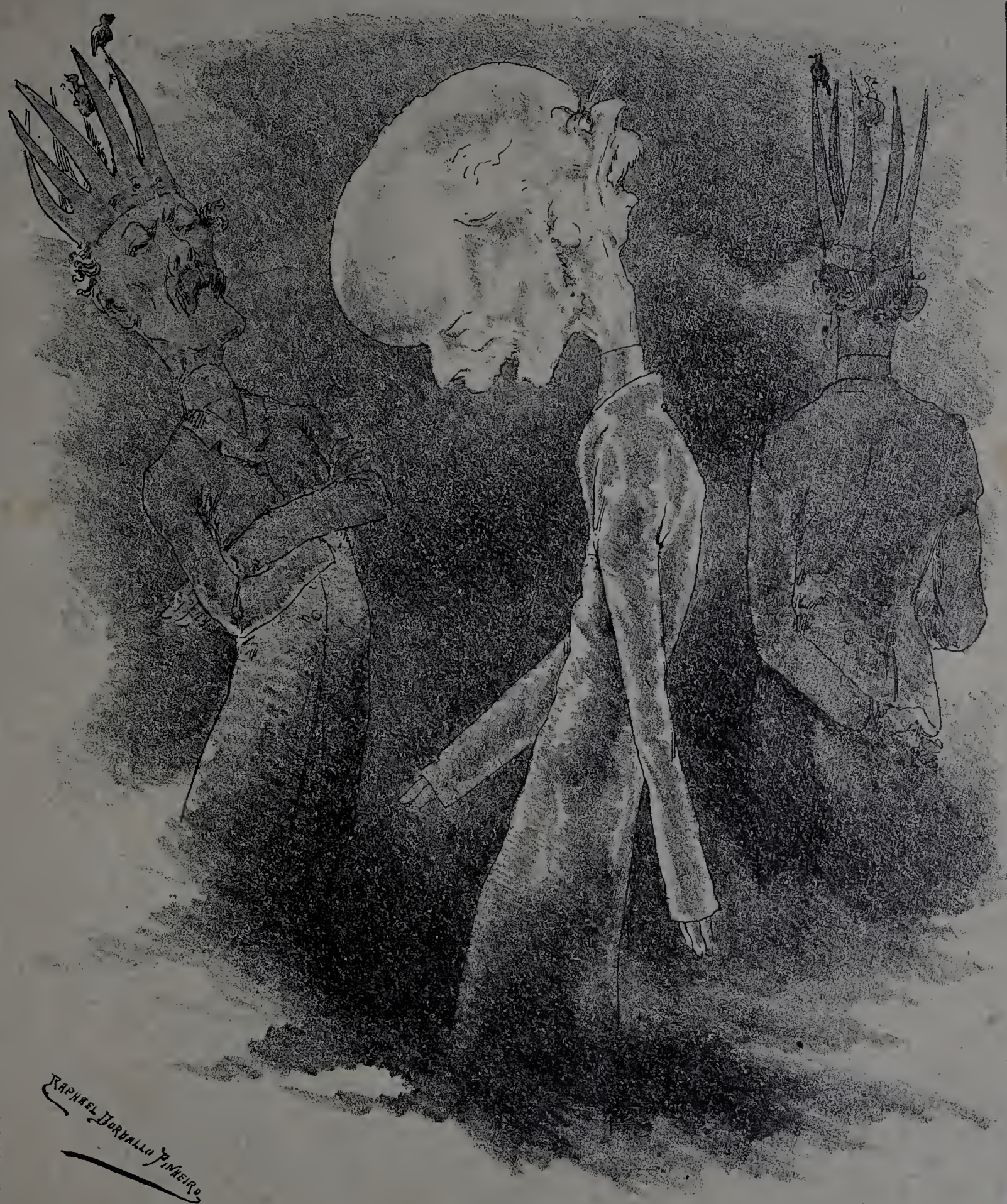
Em breve, segundo consta,
Irá fazer-se um rateio,
Desde as criadas do *meio*
A's sopeiras da cosinha,
Cujo producto se empregue,
Se a lei passar em S. Bento,
Levantando um monumento
Ao Dador da Parreirinha!

Em breve todos veremos,
Sobre um segundo *bobeche,*
Co'o bom loiro de escabeche
Em c'roa na molleirinha,
Erguer-se a tocar o sol,
Com quem vae manter palestra,
De caçarola na dextra,
O Dador da Parreirinha!...

PAN-TARANTULA.

Inzegente
Inconomico
Inlegante
Immortal
Dinheiro do Judas
Immoral
Incorregivel
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

DOIS N'UM



ATTITUDE DO PARTIDO PROGRESSISTA

Durante a discussão das reformas

No parlamento cala-se como um mudo. Na imprensa falla como um algarvio.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

CHRONICA

Mais um olhar retrospectivo.

Bem ao contrario das camaras municipaes para com os professores de instrucção primaria, o nosso empenho é saldarmos contas com o leitor.

Ponhamo-nos em dia.

A CARIDADE

Floresceu como um vaso de mangerico pelo mez de julho.

Felizmente os anjos de caridade começaram a multiplicar-se tomando proporções de bando de estorninhos e só assim dariam conta do recado.

Pois tendo de andar mil leguas,
Não sendo em tal abundancia,
Quedavam, pedindo tregoas
E caldinhos de substancia!

As magestades assistiram a todas as festas, excepto áquellas em que lhes puzeram throno, porque fartos d'isso já elles andam lá por casa.

Mas causava deveras pena vêr o throno ás moscas...

Té não sei, e a razão d'isto indago,
Porque o Fontes, que é nosso patrono,
Vendo o throno p'ra ahi sempre vago,
Não foi logo sentar-se no throno...

Todos, mais ou menos, fomos anjos de caridade—e sem mettermos os pés para dentro, como os collegas da procissão dos passos.

Até sua magestade o Dador da Parreirinha alugou um fato de anjo no guarda-roupa do Cruz e estabeleceu cofre de esmolas no governo civil, com succursaes pelas esquadras de policia.

Estes cofres não darão grande resultado: muita gente terá vontade de largar o seu pataquinho, mas o *argus* de sentinella á esquadra póde embirrar que o pataco é falso, e o caridoso bemfeitor

Que, co'a esmola, agradando ao Divino,
Ganharia um logar lá nos ceus,
Ganhará, sob a lei do Firmino,
Um logar, mas no banco dos reus...

OS THEATROS

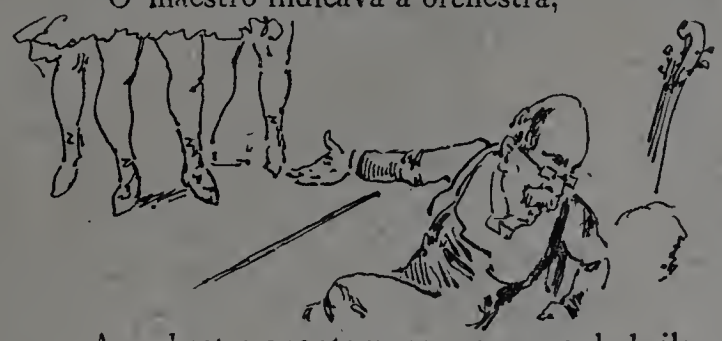
Primeiro de que tudo, muitos beijinhos de reconhecimento mandados pela MARIA ás emprezas dos theatros de S. Carlos, Recreios e Colyseu dos ditos, que conservaram á pobre viuva os logares do seu defunto marido. Foi o que lhe valeu, coitadinha, para disfarçar as saudades que lhe minavam no interior.

De S. Carlos registramos apenas a *Derelitta*, uma bella opera que applaudimos phreneticamente; mas ficámos sem saber quem apanhou os nossos applausos e foi o que aconteceu a muita gente boa.

Porque, o publico, applaudia os cantores,

Os cantores iam buscar o maestro,

O maestro indicava a orchestra,



A orchestra apontava para o corpo de baile,

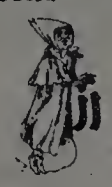
O corpo de baile trazia o Campos Valdez,

O Campos Valdez dizia que não com a cabeça.

Emfim, se não fossem os cartazes, toda a gente ficava sem saber que o auctor d'aquella esplendida opera é o sr. visconde do Arneiro.

As outras operas mettiam todas ladrões de estrada.

Personagens muito apropriados, porque o genero anda no espirito da epocha...



Com o encerramento do theatro de S. Carlos ficou o sr. Peito impossibilitado de exhibir quotidianamente ás multidões o seu formoso peitilho de lustro, tão amplo e tão lusidio que até o peitilho legendario do nosso

amigo José Carlos se reformou de envergonhado.

S. ex.ª está agora condemnado a não deslumbrar com o peitilho senão os policias da segunda divisão!

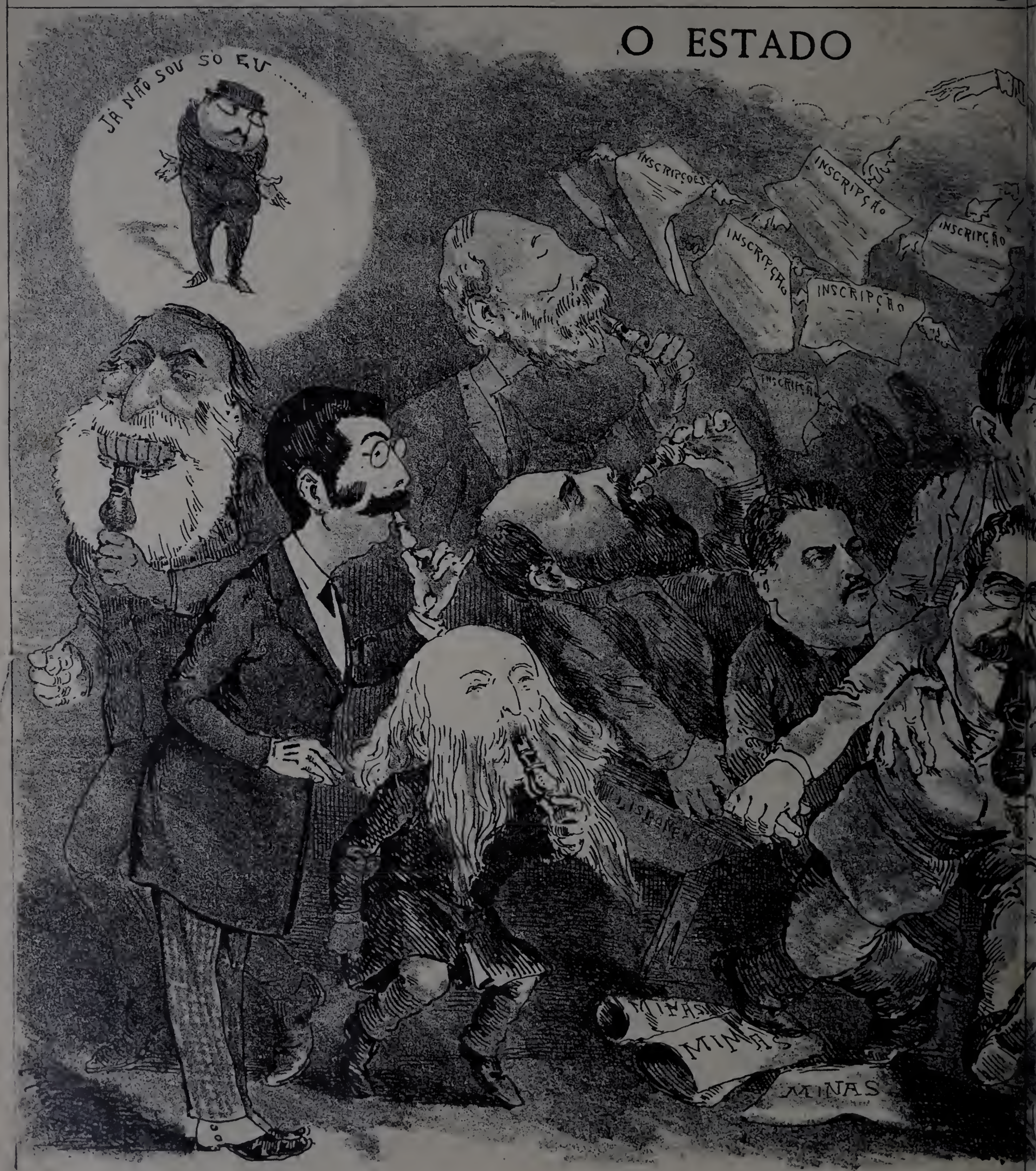
Pois é pena e chega até a fazer muita falta, especialmente ao sr. commandante das guardas municipaes, que ultimamente já tinha levado para S. Carlos as suas navalhas e o seu pincelinho de barba, aproveitando o peitilho do sr. Peito para rapar os queixos com acompanhamento de musica...

—Que pena, meu Deus! que pena!
Murmurava o commandante,
Fazendo a barba casquilha;
A empreza não pôr em scena
A partitura brilhante
Do *Barbeiro de Sevilha!...*

O proprio monarcha fallando uma noite com o sr. Peito e vendo-se reflectido um palmo abaixo do mesmo peito, não se poude conter que não exclamasse:

—Que anda commigo, parece!
E por isso ha já quem diga
Que você faz e acontece
E traz o rei na barriga!...

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO


O ESTADO
JÁ NÃO SOU SÓ EU.....
INSCRIPÇÕES
INSCRIPÇÃO
INSCRIPÇÃO
INSCRIPÇÃO
INSCRIPÇÃO
INSCRIPÇÃO
MINAS
MINAS
MINAS

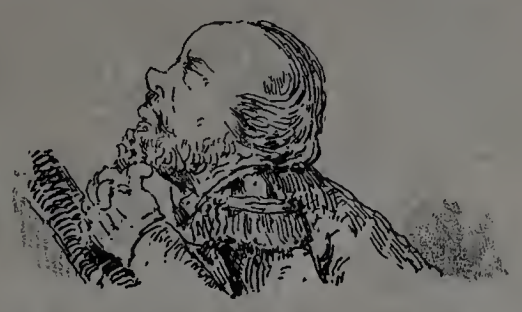
TUDO

DA NOSSA «PRAÇA»

«APITAR» NOTA:—«A apitar» é isto, com o fura-bolos a esfregar o matta-piolhos.

PAGINA DEDICADA AO JARDIM ZOOLOGO
ingratatáo
Silva Lisboa, ao sahir do Limoeiro, ficou tão farto
e grades que até resolveu nunca mais assomar á va-
randa de grades do club Henriques Ne gueira!
Foi a pulga da cadeia quem, erroando-o durante
trez mezes, lhe extrahiu, conjunta mente com vinte li-
tros de sangue, egual medida de convicções!
PASSARINHO TRIGUEIRO
LAZARETO
Aquella pulga é o maior auxiliar do sr. Peito de
Carvalho para a regeneração dos jacobinos...
Durante a noite, não os larga um momento, corren-
do-lhes o corpo todo, como o Tito Pagani corre o teclado
d'um piano quando está procedendo á afinação.
Pela manhã, emquanto elles se coçam, a *pulga re-*
generadora dá um salto á travessa da Parreirinha e,
accommodando-se no botão da camisa do sr. Peito, lê-
lhe á luz do peitilho o extenso relatorio.
Depois, volta para o seu posto, tendo recebido as
instrucções, que são geralmente do teôr seguinte:
—Coragem e perseverança! Não o mordas sempre
no mesmo logar porque, para esse servicinho, temos
nós o persevejo...
E é assim que a pulga consegue roubar as convic-
ções aos pobres presos...
P'ra fugir d'esse atrevido
Bandoleiro
Só se o preso, d'apellido,
Fôr Carneiro..
Ingenuo
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

S. Magestade deixou crescer barba cerrada.



Ora, quando a reforma do exercito mandou cortar as barbas a todos os militares, incluindo os proprios porta-machados, que a tinham victalicia, o procedimento de el-rei, que occupa como generalissimo o posto mais elevado do exercito, é, além de mau exemplo a subalternos, um aggravo á pessoa do sr. Fontes.

E depois, com essa notavel alteração physionomica, todo o dinheiro corrente, desde as moedas de cinco réis novas até ás de dez mil réis em ouro, parecem falsas, ficando uma pessoa em duvida sobre se foram cunhadas na casa da Moeda ou fabricadas na officina do Pera de Satanaz!

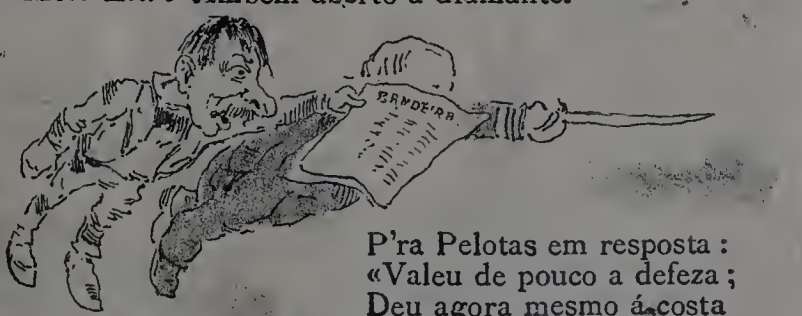
Se el-rei quer usar barbas em familia, muito bem agora, para apparecer em publico, queira ter a bondade de trazer uma caraça de cera do padrão antigo

Pois com esse padrão novo
Toda a cidade se abarba
P'ra vêr se o *bago* é *sediço*...
Senhor! em nome do povo,
Metta a navalha na barba,
Rape isso, Senhor, rape isso!

TELEGRAMMA DA ULTIMA HORA

Rio de Janeiro 9 de março, ás 10 h. e 40 m. da n. — Baptista Machado, em Pelotas, com appelido em punho, defendeu bandeira portugueza. Na duvida se será

bandeira de panno ou de papel, marchou para aqui, a cumprimentar Baptista, sua magestade el-rei, de braço dado com Brito Monteiro. Magestade traz espada de honra com copos de diamante. Brito traz só copos de *Meio Litro* tambem aberto a diamante.

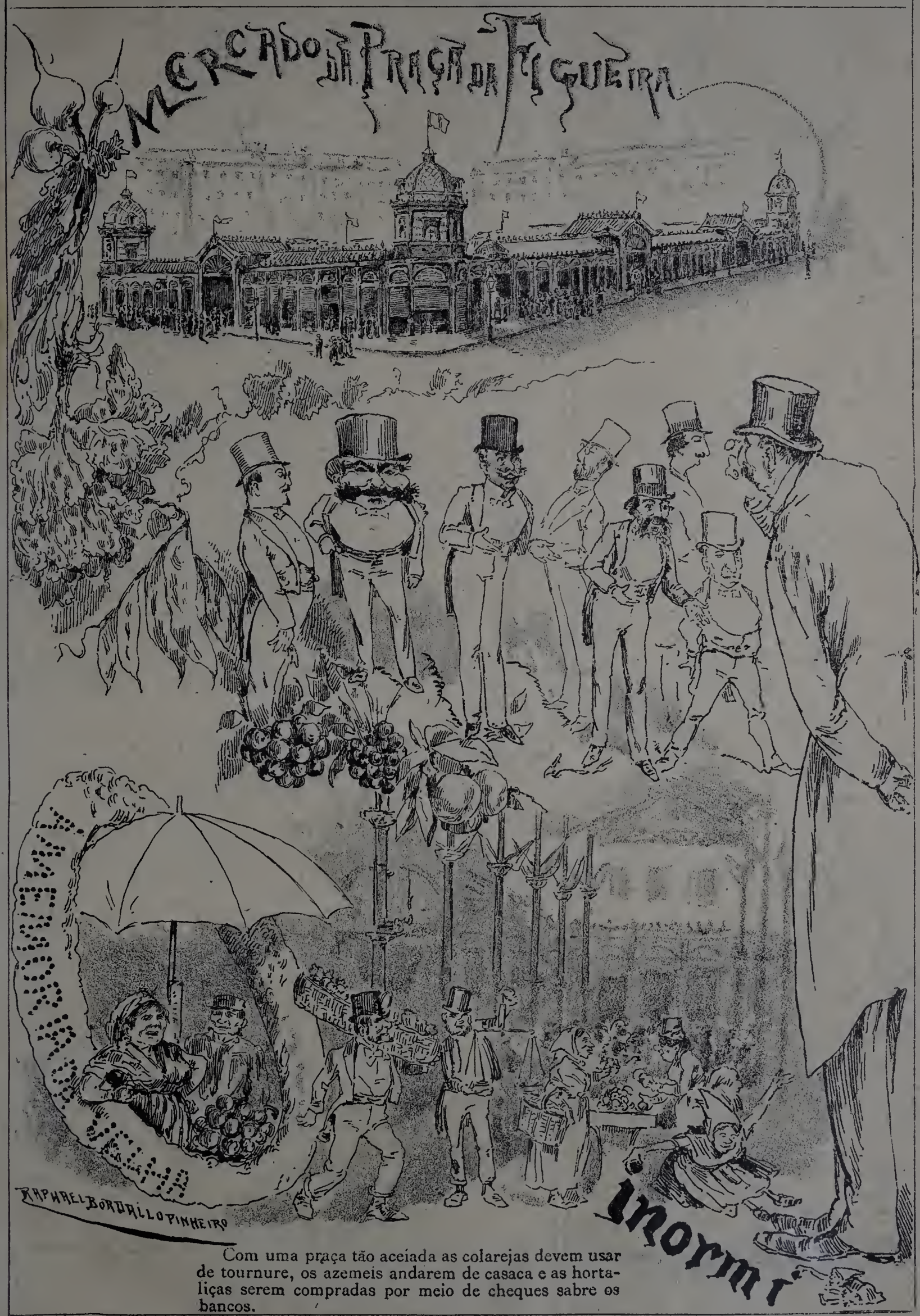


P'ra Pelotas em resposta:
«Valeu de pouco a defeza;
Deu agora mesmo á costa
A *Bandeira Portugueza!...*»

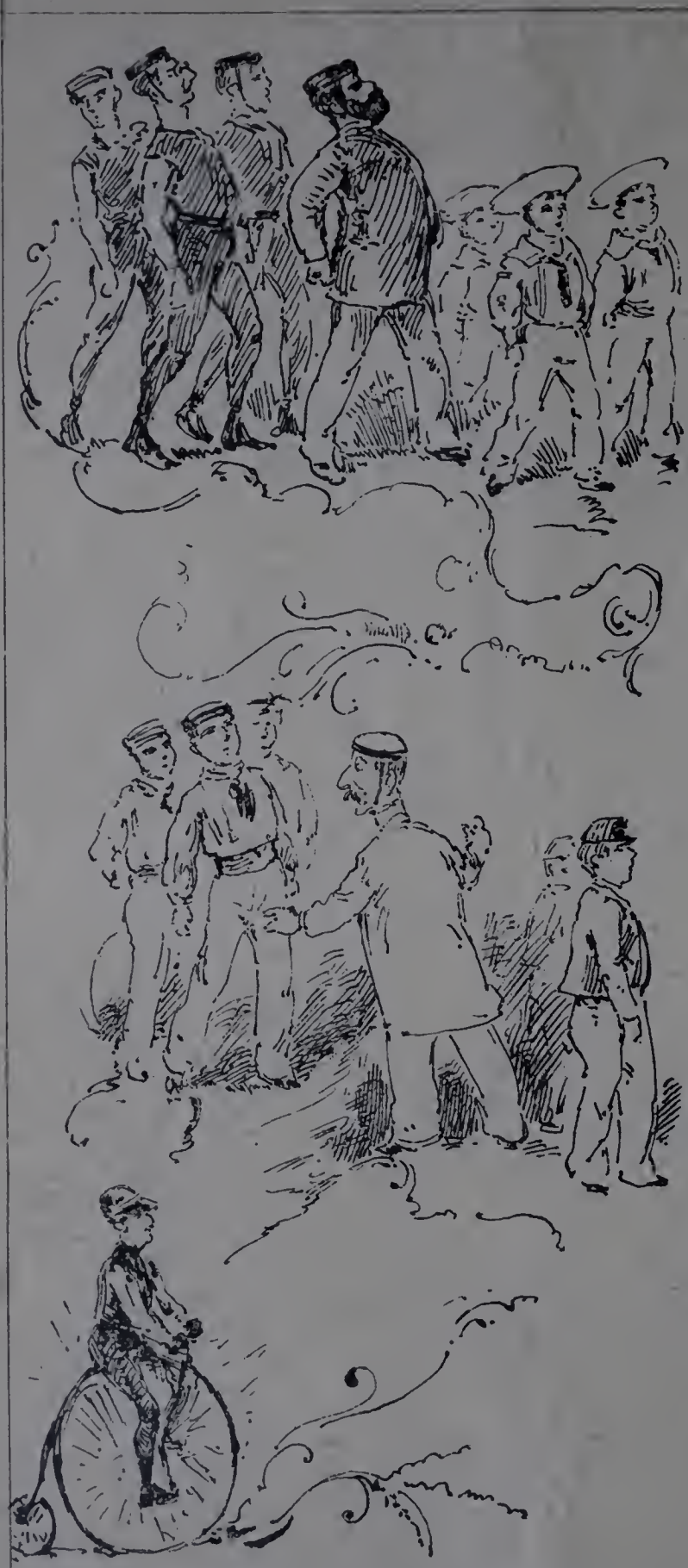
Pan-Tarantula.

Raphael Bordallo Pinheiro

O que dizem as meninas da Baixa:
— Bem se vê que é general para cavallarias altas.



Com uma praça tão aceiada as colarejas devem usar de tournure, os azemeis andarem de casaca e as hortaliças serem compradas por meio de cheques sabre os bancos.



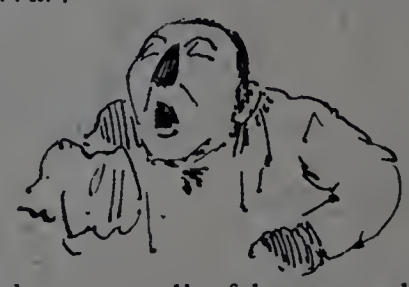
E assim passámos a bella tarde, applaudindo os corajosos rapazes e alongando a vista pelo Tejo, de onde irrompem ao longe os mastros do patacho *Maria*, mettido no fundo por um navio do estado, e que ha mais de um anno se erguem para o ceu, como dois braços, pedindo vingança aos deuses, e indemnisação ao sr. ministro da marinha.

O Valentim do Martinho foi queixar-se ao sr. governador civil de que o desnarigáramos —em estatua— e pedir-lhe providencias contra os nossos golpes.

O sr. Peitilho de Carvalho, apontando-lhe para o armario dos officios, recitou-lhe em *fá-bemol*, com gestos de D. Martinho d'Aguilar:

—N'esse guarda-roupa além,
Pende um peitilho rasgado,
De muitos golpes crusado...
Valor para vós, não tem,
Rirá d'elle o povo necio
Como de insignias d'um louco...
Mas, se o encarar um pouco...
... Leiria, toda, conhece-o!...

Valentim comprehendeu que tinha um companheiro na desdita, mas, apesar da honrosa companhia, ainda quiz *espirrar*.



Não poude, porque lhe faltava um elemento indispensavel—o nariz!

*

* *

Inaugurou-se o novo mercado da Praça da Figueira.

Muita rhetorica, muitos discursos, mas hortaliças nem meia. Isto quer dizer que anda tudo invertido, visto como em S. Bento faltam então os discursos e superabundam os *molhos de brocolos*...

O sr. Peitilho de Carvalho, que assistiu officialmente ao acto, apresentou-se de sobrecasa abotoada, occultando assim o seu formosissimo peitilho.

Só se s. ex.ª entendeu que devia ir abotoado por ser o mercado novo coisa em que muito boa gente se *abotoou*...

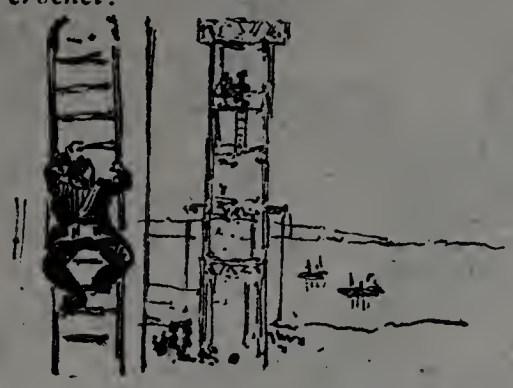
Depois de povoada a nova Praça da Figueira, ainda mais frisante se mostra o contraste d'áquelle mercado com o da praça de S. Bento.

CHRONICA

Uma coisa de acordar enthusiasmos no espirito mais indifferente, aquella esplendida festa dos gymnastas no hyppodromo de Belem!

Parabens ao instituto promotor da festa, e parabens ao notabilissimo escriptor Ramalho Ortigão, o primeiro que escreveu sobre este genero de certames, quando honrava com as suas lettras as paginas do *Antonio Maria*.

Ao vermos essa rapaziada viva, desenvolta, gentil e saltadora, por um triz que não pulámos para o meio d'elles, a correr nos velocipedes ou a marinhar pela escada de *crochet!*



Para corôa de gloria, contentar-nos-hiamos de vêr, aureolando-nos a cabeça, as pernas tortas do valente Bernardino!

Já estavamos formando pulo, quando o nosso abdomen mandou para a mesa uma representação que nos obrigou a entrar na ordem...

Passava bastante da hora annunciada para o começo do certame e ainda a tribuna real não tinha viv'alma.

Tal ausencia de freguezia, accentuava-lhe ainda mais a semelhança com a barraca da Lima, que o seu lastimoso estado já lhe imprime.

Aquella pobre tribuna nem ao menos tem por fóra as cordas de viola com que o throno se atavia!....

Finalmente, correu um reposteiro e assomaram suas magestades... o rei dos *pretos*, e o Dador da Parreirinha.

Agora deu-lhes para andarem juntos; parece que andam fazendo propaganda de bigodes em quarto crescente...

Sua alteza o principe real, que é presidente honorario do Real Gymnasio Club — o promotor d'aquella festa — não se dignou comparecer senão meia hora depois de começado o concurso, já retardado, quando os esveltos rapazes, seus consocios, deslisavam pela segunda vez ao longo do hyppodromo, todos vestidos de branco, como um grande taboleiro movediço de appetitosos merengues.

Emfim, chegou a alegria da casa, o Grão-Mogol d'estes reinos, que chega sempre tarde, no proposito

de se tornar *desejado*. Pois, se quer empolgar o cognome ao collega da segunda dynastia, dê como elle uma passeiata até Alcacer-Kibir — e depois fallaremos...

VIDA VESTIDA
VIDA AIRADA
(É A QUE AGRADA MAIS)
INSCRIPÇÕES
INSCRIPÇÕES
INSCRIPÇÕES
VIDA NUDA
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

As vidas que cada um quer
Os Marias da Fonte
Vida Nova
Discursos
Rethorica
Discursos
1789
Discursos
Paris

Um socego respeitoso e, sobretudo, um aceio de bancas e de phrases, no primeiro, que bem raras vezes se encontra no segundo.

Que, em boa verdade, todo aquelle luxo estava pedindo ainda mais alguma coisa.

Verdadeiramente, as colarejas deviam usar vestidos de *tournure* feitos na Emilia d'Abreu e chapeus comprados na loja do Rembado e os azemeis vestirem casaca do Keil e camizas de Leiria...

E o negocio, entre pessoas tão finas, seria feito por meio de cheques sobre os bancos, para que as luvas se não enxovalhassem ao contacto do vil metal...

— Uma couve gallega? prompto!

— Queira pagar se; aqui está um cheque de cincoenta contos sobre o banco Ultramarino.

O negociante recebia o cheque, rebatendo-o depois por um pataco, que era o preço exactamente da couve *negociada*...

Publicamos em seguida um formosissimo soneto dedicado pelo actor Bensaude, do theatro de D. Maria, ao seu collega Marcellino Franco.

Estava para ir no supplemento litterario do *Correio da Manhã*, mas conseguimos que se nos désse a preferencia!

Mordam-se, invejosos!...

Eis o soneto:

«Na Phenix sempre e sempre, é infallivel...
á porta todo *chic*, e todo *austero*...,
tem modos muita vez d'homem *severo*;
e outros d'uma graça irresistivel!

O seu olhar saliente, incomprehensivel,—
do rosto á flôr, — n'um *comico sincero*...
parece o olhar chispante de Luthero,
alegre, scismador, indiscriptivel!

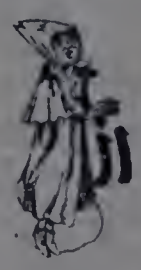
E' que uma vasta ideia o segue e escuta
e o manda proseguir na grande lucta
que acorda no artista a mór ventura...

E' ver-se laureado no presente,
por todo o bom amigo, e toda a gente
deixando a gloria além da sepultura.»

BENSAUDE.

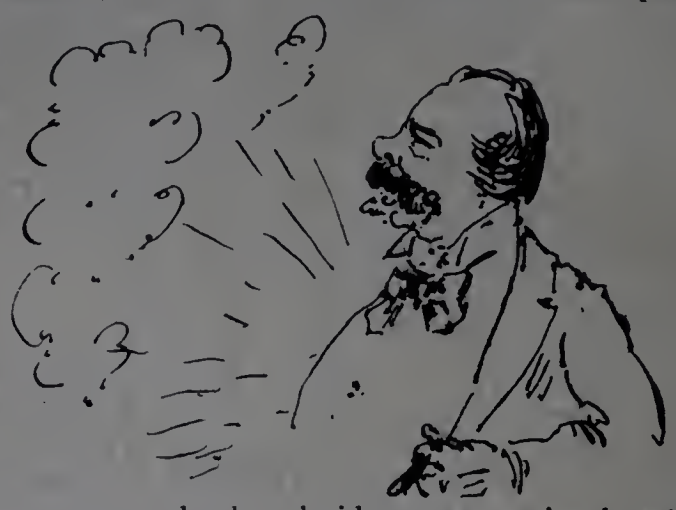
A isto é que se chama uma vocação torcida!

E vae o Augusto Rosa pregar com este poeta no theatro normal, só porque — diz elle — lhe achou muita vocação para D. Maria!



Está averiguado que foi o sr. Peitowitz Carvalhoff quem lançou fogo ao predio fronteiro do governo civil.

S. ex.ª estava á janella d'aquella repartição, com o peitilho virado para o edificio onde o sinistro se manifestou; o lume do charuto, reflectindo-se no peitilho e



augmentando de colorido como os raios do sol coados por uma lente de grande força, foi cahir sobre o predio, dando causa ao sinistro.

O Jupiter da mythologia, lançando raios com a dextra, não é mais perigoso de que este Jupiter de Leiria, que não cessa de lançar *raios*, ainda que venha a tornar-se maneta!

Para facilitarmos aos nossos leitores umas agradaveis locubrações, inauguramos hoje uma secção de charadas, adivinhações, enigmas, etc., que publicaremos de quando em quando.

Hoje a adivinhação, ou como queiram chamar-lhe, consiste na publicação de dois versos, que o leitor completará, formando uma estrophe em quadra, quintilla, oitava, decima, ou como mais lhe convenha, sendo adjudicado ao auctor da melhor producção o premio de...

Depois verá...

Os versos para começar a estrophe são estes:

«Estando o moleiro
Sentado ao borralho...»

De chronica retrospectiva, temos apenas os salvadores bombeiros, que, á falta de incendios em que empreguem a sua actividade, resolveram tocar *macarronis*, em uma recita do Principe Real.

Para darem ao caso um cunho symbolico, os *macarronis* mais altos eram tocados por meio de escadas Fernandes.

Depois dos *macarronis*, o publico pediu os *gatos*, mas os bombeiros declararam que não faziam de gatos senão quando andavam pelos telhados d'algum predio em chammas e que não podiam miar na occasião porque não estavam com o janeiro.

A' sahida do theatro ceiaram os respectivos instrumentos com queijo parmezão.

* *

Em politica nada de novo.

O sr. Fontes continua a ser atacado, mas nada lhe faz doer porque a unica coisa que o incommodou na presente legislatura foi o talento do *Mafarriquinho* da Granja, que se mettia por s. ex.ª como piolho por costura.

O grande homem já não sabia o que havia de fazer; chegou até a levar para a camara uma caixa de pó insecticida e uma d'aquellas mãosinhas de marfim com cabo de barba de baleia, proprias para coçar os sitios aonde a creatura não chega pessoalmente.

O partido progressista continua dividido em dois, como os linguados do rio, que não dão para mais de duas postas.

Apesar das instancias do sr. Barros Gomes, o sr. Correia de Barros anda tão enchicharrado com a sorte grande do sr. Oliveira Martins que não attende nem á mão de Deus Padre Todo Braamcamp Poderoso!

Correia de Barros e Barros Gomes são dois barros que se não ligam.

Pois é pena, porque podiamos muito bem aproveital-os na seramica das Caldas, modelando ambos n'um prato de caranguejos

P'ra figurar, entre vellas,
Ao fundo e sobre um degrau,
Na sala de seis janellas
Do centro do Carapau...

PAN-TARANTULA.

O «VIDA NOVA»

N'esta terra abençoada,
Tudo tem a sua alcunha,
Desde el-rei que o sceptro empunha,
Ao Lopo Vaz da corcova.—
E o Martins, que cantarola
«Corre a voz de serra em serra,»
Vae ter por nome de guerra
Oliveira — o *Vida Nova!*

Elle é, da pelle aos tutanos,
Todo Correia de Barros:
Fuma dos mesmos cigarros,
As mesmas coisas approva,
Calça das mesmas piugas,
Rufa no mesmo rebate,
Veste do mesmo alfaiate.
— Todo, em summa, é *Vida Nova!*

Barros, que sabe da poda,
Preparando um chá d'ortigas,
Algumas *nodoas* antigas
Do sobretudo lhe escova;
Vê não lhe nasça de novo
Republicano escalracho
E diz-lhe em tom muito baixo:
— Juisinho e... *vida nova!...*

O partido dos granjolas
Reconhece-o como filho,
Dá-lhe do mesmo quartilho
Por onde el-rei tambem prova;
E o Martins, livre de escrupulos,
Sofrego estende o gatasio
E empina alegre o copasio,
Murmurando: — E' *vida nova...*

.....

Quando a republica offereça
No porvir mais seguranças,
E' de crêr que *elle* aos Braganças
Volte a dar terrivel sova...
Mas que o povo então lhe diga,
Estendendo a mão sem luva:
— Tire o cavallo da chuva,
Que isto agora é *vida nova!*

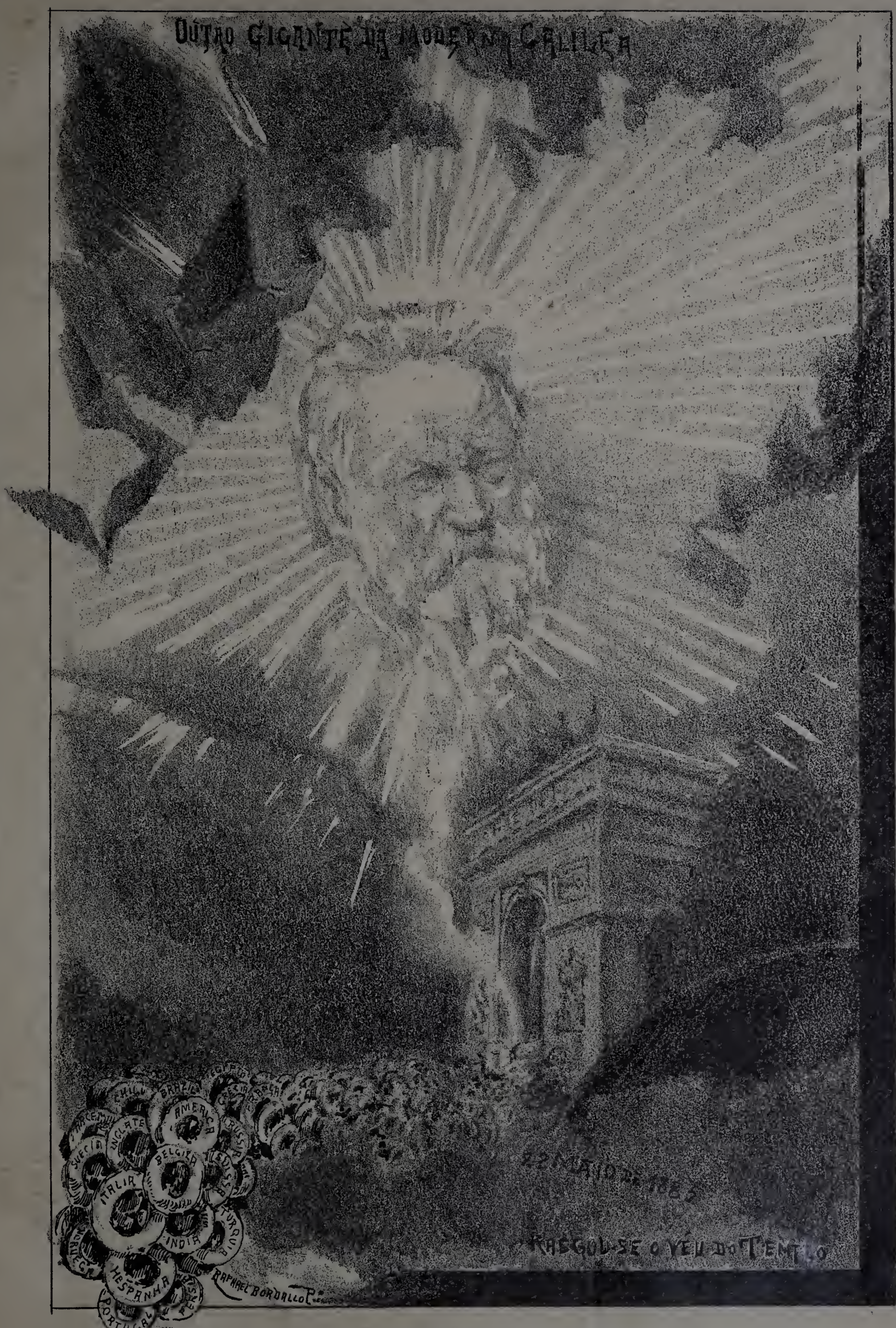
PAN-TARANTULA.

UM ENCONTRO NAS TULHERIAS

Elle—O' flôr!... Por aqui?....

Ella—Por aqui? O' Rosa?!...

Um gendarme—Aviem-se, que é prohibido impedir o transito...


OUTRO GIGANTE DA MODERNA GALILEA
RASGOU-SE O VEU DO TEMPLO
RAPHAEL BORDALLO P.
AMERICA
BELGICA
ITALIA
INDIA
HESPANHA
PORTUGAL

CHRONICA

A casa Moura Borges, que era o anjo bento de muitos inquilinos em pancas, foi ainda n'este semestre o salvaterio de todos elles e muitos mais.

Um inquilino descobriu o seguinte engenhoso expediente:

No dia 25, bilhete postal ao senhorio:

Ex.mo Sr.

«Todos os meus fundos estão na casa Moura Borges; fundos disponiveis, não tenho em casa senão os das panellas e cafeteiras, que ficam ao seu dispôr!»

A coisa soube-se, e d'ahi a meia hora já não havia nas lojas nem meio bilhete postal á venda. Em compensação todos os senhorios tinham a casa cheia de bilhetes postaes!

D'esta fórma, ninguem poz escriptos e os pobres gallegos, que ja tinham sido espoliados da venda d'agua pelo sr. Pinto Coelho e dos proventos de cupidinhos pelos annuncios amorosos, foram-n'o agora do serviço das mudanças pela casa Moura Borges!

*

O unico inquilino que poz os quartos na rua no dia 25, foi o Magalhães Lima, apezar de Celestino Emygdio lhe ter dado a casa *pelo amor de Deus!*

Fallando verdade, era exquisitorio que um republicano estivesse a utilisar-se dos ferros *d'elrei*...

Estão, pois, vagos aquelles deliciosos aposentos: vista de mar, campo e cidade, muito arejados pelo interior, comida rosoavel, pulga farta, gazes encanados e facada da companhia...

*

No gabinete da Pepa:

O commendador: — ...E' cá o meu systema! Todos os semestres levanto a renda aos inquilinos...

Ella: — Commigo succede exactamente o contrario... São os inquilinos que todos os dias me levantam as rendas...

*

Na freguezia de S. Paulo tem havido o diabo por causa d'um *kiosque*.

O logista arrumou com o *kiosque* mesmo ao pé da egreja e a irmandade do Santissimo exige que o homem ponha o *kiosque* do outro lado...

Não percebemos a embirração da irmandade em não querer o kiosque ao pé da egreja, a não ser que tenha receios de que

S. Paulo a piteira *tosque*
E, abandonando o seu nicho,
Venha á socapa ao kiosque,
De manhã mattar o bicho.

A policia auctuou em uma tasca dois gallegos que encontrara sem chapa, porque os miseros haviam despido os jalecos, para mais á fresca saborearem o seu caldinho de feijon!

Os pobres gallegos não teem outro meio de se esquivar á imposição das multas senão trazendo a chapa pendurada ao pescoço, á laia de saquinho de reliquias... E, ainda assim, o cordão póde quebrar-se e a chapa desapparecer por ali abaixo, nos abysmos insondaveis do gallego...

Parece que o sr. Peitilho de Carvalho, obviando a futuras complicações, resolveu chapar os gallegos no proprio coiro que Deus Nosso Senhor lhes deu, realisando para esse effeito uma *ferra* annual no curral da Parreirinha.

A primeira *ferra* terá logar muito proximamente, assistindo a ella todos os amadores da nossa sociedade toireira.

As tres primeiras *pegas*, de cara, de cernelha e de rabo, serão feitas pelo abegão da Parreirinha, pelo maio-

ral do ministerio e pelo celebre campino de Vallada, — segundo a ordem chronologica, tanto das pegas como dos pegadores.

O destemido espada Barjona presta-se generosamente a coadjuvar os amadores, passando os gallegos de capa á hespanhola.

O dr. Cunha Belem empresta o seu cavallo para ser estripado na arena.

No intervallo da *ferra* ha um gallego para curiosos.

Os theatros de Lisboa vão tomando o aspecto da mostra do 103: estão a abarrotar de pedras preciosas!

Os *Recreios* annunciam o *Diamante Vermelho* e o *Principe Real* já nos deu a *Perola*.

Diz-se que os ourives do arruamento vão levantar um protesto contra esta concorrencia desleal, que permitte a qualquer regalar-se com uma perola e um diamante, dispendendo apenas um quartinho—ou metade d'essa importancia, se fôr accionista dos Recreios.

Esta *Perola*, que acaba de fazer no *Principe Real* uma figura brilhantissima, para a qual muito concorreram o actor Alvaro e as actrizes Margarida e Adelina—dois artistas de elevados merecimentos e uma principiante que promette immenso;—esta *Perola* que o publico justamente acclamou, é a mesma que o sr. Vasconcellos, commissario regio, poz fóra do theatro de D. Maria por indecente, incapaz e má figura!

No dia seguinte á representação da *Perola*, s. ex.ª recebia em casa um bilhete de visita, sollicitando a introducção do portador.

Mal lançou os olhos sobre o cartão, o sr. commissario irrompeu em tres manifestações de contentamento, que até a criada lhe disse:

—Senhor commissario,
Que contente está!
A correr, a rir,
D'aqui p'ra ali,
De cá p'ra lá!...

—Mande entrar immediatamente! bradou Vasconcellos.

A porta abriu-se, dando ingresso a Jayme José Ribeiro de Carvalho.

—Toque n'estes ossos! começou o recem-vindo, estendendo a dextra, que Vasconcellos apertou com efusão. O sr. salvou a Moral! Em nome da Moral e da Hygiene, eu te felicito, ó talentaço! (Aqui ia-se estendendo, porque no *talentaço* do discurso, escripto antecipadamente, havia mettido a mais um n, que teve de limpar com o dedo...)

Eu sempre disse, proseguiu Jayme, que tu não tinhas nenhum... (E, com o dedo molhado em tinta, fez-lhe uma lettra na testa.)

—Tu és um sabio que os vindoiros andem glorificar!

E saiu.

E o commissario, sempre fiel á litteratura dos velhos dramas, exclamou caindo sobre o canapé:

—Obrigado, meu Deus! Agora já posso morrer! Salvei a moral, salvei a hygiene e tenho por mim a veneração do Jayme de Belem!

Na proxima 5.ª feira 28, é no *Gymnasio* a festa artistica de Guilherme da Silveira, subindo á scena duas comedias deliciosas, em que o beneficiado desovará todo o seu talento de perfeitissimo *diseur*.

Deus queira que desove, aliás o Guilherme verse-ha na necessidade de aplainar a barriga com o seu nome de baptismo...

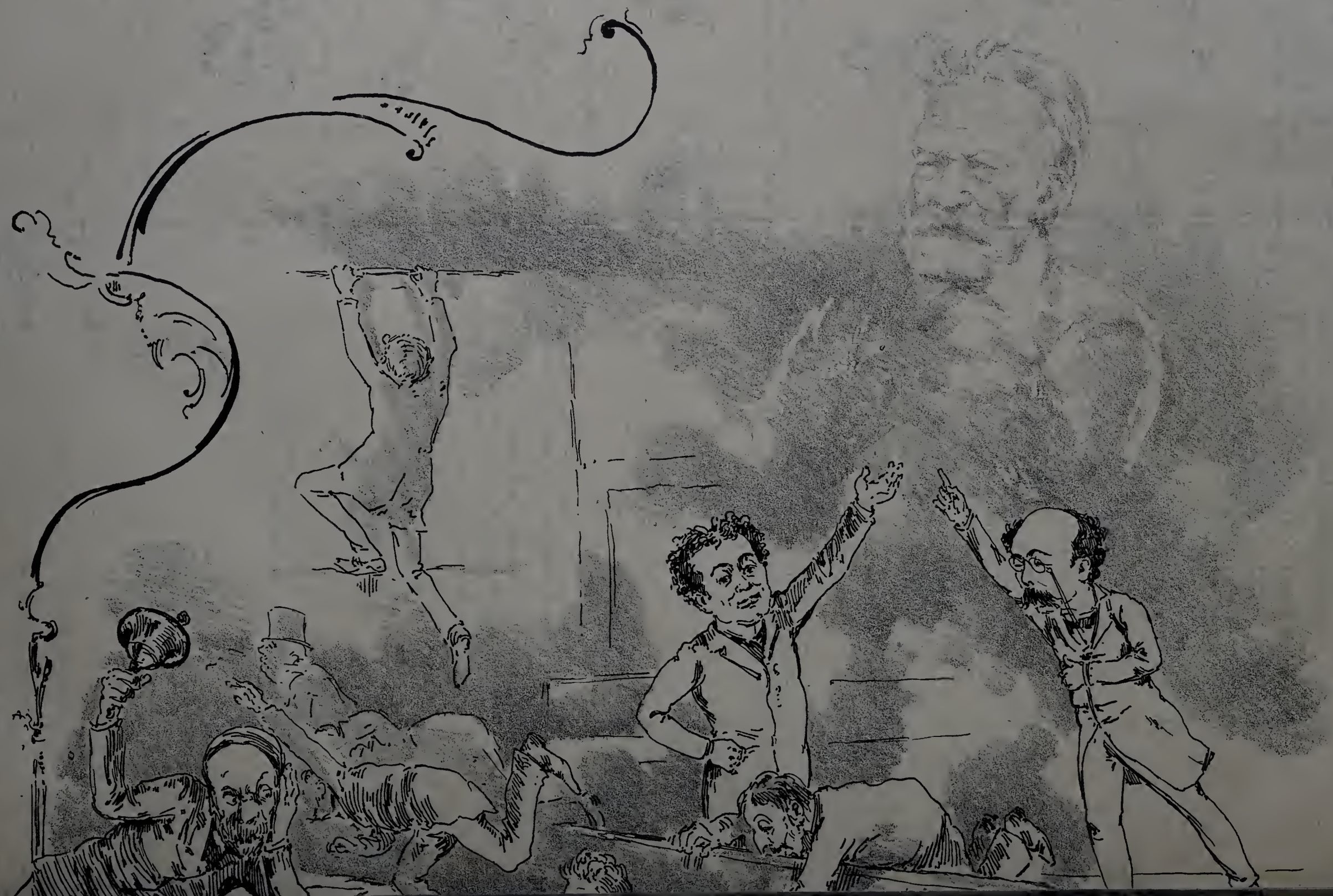
* * *

Dois dias depois, a 30, faz beneficio na Trindade o actor Diniz. Como o intervallo é apenas de 48 horas, não vale a pena vir para casa; sáe-se do *Gymnasio* com todo o ripanço e entra-se logo para a Trindade.

Quando ouviram a proposta d'um voto de sentimento á memoria de Victor Hugo, fugiu tudo para o corredor. Felizmente veiu o pae das ancias que os chamou com um signal de capa, levando-os á votação.

Em casos semelhantes, seria bom que o grande homem desse as instrucções com antecedencia, para que os seus subordinados não pareçam mais monarchicos de que o proprio rei.

PARA A HISTORIA PARLAMENTAR



NA BOA-HORA

O sr. juiz do 3.º districto é um magistrado tão integro quanto massador.

Intima os jurados para as dez horas e só apparece ao meio dia.

Estas duas horas passa-as s. ex.ª em casa, a fazer

equilibrios com a luneta, para conseguir collocal-a um palmo adiante dos olhos.

Para poupar a massada aos jurados, damos-lhe um conselho: ou augmentar o grau da luneta ou accrescentar o comprimento do nariz...

Este é um jurado que tem assignatura na Boa-Hora: Está pegado ao tribunal como os seus cabellos andam pegados uns aos outros com bandolina.

Aquillo deixa até de ser penteado, para merecer as honras de architectura Manuelina...

Este é o dr. Foguete, que nos tem uma raiva que nem nos póde vêr.

Pois nós pagamos-lhe em moeda tão differente que, se alguma vez precisarmos de advogado, lá vamos ter com elle.

...Estamos assim com as nossas cocegas de experimentar a pulga do Limoeiro...

Trigueiros de Martel, fechava ha dias o artigo de fundo do *Seculo* com esta apostrophe violentissima, atirada em cheio ás bochechas da familia reinante:

«Os senhores não são Braganças; os senhores são Coburgos!

Os senhores não são portuguezes; os senhores são Gothas!»....

Com um milhão de diabos! Isto é que é ter os narizes no seu logar, como o general Placido d'Abreu!

Chamou-lhes *Gothas*, assim como quem lhe chama *pingas*, o que é o mesmo que não ter nem para comprar dez reis de alfinetes.

Terrivel Martel!
Pulga com elle, sr. Peitilho de Carvalho!

E' verdadeiramente extraordinaria a acceitação que está tendo em Paris o nosso collega Gabriel Claudio!

Até parece que a França nos quer pagar delicadamente a acceitação que tiveram entre nós as suas famigeradas Pilulas Suissas...

Um articulista de *La Presse* escreve que mademoiselle Torresão é muito viva, muito alegre — muito rei-

nadia, como nós dizemos por cá — e não se farta de cantar lôas aos olhos brancos e aos dentes pretos da nossa compatriota, concluindo por declarar que todos os portuguezes seriam adoraveis comtanto que se parecessem com ella...

Infelizmente para nós, que se pareçam com Gabriel Claudio, só temos por cá o Rosa Araujo, que em Paris acabam de receber bizarramente — talvez mercê da semelhança.

Se mandassemos lá o sr. Braamcamp, o Auguste Ribeiro, o Mello Estica ou a actriz Pepa, não tinhamos agarrado um vintem de emprestimo para accudir ás finanças municipaes!...

La Presse não refere, mas conta-nos um dedicado correspondente o enthusiasmo produzido por D. Guiomar em uma das recentes *matinées*.

Tratava-se de cantar ao piano e D. Guiomar, depois de instada até ao contraforte dos sapatos, lá foi sentar-se ao instrumento, correndo o teclado com aquella agilidade que todos nós lhe conhecemos.

Na reunião fez-se tal silencio *que se podia ouvir uma mosca*, — como ella diz que succede nas reuniões de cá.

D. Guiomar soltou a voz argentina, cantando como uma Malibran:

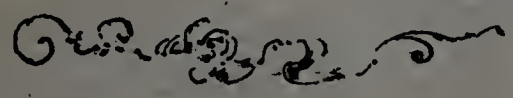
Pirolite qui frappe qui frappe,
Pirolite qui a frappé...
Qui aime à moi c'est elle
Qui aime à elle suis je!...

Quando a nossa compatriota terminou, as senhoras presentes faziam, de inveja, sangue nos beiços, ao passo que os cavalheiros exclamavam maravilhados:

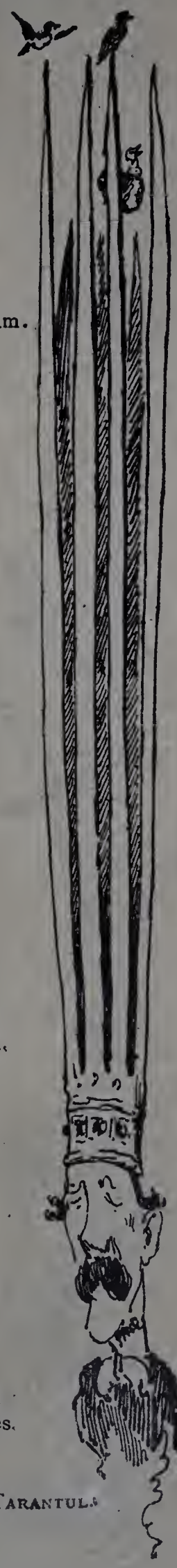
— Oh! quel joli! quel charmant... le *pirolite* de mademoiselle!...

De então por diante, o pirolito de D. Guiomar tem sido o prato obrigado em todos os divertimentos...

PAN-TARANTULA.



A COROA



Corre ha dias em Lisboa
Que anda o Fontes muito triste!
Tem crescimentos na c'rôa,
E em voz alta se apregôa
Que á molestia não resiste!

Da c'rôa, que era tão baixa,
P'ra cima os bicos estucham,
Crescendo a materia laxa
Como ligas de borracha
Quando mais p'ra cima as puxam.

E o Caro, outr'ora tão vivo,
Como uma empada anda inerte!
Não vendo ao mal lenitivo
Poz-se triste e pensativo,
Nada o distráe nem diverte!

Ao vêr assim rei Antonio,
O Bailio, com geito e arte,
Tem-lhe mostrado o demonio!
— No museu do Possidonio,
Na cidade... em toda a parte!

Formou-se uma junta medica
P'ra lhe tratar das maleitas;
E, depois de longa predica,
Impoz á c'rôa maledica
Mais de trezentas receitas!

Mostraram-lhe, á luz do dia
No Tejo, afundado o casco,
O pobre barco *Maria*...
E o Fontes nem se sorria!
O Fontes, moita carrasco!

Muito esp'rançados, approvam
Do Florencio os madrigaes;
E logo em seguida innovam
Sonetos de Ayres Christovam
E outras bellezas que taes!...

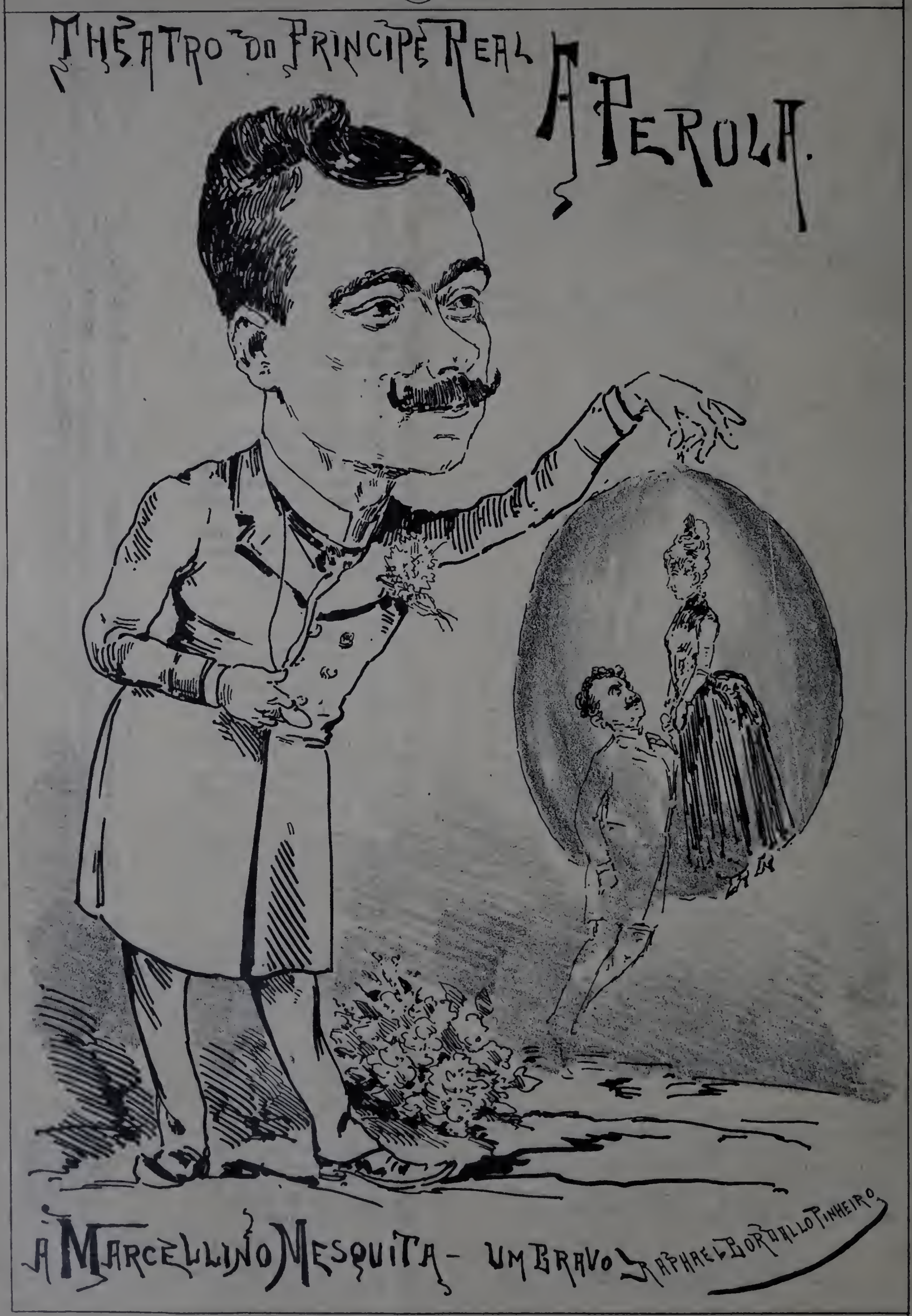
E mesmo assim, não abalam,
O mal que ao Fontes ataca!
Por muito e mais que lhe fallam,
— Calado! como se calam
As melancias á faca!...

Nada lhe move um reparo!
Nem do Carvalho os peitilhos!
Nada faz sorrir o Caro,
Nem o petisco mais raro...
— Nem dobrada com vidrilhos!..

Mas se a c'roa de má raça
Vae mais alta que um baileu,
Sempre a crescer braça a braça,
Vê, Fontes, que ella ameaça
Chegar ao setimo ceu!...

Faze esses bicos em feixes,
P'las almas dos taes avós!
Ai! por quem és, não n'os deixes,
Como no caso dos peixes,
Picar el'... de Diós!!!...»

PAN-TARANTULA.


THEATRO DO PRINCIPE REAL
A PEROLA.
A MARCELLINO MESQUITA - UM BRAVO
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Depois de trinta dias de Limoeiro e saindo incolume da maldita pulga, é justo que se lhe dê um jantarinho ou mesmo um jantarão e acho até que se devia repetir esta manifestação de oito em oito dias, porque alimenta e fortalece, dá tom á fibra e avigora as ideias.

Eu já estou aos *hurrahs!*...

CHRONICA

Não se ouve outra coisa:

— E que tal, hein?!

— Puff!

— O tal calorsinho tardou mas arrecadou!

E os lenços, ainda estafados do serviço das defluxeiras, nem tiveram tempo de dormir a sesta, passando sem interrupção dos pingos do nariz para as camarinhas do cachaço!

Imagine-se o que seria a festa da exposição agricola!

A pelle pegada á camisola, esta á camisa, e assim por diante até ao pano da casaca que, por seu turno, se pegava ao visinho do lado!

Os convidados pareciam outros tantos bolos de côco recentemente sahidos do forno: para os separar foi necessario cortar a hostia ás tesoiradas...

As pulgas, que *flanavam* na espinha dorsal de cada um, chegaram a casa com os pés encharcados e protestando nunca mais sahirem a passeio sem galochas de borracha.

Uma d'ellas, que se alongou mais na passeiata, teve de alugar um bote para voltar a casa!

Os rostos das senhoras pareciam outros tantos chafarizes: a algumas até nem faltava a *carranca*.

Republicanos terriveis olhavam as magestades *todos derretidos!*

Uma verdadeira exposição de productos agricolas, porque não houve ninguem que não grelasse—e, alguns, até despropositadamente!

O hymno coral, cantado á chegada de suas magestades é d'um lindo effeito. Se o sr. Fontes se prestasse a acompanhal-o com o seu mavioso cavaquinho, seria então de chorar por mais.

Da lettra do côro não ouvimos senão isto:

«A criada que o servia»

E depois, completando a estrophe:

«Caramello e agua fria...»

Com um calor d'aquelles, a lettra não podia ser mais apropriada...

A commissão arrependeu-se muito de ter imposto aos convidados, toilette de casaca.

Foi resolvido que, para a outra vez, a toilette seja nú em pello, gravata de cambraia e chapeu de aza de mosca.

Como não houve tempo de organisar a distribuição dos premios, os expositores ficaram espalhados por aqui e por ali e muitos d'elles, atravessando a multidão ás cotovelladas, deixavam no caminho as abas postiças com que haviam caracterisado de casacas as jaquetas do seu uso, que contrastavam singularmente com a casaca ingleza do principe D. Carlos.

Um d'elles confessou que levára mais tempo a receber o premio do que a metter o bacello e a cultivar o vinho que lhe merecera aquella distincção!

Os diplomas passavam das mãos do secretario para as do sr. Fontes, das do sr. Fontes para as de el-rei e das de el-rei para as dos agraciados. Quando chegavam ao seu destino tinham mais dedadas de suor de que o teclado d'um piano depois do Macario tocar o *cotillon!*

E depois, o beijo nos reaes dedos, não levava menos de meio minuto por cabeça—dos mesmos dedos.

O Le-Retord foi quem teve as honras da beijoca mais distincta.

Na sua qualidade de doirador, foi para o beijamão com os beiços doirados a oiro fino.

O sr. Fontes tambem tivera a mesma ideia, mas o suor do bigode pregou-lhe uma negra peça.

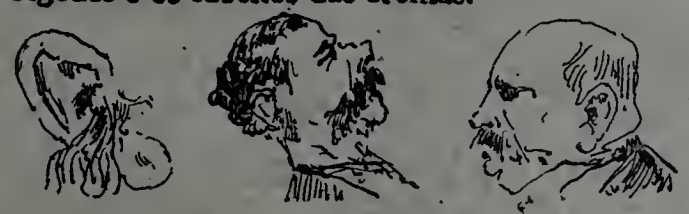
Carrilho desempenhava junto do real estrado as funcções de Sacarrão, afastando os importunos.

Ao menos, emquanto o Carrilho faz serviço de policia, sempre os discursos dos dignos pares não são redigidos em sãoscripto...

Bem dissemos nós que Peitilho de Carvalho andava, fazendo propaganda de bigode em meia lua. Ao seu bigode grisalho anda já addicionado o bigode preto do Vaz Dito e o bigode branco do Telles de Vasconcellos.

O Pinheiro do monte-pio vae metter requerimento para tambem entrar na communidade, mas desconfiamos que terá ainda de accrescentar o bigode com alguns cabellos do pescoço.

Varios sujeitos bem governados de thesoiros capillares vão estabelecer communicação entre os respectivos bigodes e os cabellos das orelhas.



Pois tomem sentido porque podem ser victimas do bigode.

O sr. Peitilho já o ia sendo hontem de manhã.

A criada de s. ex.ª, levantando-se extremunhada e dirigindo-se ao quarto do patrão, em vez de se dirigir á carvoeira, arrancou-lhe um punhado de bigode com que foi accender o lume.

—Que cheiro que tem esta maldita carqueja, dizia d'ahi a pedaço.

E, ainda muito ensomnada, voltou á carga, arrancando-lhe o sufficiente para substituir o piaçá na lavagem das cafeteiras.

Se s. ex.ª não accorda espavorido, a desastrada era muito capaz de ir caiar a chaminé com a respeitavel brocha do sr. Peitilho!

*

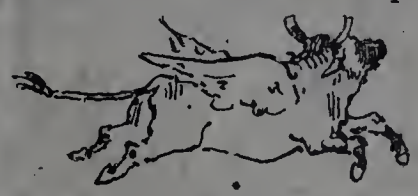
A *Provincia*, do sr. Oliveira Martins, appella para as entranhas da nação, pedindo aos provincianos que se congreguem e obriguem a capital a ter juizo.

Este appello ao intestino nacional só poderá ter lisongeiros resultados, adoptando-se o seguinte tratamento:

1.º—Mumificar o sr. Braamcamp.
2.º—Empalhar o sr. Fontes.
3.º—Encaixotar o sr. Oliveira Martins e a sua gente.
4.º—Embalsamar o sr. Basorra.
5.º—Empalar o sr. Bailio.
6.º—Applicar capacete de gelo á rhetorica do partido republicano.
7.º—Dar banhos de chuva ao Zé Povinho.

E com este tratamento,
Sem que mais seja preciso
Vereis logo n'um momento
A cidade ter juizo...

Os bois que vem este anno á praça do Campo de Sant'Anna são todos leves como uma penna.



Outro dia um boi galgou a porta do cavalleiro e na corrida de domingo, outro boi arrombou duas portas da trincheira. Uma vez que os bois estão fazendo causa commum com os gatunos, seria conveniente que a policia lhes pozesse os retratos no album do governo civil, mandando os arrombadores de portas á presença do juiz Firmino.

A camara municipal, que não teve dinheiro para pagar aos empregados no dia 25, como era costume em mez de renda de casas, está gastando um bom par de patacos no calcetamento da rua do Oiro a parallelipipedos de madeira.

A ideia é magnifica; como ninguem tem vintem e não tardará por isso que andemos todos descalços, que as ruas ao menos estejam maciasinhas para os pés não se esfolarem muito.

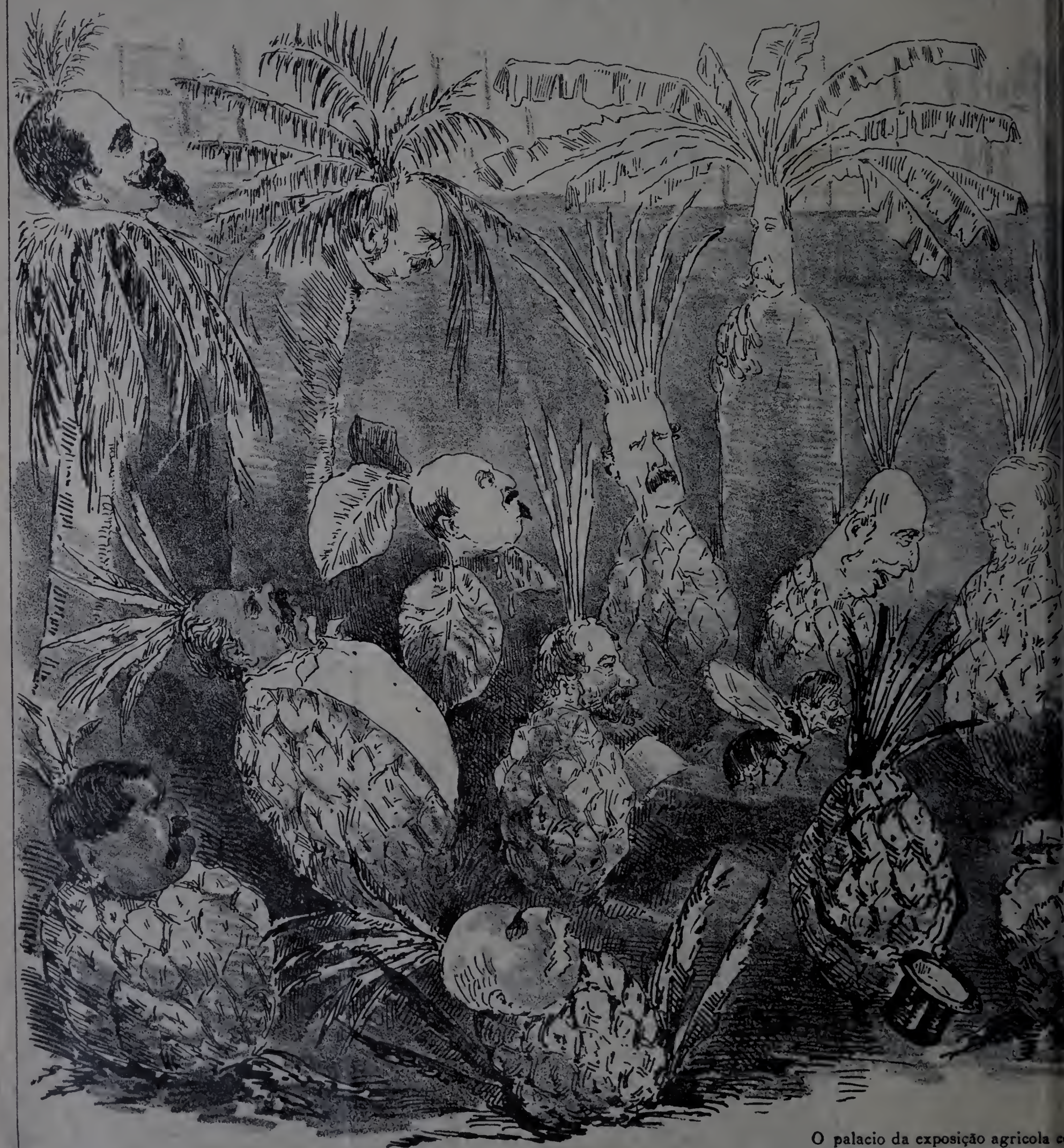
*
* *

A proposito da falta do dinheiro e das economias que todos precisamos fazer, lembramos a Francisco Palha um expediente para o annuncio dos espectaculos, em substituição dos cartazes, que lhe deve poupar alguns cartuchos de libras.

Basta que saia para a rua um homem levando impresso, a grandes lettras, tanto nas costas como no peito:

O homem acerca-se de toda a gente, ferra-lhe um murro nas ventas e mostra-lhe o lenço de assoar, e tudo fica sabendo que se representa n'essa noite a engraçada comedia

Um murro e um lenço.



A ES

O palacio da exposição agricola co
Aquillo não é uma exposição, é u
tinham mangas d'alpaca, tinham *mangas*
cos, devantavam-se os *côcos;* e o proprio
Tudo fructas aromaticas. Um cheirinho

FA

u a ter a sua verdadeira applicação.
stufa! Os empregados publicos que assistiram á festividade não
azil; sobre os hombros dos conselheiros não se erguiam os *ca-*
eitilho, que tem cabellinho na venta, estava de todo *banana.*
regalar os narizes...

O sr. governador civil declarou que o seu cofre de beneficencia já se acha habilitado a soccorrer 150 familias.

Ora, como o soccorro de cada familia não pode ser inferior a 200 reis diarios — e já ninguem morre em casa, de indigestões — temos nós que o tal cofre dispõe já d'um rendimento annual de 10:950$000 reis, o que, francamente nos parece muita melgueira...

Escreve o chronista do *Diario Popular*: «Se o tenor Guardente agradou em extremo no *Trovador* póde dizer-se que no *Poliuto* causou um verdadeiro fanatismo.»

A darmos credito a semelhante noticia, o homem não é simplesmente Guardente, é mais alguma coisa: é aguardente...

E aguardente da boa, de laranjinha brazileira, e por isso o Coliseu se enche todas as noites de *devotos fanatisados*. Se o homem continua a *fanatisar* gente, não teremos remedio senão pedir á Inglaterra que mande para cá uma d'aquellas associações de *ladies* esguias que andam a cantar pelas portas das tabernas á caça dos piteireiros...

E' na vespera do Santo Antonio e noites seguintes que se realisa o basar em favor do Asylo de Mendicidade e asylos de infancia desvalida.

A redacção dos *Pontos nos ii* tenciona concorrer com uma prenda que já lhe saiu em sorte em mais de vinte kermesses e da qual se não pode ver livre nem á mão de Deus Padre.

No escriptorio da administração recebe-se para aquella festa, todo o genero de prendas conhecidas, excepto algumas *prendas* muito nossas conhecidas...

* * *

Datas celebres na vida de Victor Hugo:

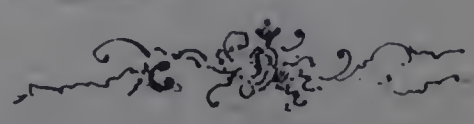
1829 — E' prohibida a representação da *Marion Delorme* e o poeta fica indifferente.

1830 — Dá-se o espectaculo tumultuoso do *Hernani* e o poeta nem pestaneja.

1832 — A censura prohibe o *Roi s'amuse* e o poeta não se rala.

1851 — Vae proscripto para a Belgica e o poeta não se amofina.

1885 — E'-lhe apresentado Gabriel Claudio e o grande Genio baqueia emfim!



A' ultima hora.

Vamos ficar sem o sr. Peitilho de Carvalho.

S. ex.ª vae ser remettido para a America, convenientemente empacotado, para servir ali de pharol, na dextra da collossal estatua, que representa *A Liberdade illuminando o mundo.*

Foi uma bella acquisição.

Recebemos varias correspondencias a proposito da estrophe que demos para completar em o nosso penultimo numero.

Quasi todos os concorrentes ao premio deram com a rima facil e a ella se agarraram soffregamente.

Publicamos apenas as duas seguintes soluções:

Estando o Bordallo
De lapis em punho
Veio o diabo
Tirou-lhe o rascunho.

Salta a Maria
Com biliz e fel:
—Larga diabo
O meu Raphael.

Saltam os gatos
Miando em vozeiro:
—Larga diabo
O nosso Pinheiro.

O diabo cançado
Da sorte infeliz
Dá 4 *parelhas*
Nos *Pontos nos i i.*

Gil Gentil.
Lucio Argucio.

Estando o moleiro
Sentado ao borralho
Tirou-lhe as suissas
Peitilho Carvalho.

Saltou-lhe a mulher
De traz da atafona:
—Ou larga as suissas,
Ou levas tapona!

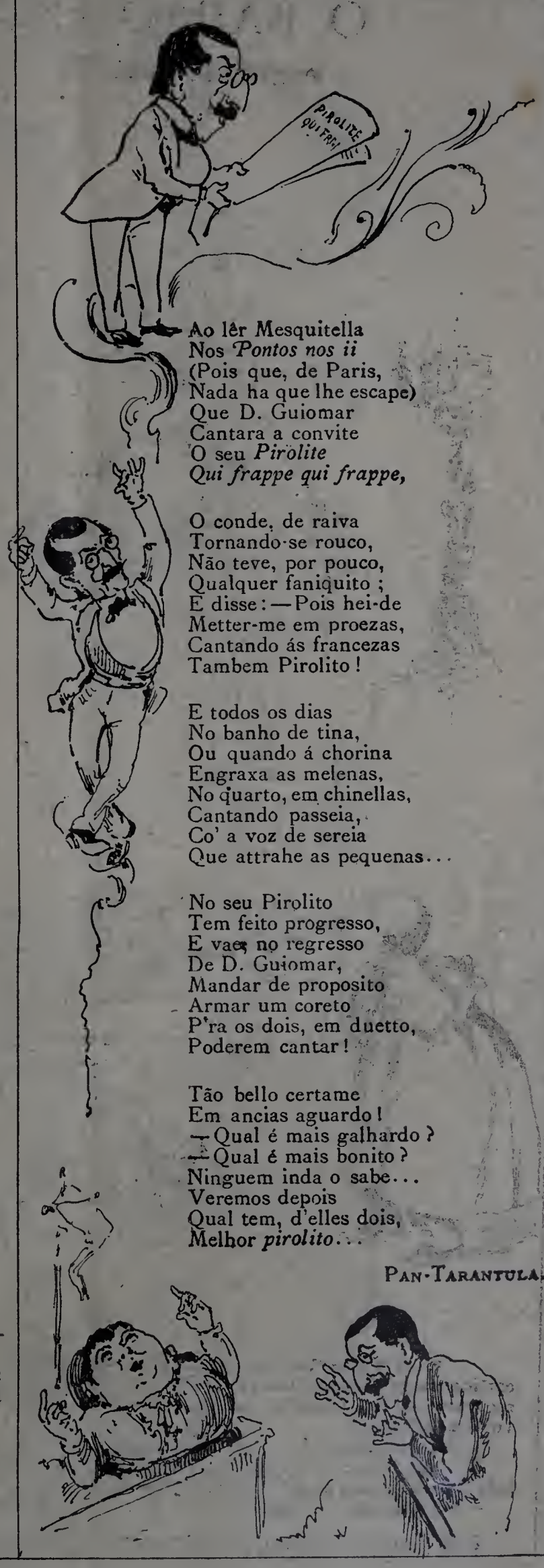
Correu mais um filho
Gritando ai! ai! ai!
Não leves Peitilho
Os pellos do pae!

Peitilho Carvalho
Temendo pagode,
Deixou-lhe as suissas
Cortou-lhe o bigode!

Foi adjudicado a este ultimo vate o premio promettido.

O premio consta do excellente volume *O homem primitivo,* por Luiz Figuier, e pode ser reclamado na administração dos *Pontos nos i i,* Pateo do Aljube.

* * *



Ao lêr Mesquitella
Nos *Pontos nos ii*
(Pois que, de Paris,
Nada ha que lhe escape)
Que D. Guiomar
Cantara a convite
O seu *Pirolite*
Qui frappe qui frappe,

O conde, de raiva
Tornando-se rouco,
Não teve, por pouco,
Qualquer faniquito;
E disse:—Pois hei-de
Metter-me em proezas,
Cantando ás francezas
Tambem Pirolito!

E todos os dias
No banho de tina,
Ou quando á chorina
Engraxa as melenas,
No quarto, em chinellas,
Cantando passeia,
Co' a voz de sereia
Que attrahe as pequenas...

No seu Pirolito
Tem feito progresso,
E vae, no regresso
De D. Guiomar,
Mandar de proposito
Armar um coreto
P'ra os dois, em duetto,
Poderem cantar!

Tão bello certame
Em ancias aguardo!
—Qual é mais galhardo?
—Qual é mais bonito?
Ninguem inda o sabe...
Veremos depois
Qual tem, d'elles dois,
Melhor *pirolito*...

Pan-Tarantula.

O BAILIO ESQUENTADO

Pagina dedicada ás « Novidades »

(Vidè Novidades de 31 de maió)

«...De repente, abre-se violentamente uma das portas, que dá para o corredor, e assoma, entre os cortinados de velludo, mais rubro que as sanefas, com aa melena fluctuante, o olhar esgazeado, os dedos recurvos em crispações serpentinas, o vulto symbolico do sr. marquez de Vallada, bradando com voz convulsa e fremente:

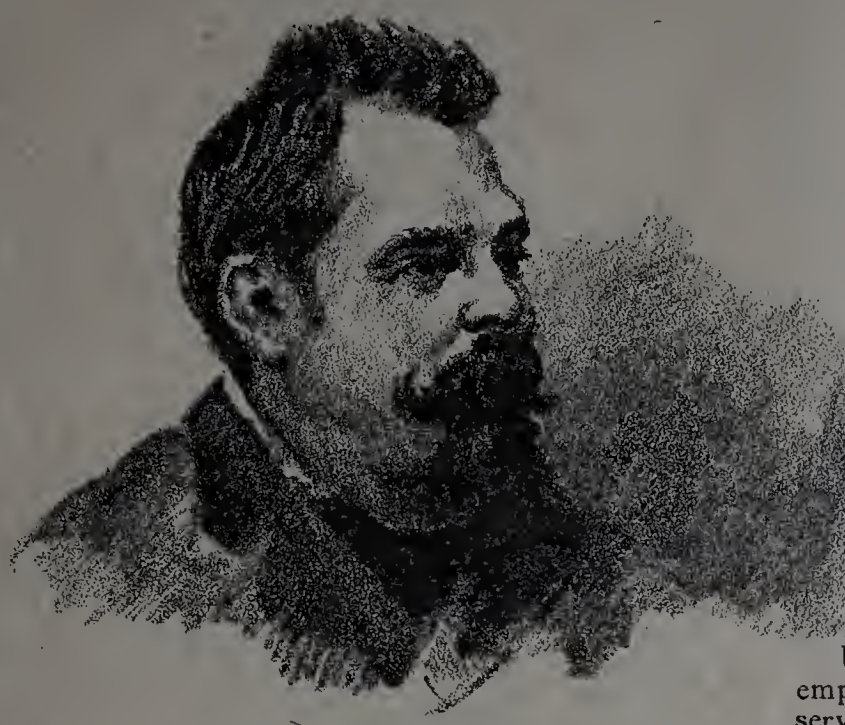
—Sr. presidente do conselho, eu venho fazer-lhe queixa do sr. ministro do reino!

E avançou para o sr. Fontes, sempre ameaçador e tremendo, com as pernas cambaleantes e a fronte perlada pelo suor das grandes indignações. E já ao pé do sr. Fontes, bradou em oitava alta:

—Eu não sou um tratante! (?) Sou um homem independente! (?) Demitto-me de tudo!»

Com respeito ao ultimo periodo, sabemos que se levantou um protesto energico de toda a tropa de linha.

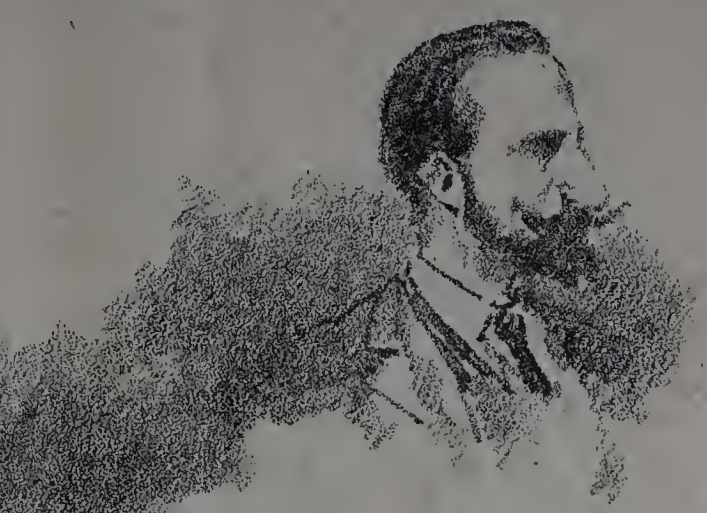
O BANQUETE REPUBLICANO



Dr. José de Castro

Um grande talento e um caracter nobilissimo. Foi elle que deffendeu gratuitamente ha poucos mezes, na ilha da Madeira, setenta réus implicados nos ultimos tumultos eleitoraes.

A' notavel aptidão no fôro e á alma generosa do dr. José de Castro deveram aquelles infelizes a sua liberdade.



—Alexandre José Alves

Um democrata decidido que pagou com a perda do emprego, aggravado com oito mezes de cadeia, os seus serviços relevantissimos á causa do partido republicano.

CHRONICA

Peitilho, o cabelludo, resolveu espirrar de vez com o partido republicano, applicando-lhe um bote mortal.

Assim, preveniu-se:

Para o bote, com os botes da catana de compadre Tristão.

E, para o espirro, com um bote de sternutatorio do padre Antonio Vieira.

Logo ás primeiras pitadas, espirrou de tal maneira que o alvejante peitilho, salpicado de rapé, tomou o aspecto sal e pimenta d'um peitilho de camisa de chita!

A' proporção que o pingo lhe ia escorregando pelo bigode abaixo, ia-lhe a raiva crescendo pelo corpo acima.

Quando o sol que illuminára a procissão do Corpo de Deus, tomava o seu mergulho habitual nas brumas do occidente, Peitilho espirrava odio e meio-grosso — tudo de primeira qualidade!

Finalmente, chegou a noite, e Petilho foi para a Avenida onde passeiavam as criadas do servir, por elle reguladas, disposto a beber todo o sangue que encontrasse pelo caminho!

De sangrador servia lhe o compadre Tristão e de sanguesugas o regimento da guarda municipal!

Do que ahi se passou, só podemos instruir o leitor por meio de paragraphos soltos, estylo de telegramma, afim de não enchermos um volume da nossa prosa.

Em primeiro logar, o transito impedido, excepto para os carros americanos, Riperts, trens, carroças, etc.

Livre pratica apenas para cavalgaduras e auctoridades...

A' porta do café Suisso, compadre Tristão arengou ás massas. Alguns sargentos aspirantes que alli costumam estacionar, ouvindo a palavra ardente do general, sentiram o calor das batalhas a fazer-lhes formigueiro nos pés... e atiraram-se ao antidoto da carapinhada...

Tristão ameaçava o povo solemnemente:

— Eu não quero ouvir zumbir uma mosca! Olhem que eu dou-lhes! fiquem certos de que lhes dou!...

O sr. Bailio, que passeiava muito perto do Suisso, e que é varonil como se sabe, ouvindo o general a dizer que dava, quiz fazer causa commum com s. ex.ª e saltou-lhe para a garupa do cavallo,—em espirito, está claro, visto que o não podia fazer em corpo, alma e divindade...

Entretanto, o tempo ia passando e nada d'um desaguisado qualquer que justificasse todo aquelle apparato, dando motivo a meia duzia de prisões com que se enfeitasse a hydra que no dia seguinte tinha de ser enviada para o paço da Ajuda, assim á laia de lampreia d'ovos guarnecida de passarinhos de alcorce...

Os republicanos já estavam devorando lá dentro o quarto ou quinto prato e compadre Tristão ainda não tivera occasião de servir cá fóra nem um rabinho de peixe espada!

A situação complicava-se e era necessario um *chinfrim* a todo o transe!

Ora nas occasiões é que se conhecem os amigos...

Como o povinho não se resolvia a alterar a ordem, foram alguns deputados da maioria que decidiram armar *banzé*, deixando-se prender, apesar da sua imunidade, afim de que o fiasco não fosse de tal ordem que *o empresario* se visse obrigado a rescindir o contracto com os palhaços da companhia.

No dia seguinte, um protesto muito *energico* contra as auctoridades, que trabalham sob as ordens do governo, e, por ultimo, para adoçar a pilula, uma moção de confiança aos actos do referido governo...

Mas, voltando á vacca fria: depois da prisão dos amigos do governo voltou tudo á *paz geral*, como diria o substituto de compadre Tristão.

O publico limitava-se a parar junto do cordão policial, como lhe succede sempre que encontra um macaco dançando no realejo ou um cão a ladrar á lua e repetia as perguntas do estylo:

— O que é isto?

— O que foi?

— Que succedeu?

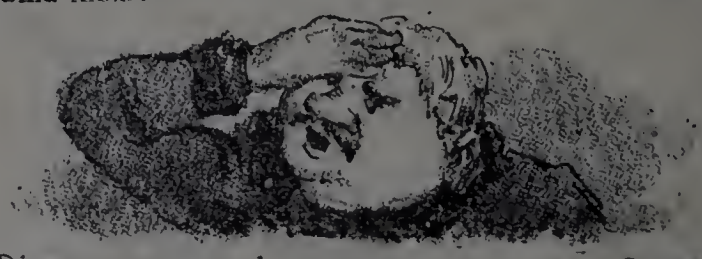
— E' um cordão sanitario, respondia alguem bem informado.

— Ora essa! cordão sanitario?! Mas então onde está o *microbio?*

— Está alli... no *chalet* da Rua dos Condes.

E nada mais! Um socego de convento de frades á hora da refeição!

De repente, compadre Tristão bateu na testa: tinha tido uma ideia!



Digamos sempre de passagem que o caso não era simplesmente para bater na testa; era até para se abrir um parenthesis ao edital do governo civil e repicarem todos os sinos durante vinte e quatro horas.

— Vamos fazer uma toirada! pensou o homemsinho.

Elle conhece bem a predilecção do nosso povo por este genero de divertimentos.

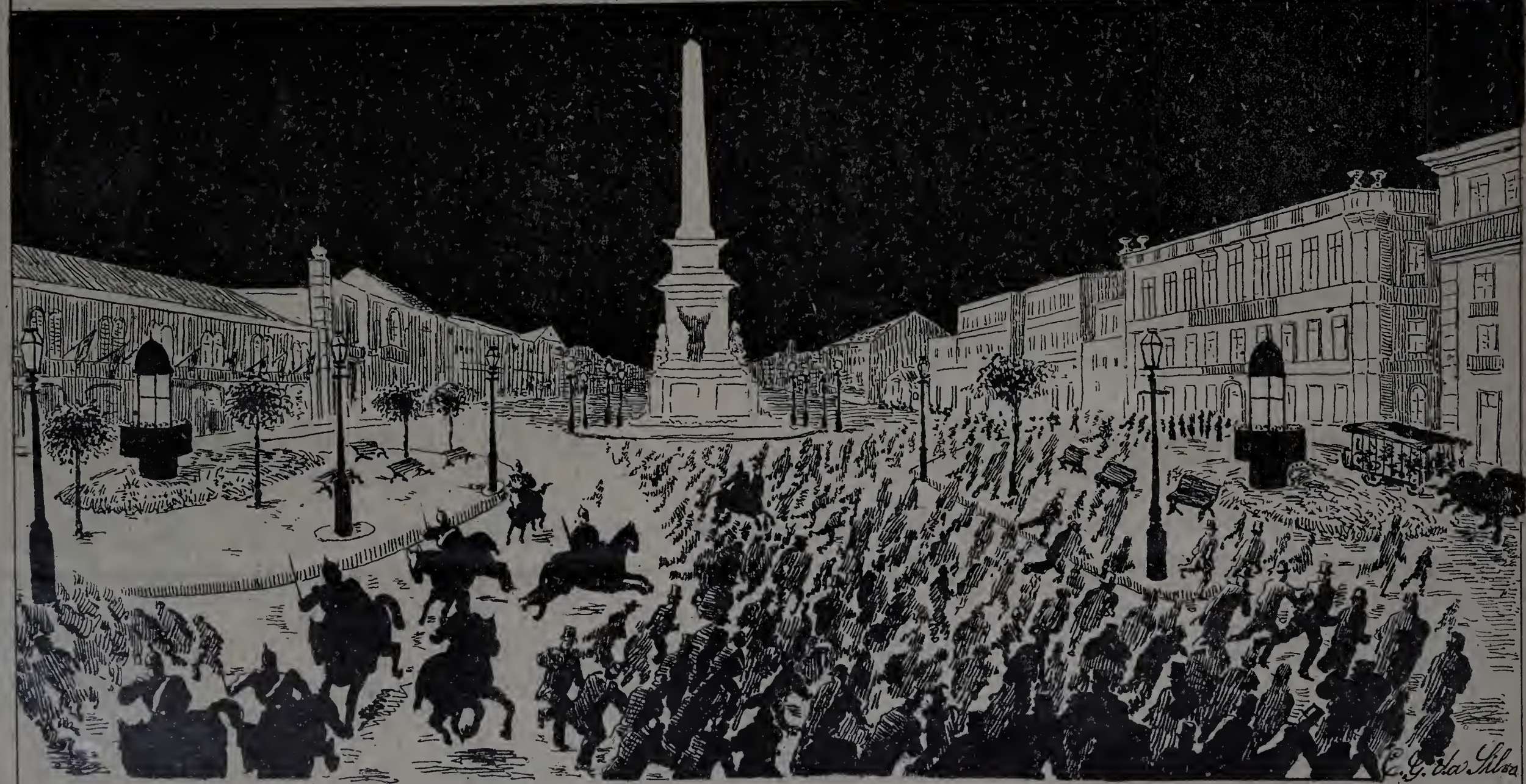
Elle proprio, não foi isento de tal inclinação...

Tinha até uma vocação decidida para o torneio!

CÁ FÓRA

(Croquis do natural por Eduardo Gomes da Silva)

Pagina dedicada ás provincias



Aquillo foi volta de semente que para ali ficou ainda da *Campanha do Vintem* e que rebentou agora com todo o vigor...

Ora vejam o medo que produziu a ordem de soltura do Magalhães Lima!

Até parece que foi ordem de soltura em toda a linha...

Elle é que lhes paga os ordenados e ainda por cima tira o chapeu quando elles passam!

O cavallo escorrega e elle
—Ai! que lá caio!...
E o povinho repete como
—Ai! que lá caio!...

DORES
GERAL

Nos tempos de el-rei D. Miguel, davam dois caceteiros de primeira qualidade.

Em pequeno, quando gastava os seus cinco réis em limonada de cavallinho, escolhia sempre, para chupar a garrafinha, algum canudo de assumpto tauromachico em folha de Flandres.

A's vezes, passava horas e horas em frente das montras das capellistas a contemplar embevecido os boisinhos de papelão!

E mais tarde, quando já estava espigadote, entrou de môço de forcado n'umas toirinhas de canastra, saindo de lá com os fundilhos no mesmo deploravel estado em que lh'os deixou o seu selim de general depois da trepa d'uma procissão de *Corpus Christi*, seguida de uma campanha na Avenida...

Mas vamos ao caso.

O homem teve a ideia e pol-a em practica immediatamente.

Mette esporas ao cavallo e fura como uma fera por ali fóra acompanhado do respectivo clarim.

O povo, naturalmente, applaudiu o clarim, e applaudiu tambem o intelligente general, a quem tomou pelo Botas intelligente...

Ao ouvirem bater as palmas — agora o vereis! — cada municipal parecia um novilho do D. Infante da Camara.

O que verdadeiramente se chama bois *reaes* (sem segunda referencia...)

N'isto, o cavallo de Tristão vae-se abaixo d'uma das mãos; mas o general dá a mão ao cavallo, que lh'a acceita reconhecido, e lá segue na carreira, limpando a Avenida do sul ao norte.

A camara municipal vae, ao que parece, substituir as actuaes machinas da limpeza das ruas pela pessoa de compadre Tristão, adoptando tambem, em vez dos antigos emblemas dos *escrivães da penna grande* os bigodes do sr. Peitilho...

Quem no dia seguinte passou pela Avenida, que a camara municipal intitulou *da Liberdade* em vez de denominar *de Baraço e Cutello*, teve occasião de observar:

1.º — A lona que cobre as estatuas do monumento toda rota, porque as figuras enthusiasmadas não poderam conservar-se de pedra ante os feitos de compadre Tristão e applaudiram-n'o vigorosamente, agitando lá de cima os braços em movimentos verticaes...

2.º — Uns desenhos curvos impressos no *beton* dos passeios e que muitos suppozeram pelo feitio ser o signal da passagem dos bigodes do sr. Peitilho.

Depois d'um exame de peritos reconheceu-se que os signaes eram das ferraduras dos cavallos.

CHAPELLARIA DA MODA

Tavares Bastos & Comp.ª, estabelecidos ao Chiado, fizeram-nos a honra de nos dedicar um molde de chapeus altos, que denominaram *Bordallo Pinheiro*.

Estes chapeus são mais leves de que aquelles balõesinhos encarnados que se vendem na Loja do Povo; quando uma pessoa mal se precata vae para o ar levada pelo chapeu...

São tão valentes que nos pode cair um monolitho em cima sem que o chapeu soffra a menor beliscadura: — a pessoa é que fica achatada...

A suar como um gallego,
Em carreiras de batida,
O Peitilho viu-se grego
Na campanha da Avenida!

Toda a noite andando em brasa,
A gomma tornou-se frouxa
E o Peito voltou p'ra casa
Co'o peitilho n'uma trouxa!

Ao vel-o d'essa maneira,
Foi o bom, foi o bonito,
Na bicharia caseira
Desde o gato ao periquito!...

— D'onde vens, Peitilho, agora?
(Diz-lhe a mosca, n'um caixilho)
A deitar p'lá bocca fóra
Os bofes do teu peitilho?...

— Como foi essa aventura?
(Canta o melro, empoleirado)
Quem te poz em tal figura
De peitilho amarrotado?

— Isso foi talvez *perua*,
(Mia o gato, do borralho)
P'ra voltar's assim da rua
De peitilho n'um frangalho.

— Como tu vens, qu'rido filho!
(Chia o rato d'uma greta)
Té parece que o peitilho
Te cahiu n'uma sargeta!

— Por força andaste de rojo.
(Diz a aranha venenosa)
Tal peitilho mette nojo
A' vontade mais gulosa!...

— Pobre Peitilho, coitado!
(Cacareja uma galinha)
Um peitilho em tal estado
Só p'ra panos da cosinha!

— Foste metter-te em refregas,
(Ladra o cão, sobre o capacho)
E o peitilho vem co'as pregas
Todas deitadas abaixo!...

— Que peitilho porcalhão!
(Grita o gallego da casa)
Ia apostar que o patrão
Apanhou seu grão na asa...

— Meu Deus! não sei que lhe faça!
(Berra a criada Luzia)
Nem com areia e potassa
Lhe sae tanta porcaria!

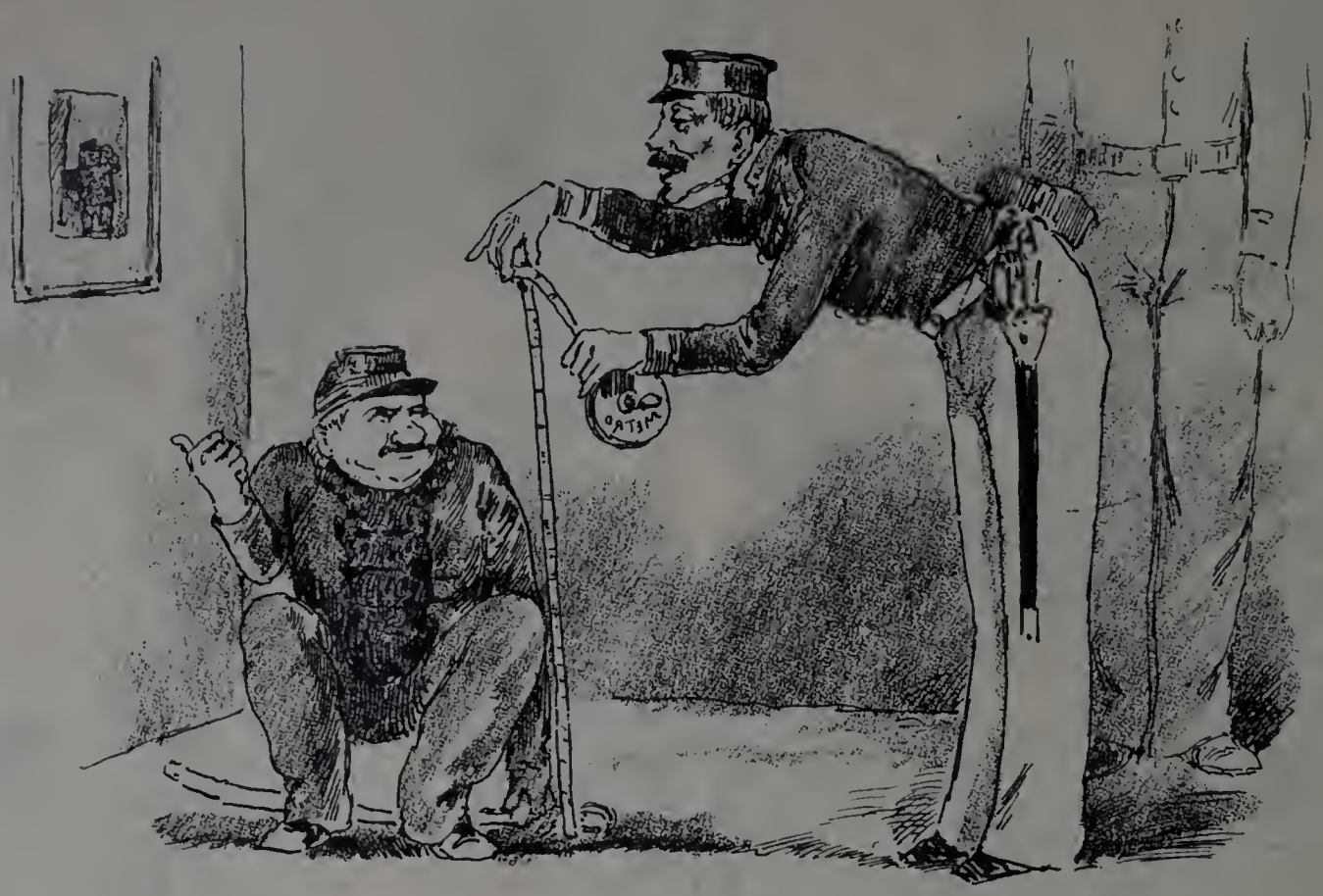
— 'stá perdido! já não brilha!
Fez-se mais negro que as bolas...
... Tenho mais uma rodilha
P'ra limpar as caçarolas...

PAN-TARANTULA.

Peitilho vê-se ao espelho e repara que está muito Arrobas.

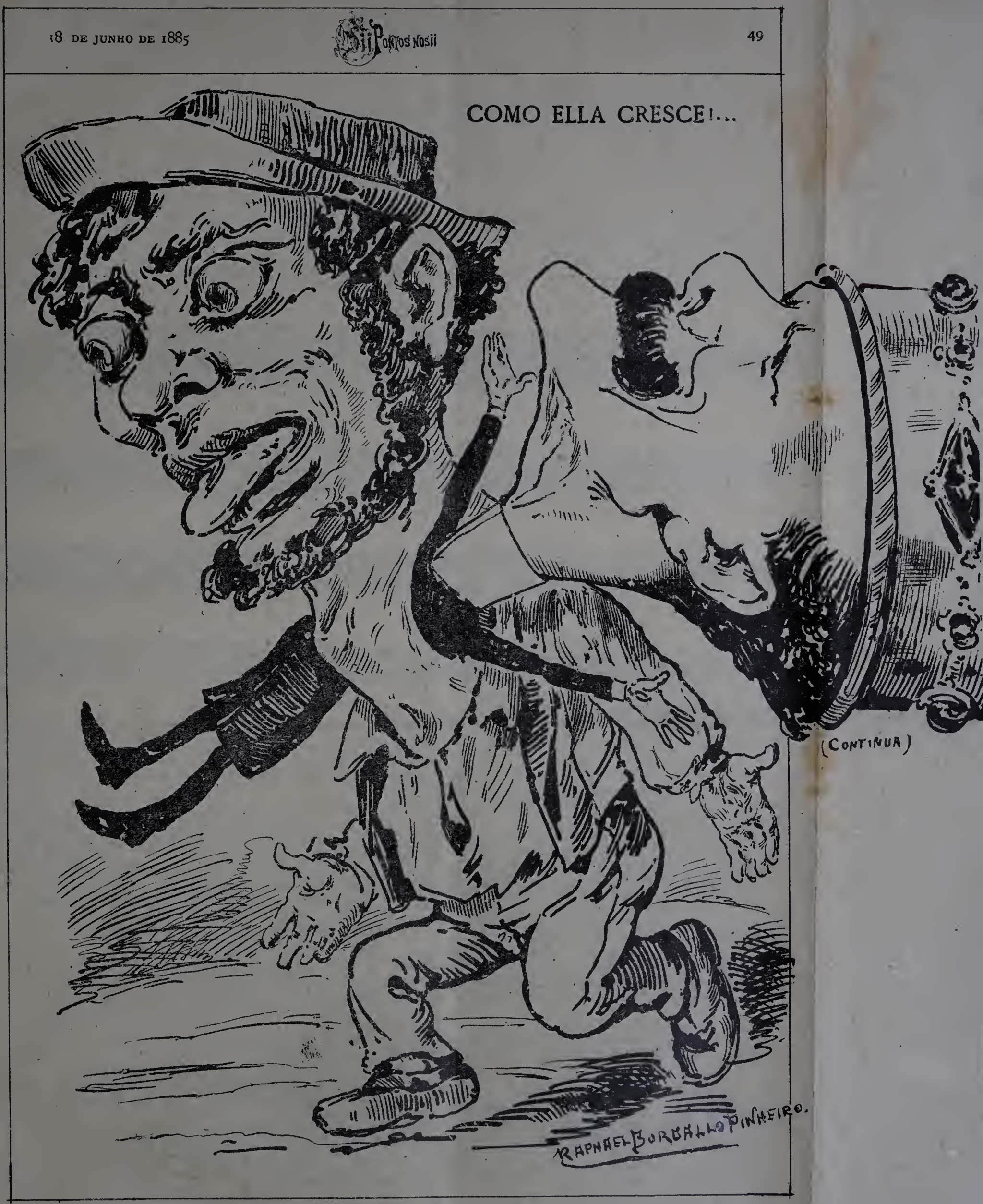
Depois de caracterisado fica exactamente.

—Estás perfeito! diz-lhe Barjona, com a sua capa á hespanhola, de fio de Escocia, para a estação calmosa.



Compadre Tristão mede-se á craveira.
— Estou á altura do outro?
— Mais baixo, general; mais baixo!
— Bem bom! bem bom!

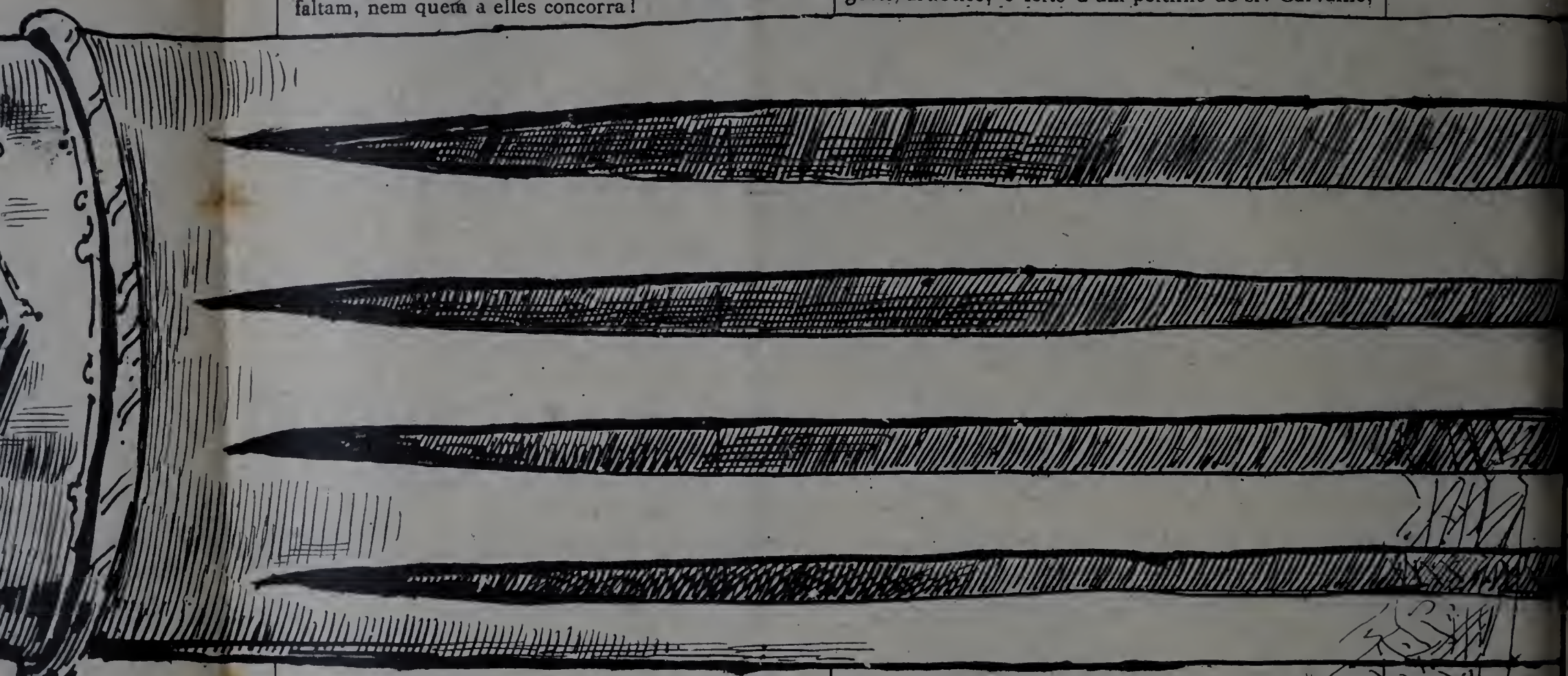
A *Avenida* tomou o aspecto d'um deserto: não se viam senão camellos...


COMO ELLA CRESCE!...
(CONTINUA)
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

CHRONICA

O indigena faz lembrar aquelle S. Benedicto que não comia nem bebia, e andava sempre gordito.

Ninguem tem cinco réis mas os divertimentos não faltam, nem quem a elles concorra!



Na semana passada quasi que nem houve tempo de catar uma pulga!

Theatro, toiradas, feira, kermesses, bailes campestres, corridas de cavallos, mercados, arraiaes, e até passeiata pelas provincias!

A alegria, o movimento, a animação, tocaram os cações do delirio,—como diria o sr. Mendonça e Costa, substituindo as *raias* pelos *cações*...

No theatro Chalet continua em scena o velho *Microbio*, acompanhado do seu novo filho, o *Phylloxera*, que são precisamente os mesmos males que continuam em scena no theatro do poder, representados nas pessoas do principe Caro e do mancebo que não ri.

Nos Recreios repete-se o *Diamante Vermelho*, onde, além de outras notabilidades, se exhibe um papagaio tão bem fingido que até parece natural. O publico applaude phreneticamente e sáe de lá encantado—o que não admira, visto tratar-se d'uma magica—e vae para casa contar á familia a scena do papagaio, que só tem o defeito de ser uma contrafacção grosseira do que ha tantos annos se observa no parlamento...

* * *

Foi enorme a concorrencia de beatas velhas á egrejinha da calçada dos Paulistas, onde no dia de sabbado se fizeram com toda a pompa os festejos de Santo Antonio.

O santinho, apesar de pau carunchoso, estava que parecia um palmito! Em attenção á solemnidade da festa, tinham-lhe tirado a corôa de bicos do uso caseiro, substituindo-lh'a pelo resplendor dos dias duplex, um formoso resplendor, trabalho de muita paciencia e gosto artistico, e feito d'um peitilho do sr. Carvalho, todo enfeitado de busios e decalcomanias, que lhe augmentavam os reflexos, dando-lhe um brilho extraordinario!

* * *

Não podémos no nosso ultimo numero referir-nos á festa do Coliseu em beneficio dos bombeiros, e que foi uma festa magnifica.

Todo o edificio estava decorado de tropheus construidos de instrumentos alegoricos, como escadas, cordas, machados, agulhetas, etc. Aquelle espectaculo fazia com que o fogo fugisse d'alli como o diabo foge da cruz... Era uma pessoa á accender o seu cigarro e o cigarro a apagar-se constantemente!

O serviço do circo foi feito por marujos; parecia que se estava a bordo, succedendo comtudo o inverso do que muitas vezes acontece n'outros espectaculos que não mettem marujos, mas d'onde todos sahem *enjoados*.

Abreu Oliveira entrou corajosamente na jaula dos leões, distribuindo chicotada á direita e á esquerda, com a generosidade com que os ministros costumam distribuir empregos aos afilhados e compadres.

Aquelle valente rapaz tem a monomania da celebridade: quantas notabilidades ahi se apresentam, quantas elle imita sem perda de tempo! Vieram os balões, e fez-se aereonauta; chegaram os leões, e transformou-se em domador de feras.

Se apparece por ahi algum bailarino celebre, ainda esperamos vel-o a tomar lições de dança com o professor Justino Soares...

(continua)

As camaras lá foram prorogadas mais uma vez, até ao dia 30 do corrente.

Esta ultima prorogação foi acertadissima porque o mez mette alguns nove dias santos e os representantes do paiz podem andar viajando por essas provincias sem grande desfalque da legitima paterna, visto que a nação continua a abonar-lhes o pão nosso dos quinhentos mil réis diarios...

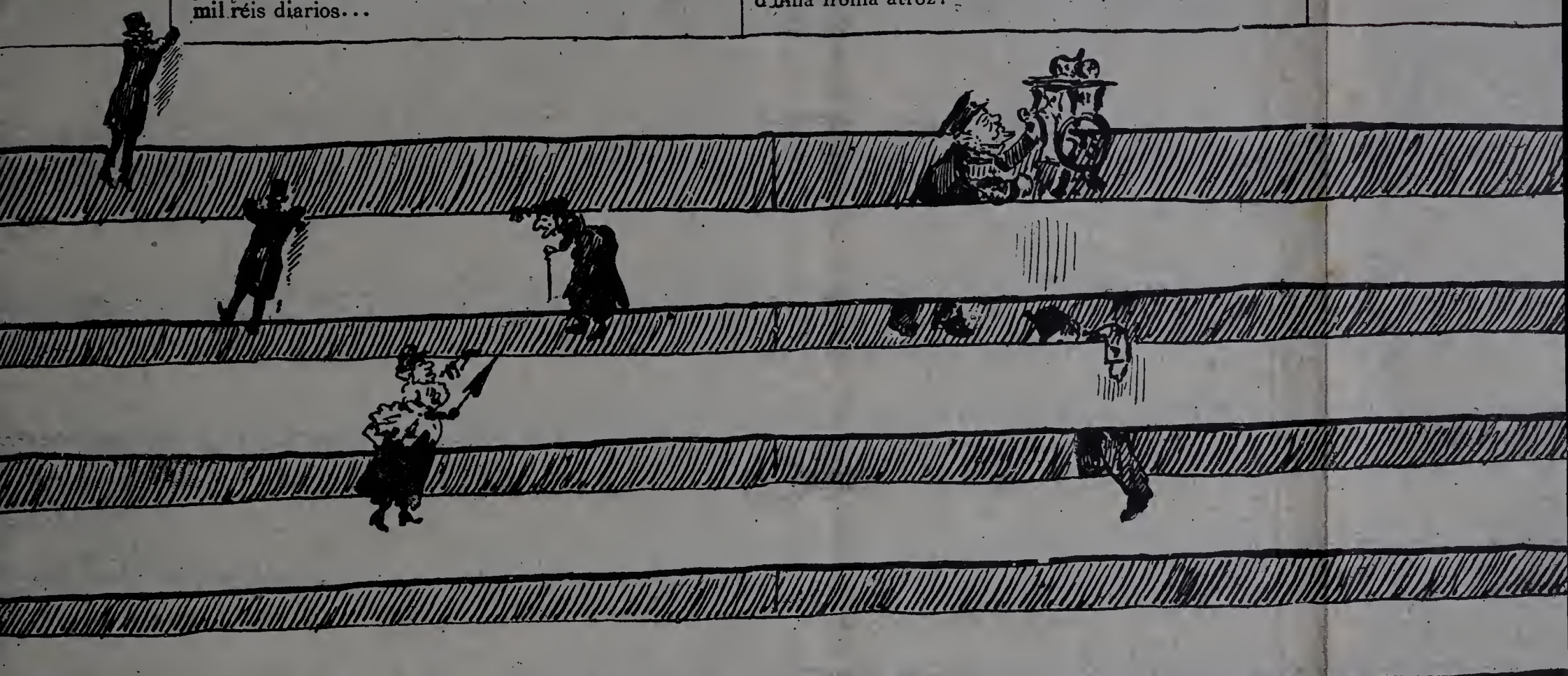
Accudiu grande concorrencia á *kermesse* em beneficio do asylo de Mendicidade.

Entre outras prendas que teem servido a todas as kermesses, pelo que lhes assiste já o direito da reforma com o ordenado por inteiro, appareceram algumas novas, donativo de s. magestade el-rei:

Mas o que imagina o leitor que s. magestade se havia de lembrar de mandar para a kermesse, com destino ás classes pobres?

— Machinas de costura!

Machinas de costura a quem já nem tem camisa, é d'uma ironia atroz!



De todos os nossos homens politicos, o unico que não recebe honorarios de mão beijada, é o excelso sr. Fontes. Elle trabalha sempre, incluindo os domingos e dias santificados.

Ainda esta semana, durante os trez dias de regabofe encadeado, o grande homem, em vez de ir por essas terras fóra, a deslumbrar a provincia com a sua plastica tão bem conservada, preferiu encerrar-se em casa, matutando na fórma por que o paiz lhe hade prestar as honras funebres, no dia que Deus Nosso Senhor traga muito longe, e por maneira a metter n'um chinello os funeraes de Victor Hugo. Depois de muito matutar, parece ter resolvido o seguinte:

I Será exposto durante trez dias e trez noites debaixo do Arco da rua Augusta;

II Os caldeireiros da mesma rua ficarão prohibidos de martelar durante esse tempo, já para não incommodarem os ouvidos de s. ex.ª já para que os dias não sejam de aguaceiros, evitando assim a massada de estar dentro do feretro de chapeu de chuva aberto;

III Depois de terminada a exposição (a entrada é um patacó, para s. ex.ª ter, mesmo depois de morto, ensejo de tirar ainda uns cobres da algibeira do contribuinte;) ao contrario do que succedeu com Victor Hugo, secularisando-se a egreja de Santa Genoveva; depois de terminada a exposição, será santificada a academia das Bellas-Artes e o grande homem remettido para ali n'um *char-a-banc* do Florindo.

O que quer el-rei que o povo cosa com as suas machinas?

Só se fôr os buracos que a guarda municipal lhe fizer na pelle...

* * *

O Mercado Novo esteve na vespera de Santo Antonio um verdadeiro brinco; ninguem reconheceria n'elle a velha Praça da Figueira.

Que progresso! que alegria! que chicquismo!

As collarejas parecia senhoras da alta sociedade— até fallavam francez!

— En voulez-vous? perguntavam ellas, offertando-nos graciosamente os seus frondosos mangericos.

E, se uma pessoa abanava as orelhas, volviam n'um requebro, recolhendo o mangerico a bastidores:

— Tant pis pour vous...

Os fadistas substituiram o fado nas guitarras, pelas romanzas de Campana tocadas em bandolins.

E, quando lhes appetecia transformarem a barriga da humanidade em bainha das suas navalhas, chegavam-se cortezmente a uma pessoa e diziam-lhe com a maior urbanidade, tirando respeitosos o barrete:

— Se não causa muito incommodo, permitte que lhe dê uma facadinha?

E davam com todas as attenções!

Até por gosto, se voltava para casa aliviado do peso das tripas!...

EM DIA

O dia do thaumaturgo
Nasceu de alegres donaires
Desde as arterias do burgo
Aos confins de Buenos Ayres...

No ceu d'anil d'alvorada
Veiu o sol com tanto brilho
Como o da gomma anilada
Que o Peito põe no peitilho!...

Em dia lindo e de festa
Quem vae ficar na *cafurna?*
—Tudo se anima e se apresta
P'ra a grande borga nocturna!

De alegria todos anchos,
Na cidade, aos encontrões,
Crusam-se varios farranchos
Em diversas direcções.

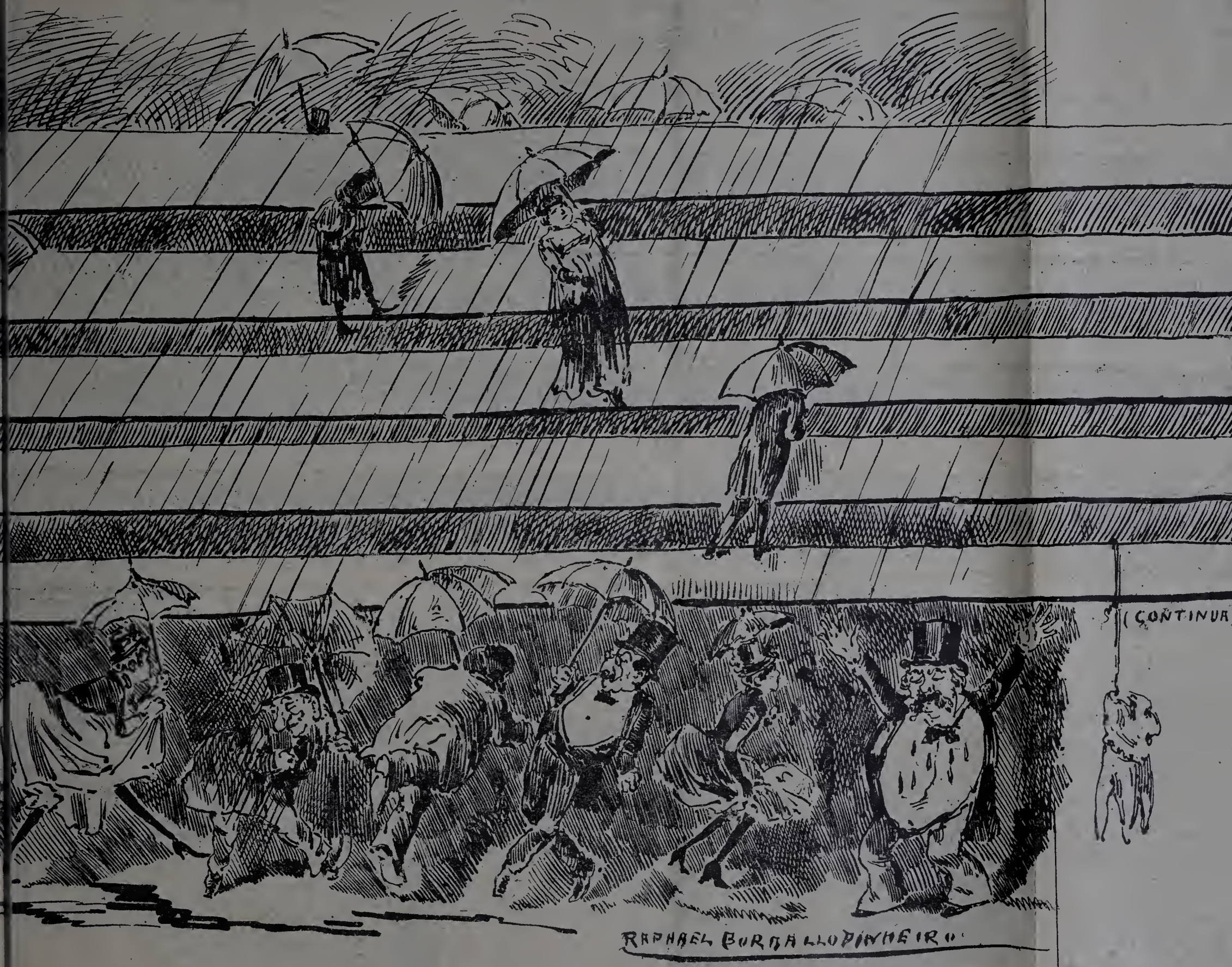
Bailes, basar's, arraiaes,
Do mais vasto territorio,
Tudo cheio até não mais
—Como a pell' do Zé Grigorio!

Mas de repente escuresse
E o ceu tornando-se opaco,
Troveja sobre a kermesse
Varias bombas de pataco!

Separam-se os n
A correr, de vento
Elles todos ensop
Ellas todas n'um

Em confusão tão
Não é raro que
Ellas, perdendo
Pôrem a saia á c

DE SANTO ANTONIO



os,
ôpa,
s
l...

nha
a
onha
!

E Santo Antonio, que outr'ora
Casou amantes aos centos,
Que abortassem fez agora
Mais de trinta casamentos!

Pois que, na fuga das bellas,
Co'as saias como aqui digo,
Elles, bispando as *canellas,*
Diziam lá p'ra comsigo:

Casar-me ?! Tal já não faço,
Nem vou tratar dos papeis!...
—Mais *palitos* tem um masso
E custa apenas dez réis...

.....

Sentindo a chuva, o Peitilho,
Correu — em magoas absorto —
Como o Bargossi andarilho
Correu na estrada do Porto!

P'ra o seu peitilho,—que affronta!—
As gotas d'agoa, tamanhas,
Eram navalhas de ponta
A espicaçar-lhe as entranhas!

Mais um desgosto damninho
P'ra augmentar-lhe os seus pesares!
Mais um peitilho de linho
P'ra esfregão dos alguidares!...

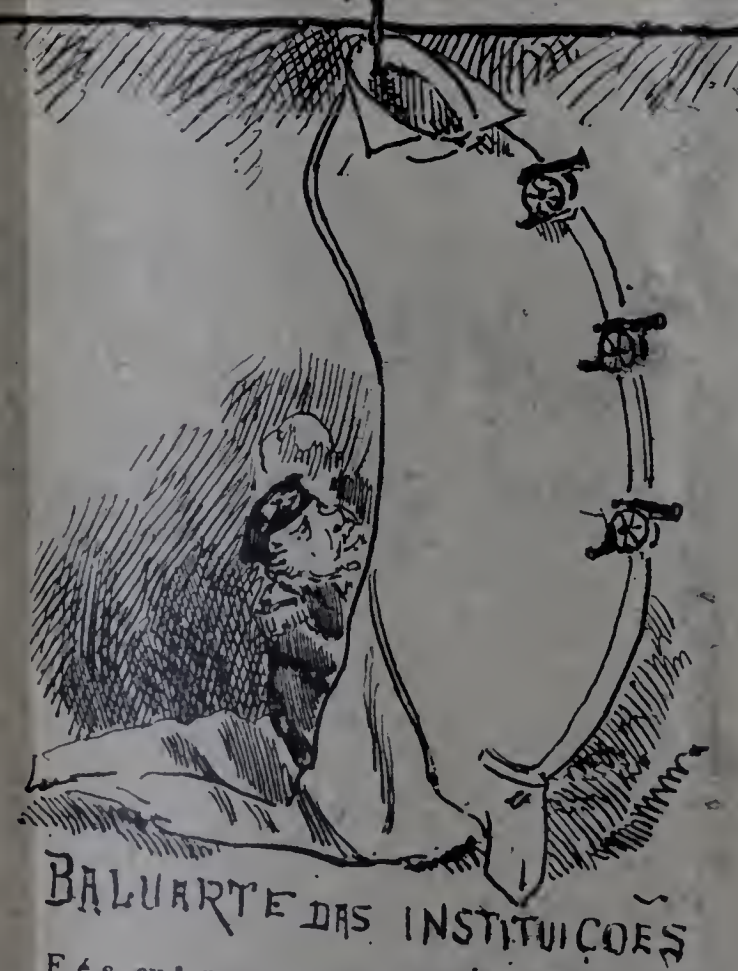
PAN-TARANTULA.

O peitilho do sr. governador civil continua a ser o sustentaculo das instituições.

Para lhe dar tesura á altura das circumstancias, s. ex.ª já não lhe põe gomma, põe-lhe massa de sapateiro que é muito mais forte.

O clarão do peitilho cada vez se vae tornando maior e todos os empregados do governo civil appareceram ha dias com os olhos muito inflammados.

O distincto especialista dr. Fonseca, reconhecendo que os pobres funccionarios estavam atacados d'uma perigosa peitilhophtalmia, impoz a todos elles o uso permanente de oculos azues; mas o sr. Peitilho, para



E é s. ex.ª mesmo quem *estende a massa,* tanto no peitilho como no paço da Ajuda...

demonstrar mais uma vez o seu respeito pela constituição, ordenou que os oculos fossem azues e brancos.

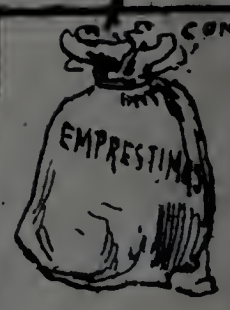
Segundo informa o *Diario de Noticias,* Anselmo Franco recebeu do estrangeiro um novo producto denominado *gomma de gato* que dá ás camisas um lustro alabastrino.

Se effectivamente fôr boa, pomos á disposição do sr. Peitilho toda a gomma que os gatos dos *pontos nos i i* produzirem d'aqui para o futuro...

* * *

Á ultima hora.—Foi hoje ao governo civil uma commissão de senhoras, pedir a s. magestade o Dador da Parreirinha que usasse tambem peitilho nas costas.

Elle accedeu gostosamente, passando desde amanhã a deslumbrar o bello sexo tanto pela frente como do outro lado...



O partido republicano vae perdendo terreno a olhos vistos!

Os seus mais denodados campeões, os seus mais dedicados batalhadores começam a fazer bichinha gata a todas as coisas que mais ou menos estão relacionadas com a familia real, o que parece demonstrar que muito proximo irão talvez fazer a referida bichinha nas bochechas da referida familia!

E, senão, vejam...

Ainda não ha muito tempo que o facultativo assistente do Magalhães Lima lhe aconselhou que tomasse ferro para restaurar o sangue.

Ora o Magalhães tinha muitos ferros por onde escolher:

Tinha o ferro Bravais, o ferro Leras, o ferro Blanchard, e, em ultimo caso, o ferro com que o senhor governador civil engomma os seus peitilhos, que é o mais superior até hoje conhecido...

Pois apesar de tantos ferros á sua disposição o que imagina o leitor que fez o Magalhães Lima?...

—Optou pelos ferros... de *el-rei!!!*

Ainda mais!

Ha dias esteve em Lisboa o Emygdio d'Oliveira, um talentoso e destemido rapaz, redactor da *Folha Nova* e que sempre tivemos na conta de republicano façanhudo.

Uma bella tarde, appeteceu-lhe ir jantar ao *Leão* e, se hade ir ter com os leões do Abreu Oliveira, não senhores, encaixa-se no *Leão d'Oiro* e depois de jantar vae vêr a *Perola!*

Reparem n'isto: jantar na rua do *Principe*, ao pé do pateo do *Duque* e passar depois a noite no theatro... do *Principe Real!*

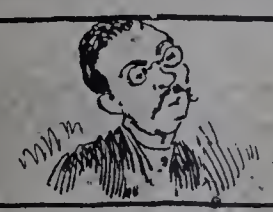
E ainda não pára aqui.

Raphael Bordalo Pinheiro teve necessidade de ir ás Caldas.

Tinha caldas de Vizella, tinha caldas de Acqui, na Italia, e tambem tinha caldas d'aqui na calçada dos ditos Caldas, sem contarmos com as caldas de capilé e de tomates de que podia muito bem fornecer-se na loja do sr. Cócó...

Pois despresou todas estas caldas para se ir metter nas Caldas... *da Rainha!!!*

Se querem a coisa mais clara, botem-lhe agua... mas que não seja do Alviella, quando não ficam com a coisa mais preta de que uma amora...



CONTINUA

Uma peça de fogo real

Um boi real

Mr. Amann vae inaugurar no Jardim Zoologico uma serie de divertimetos que serão outros tantos attractivos para chamar gente áquelle delicioso parque.

Temos em primeiro logar um magnifico concerto, projectando-se para mais tarde um curioso certamen da mais alta importancia scientifica.

Trata-se, nem mais nem menos do que d'uma illuminação a despique, concorrendo d'um lado o Candido de Moraes e o Motta do nariz grande com todos os seus apparelhos de electricidade, e do outro o sr. Peitilho de Carvalho apenas com meia duzia das suas camisas de bretanha.

Parece-nos que o Motta e o Candido de Moraes já não se lavam do fiasco que vão fazer nem com toda a excellente agua de tirar nodoas que vendem no seu estabelecimento...

Sobre o resultado d'este certame teem-se feito apostas fabulosas, chegando o Monteiro Milhões a pôr já dois patacos do lado dos peitilhos do sr. Carvalho.

Nós não pomos coisa nenhuma porque não pertencemos áquella raça de animaes que o Gyrão escolheu para assumpto dos seus quadros.

Se pertencessemos, punhamos tudo no peitilho, e ainda achavamos que era pouco...

ANNUNCIO AMOROSO

Bertha dos cabellos loiros,
A mais formosa e mais bella.
Terei o gosto de vel-a
Este domingo nos toiros?

RESPOSTA

Meu adorado Apparicio:
Conta commigo; não fujo!
—Nunca falto ao beneficio
Do Zé Bento d'Araujo...

PAN-TARANTULA.

(Fim da corôa.)

—Affronta-te, Triston?

—Quaes!... Inté faz gusto carregar com isto...

O FIM DA COROA!

A c'rôa do senhor Fontes,
Nosso primeiro estadista,
Galgou o cume dos montes,
Perdi-lhe os bicos de vista!

N'esse crescer desbragado
A c'rôa fez-se tamanha
Que cada bico isolado
Dava um mastro de cocanha!

Subindo perto do sol,
Mais alta que os maçaricos,
Co'o calor tornou-se mol'
Dobraram todos os bicos!

(Por bem que não foi p'ra o centro
Que convergiu esse mal,
Pois que, se viram p'ra dentro,
Fechava em c'rôa real...)

E os bicos, sempre pendendo,
Sem que a molestia desande,
Foram descendo, descendo,
Em torno d'esse homem grande!

Ás pontas cançadas, fracas,
Que a baixo descendo vem,
Lançam-se espeques, estacas,
Mas coisa alguma as sustém!

Não mais a c'rôa se empina
E sobre o Fontes, coitado,
Par'cia a c'rôa mofina
Como piteira em valado!

E alguem viu, sobre essa c'rôa
Do Fontes, o Grão-Mogol,
Um caracol — em pessoa! —
Pondo os pausinhos ao sol!

A c'rôa, outr'ora altaneira,
De todo, em summa, dobrou-se
E no centro da piteira
Appar'ceu o quer que fosse...

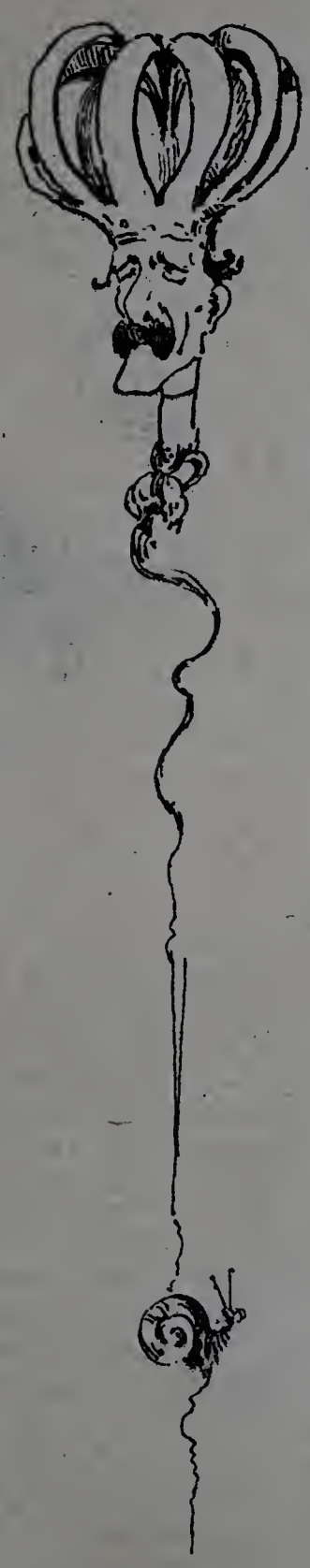
Era a primicia do fructo
Que vae crescendo matreiro
Mostrando no cocuruto
A forma de Hintze Ribeiro...

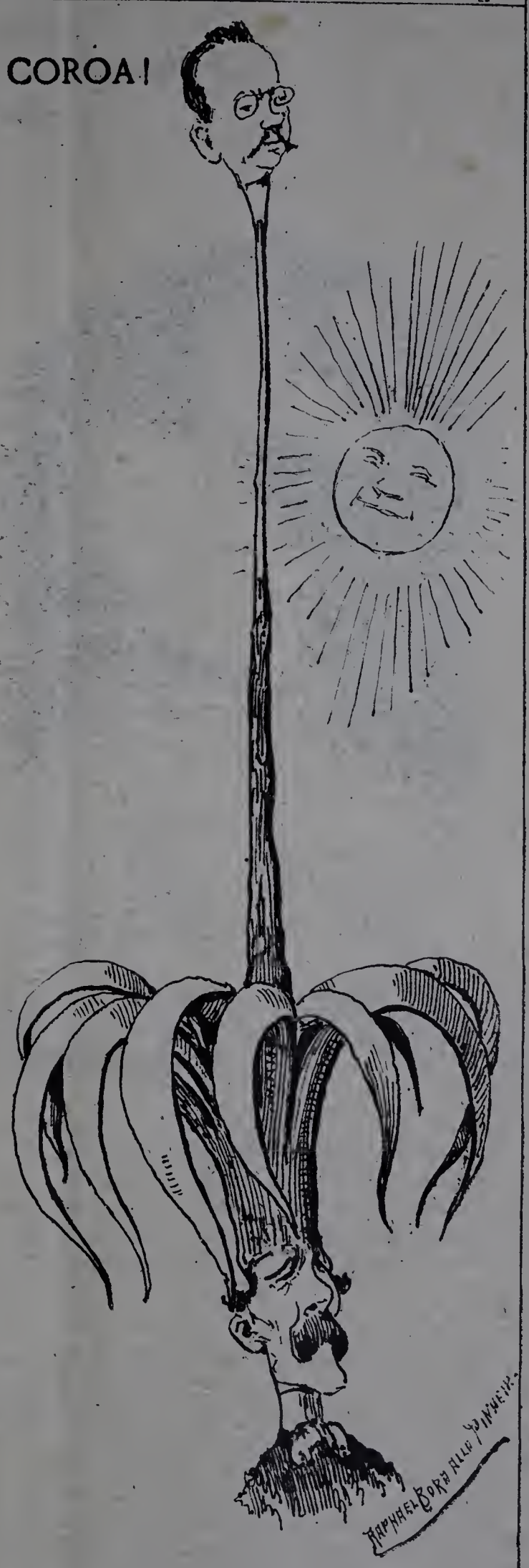
Tal fórma o Fontes conhece-a
— Conhece bem o pupillo... —
E chama os sabios da Grecia
P'ra saber o que era aquillo...

— Isso,... começam os sabios,
Apoz longa reticencia,
(E o Fontes mordia os labios
Na mais viva impaciencia...)

— Isso, é fatal garrotilho
Que mais remedio não tem!...
E' da piteira o mau filho
— O filho que mata a mãe!...

PAN-TARANTULA.





A LUZA BAMBOCHATA

Poema triste em verso alegre por

Joannico C. Mila

Edição de Tavares Cardoso

«Vês tu aquelle ancião, d'ar triste, apoquentado,
Scismando com pesar nos tempos do passado,
Quando elle era rapaz, valente e sacudido?
Chama-se Portugal! Coitado!... Está perdido!...
Se acaso não achar de prompto quem lhe acuda,
Morre sem remissão de *faliencite* aguda!...

. . . . . .

. . . . . .

Morre, sim; mas qu'importa! o esplendor e o brilho
Hão de perpetuar-se em seu illustre filho
O Antonio, o esbanjador! Talvez. talvez que um dia
Por homenagem, preito, á grã gastronomia...
A patria agradecida erga ao grande galfarro
Uma estatua de gesso em pedestal de barro,
E em letra garrafal, bem gorda, este letreiro:
«Os filhos da Parvonia ao mestre financeiro,
Moderno explorador d'argucia papafina,
Que poz o pae na espinha e os manos á *divina!*»

. . . . . .

. . . . . .

Em quanto o bom velhote assim se vae finando,
Scismando no passado e no porvir scismando;
E o filho predilecto, o sempre qu'rido Antonio
Esbanja na bombocha, á larga, o patrimonio,
Passemos em revista o résto da ninhada
Que o velho fabricára em hora malfadada.

Não vês aquella dama em trajos insolentes
Seguida logo atraz de immensos pretendentes?
A bolsa sempre aberta, a mão sempre estendida,
Portugueza a valer, fresca, bella, garrida,
Com labios côr de rosa e a voz pura, argentina,
Sonora do metal... vês?

Chama-se *Propina!*...

Propina! A bella dama! A fada seductora,
Rainha da belleza! a deusa encantadora!
Quando meiga e sorrindo em alguem põe a vista
Adeus justiça e lei! Não ha quem lhe resista;
Nem grande nem petiz; nem blusa nem arminhos
Nem mesmo o... et cœt'ra e tal muitos pontinhos...

. . . . . .

. . . . . .

NAS CALDAS

Os dias de festa correram desoladamente tristes nas Caldas da Rainha!

Se não fôra a palavra honrada dos almanacks, jurariamos estar em sexta feira de Paixão! Até parecia que cheirava a rosmaninho...

Indigenas e forasteiros atravessavam as ruas e povoavam os largos, abatidos, merencorios e tristonhos; as musicas do arraial desafinavam marchas funebres; o cebo da illuminação derretia-se em lagrimas pesarosas sobre os carapuços de quem passava, e o proprio ceu acabou por chorar a *bandeiras despregadas* sobre o rico fogo de artificio!

Ninguem comprehendia a causa de tão acrisolada melancolia, quando o sr. Hintze Ribeiro assomou a uma janella!...

Fez-se a luz no mysterio! Era a tristeza de s. ex.ª que tinha fugido de casa e andava espalhada pela villa!

Em compensação, o sr. ministro da fazenda estava alegre como o Whittoyne nos bons tempos do velho circo Price!...

S. ex.ª cantava da varanda os versos de Tolentino:

Nas Caldas, nas tristes Caldas
Alegria eu vim buscar,
Quiz de noite ver o sol,
E achar estrellas no mar;
Olhos meus cançados olhos
Vosso officio é chorar
Vosso officio é chorar!

Em largando as pastas é isto que se vê... logo os ministros parecem outros!

Se o sr. Fontes désse uma saltada ás Caldas, apostamos em como ficava immediatamente de bigode branco...

Especialmente se fizesse uso dos banhos.

O sr. Hintze riu que se perdeu quando viu na toirada o Pae Paulino — uma delicada allusão ao partido constituinte.—

Aconselhamos o governo a que dê uma candidatura a este engraçado preto, muito mais aproveitavel p· r si só de que todo o partido da patrulha, porque fará rir o sr. Hintze nas sessões parlamentares com a mesma franqueza com que as sessões parlamentares nos fazem rir a nós...

Quando o sr. Hintze saiu da praça, a musica tocou o hymno da Carta e a marcha da Ione.

S. ex.ª deixou-nos tão penhorados com as suas amabilidades de cavalheiro quanto é capaz de deixar-nos *penhorados* com a sua gerencia de ministro da fazenda...

A' retirada das Caldas, o sr. conselheiro *Pim* perguntava ao sr. Hintze:

— Então v. ex.ª vae satisfeito?

— Não senhor; vou muito encavacado!

E afastava-se, sobraçando duas canastras de cavacas...

Já que fallamos no sr. conselheiro *Pim*, vem a proposito dar-lhe uma salva de palmas pelos novos banhos, que estão magnificos.

E depois da salva de palmas, que é bem cabida, merecia igualmente uma surra de palmatoadas pela falta de ventiladores, que dá em resultado suar uma pessoa tanto que não sabe se está dentro d'uma tina de marmore ou d'um forno de tijolo!

A transpiração é tal que quando a gente mal se precata começa a tina a deitar por fóra!!!

A nova sala de inhalações está muito bonita, mas o reposteiro encarnado que a decora põe os visitantes em duvida sobre se entraram para um estabelecimento de banhos, se para a sacristia da egreja em dia de Senhor Exposto...

A agua para a machina é conduzida por meio de bilhas, o que deve dar-lhe, em qualidades therapeuticas, o mesmo valor da sua collega do chafariz do Rato...

A machina é movida por um rapaz que passa o dia a dar á manivella, devendo, com semelhante tirocinio, acabar a epocha dos banhos doutorado em tocador de realejo...

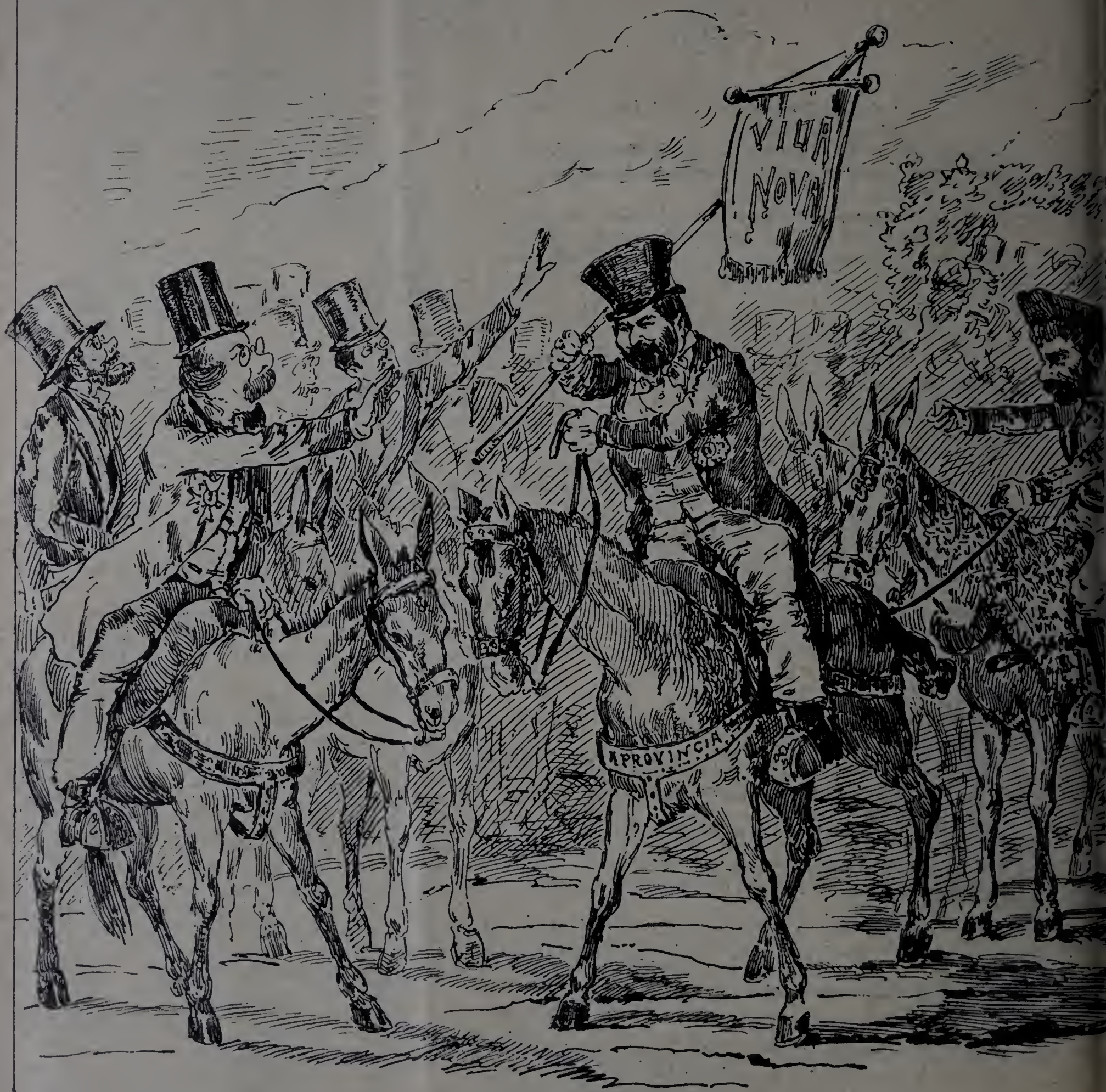
E tudo isto por causa da negação invencivel que o sr. conselheiro *Pim* experimenta pelas machinas a vapor.

N'isto, como em muitos outras coisas, s. ex.ª parece-se extraordinariamente com os chinezes, que tinham horror ás peças de artilheria.

Desconfiamos até de que, se lhe puzessem um rabicho, o sr. conselheiro *Pim* ficava um chinez dos quatro costados.

Valia a pena experimentar...

O CYRIO PF

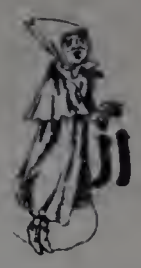


Croquis do natural, tirado no Centro do Cara
esteve para ir ao Porto, não se sabe para quê, e que

OGRESSISTA

quando os progressistas ensaiavam alli o cyrio que
vae—tambem não se sabe porque...

CHRONICA



Afora as injecções de norte fresco com que a seringa da Avenida consola os baixos da cidade, — como disse o Rodrigo Pequito — nada temos que nos refresque na quadra abafadiça que começamos a palmilhar.

O exercito, que era antigamente quem mais soffria de calores, emparedado como andava nas suas fardetas de estopa acolchoadinha, é quem agora, mercê da demora dos novos uniformes, anda mais fresquinho e ventilado.

Como se sabe, á reforma do exercito seguiu-se a reforma dos fardamentos, mas a coisa é ao que parece mais complicada de que a celebre *toilette* da noiva de Arrayolos...

O exercito conserva ainda os velhos uniformes, apenas alterados na côr dos vivos.

Esta pequena alteração deu em tempo muito que fazer ao sr. Fontes, que nunca chegaria ao resultado da combinação das côres, se o Henrique Howel, engenheiro dos *americanos*, lhe não facultasse uma tabella do serviço dos carros.

Com essa tabella, o illustre ministro organisou todos os corpos, empregando apenas cinco côres.

Por exemplo:

Lanceiros 2, côr encarnada — Caminho de ferro pelo Aterro.

Infanteria 7, amarello — directo para o Passeio.

Infanteria 18, azul e branco — Belem pelo Conde Barão.

Caçadores 2, verde — Intendente.

Artilheria, encarnado e azul — Alcantara pela Pampulha.

A coisa ainda podia tornar-se mais simples se o sr. Fontes se lembra de substituir as bandeiras dos corpos pelas bandeirolas dos americanos...

Entretanto os novos uniformes não chegam e os do velho padrão, coçados até ao fio, não tardará muito que deixem o exercito uniformisado — em fralda de camisa...

O tratado do Zaire levou quinze dias a discutir para ser votado... por *unanimidade!*

Se os illustres paes da patria tivessem começado por onde terminaram, mettia o paiz na algibeira os sete contos de reis d'aquella inutil meia duzia de sessões parlamentares...

Verdade seja que, mettendo-os o paiz, não os mettiam elles, e lá diz o ditado que cada um mette a unha que tem...

No debate deram-se dois factos espantosos.

Um foi o queixo do Luciano a fazer queixa da secretaria da marinha, com grande espanto da maioria.

O outro foi o Emygdio Navarro expressar-se por forma que os jornaes do governo lhe chamam «illustre e sensato deputado,» chegando o *Correio da Manhã* a declarar que elle fallou com *verdadeiro patriotismo!*

Ora até que o Emygdio Navarro se resolveu a mostrar o patriotismo aos seus inimigos politicos, que lh'o viram, e observaram, e apalparam, e reconheceram ser verdadeiro e não emprestado pelo Aguiar ou pelo Rosa Araujo...

As *kermesses* ainda não acabaram e ameaçam mesmo reproduzir-se com a fecundidade dos bacalhaus!

O aspecto da epidemia vae tomando proporções tão assustadoras que não nos espantaremos se no estrangeiro declararem Portugal como porto infeccionado de *kermesses* e estabelecerem quarentenas de observação, desinfectando rigorosamente todo aquelle a quem seja encontrado um boneco de *biscuit* ou outro qualquer objecto suspeito de *kermesse*...

Na *kermesse* d'esta semana saiu-nos em premio o paio que o Gonçalves Vivas offerecera em tempo para a *kermesse* da Tapada e que tem, passando de mão em mão, sido premio obrigado em todas as *kermesses* subsequentes.

A pessoa a quem o paio primeiramente tocou em sorte quiz entrar com elle mas, á primeira rodinha que comeu em sandwichs, reconheceu que o paio tinha bichos e lá o mandou para outra *kermesse*.

Ao segundo possuidor succedeu o mesmo, como ao terceiro, ao quarto, a todos emfim, e o soberbo paio, pagando a finta d'uma rodinha por cabeça, acaba finalmente de chegar ás nossas mãos reduzido apenas ao atilho com um bocadinho de tripa!

Vamos comer o atilho, reservando a tripinha para envenenar ainda mais um desgraçado...

Afinal averiguou-se que o dr. Figuerola, que fez perder o somno ao sr. ministro do reino e suar o sr. governador civil a ponto de lhe inutilisar mais um peitilho de camisa, não passava d'um falso discipulo de Ferran, e o qual, sabendo da boça que por cá ha para as coisas simuladas, desde os partos aos casamentos, veio hospedar-se no Hotel Central com os frascos do microbio simulado que a policia lhe apprehendeu, fechando-os a sete chaves!

O exame chimico deu a conhecer que o tal *bacillus virgula* contido nos frascos e por causa do qual o conselho de saude teve de puxar por toda a sua sabedoria, não passava d'uma enorme quantidade de virgulas impressas, recortadas á tesoira, entre as quaes figuravam por engano alguns pontos de interrogação e varias reticencias!

E por causa d'isto mandou o sr. Barjona para o Lazareto a capa á hespanhola com que assistiu á apprehensão dos frascos, e teve o sr. Peitilho de Carvalho de substituir n'esse dia a brilhantina com que lustra os seus bigodes, por duas pipas de phenol!

O carapau tem andado na Ribeira por um preço quasi tão baixo como a cotação d'algumas acções de minas!

Os vendedores offerecem a troco d'um vintem toda a porção d'aquelle peixe que o comprador poder tirar d'um braçado, mettendo ambas as mãos dentro da celha!

Em vista de tal barateza, o sr. Barros Gomes, que não vê com bons olhos a decadencia do Centro do Carapau, aproveitando a occasião de restaurar-lhe as forças mediante um pequeno dispendio, apresentou-se uma destas tardes na Ribeira Nova — com as mãos mettidas na algibeira, para não dar muito nas vistas —

— Olá, patrãosinho! A como é isso?

— A vintem a braçada, meu fedalgo!

— Quero trez...

E s. ex.ª, dando os seus trez vintens, metteu as mãos enormes até ao fundo das celhas, mandando para o centro do carapau trinta e tantas carroçadas de novos elementos de vida e deixando arruinadas trez companhas de pescadores!...

Proseguem os desaguisados no seio de todos os partidos.

O progressista anda partido em dois; no regenerador jogaram as cristas o Karrilho e um cunhado do sr. Fontes; no republicano nem fallar n'isso... Basta dizer que a sr.ª Angelina Vidal desertou com armas e bagagens — isto é, discursos e agulhas de crochet...

O unico que ainda não se partiu foi o partido constituinte porque não tem senão um membro e, a respeito de um que se possa partir em dois, não conhecemos senão Gabriel Claudio e o sr. Bailio de Malta...

Uma vez que não ha senão partidos, *partidos*, parecia-nos conveniente que se organisasse um partido inteiro, em toda a extensão da palavra, servindo de presidente o Bonifacio e de correligionarios todos os seus collegas cantores da Sé Patriarchal...

Referiram os jornaes que existe em Vendas Novas um *menino virtuoso* que cura todas as enfermidades, dá vista aos cegos, movimento aos paralyticos e cremos até que pernas aos coxos e mãos aos manetas, sem dependencia de recursos orthopedicos!

Tão extraordinarios milagres consegue-os o *menino* ministrando apenas aos seus enfermos algumas hervas milagrosas criadas no seu quintal, assim á laia de couve gallega.

Em o *menino* pondo os doentes ao verde ficam todos sãos como um pero e engordam que é um louvar a Deus!

Parece que o sr. Bailio, descrente da efficacia d'um medicamento que ahi se annuncia pelos jornaes e pelas esquinas das ruas, e tocado lá dentro por um santo presentimento, vae a Vendas Novas pedir ao *menino virtuoso* que lhe endireite os dedos das mãos, por s. ex.ª entortados no serviço da patria.

O *menino virtuoso* não se recusará decerto a este acto de caridade, mas aconselhamol-o a que vista n'esse dia um par de calças pretas, para que — apesar da sua *virtude* — se não veja em calças pardas...

Sua magestade, que costuma visitar *inesperadamente* os estabelecimentos publicos, mandando prevenir da visita com quinze dias de antecedencia, como fazia aquelle poeta da *Morgadinha*, que compunha os *improvisos* duas semanas antes de os recitar; sua magestade ficou muito admirado de ir encontrar — porque o aviso não chegasse a tempo — o quartel de artilheria 4 n'um chiqueiro e o hospital do Desterro n'um monturo!

Comprehendemos a dolorosa surpresa do monarcha que, só ao cabo de tantos annos de reinado, vem no conhecimento de que, cá por fóra, não se vive propriamente, como succede a el-rei, n'um delicioso mar de rosas...

PAN-TARANTULA.

O OFFICIO DA ESCOLA MEDICA

Quando elles fizeram gemer a gramatica d'aquella forma e só com os bicos da penna, o que farão com os bicos da lanceta a um pobre diabo que lhes cáia nas unhas!...

O barril triumphante ou a gloria do au

Quadro commemorativo da falta d'agua no dia 26, para ser encaixilhado e dependurado nos chafarizes e casas de malta.

O PORTO DE LISBOA

«E o thaumaturgo prégava aos peixinhos as vantagens do porto de Lisboa...» (Capitulo IV do *Flos Fontorum*, pag. 36.ª)

CHRONICA

Antigamente, todas as familias bem governadas tinham um frade em casa.

Está claro que não nos referimos a frades de carne e osso...

Eram frades de papelão recortado e cujo capuz, ora inclinado para a testa, ora descaído sobre os hombros, indicava se o chefe da familia tinha de levar para a repartição as suas botas de sola e vira, ou se as meninas da casa podiam passear de tarde no jardim da Patriachal Queimada com os seus chapellinhos de palha de Italia, da loja do Cirla — no tempo em que o Cirla era o pimpão dos chapeus de palha.

Mas o frade de papelão foi lentamente perdendo a sua importancia barometrica — exactamente como o original de carne e osso perdeu a sua influencia social — e ahi o temos hoje de todo preterido pelo barometro das *kermesses!*

Quem quizer saber se choverá ou se fará bom tempo não tem mais de que pegar no *Diario de Noticias* e verificar se alguma *kermesse* faz parte das *festas e diversões do dia.*

Se fizer, é exactamente como se n'esse instante passasse na rua o caldeireiro a fallar de gatos em pratos.

A influencia directa e sobejamente provada das *kermesses* sobre o estado do tempo, vem introduzir uma curiosa modificação no velho uso das preces *ad petendam pluviam.*

Os padres priores das freguezias assoladas pela secca, que não deixa vingar os tomates nem crescer o feijão carrapato, poderão prescindir das suas resas junto aos sagrados altares, dirigindo antes sobre as *toilettes Pompadour* das nossas elegantes preces *ad petendam kermesse.*

Feita a *kermesse*, começam os anjos do Senhor a pingar agua lá de cima, como o povinho pinga em moedas de vintem sobre os anjos da caridade cá de baixo...

Uma pingadeira em todos os sentidos!

*
* *

Ora, tendo havido *kermesses* em todo o mez de junho ultimo, não admira que Deus Nosso Senhor nos désse agua por uma pá velha em todas as vinte e quatro horas.

O que espanta, é que o sr. dr. Pinto Coelho, que sempre tivemos na conta do mais fiel respeitador das vontades celestes, procedesse de fórma differente á do Pae do ceu, deixando a cidade sem pinga d'agua!

E o certo é que a cousa esteve muito fosforica...

Até foi pena que o Filippe de Carvalho não iniciasse n'esta occasião a nova lei sobre o monopolio dos fosforos...

O gallego, lançado ao ostracismo, readquiriu momentaneamente a sua gloriosa importancia e, de humilde que era na vespera, passou a fallar-nos com a arrogancia e o sobrecenho com que o deputado victorioso falla aos eleitores no dia seguinte ao da eleição.

Só o Burnay, o Chamiço, o Monteiro Milhões e outros Cresus que taes, se permttiram durante quatenta e oito horas a extravagancia de lavar os pés!

Alguns cavalheiros respeitaveis da alta burocracia, d'aquelles que teem de se apresentar na repartição de *gravata lavada,* passaram dois dias cumprindo restrictamente essa obrigação, sendo a gravata a unica coisa que levaram lavada para o ministerio!...

Outros, a quem durante a lavagem matutina constava o alto cambio que os barris d'agua attingiram no mercado, lamentavam-se, misturando as lagrimas com a agua do chafariz do Rato:

— Ai meu Deus! muita custa a lavar a cara honradamente!

O chafariz de el-rei esteve mais concorrido de gallegos de que os salões do mesmo augusto senhor costumam estar concorridos de commendadores em dia de beija-mão!

O que valeu foi a chuva, que poz os sapatos a pingar em bica, e por isso muita gente bebeu a mesa agua da *bica do sapato*...

As bebidas alcoolicas substituiram a agua para todos os effeitos, e os barbeiros do bom tom ensaboavam a cara dos freguezes com Medoc de primeira qualidade, ao passo que os mais modestos se limitavam a empregar o Collares do sr. Francisco Costa.

Por outro lado, a agua passou a occupar o logar do vinho, do que resultou ser preso por embriaguez, á porta da tabacaria Neves, um sugeito que se regalára com trez copasios de agua da Sabuga!

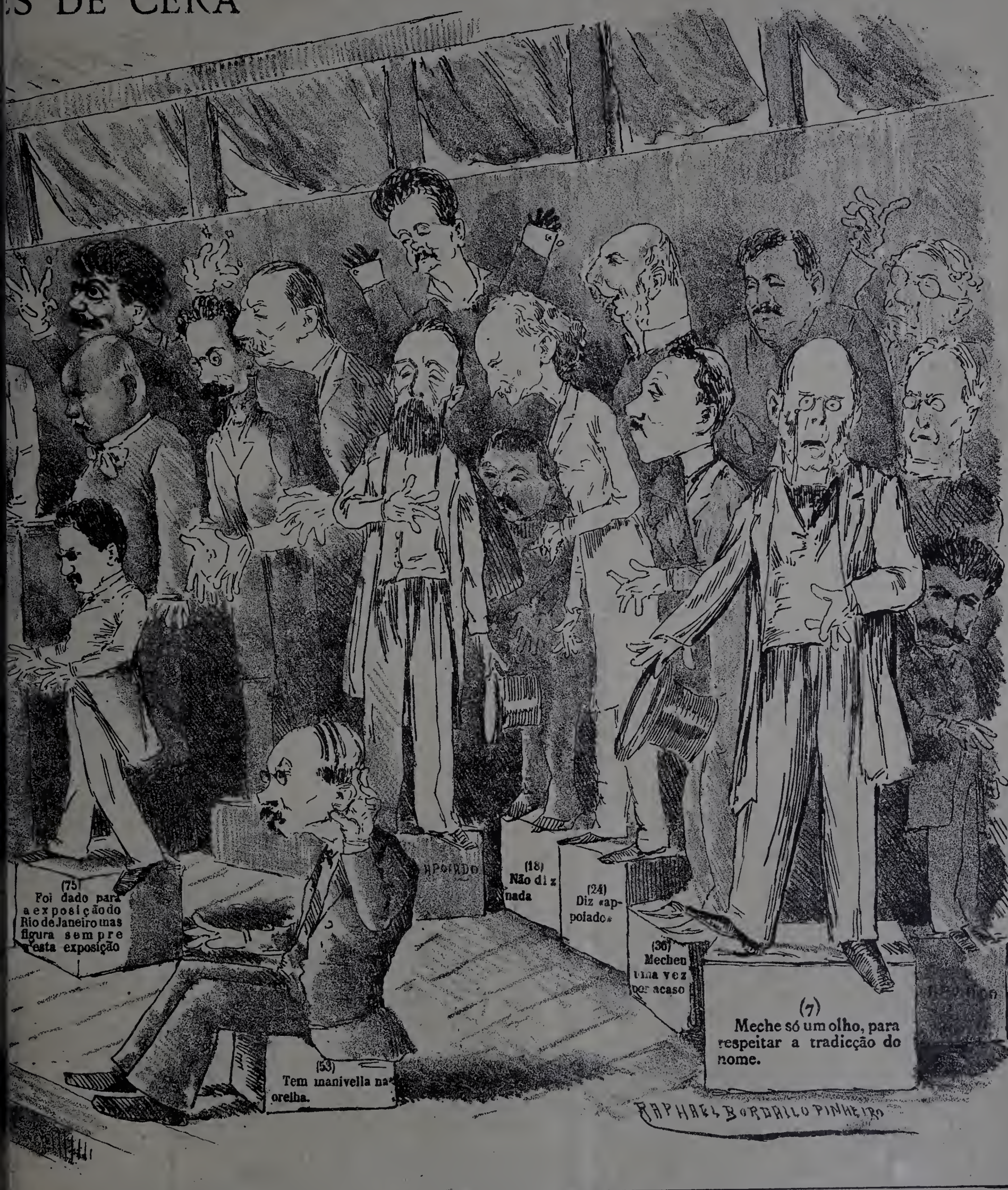
Finalmente, para coroar esta alluvião de contratempos, a engommadeira do sr. governador civil desfez a gomma para as camisas em vinho tinto do Cartaxo, succedendo que os peitilhos de s. ex.ª ficaram tão escuros como se os fios da bretanha de linho fossem cabellos do sr. Fontes!...

—Vós tivestes as constituintes de 20; eu tenho as de 84—feitas de cêra! Experimentae e comparae! O meu triumpho é certo!

—E isto é trabalho de fôrma?

—Decerto!—A *fôrma* sou eu...

ES DE CERA


(75)
Foi dado para a exposição do Rio de Janeiro mas figura sempre nesta exposição
(53)
Tem manivella na orelha.
APOIADO
(18)
Não diz nada
(24)
Diz «apoiado»
(36)
Mecheu uma vez por acaso
(7)
Meche só um olho, para respeitar a tradicção do nome.
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

* *

O governo, reconhecendo na sua alta sabedoria que Camillo Castello Branco, apesar de escriptor distinctissimo, não se achava ainda tão distincto quanto fôra para desejar, agraciou-o com a distincção do titulo de visconde.

E a camara electiva, secundando a ideia do governo, resolveu que se addicionasse aos florões da coroa de visconde a *borla* dos direitos de mercê.

Louvamos o acto do governo, mas, visto que se tratava de presentear o imcomparavel escriptor com uma insignificancia de *florões* e *borla*, podiam antes ter-lhe mandado de presente uma sanefa do Gardè...

Não sabemos se Camillo Castello Branco aceitará ou não o titulo com que a munificencia regia acaba de *agracial-o*.

Se aceitar, restam-nos apenas duas esperanças consoladoras:

1.ª—Que a rainha do Congo D. Amalia I nos confira o titulo de visconde da Fava Rica, para termos a honra de apertar a mão ao de Correia Botelho chamando-lhe collega.

2.ª—Que o citado visconde de Correia Botelho apanhe em folhetim uma d'aquellas descomposturas para que não nos chega o folego, porque são privilegio exclusivo de Camillo Castello Branco...

Foi finalmente votada a lei que permitte aos filhos dos actuaes pares do reino e que ainda estão na massa dos impossiveis—perdão! na massa dos possiveis...—lançarem o manto de arminhos sobre os hombros e tratar o sr. marquez de Vallada por collega.

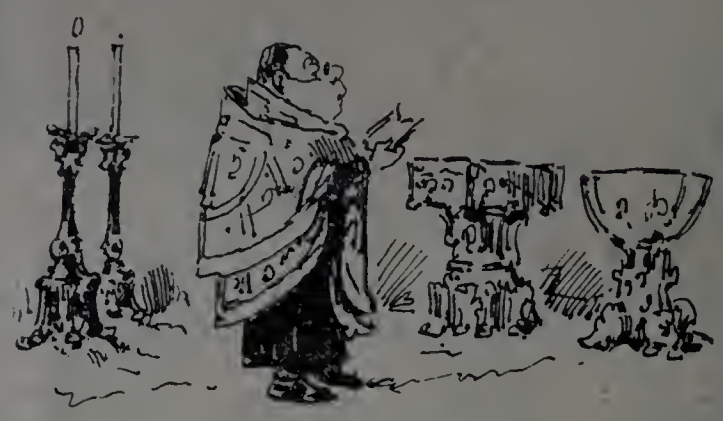
Os illustres petizes vão dar pulos de contentamento quando vierem a este mundo e a parteira os puzer ao facto da honraria que os espera, mas os illustres proceres darão em compensação o diabo á cardada, quando reconhecerem a grande inconveniencia do *serviço* prestado agora pelo sr. Fontes, no intuito de lhes captar as boas graças...

Em primeiro logar, as pobres mães soffrerão o dobro porque, se a lei não passa, dariam apenas á luz um simples cidadão, e, assim, terão de dar um par...

D'ahi, o enxoval do bébé, que a modista já concluira, terá de ser inutilisado e substituido por outro de capa de arminhos, á altura da gravidade das circumstancias!

Depois a parteira hade querer, e com justiça, que se lhe pague o dobro pela operação.

O padre que fizer o baptisado do par bébé terá de vestir duas capas de asperges, accender duas velas, encher duas pias e ruminar duas dozes de latim.



O sacristão dará duas vezes—parabens!
Os pobres pedirão esmola com as duas mãos.
E o sineiro repicará duas vezes a Maria Cachucha!

Isto é: o illustre procere espera que lhe nasça um filho e afinal succede-lhe como ao pae da Giroflé-Giroflá—vem por partidas dobradas!

E mais tarde, quando o rapaz fôr espigando, imagine-se que dinheirão para as despezas!

A disciplina de instrucção primaria, que já consta de quatro exames, será de oito!

Cavallos para passeio, terá dois.
Formaturas em direito, duas.
Namoros para o bom fim, outros dois.
Amantes hespanholas, outras duas!

E tudo por este lote, de fórma que o unico meio do pobre *pár* pagar pela tabella d'um simples mortal é fazel-o accionista da companhia dos Recreios, o que para muitos será irrealisavel, por não lhe chegarem para tanto os recursos do patrimonio!..

Refere um periodico que na vespera de S. Pedro foi encontrado no Mercado Novo um molho de chaves, de que a policia tomou conta e fará entrega a quem mostrar pertencer-lhe.

O genero do objecto perdido, o local em que a perda teve logar e o dia em que se deu esse facto, não nos deixa a menor duvida sobre quem seja o dono da prenda extraviada.

Foi S. Pedro que não poude resistir á curiosidade de presenciar, com os proprios olhos que a terra hade comer, os festejos que em sua honra fez o povo luso, para depois deduzir qual dos dois tem mais sympathias na cidade de Ulysses: se elle, se o sr. Fontes!

Isto resolvido, abandonou provisoriamente as portas do ceu, sob pretexto de que ia ali ao barbeiro da esquina tirar uma raiz que o não deixára pregar olho toda a noite, disfarçou a careca com um chinó como o do sr. conde de Mesquitella, metteu-se no americano do Intendente e eil-o no Mercado Novo, de volta com os mangericos e com os cravos de papel de seda!

O peior foi que se distrahiu com as graças d'uma gentil colareja, a ponto de esquecer as chaves do ceu em cima do balcão!

E quando voltou para casa, travou-se entre S. Pedro e o Padre Eterno o seguinte curioso dialogo:

—Que dê as chaves
Que te dei para guardar?
Esqueci-as no Mercado,
Sobre o balcão d'um logar!

—Que dê as chaves,
Ou te aperto os gorgomillos?!
— Já lhe disse: no Mercado,
Junto ao caixote dos grilos!

Em face dos relevantissimos serviços por nós prestados á corôa do sr. Fontes, cuja historia escrevemos e illustrámos, e constitue hoje um primoroso volume para os archivos da Torre do Tombo, estavamos assim com as nossas comichões de pedir a s. ex.ª que nos fizesse conselheiros do Supremo ou que nos legasse em testamento o seu bigode, para d'elle fazermos uns relicarios de pendurar ao pescoço

Perplexos entre o Supremo e o relicario—as duas maiores recompensas a que um mortal póde aspirar—não nos resolvêramos ainda por nenhuma d'ellas, quando hontem, passando perto de Santo Antonio dos Capuchos, ouvimos um trovador tão melodioso como o da *Judia* do sr. Thomaz Ribeiro e cujas trovas, calando-nos até ao fundo da alma, nos resolveram a prescindir tanto da carta de conselho, como do bigode do presidente do dito.

Achámos coisa melhor: queremos ser pobres do asylo!

Ora oiçam o trovador e vejam se não temos rasão...

«A voz, dizia assim:

(Musica do plim, plim, plim, plão.)

De varios empregos,
E' bom, não o nego,
Ter casa de prego
Com bom capital,
Ser rico banqueiro,
Ministro d'estado,
C'ronel reformado,
Mais coisas e tal!

Nadar em delicias
Da aurora ao sol posto,
Não ter um desgosto
Nas horas do chylo,
E' tudo soberbo,
Fallando sincero,
Mas eu antes quero
Ser pobre do asylo!...

Plim, plim, plim, plão!
Plim, plim, plim, plão!
—Tenho uma *kermesse*
Que me ganha o pão!
Tenho uma *kermesse*
Que me ganha o pão!

Não tarda que eu ande
Nas ruas de sege,
Pois que me protege
O *high-life* mais fino,
E passe os meus dias
De perna estendida,
Gozando esta vida
Que marcha n'um sino!

Duquezas e duques,
Marquezes e condes,
Barões e viscondes,
Ministros...—eu sei!...
Ao colo me trazem,
Com tanto carinho
Qual Sant'Antoninho
Onde te porei!

Plim, plim, plim, plão!
Plim, plim, plim, plão!
Tenho o bello *high-life*
Que me ganha o pão,
Tenho o bello *high-life*
Que me ganha o pão!

PAN-TARANTULA

NO OLHO DA RUA!

—Francisco! põe-me com dono esse pintalegrete d'esse escrebinhador! Eu sou bisconde e num me intendo com os astrologos da letra redonda!.

PARALLELOS

Estes violaram o cordão sanitario e por isso foram presos para o governo civil.

Estes violaram coisa *menor* e por isso andam a solta

CHRONICA

Os senhores leram decerto — e se não leram ficam sabendo d'esta vez — o caso d'aquelle sujeito que se despediu dos amigos para uma viagem á volta do mundo, da qual mandava regularmente minuciosas e interessantes correspondencias, chegando a descrever com todos os detalhes alguns pontos do globo ainda inexplorados.

Afinal descobriu-se que o sujeito nem saíra da cidade e que todas as suas chronicas eram redigidas n'uma agua-furtada d'um bairro ignorado!

Pois acontece-nos o mesmo, pela inversa...

Estamos fóra de Lisboa e vamos fazer a chronica do que por lá se passa, mercê das informações do *Diario de Noticias*, que é o nosso fiel amigo — ainda mais fiel de que a Braga do Minho e o bacalhau da Noruega!

* * *

Antes porém de fallarmos na capital, occupemo-nos um bocadinho d'esta terra. as Caldas da Rainha, que tambem é filha de Deus — e mais do sr. Fontes Pereira de Mello.

O club começa a encher-se de elegantes *de ambos os sexos* (do que não se deprehenda que temos por cá o nosso collega Jorge Gabriel Guiomar Claudio Sand Torrezão...)

Aquelle estabelecimento (o club) está um brinco.

O sr. conselheiro *Pim*, tem-n'o decorado tão bem como nós em tempo decorámos o cathecismo do padre Amado!

É s. ex.ª mesmo quem, durante o inverno, aperfeiçoa os anjinhos que ornamentam as paredes. O conselheiro pensa até em aproveitar as caras de marfim d'um leque japonez para as applicar, pegadas com cuspo, nas paredes do club!

N'este empenho s. ex.ª não se farta de tomar epicacuenha.

As valsas, hontem á noite, começaram já a mostrar-se vertiginosas e hoje espera-se na diligencia mais uma grande remessa de vertigem, tanto em primeira como em segunda mão.

Durante as contradanças o espirito fusila ditos scintillantes como chispas de ferro candente batido pelo malho d'um ferreiro!

Por exemplo:

— Eu sou a animação das Caldas!

— É verdade!

En avant quatre.

— O tempo continua d'uma inconstancia!...

— Ih! *Jasus!*

Promenade à droite.

— Este anno vieram menos familias hespanholas.

— E' por causa do *chorla*...

Elle é, effectivamente, a animação cá do sitio.

O espirito sae-lhe pela bocca, pelos olhos, pelo nariz, e atépelos ouvidos—apesar da vigilancia do cordão sanitario da luneta, que *elle* traz sempre nas fronteiras da orelha!

Todos os outros não passam d'uns astros de segunda grandeza...

Está sempre, como o outro que diz, a pular-lhe o pé para a contra-dança!

Dizem ás damas ao vel-o
Tão movediço e ligeiro:
—O demonico do homem
Tem bicho *carapiuteiro!*...

Elle estafa-as com valsas a trez tempos! Moe-as, entisica-as!

Algumas, quando acabam de valsar, vão logo lá dentro, tomar uma colher de oleo de figado de bacalhau!

E' o que lhes vale!...

Algumas, param esfalfadas no meio da *polàca* e cantam-lhe a deitar os bofes pela bocca fóra

Ha só uma coisa que obriga as elegantes a esqueceram-n'o momentaneamente: é quando ás onze horas se serve o chá!...

Só nós sabemos a ciumeira e o ferro que elle tem das fatias de pão com manteiga...

Se podesse trincava-as ás dentadas;

—Mas para que anda *elle* sempre a mecher com os braços? perguntava hontem uma senhora, observando-o no passeio da Copa.

—Desenvolve-se! respondia outra; se alguma vez tiver a infelicidade de quebrar uma perna, dança com os braços...

Vem a proposito fazermos justiça rectificando o que aqui se disse a respeito da falta de ventiladores, nos novos quartos de banho. Os quartos estão muito bem ventilados e a *raia* foi nossa.

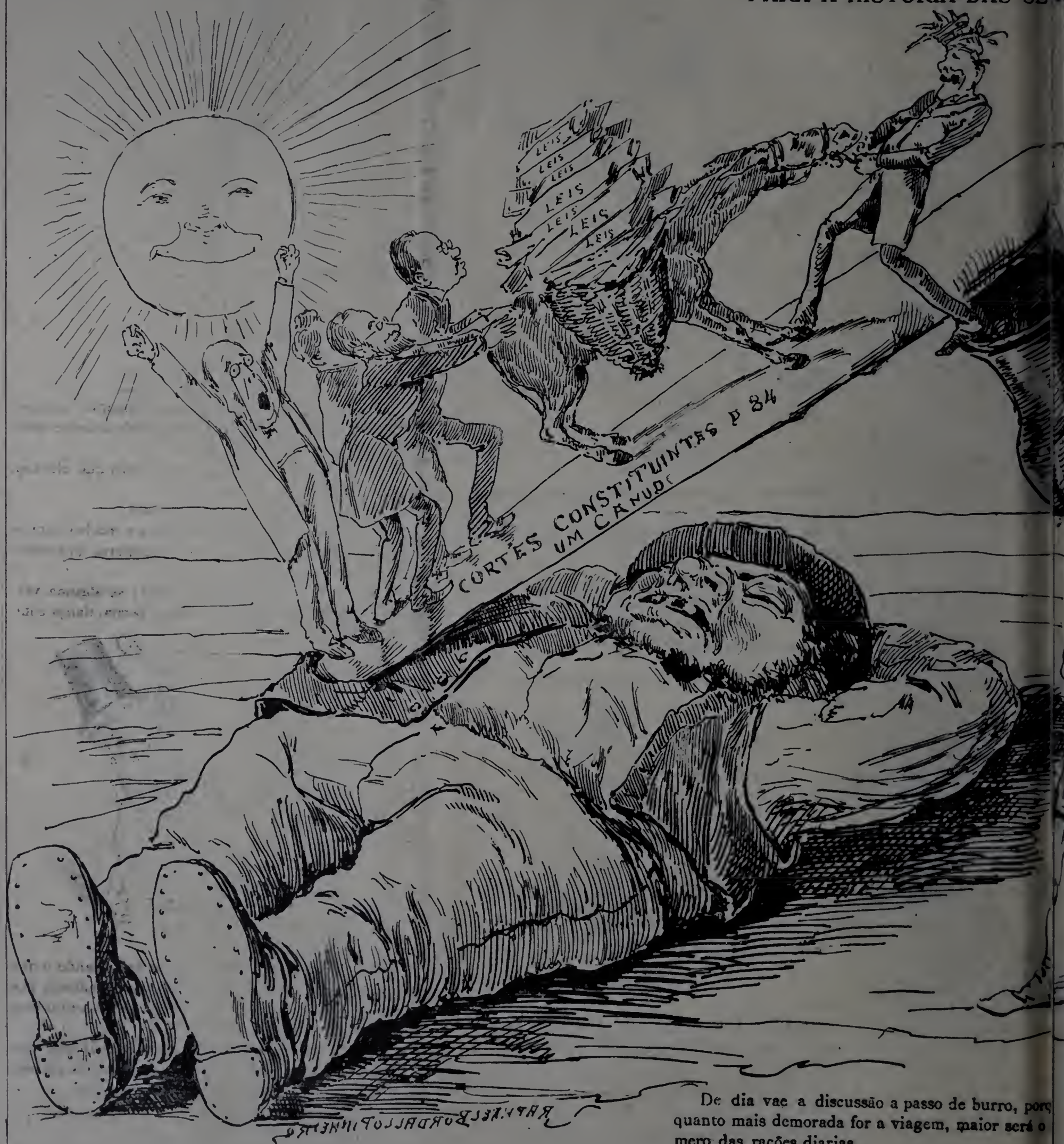
Damos as mãos á palmatoria do conselheiro, que nos pode cantar com o estribilho das modinhas do seu tempo: — Dar-me surras sem fim, isso é recto,

Que as mereço, bem mais que ninguem...
Mas não ver a janella no tecto
E' peneiras nos olhos que tem!

TODOS COM O OLHO NO «GAMINHO...»

DE DIA E

PARA A HISTORIA DAS SE



De dia vae a discussão a passo de burro, porq quanto mais demorada for a viagem, maior será o mero das rações diarias.

E NOITE

ÕES PARLAMENTARES

TODOS COM O OLHO NA «CAMINHA...»

De noite dá-se toda a força á machina, porque, primeiro de que as leis, está o chásinho com torradas...

* * *

Além dos anjinhos do club, a que acima nos referimos, as Caldas da Rainha vão ter tambem, como os outros pontos do reino, anjos da caridade, na *kermesse* que brevemente se realisa.

Dizem que o sr. conselheiro *Pim* se vae offerecer para brinde da *kermesse* e, se não retirassemos amanhã para Lisboa, secundal-o-hiamos n'essa obra de caridade.

Pois, correndo o mundo inteiro,
(Sendo elle *Pim* e nós *Pan*)
Não se acha p'ra o conselheiro
Um mais perfeito *pendant*...

Até houve quem dissesse:
—Agora, se vem mais um,
Podem armar na *kermesse*
Barraca de *Pim-pam-pum*!

* * *

E agora vamos á cidade.

Graças a Deus suspenderam-se as *kermesses*, o que equivale a dizer: felizmente já lá vae o mau tempo. Bem sabemos que a folga não durará muito, mas, emfim, sempre é para agradecer, porque lá diz o ditado: emquanto a *kermesse* vae e vem sempre folgam as galochas de borracha.

Os brindes que sobraram foram vendidos em leilão, bem como todos os objectos que fizeram parte da *kermesse*, incluindo as azas dos diversos anjos de caridade.

Algumas azas haviam prestado serviços em tanta grosa de *kermesses* que já não tinham penna por onde se lhes pegasse!

—Umas azas de anjo em mau estado! gritava o pregoeiro; dezesete vintens e meio! Não querem mais? não lançam mais? parabens, sr. visconde...

Por fim os lanços tornaram-se tão baixos que foi preciso vender as azas em lotes de meio centó para tentar os licitantes!

Não pareciam azas, pareciam costaes de bacalhau! Até cheiravam...

* * *

A questão do cholera vae-se tornando cada vez mais séria, especialmente depois que o Tejo ameaça trazer o microbio até ao Caes das Columnas, mesmo em frente do gabinete do sr. ministro do reino.

Paga o justo pelo peccador... O sr. Barjona de Freitas é que se vae ver em calças pardas, quando o procedimento do Tejo se entendia naturalmente com o antecessor d'aquelle ministro, o poeta Thomaz Ribeiro, que em tempo se fartou de chamar nomes ao rio, alcunhando-o até de *Tejo de crystal*.

Por causa do tal cholera foram ha dias presos para o governo civil alguns gallegos, que se dizia terem violado o cordão sanitario.

Se a policia começa a levar os gallegos para o governo civil e os syphões do sr. Pinto Coelho continuam a rebentar,

Cada um em seu cenobio
Terá motivos de magua,
Pois, escapando ao microbio,
Vae morrer á falta d'agua!

* * *

O mundo andou durante a semana finda muito convulcionado. As entranhas da terra rugiam até nos vasos dos mangericos, as aguas cachoavam até dentro dos potes, vindo quebrar-se junto ás escarpas dos respectivos testos e todos os *montes* conhecidos, desde o Himalaia até ao regedor de Santa Isabel, cambaleavam como outros tantos gauderios em volta de patuscada nas hortas!

Façam ideia: dizia-se que o governo ia cair!!!

Graças a Deus não caíu—naturalmente por encontrar alguma alma bemfazeja, que a tempo lhe fallou á mão...

Consta que alguns moradores da travessa da Parreirinha vão representar á camara municipal, para que aquella travessa passe a denominar-se rua do Governo Civil.

Tendo alli seu solar o Peito augusto,
Que a cidade illumina com seu brilho,
Par'cêra mais sensato, era mais justo,
Chamar-lhe antes *travessa do Peitilho*...

* * *

Contando as suas impressões na capital da França, escreve Gabriel Claudio que «a vida de Paris devora e gasta todo aquelle que não possuir musculos de aço, ossos de ferro e pelle de bumbo á prova de rufo.»

Ora o nosso rechonchudo collega andou por lá gosando essa mesma vida que *devora e gasta*. Não sabemos se foi devorado; mas—apesar de se gastar por lá como canella—o que não vem com certeza, pelo me-

nos o que nos pareça á vista desarmada, é no estado d'aquelle homem morto de fome que se mostra na exposição da Avenida....

E, se os attrictos da vida parisiense não gastaram o collega para depois o devorarem — ou vice-versa — está claro, como um peitilho do sr. governador civil, que Gabriel Claudio tem os taes musculos de aço, os taes ossos de ferro e, sobretudo, a tal pelle de bumbo á prova de rufo, a que no seu artigo se refere...

Já nos tinha querido parecer, mas não nos atreviamos a dal-o á publicidade, com receios de que o collega fosse raptado por algum amante... de instrumentos de pancada e que, escapando de ser devorado pela vida de Paris, fosse morrer arrebentado na phylarmonica de Caneças...

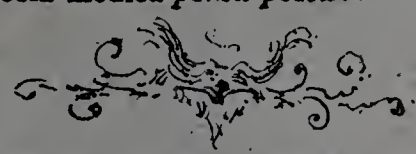
*
* *

Já appareceram as primicias poeticas do joven visconde de Correia Botelho. Abrem com os seguintes versos:

«O vermes do sepulchro, eu *pouco posso*
Levar-vos ao banquete ensanguentado;
De mim tereis apenas *secco osso*
Das prezas da doença *já 'sbrugado.*»

Bem se vê que são versos de visconde broeiro, que palmilhou muito nas terras de Santa Cruz, estando por isso mais afeito ao cultivo da cana doce de que ás doçuras da versificação...

Aquelle *pouco posso* até nos leva a crêr que foi o visconde de Correia Botelho quem redigiu o requerimento da escola-medica *pensa-possa*...



O MENINO VIRTUOSO

QUADRAS PARA O FADO CORRIDO

Tangendo o meu alaude,
Vou cantar em meigas trovas
O menino de virtude
Que tem fama em Vendas Novas.

Um menino virtuoso
Quem com prazer não cantára,
N'este paiz crapuloso
Onde a virtude é tão rara...

Co'um simples mólho de espargos,
O tal Galeno precoce,
D'um cego fabríca um Argus,
D'um coxo faz um Bargossi!

Qu'rendo um bem-estar repentino,
De Deus os servos e as servas,
Devem gritar: — O' menino,
Salta de lá meias hervas!

E apesar de doutorado
Em tão vasta medicina,
O menino é malcreado
Como um gallego de esquina!

A's vezes quando se escama,
O *doutor* — vejam que termos —
Põe-se debaixo da cama
Mostrando a lingua aos enfermos!

Ao vel-o assim, diz o povo,
Sem de leve se espantar;
— Não é caso raro e novo,
Um *doutor* em tal logar...

A mãe agarra-lhe um braço,
E o pae, de nariz adunco,
Fal-o sair, ao compasso
D'uma chibata de junco!

Fez-me o caso um tal espanto,
Que até não pude occultal-o!
— Tratar um menino santo
Como quem trata um cavallo!

Qual mais o encareça e gabe-o
Tudo diz — e a fama engrossa —
Que o menino inda é mais sabio
De que um sabio *pensa-possa!*...

Não tardará com certeza
Que o Burnay, esperto e douto,
Vá fundar qualquer empreza
Que explore o sabio garoto.

E, se assim fôr, eu futuro
Que as *acções* de tal menino
Dão mais por cento de juro
Que as do Banco Ultramarino.

Tal a fama se apregoa,
Que eu suspeito e já estou vendo
Ser o Fontes em pessoa
Esse menino estupendo.

E não vá par'cer afronta
O que ao Caro acima disse,
Uma vez que está na conta
Da segunda meninice...

PAN-TARANTULA.

Ao *Pim*, gaiteiras,
Pediram graça,
Ás *cavaqueiras*
Que estão na Praça.

P'ra de cavacas,
Ao que parece,
Armar barracas
Junto á *kermesse*.

Talvez no praso
De mez e meio,
Pensou no caso
Até que veiu,

Do ceu, ligeiro,
Um seraphim,
Que ao conselheiro
Falou assim:

— Ai! *Pim!* não queiras,
Que no teu bosque
As *cavaqueiras*
Armem kiosque!

— Fôra indecente,
Mulher's aqui,
Vendendo á gente
Jiripiti!...
.....

— Porque, tyranno,
Foi tão cruel,
O deshumano
Do Pimentel?

— Mostrou-se cru,
Foi p'ra achar *léos*
De ganhar o
Reino dos céus

O ENCERRAMENTO DA CAMARA

Os miasmas saíram do pantano e vão espalhar-se pela provincia. Os gafanhotos arranjam as malas e partem, a descançar dos estragos feitos na seára.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

CHRONICA

Se o leitor tem aqui em Lisboa algum amigo da provincia, ou mesmo do estrangeiro, a quem deseje obsequiar, patenteando-lhe o que ha de melhor n'este impagavel torrãosinho, não o leve á capella de S. João Baptista, não o faça trepar ao zimborio da Estrella, não lhe dê de jantar no Jardim Zoologico, nem lhe mostre o repuxo da Patriarchal Queimada. Tape-lhe os olhos, enfie-lhe o braço e carregue com elle até á Avenida da Liberdade. Chegado ali, tire-lhe o lenço da cara e verá como o homem, tão depressa abrir os olhos, abre logo em seguida uma bocca capaz de metter dentro a bocca do sr. Casal Ribeiro!

E não tardará que lhe confesse sinceramente que, mesmo em Mangualde nunca vira uma feira tão catita, especialmente na profusão de barracas.

Barraca do empreiteiro, barraca de figuras de cera, barraca de representações, e, para cumulo da sumptuosidade — até queijo, como dizia o outro — até barraca de cholericos!

Os cholericos ainda lá não estão, mas a junta de saude emprega todos os esforços ao seu alcance para obtel-os, alimentando os habitantes da barraca com cada planganada de feijão capaz de criar microbios da corpolencia do Zé Grigorio! Depois de observar todas as *barracas* da Avenida, tendo previamente observado as *barricas* que estiveram na rua do Ouro e as *barrocas* das outras ruas, o seu amigo comprehenderá então como a gente póde, mesmo passeiando ao ar livre, ser facilmente Mendonça e Costa.

Finalmente, mostre ao seu amigo o monumento dos Restauradores, onde as figuras de capa esfarrapada parecem outros tantos mendigos de profissão, apesar dos braços estendidos não terem propriamente o gesto de quem pede esmola ao transeuntes...

E o leitor verá como o seu amigo, já matraqueado na sciencia de trocadilhos e quejandos, lhe dirá, apontando o monumento:

— O maldito nordeste tem feito as estatuas n'um figo... de *capa rôta.*

A explanada dos Recreios é o melhor prato que a sabedoria culinaria do Freitas Brito poderia fornecer á capital durante esta fome de diversões que vae lavrando. Ar fresco, musica, jogos, *bouquets,* uma deliciosa salada, emfim, e tão bem temperada que até não lhe faltam os *cheiros!* Cheiros repuxados d'uma fonte que ensopa os lenços de toda a gente, como faz o chimico Robert!

Os *bouquets electricos* têem dado logar ás mais divertidas scenas. Hontem, um elegante rapaz convidou a sua Dulcinea a pegar n'um d'aquelles *bouquets;* ella pegou, mas, largando logo, como se tivesse pegado n'um ferro em brasa, disse para o namorado:

Ai Roque, meu querido Roque,
E's muito mau e perverso!
Sempre me *déstes* um choque...
..Que até estou fallando em verso!...

O lapis dos *Pontos nos ii* agradece penhoradissimo a dedicatoria tão gentil como immerecida com que se dignou distinguil-o o primeiro numero do *Microbio.*

Erraram-nos o appellido chamando-nos *Rordallo,* mas antes isso do que a outra coisa que muitos desejam, de preferencia a errar-lhe o nome...

A' collaboração artistica e litteraria, o nosso mais profundo salamalek...

A penna dos *Pontos nos ii* tambem agradece ao redactor do *Microbio* ter escolhido, entre milhões de outros, o pseudonymo de *Pan-Demonio.* D'um nadinha de semilhança que existe entre aquelle pseudonymo e o de quem escreve estas linhas, resultará talvez attribuirem-nos alguma producção do distincto collega, com o que muito orgulhoso ficaremos.

Foi vendida, para partilhas, a casa da rua do Alecrim, onde funcciona actualmente o *Centro do Carapau* e onde funccionaram ha tempos as pernas de varias meninas da Baixa e de varios janotas do mesmo sitio, que foram a gloria e o enlevo do professor Justino Soares.

Foi pois aquella soberba mansão, duplamente saudosa — para a politica e para o salcifré — aquella mansão, tão impregnada de polkas-mazurcas como de discursos patrioticos, partida em bocados e dividida por meia duzia de herdeiros!

E' justo que assim succeda.

Uma vez que o partido dos granjolas se dividiu, divida-se tambem a casa e accommodem-se separadamente — para não morderem uns nos outros...

Foi o Monteiro *Milhões* quem arrematou a casa que vae soffrer grandes concertos, sendo por isso naturalmente despedido o *Centro do Carapau.*

Ainda não ha muito que o *Milhões* poz na rua a redacção das *Novidades* e agora fez o mesmo ao centro do partido!

Milhões, com libras aos montes,
Que na gaveta encafua,
Inda é peior do que o Fontes
P'ra pôr granjolas na rua!

PAN-TARANTULA.

A China está contractando officiaes estrangeiros para a reorganisação do seu exercito.

Parece que o sr. Fontes quiz aproveitar a occasião para se descartar da enorme planganada de officiaes, que fez, sem querer, com a reforma do exercito. Conta-
que fez, sem querer, com a reforma do exercito. Conta-
se até que o illustre ministro mandara fabricar grande numero de rabichos, para que os officiaes se apresentassem na China o mais chinezes que fosse possivel.

Mas o encarregado d'esse trabalho não percebeu bem a encommenda e em vez de *rabichos* apresentou *retrancas.*

Então o sr. Fontes desistiu da idéa, dividindo as retrancas como no caso das alabardas: — metade para cada um...

Vae-se tornando muito phosphorico o monopolio dos phosphoros proposto pelo Filippe de Carvalho.

Os fabricantes não querem o monopolio apezar do Filippe prometer ajudal-os, fornecendo-lhes gratuitamente toda a *cêra* que se produz nas secretarias do estado!

Dizem os fabricantes que preferem antes andar aos *páus* a fazer phosphoros de tão ruim cera.

O Filippe, todo *enxofrado* por esta decisão que não lhe deixa estender a *massa* da negociata, tentou um ultimo expediente, offerecendo o Caetano aos fabricantes.

Estes porém, considerando que o Caetano não lhes servia nem para *mechas,* responderam ao Filippe:

Escrevendo em letra italica,
P'ra a coisa ser cathegorica:
— *Não possue massa encephalica,*
Quanto mais massa phosphorica...

O LEILÃO DA CASA REAL

Uma feira da Ladra, com cabeças de pau de alta linhagem. Lotes de albardas a dez tostões; imaginem que tal seria a fartura... Tambem não admira: o dono da casa está sempre a pôr albardas novas na sua besta de carga...

Telegramma das Caldas.

O club dos sete instrumentos, — denominação a que lhe dá direito a pintura das paredes, continua n'um crescendo de animação delirante.

O Pavão, que traz os forasteiros sempre ensopados. pela manhã de agua das Caldas e á noite de suor da

A RC

TODOS VÃO

MARIA

O VERDE

dança; o Pavão é o unico que não delira, apezar da febre com que executa as valsas.

O mais que lhe acontece ás vezes é fechar os olhos e tocar as contradanças sobre motivos da *Somnambula*...

A visita sanitaria feita á cachola do conselheiro *Pim* deu os mais curiosos resultados. Aquillo que os leitores viram na estampa do ultimo numero não passava de panno da amostra!

Depois começaram a sair coisas lá de dentro que até faziam arrepiar as carnes a quem estava cá de fóra!

Tinha minhocas escamudas como cobras cascaveis!

Já se officiou para a capital, pedindo emprestada a cabeça de lambaz do Adolpho Coolho, para com ella tirar a maior á cabeça do conselheiro, e para limpar o resto é de suppôr que tenha de se requisitar a draga do Arsenal da Marinha!

Se vivessemos n'um paiz de gente bem governada, já tinham dado uma applicação util a este conselheiro *Pim*.

Aquillo creava mais varas de porcos de que todos os montados do Alemtejo.

Já se descobriu o motivo porque o conselheiro não consentiu que as *cavaqueiras* armassem junto á *Kermesse* um kiosque para a venda de bolos e licores. *Pim*, tem uma aversão decidida por aquelle genero de comestiveis e bebestiveis.

Já quando ia ao circo de madame Turnure, sentia irritarem-se-lhe os nervos de ouvir os homens apregoar:

— Quem quer vinho, licôr e doces!

Essa aversão foi-lhe crescendo com a idade e hoje o conselheiro, membro effectivo da *Sociedade Temperança* e reitor do seminario das Caldas, em se lhe mostrando um copinho de hortelã-pimenta, parece o Mephistopheles do *Fausto*, quando lhe mostram os punhos das espadas!

Em vista d'isto, resolvemos endereçar-lhe a seguinte petição:

Ill.mo e ex.mo srs. Presidente e mais membros da commissão promotora da Kermesse das Caldas da Rainha.

Raphael Bordallo Pinheiro, desejando concorrer para o acto de caridade que se deve realisar nos dias 18, 19 e 20 do corrente, em favor das crianças pobres da localidade e da Associação das Crianças de Lisboa, roga a v. ex.as lhe concedam licença para estabelecer um kiosque da sua invenção para a venda de chá em chicaras, preto ou verde, quente ou frio, fatias finas de pão com manteiga, a sabor dos consumidores, revertendo todo o producto d'esta venda em favor de tão sympathicas instituições.

Espera lhe seja attendida a sua petição, por ser esta a unica *bebida legal* que em nada pode prejudicar a moral, os bons costumes, a ordem publica e o rendimento da referida Kermesse.

Roga a v. ex.as se dignem dar uma prompta decisão para no caso de obter deferimento dar começo ao mencionado kiosque.

Caldas da Rainha 13 de julho de 1885.

Raphael Bordallo Pinheiro.

O administrador do concelho, dr. Areias de Carvalho, faz causa commum com o conselheiro, não permittindo o kiosque... para evitar conflictos!...

Pedimos ao dr. Areias que não esteja a torcer a humanidade da sua terra com o mesmo desespero com que torce as guias do seu bigode.

O conselheiro *Pim* prohibiu que os criados do club usassem bigode.

— Mas, sr. conselheiro, observou um d'elles; o que heide eu então trazer, se a natureza não me fez pelludo senão debaixo do nariz?

Para dar o exemplo, o proprio conselheiro disfarçado com um chinó serve á noite o chá aos frequentadores do club. E serve-o com uma rapidez que chega a parecer-nos o criado do *Sr. Procopio Baeta*.

A coisa explica-se: emquanto esteve pouca gente, *Pim* esfregava as mãos de contentamento e dizia para os criados:

— Bem bom! bem bom! guarda as fatias para amanhã...

De fórma, que já havia fatias que pareciam feitas de loiça das Caldas!...

Mas, com a ultima remessa de *cupidos*, o club encheu-se e as fatias de pão com manteiga pareciam meteoros, a correr das bandejas para a barriga das *polka-mazurcas!*

O conselheiro deitava-lhes uns olhos que os teria engulido a todos, se não fosse o volume das fatias de pão com manteiga!

A Geographica esperando o Brazza

Chega o Brazza

CURA MILAGROSA

Um marquez d'alto cothurno,
De secreto mal doente,
Anda triste, anda soturno,
Não se ri, não mostra o dente!

A' doença não vê termo,
Pouco come, nada bebe,
Mas o mal do pobre enfermo
Isso lá ninguem percebe...

E a molestia não lhe passa,
Ao marquez d'alta linhagem,
Nem com papas de linhaça,
Nem chásinhos de borragem!

Vivendo assim desgostoso
Tem noticia o padecente
D'um *menino virtuoso*
Que dá cura a toda a gente!

Bemdizendo as bentas almas,
Passa-lhe o atroz desespero,
E grita, batendo as palmas:
—Vou ficar são como um pêro!

Co'a bagagem do seu uso,
Trauteando alegres trovas,
Eil-o marcha, como um fuso,
Direitinho a Vendas Novas.

Apressado se conduz,
Da cabana chega ao pé,
Bate á porta—truz! truz! truz!
Dizem de dentro:—Quem é?...

Alevanta-se o bedelho,
Abre-se a porta inteiriça,
E apparece o tal fedelho
Que boceja e se esperguiça.

—Menino! diz-lhe o fidalgo,
Apezar que o não conheço,
Vim correndo como um galgo
P'ra contar-lhe o que padeço!

E o petiz:—Saiba vocencia
Que eu de massadas 'stou farto...
Se fôr grande a conferencia
E' melhor irmos p'ra o quarto...

No quarto somem-se os dois
E a portinha de vidraça
Fecha atraz d'elles; depois,
Ninguem sabe o que se passa...

Decorrido um quarto d'hora
Terminára o tal conselho,
Saem ambos cá p'ra fóra
—O marquez vem mais vermelho...

D'esta maneira se expressa
O petiz sem mais reservas:
—Já sei que doença é essa
Vou-lhe dar as bellas hervas...

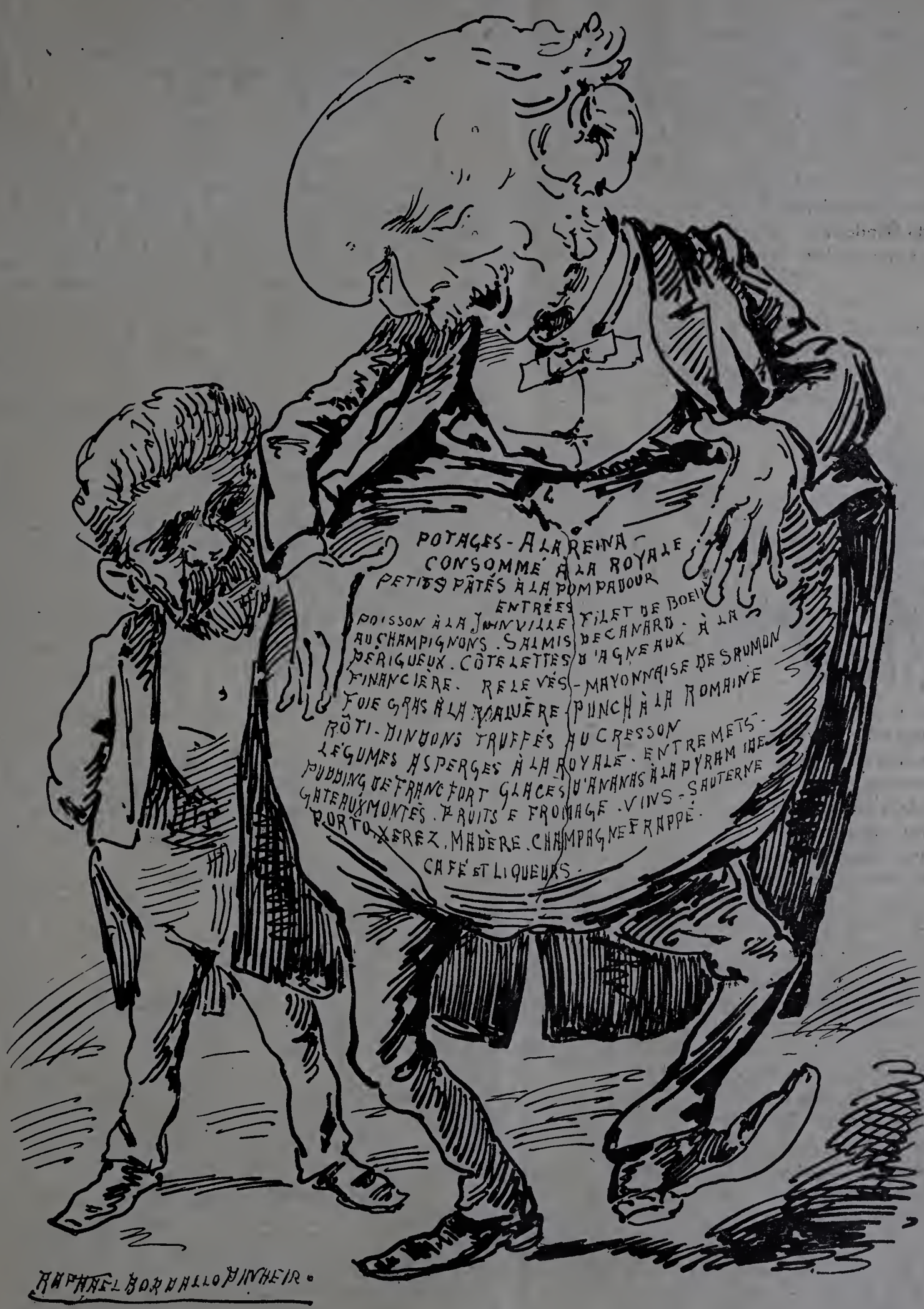
—Conheço a coisa de sobra!
Esse horrivel mal entupe-o!...
Leve alfavaca de cobra,
P'ra tomar em semicupio.

PAN-TARANTULA

O ENGEITADO

A mãe engeitou-o, coitadinho, quem sabe lá a que mãos o engeitadinho ainda irá parar.

O DISCURSO DO VENERANDO



—Senhores!...

Senhores: barriga cheia, pé dormente... vou-me deitar que estou doente...

CHRONICA

Uma gravissima preoccupação entupio nos ultimos dias os sabios do ministerio do reino.

Como se sabe, o microbio está em Hespanha.

Ora, estando em Hespanha, póde muito bem vir a Portugal em quanto o diabo esfrega um olho,—se o diabo levar vinte e quatro horas a esfregar o olho.

Ha até exemplos de muitas damas hespanholas que tendo passado a noite de sexta-feira na *calle de Alcalá*, se encontram a dormir a noite de domingo na rua do Arco do Bandeira.

Os senhores bem sabem que ha até muitos exemplos...

E o microbio — pelo menos o pertencente ao sexo feminino — póde d'um momento para o outro ter o capricho d'uma hespanhola e metter pernas ao caminho, porque elle tem tão boas pernas como ellas — e talvez melhores que algumas d'ellas...

Ora os sabios do ministerio do reino consideraram, e consideraram muito bem, que, emquanto o Cyprianno Jardim não atirar para a circulação publica com o seu famoso aerostato, a que conseguiu dar uma direcção tão perfeita que ainda hontem o vimos, direitinho como um fuso, seguir pela rua de S. Bento acima — dentro d'um coupé da companhia; que emquanto o Cyprianno não presentear a humanidade com esse melhoramento, ha apenas dois meios para vir de Hespanha até Portugal: pela via secca ou pela via humida.

Pela via secca não póde o microbio fazer farinha, porque lá estão os Argus do cordão sanitario, apinhados como sardinha em tigella, na distancia uns dos outros apenas de dez ou quinze kilometros, e com cada olho capaz de vêr até mosquitos na Outra Banda quanto mais microbios na fronteira...

Pela via humida é que eram ellas! ..

Com o maldito Tejo á sua disposição, o microbio era muito capaz de se deitar a nado por ahi abaixo, como qualquer capitão Boyton, e sem dependencia de apparelho de natação, nusinho em pello, como a senhora sua mãe o deitou cá para este mundo, ou, quando muito, com umas cuecas de algodão por causa da moral publica...

Imaginem o justificado terror dos sabios do ministerio.

— Como descalçar esta bota? interrogava o sr. ministro do reino.

— Como tratar d'este assumpto,
Que nos opprime e desgosta?...
(Perguntava tudo junto,
Mas ninguem dava resposta...)

— Tenho eu uma ideia! gritou finalmente um dos sabios mais orientados; prohibam-se os banhos no Tejo! O microbio, não encontrando na sua passagem pessoa alguma a que possa deitar o gatasio, não terá remedio senão ir pela barra fóra, sem ser n'um cavallinho de pau, e, em passando a torre de S. Julião, não lhe dou duas horas que não entregue a alma ao Creador, papado pelos tubarões!

— Bella ideia! approvaram todos: prohibam-se os banhos no Tejo!

— Mas esperem! observou ainda o sr. Barjona; a coisa não é tão facil como os senhores a estão fazendo...

— Ora essa! E então porque?!

— Porque o nosso pae está em Pedroiços...

— Qual nosso pae?

— O pae Fontes, pois então quem havia de ser?... Está em Pedroiços e não póde deixar de tomar banhos. Se algum anno lhe faltam com a salga, apodrece em menos de quinze dias.

— O' diabo! Isso então ainda era peior! tinhamos o microbio de portas a dentro...

E os sabios benziam-se: benziam-se e tapavam o nariz...

— Nada! é indispensavel lançar mão d'outro expediente...

— Já sei! acudiu ainda o sabio mais orientado; prohibem-se os banhos mas só até á torre de Belem; d'ahi para lá póde cada um chafurdar á sua vontade...

— Mas então como se evita o microbio?

— Ora essa! então que tem?
Sempre em tudo hade achar péchas...
Pois a torre de Belem
'stará guardada p'ra mechas?

Já, já, sem perda d'um minuto, telegramma para o commandante da torre! Escrevam, que eu dicto:

«Capitão! A salvação da patria em geral e os mergulhos do sr. Fontes em particular estão n'este momento dependentes da sua coragem! Se v. s.ª não se entesa com o microbio uma terrivel colisão se levantará: ou o bicho entra comnosco, ou o illustre presidente do conselho não toma banho geral!

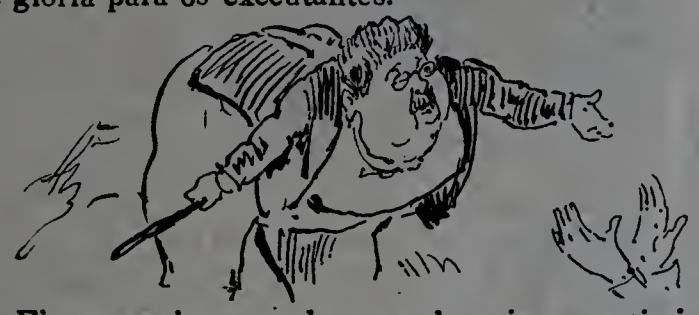
Matute, durante o tempo que a ordenança lhe concede para matutar, e verá que podemos ficar todos como o burro de Buridan, entre duas rações: ou não se mata o bicho, ou não se salga o sr. Fontes!

Capitão! Mande fazer uma barrella ás peças de artilheria! Artilheiros a postos, murrões accesos e não consinta que o microbio passe para baixo da torre a seu commando! Permitta-lhe quando muito deitar de tempos a tempos a cabeça fóra d'agua mas não o deixe

corresponder com os banhistas de Pedroiços, ainda que lhe apresente bilhete de correspondencia!

E aqui está porque o microbio, tendo feito a longa travessia do Tejo, como o outro que diz com uma perna ás costas, não póde transpôr os dois passos que o separam da praia de Pedroiços!...

Realisou-se ha noites no theatro do Principe Real a representação, por amadores, dos *Sinos de Corneville*. Foi uma noite de prazer para os espectadores e de gloria para os executantes.



E' necessario que o desempenho seja correctissimo, como foi n'aquella récita, para uma pessoa poder tomar a sério no seu papel a tal entidade que se chama *curioso dramatico*. Por mais que a gente queira, não se póde convencer de que o *Sargento Mór de Villar*, por exemplo, seja effectivamente o sargento Mór de Villar e não o nosso amigo José das Neves, que é despachante da alfandega.

D'ahi, as situações mais comicas, ás vezes no meio dos lances mais dramaticos.

Lembra-nos d'uma vez em que se representava, tambem por curiosos, os *Sinos de Corneville*.

Entra o marquez, com o seu fato pittoresco, a orchestra preludia a introducção da celebre valsa e o marquez começa a cantar, aliás com uma excellente voz de barytono:

«Tres vezes dei a volta ao mundo
E o p'rigo, eu juro, é meu prazer!»

Gargalhada estridente em toda a sala!

E por uma coisa bem simples: porque o rapaz que desempenhava o personagem era muito conhecido no sitio, e toda a gente sabia que elle nunca déra voltas a coisa nenhuma, quanto mais voltas ao mundo; e, a respeito do perigo ser o seu prazer, como elle assegurava, imaginem que ainda na vespera tinha passado uma hora a bater as palmas ao guarda nocturno, com medo de subir as escadas ás escuras depois das onze horas da noite!...

* * *

O *Jornal da Noite* dava n'um dos seus ultimos numeros uma furiosa descasca no auctor da *rosa Lusiada*, porque, tendo sido aquella flôr submettida a exame chymico, reconheceu-se que as manchas vermelhas não passavam d'uma pintura subtilmente applicada emquanto a rosa era pequenina.

Tem o collega que fazer se lhe dá agora para submetter a exame chymico todas as coisas pintadas que andam por esse mundo de Christo!

Que tem lá que ponham tinta
Na rosa quando em botão?...
Tambem o Fontes se pinta
E ninguem lhe vae á mão...

No telegramma mandado do Porto para os jornaes progressistas, noticiando a chegada alli do cyrio granjola, deparou-se-nos o seguinte curioso paragrapho:

«Dos antigos dissidentes muitos dos mais qualificados teem vindo cumprimentar os chefes progressistas. Ha uma corrente fortissima, para a reconciliação.»

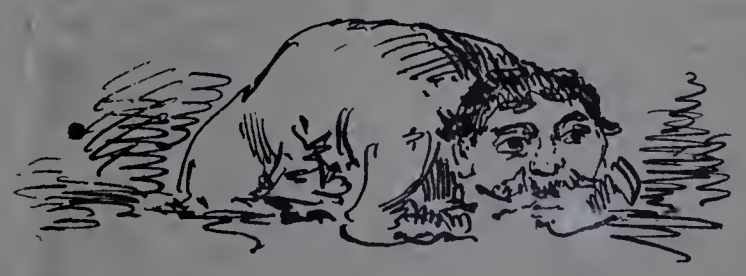
Está visto que, para unir dissidentes que se não querem juntar, seria ainda muito fraco o calabre d'uma nora. Por isso os influentes na reconciliação tomaram as suas providencias, sendo preparada uma *corrente fortissima*.

Um *reporter* obsequioso acaba de nos mandar a photographia da corrente que vae unir os progressistas todos.

E' uma corrente de papagaio...

Os moradores da rua do Oiro e as pessoas que por ahi transitam notaram ha dias que o novo calcetamento de madeira, apesar de tão recentemente concluido, está já todo cheio de altos e baixos, não se dando um passo que se não esbarre com uma corcova!

A camara municipal, mandando syndicar as causas do phenomeno, veiu no conhecimento de que o constructor em vez de empregar parallelipipedos de madeira empregou parallelipipedos de Lopo Vaz e ahi está porque os logistas não podem abrir os seus estabelecimentos que não façam logo uma figa torta...



Anjinhos da Caridade

Com a devida venia, transcrevemos da brilhante poesia distribuida na *kermesse* das Caldas da Rainha a seguinte estrophe, que é a ultima palavra sobre o *Anjo da Caridade* — progenitor de tantos anjinhos:

«As vestes de gaze, subtis, mui transparentes,
brincando por entre nuvens alvinitentes,
par ciam nuvens tambem
a beijar-lhes, meigas, o tão nevado collo!
E as azas? Oh! chegavam de polo a polo,
por esse mundo além!»

Se taes azas se arranja
N'algum hotel ou taberna,
Quando lá tomarmos canja
Qu'remos aza em vez de perna.

FECUNDIDADE DE BACALHAU

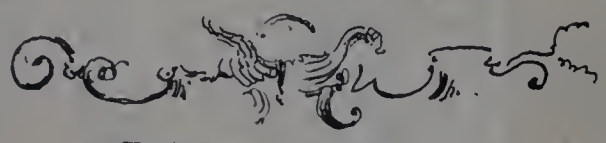
Uma junta intelligente,
Com sabença que eu lhe invejo,
Prohibiu que toda a gente
Tomasse banhos no Tejo.

Mas nem toda a gente abraça
Tal medida e faz barulho,
Vendo annullar a barcaça
A *24 de Julho!...*

Já se annulára a *parada*
E, co'este golpe final,
Pouco mais nos resta—ou nada!—
D'essa data liberal!...

Eu vejo o Pinto Coelho,
Perdendo aquelle olhar duro,
Sorrir, de goso vermelho
Como um tomate maduro!

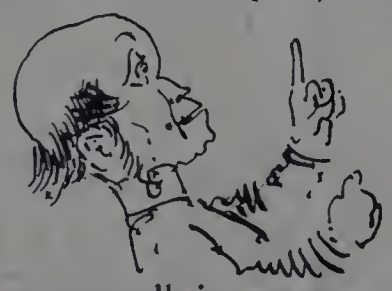
E alegre batendo as palmas,
Sem sombra apenas de magua,
Pagar a promessa ás almas
D'um vintem.... em barris d'agua.



DAS CALDAS

Esta semana tivemos *Pim-Kermesse.*

Damos-lhe este nome porque *Pim* foi effectivamente o dono da locanda—que tudo póde, ordena e manda.



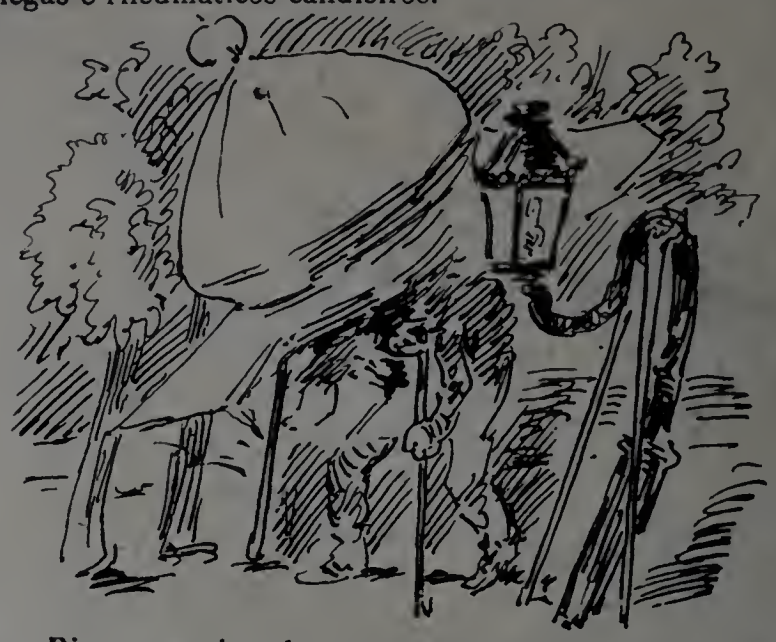
E tanto, que o conselheiro esteve sempre de chapeu na cabeça, quando as mais pessoas se conservavam descarapuçadas.

Lá diz o ditado que «não ha *Pimentel* sem... chapeu alto;» e ainda bem que não se destapou...

A commissão promotora da festa não passava d'um collegio a quem o reitor permittiu o passatempo d'uma kermessesinha...

Uma kermesse di mentira, como dizem os brazileiros...

A barraca desbotou e parecia um enfermo de rheumatismo a passeiar em fralda de camisa ao pé dos collegas e rheumaticos candieiros.



Pim consentiu a kermesse na copa mas com restricções. A venda de cavacas, por exemplo, e de cerveja, limonada gazosa e bebidas geladas, foi prohibida como o tempero de toicinho é prohibido na panella dos judeus!

Ainda mais: *Pim,* esquecendo não só os preceitos da cortezia, como ainda os da grammatica, onde se diz que, «pelo modo que se faz a pergunta se dê a resposta: *Pim* não respondeu ao requerimento em que lhe pediamos para vender chá em beneficio dos pobres, junto á barraca da kermesse.

A commissão não quiz o chá naturalmente receiosa de que lhe fizesse mal.

Quando uma pessoa não se costuma de pequeno, toda a cautella com bebidas é pouca...

Pois foi pena, porque até tinhamos tenção de comprar para esse effeito o *chá velho* do club...

Eis o desenho da barraca que projectavamos construir para a venda do chá.

Como vêem, os *objectos* das Caldas figuram perfeitamente festões de hera... *Era* até muito local...

A commissão da kermesse pedira-nos o plano d'uma barraca, de que igualmente damos o desenho e que era formada apenas por quatro paus.

Conselheiro *Pim* não approvou porque... não tinha trabalhadores para toda aquella complicação de quatro paus.

Deixe estar que para a outra vez havemos de lhe fazer uma barraca só com dois pausinhos...

Deslindou-se aqui o caso d'aquella rapariga de voz lindissima que o Accacio Antunes ouviu cantar em Coimbra e que quiz logo escripturar para a Trindade.

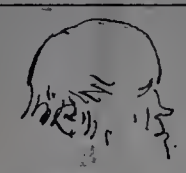
Accacio andava no passeio da Copa, quando lhe chegou aos ouvidos uma voz deliciosa.

—E' ella! exclamou Antunes; mas

«Quem é esta rapariga?
Não ha quem vêl-a consiga!»

Afinal, abriu-se a janella do club e a rapariga appareceu.

Era o padre Antonio!...



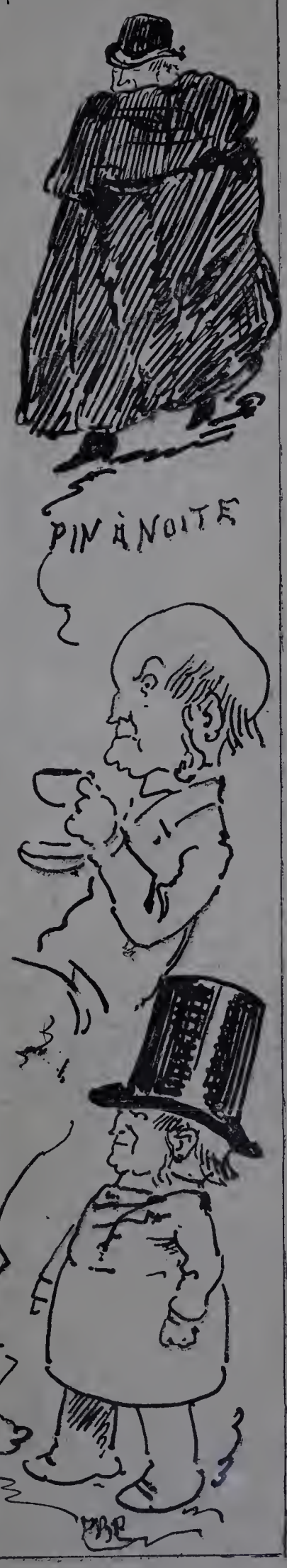
Sob um calor
Rijo, estupendo,
Vamos vivendo
Assim assim,
Livres de penas,
Livres de maguas,
Tomando as aguas,
Gozando o *Pim*.

Lá de Lisboa,
Mais arredores
Chegam doutores
Que não têm fim!
Venham! que a herva
Cá não lhes falha...
Não terão palha,
Mas têm *cá Pim*...

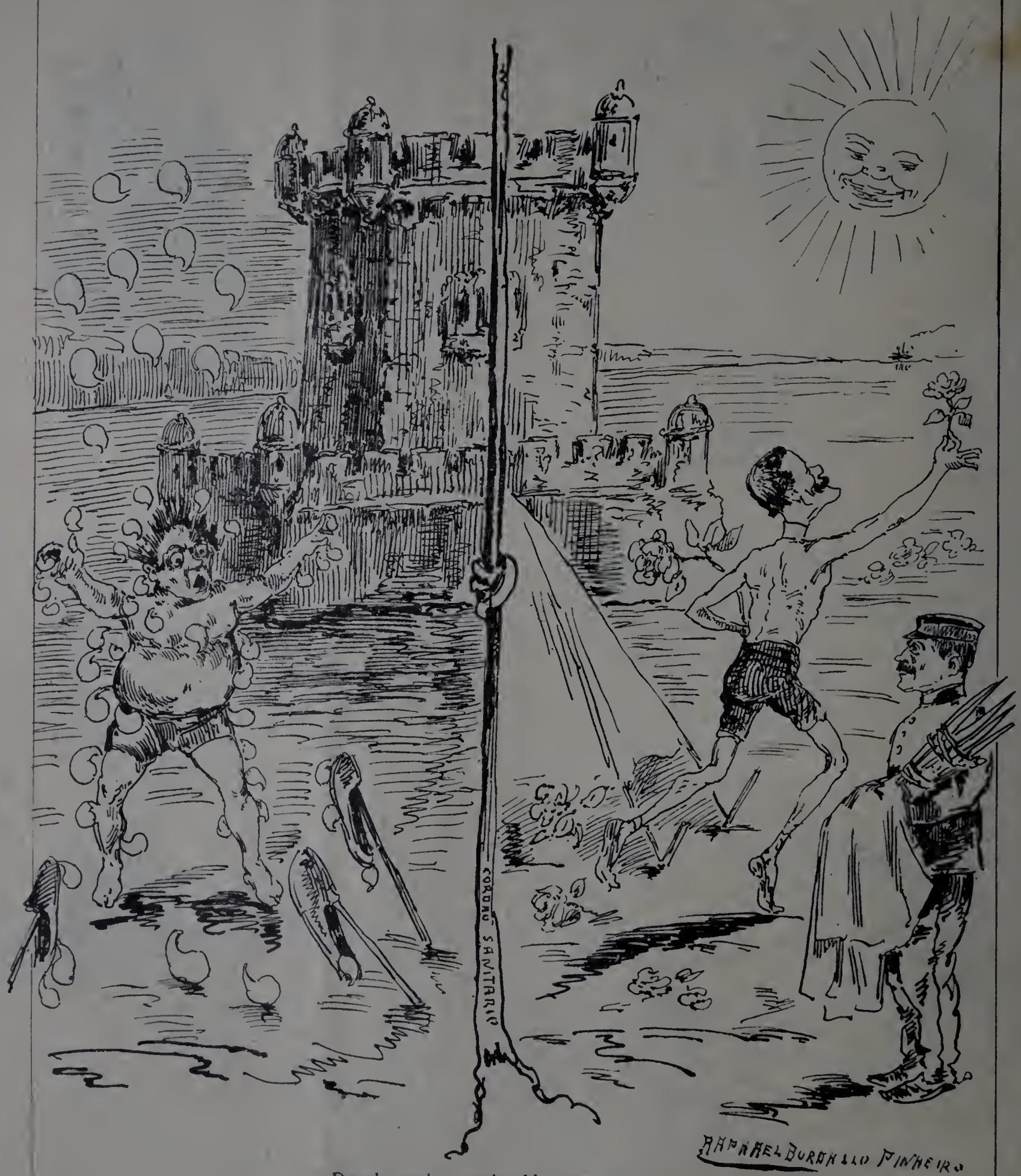
Durante o dia
Sempre se topa
Rondando a copa
Como um malsim
No club á noite
Se pavoneia
E ás dez e meia
Toma *chá Pim*.

Das *matinées*
Nos regabofes
Não diz estrophes
Do Palmeirim,
Mas ás senhoras,
De amor em brasa,
Arrasta a aza
Qual *gallo Pim*!

P'ra que das Caldas
A grande fama
Chegue a Bolama
Chegue a Pekim,
Vae cá no club
—Vejam que acerto!—
Dar um concerto
De *cri-cris Pim*!...

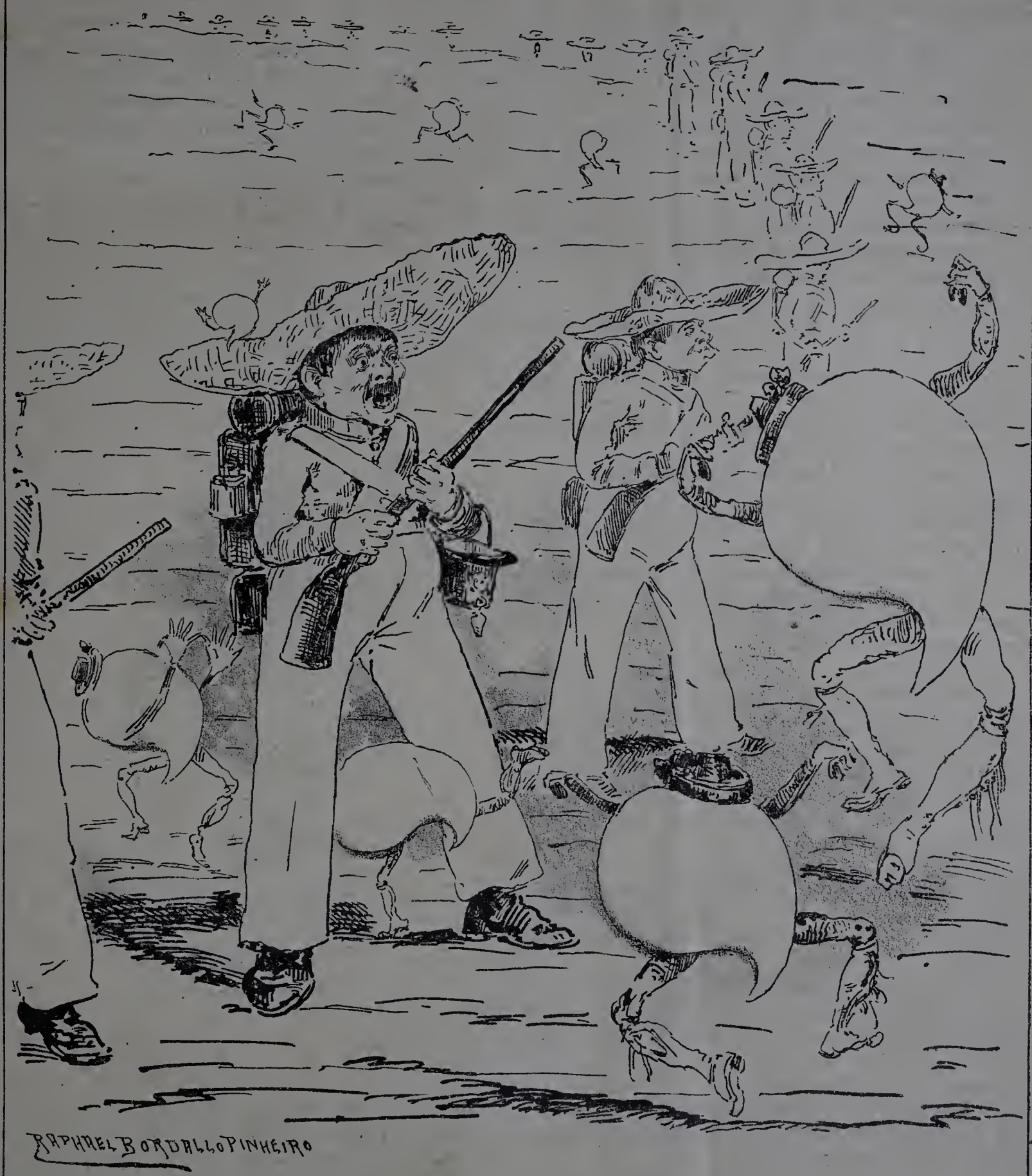


O CORDÃO DE BELEM



Pae do ceu! que microbio tamanho
N'um dos lados da torre anda a nadó!
Mas *microbio* maior toma banho
Do outro lado,
Do outro lado.

AS NOVAS BARRETINAS



O governo arrematou uma grande porção d'aquelles chapeus de palha do Algarve, chamados chapeus de ceira e que destina para cobrir as cabeças das praças empregadas no cordão sanitario, talvez na esperança de que o microbio, vendo-os de longe, tome, pelo volume, cada soldado por um regimento...

Mas o bicho não faz caso, e salta como gafanhoto por cima das ceiras, apesar de lhe cheirarem a *figo*, que é, segundo os entendedores, a melhor coisa que existe para *matar o bicho*.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

CHRONICA

As administrações das folhas noticiosas realisam sempre, n'esta época, uma economia importantissima nas despezas typographicas.

As noticias relativas á villegiatura indigena, que é tudo quanto ha de mais interessante na quadra que atravessamos, são compostas por uma só vez, servindo todos os dias nas secções do *high-life*, com a alteração apenas do nome dos viajantes e o da tereola para onde vão passar a calma — precisamente como os annuncios da companhia do Pacifico, em que apenas se substitue o nome do paquete e o itenerario da viagem.

«Partiu hontem, para as Caldas de Vizella, o sr. barão de J. H. P.»

«Parte hoje, para os banhos da Nazareth, a sr.ª viscondessa de D. K.»

«Deve partir amanhã, para a sua quinta das Cegonhas, o sr. commendador ***.»

E isto todos os dias, desde o 1.º de julho, sem interrupção nem descanço, ao ponto de parecer impossivel como ainda temos barões, viscondessas e commendadores que cheguem para a exportação!

Se a generosidade do governo não nos acudisse tão frequentemente com a farta provisão de mercês novinhas em folha, já tinhamos feito bancarrota de commendadores e viscondessas!....

A estação dos caminhos de ferro offerece sempre, á hora dos comboios, uma animação pouco vulgar.

Mal se abre a porta do salão de espera, montões de familias precipitam-se na gare, assaltando os compartimentos dos *wagons* com a mesma ferocidade com que minutos antes tinham assaltado o americano na estação do Conde Barão e o meio bife á ingleza no *restaurant* do caminho de ferro.

—Corram, meninas! Depressa Genoveva! Avia-te *Sabastião!* que aqui temos um logarsinho *incellente!* grita D. Emiliana bispando um compartimento ainda devoluto.

Mas em quanto as meninas correm, a Genoveva se apressa e se avia o Sebastião, o compartimento é invadido por meia duzia de rapazes alegres, toireiros amadores, que saem de Lisboa a medir forças com bois n'uma corrida da provincia.

—Eu bem lhes disse que se aviassem, berra D. Emiliana exasperada; mas vocês são umas *asembolas* que até parec: que não teem pernas!

—Ainda ha muito logar, observa um dos rapazes do rancho, com o olho na filha mais nova da D. Emiliana.

—Muito obrigada ao seu favor, mas nós antes queremos ir sosinhos... (e, resmungando:) sucia de malcriados que nem sabem dar o logar ás senhoras... Venham meninas! Anda Genoveva! meche-te *Sabastião!*

E lá vão todos, correndo de enfiada e com o coração aos pulos, receiosos de que o homem toque a sineta e o carrão abale deixando-os desembarcados!

—Aqui, Emiliana! aqui! brada o chefe da familia, parando ao pé d'outra carruagem.

—Ahi nem que tu me doirasses! Não vês que vae uma *criença piquena?* farta d'ellas estou eu até aos olhos...

—N'este parece-me que não vae ninguem, diz a criada Genoveva mais adiante.

D. Emiliana encarrapita-se no estribo afim de espreitar para dentro, mas n'isto assoma á portinhola uma criança berrando de bocca aberta como se lhe estivessem arrancando o coração ás pitadinhas!

—T'arrenego! (faz D. Emiliana, saltando d'um pulo para o chão, em graves riscos de quebrar os dois barrotes que lhe desempenham as funcções de pernas;) estas familias d'agora andam todas *inçadas de crienças*... Parece que não fazem outra coisa...

E assim vão percorrendo todos os compartimentos que, ou encontram cheios a deitar por fóra, ou com uma criança de sentinella á portinhola!

Sobre este caso das crianças devemos dar uma explicação muito útil para todas as Emilianas que futuramente viajarem.

Aquella pequenada que se vê ás portinholas dos wagons, berrando e afugentando as familias amigas do seu socego, não segue no comboio, como muitos teem imaginado...

Os pequerruchos são tomados de aluguer pelos passageiros mais espertos e estão ali provisoria e precisamente para afastarem os viajantes, a maior parte dos quaes toma logar n'outra divisão, preferindo ir como sardinha em tijella a aturar a berraria do pequeno durante algumas horas de jornada.

Quando o comboio vae a partir retiram as crianças, seguindo muito á larga as pessoas que as alugaram.

Nada de mais engenhoso e nada de mais simples

Os exploradores d'este moderno processo de viajar commodamente em compartimento reservado, sem pagar o excesso á companhia, trazem as crianças n'um cesto de vinte e quatro divisões, semelhante áquelles empregados no transporte de garrafas.

Não apregoam para não tornarem a industria demasiadamente conhecida, o que equivalia a annullar-lhe os effeitos.

Chegam-se ao passageiro e offerecem a meia voz:

—V. ex.ª precisa d'um menino? Temos de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe: doze vintens, um cruzado e cinco tostões... Os de cinco tostões, basta dar-lhes um beliscão pela banda de traz para berrarem um quarto d'hora sem tomar o folego...

E aqui está porque D. Emiliana não chega a nenhuma portinhola que não lhe appareça logo lá de dentro a cabeça de Meduza d'um menino endiabrado!

Afinal, esgotados todos os recursos, isto é, todas as portinholas, D. Emiliana não tem mais remedio senão tomar logar no compartimento dos rapazes toireiros!...

E' a hora; a sineta dá o ultimo toque e quando o comboio vae pôr-se em movimento, D. Emiliana vê entrar ainda pela porta dentro um casal de viajantes acompanhados de dois filhos — sem serem de aluguer — o mais velho dos quaes come pão com marmellada que o lambusa até aos cotovellos, e o mais novo — desmamado de vespera—berra como um damnado desde a partida de Santa Apolonia até a estação do Entroncamento!

Quando tocava em Santarem já o comboio ia mais leve, porque a D. Emiliana tinha emagrecido metade do seu volume!...

No jardim do palacio Ponte de Lima realisou-se uma noite d'estas o primeiro concurso de belleza em Portugal, sendo offerecida uma medalha de oiro á senhora mais bonita e que maior numero de votos alcançou.

O *Diario Illustrado*, que devêra ser o primeiro a publicar o resultado do certame, dando a conhecer ás suas gentis leitoras o retrato d'aquella que a todas mette n'um chinello, absteve-se — por um sentimento de modestia que lhe fica a matar — de dar á estampa a formosa vencedora.

Pois damol-a nós, para que Portugal e as adjacentes fiquem sabendo quem tem mais bonito palminho, isto é, mais bonito palmão de cara.

Referem os jornaes que o rei de Dahomey mandou ultimamente fazer algumas centenas de prisioneiros destinados ás horrorosas hecatombes que os dahomeanos celebram em grande pompa.

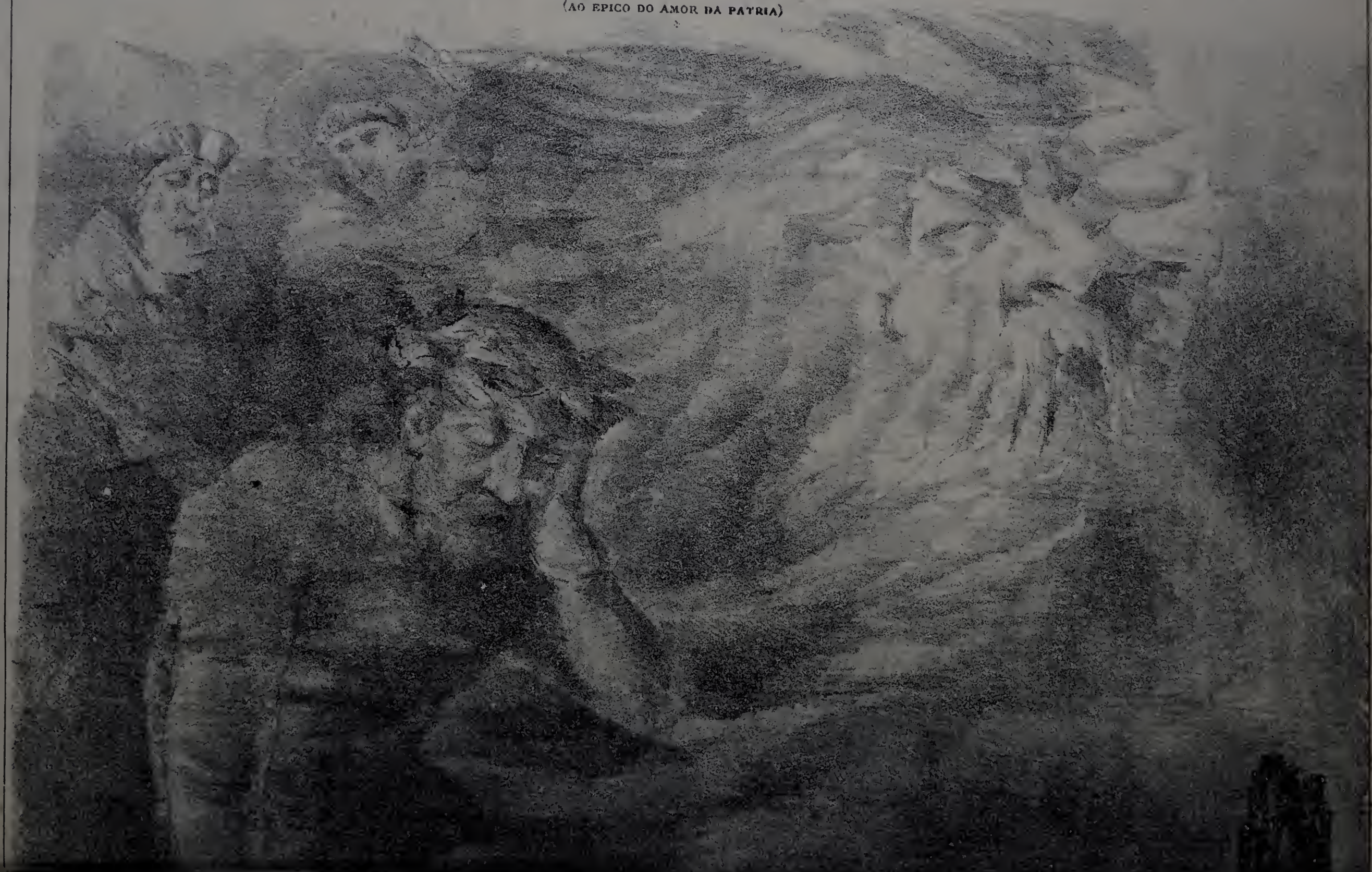
O homem n'alguma coisa se hade divertir e alguma coisa hade exigir do seu povo...

N'aquellas terras não ha theatros, não ha Martinho, não ha Jardim Zoologico, não ha sessões parlamentares, não ha bailes campestres, não ha nada, de fórma

A DIOGO SOUTO

FINIS LUSITANIÆ

(AO EPICO DO AMOR DA PATRIA)



O sol do teu poema, —astro fulgente,
que nem sec'los empánão de neblinas! —
encara absorto as gelidas ruinas
da Pompeia moral do Occidente.. *Diogo Souto.*

Anniversario da morte de Luiz de Camões, 1885.

que o infeliz monarcha vê-se na dura necessidade de lançar o imposto de mil cabeças para passar, ao menos uma vez no anno, uma tarde divertida!

Cá está o sr. Fontes, que tem theatros e tudo mais, não obstante o que, faz todos os annos hecatombes não diremos de milhares de cabeças mas de milhares de contos, o que ainda é mais puxado, visto como andam por ahi cabeças que não chegam a valer um pataco quanto mais um conto de reis...

Tudo, em summa, é questão d'uso,
Do mundo nos horisontes:
Cada roca com seu fuso,
Cada terra com seu Fontes...

PAN-TARANTULA.

DAS CALDAS

Acabou a festa, desmanchou-se a *kermesse*, terminando pelo leilão do refugo dos premios.

Alguns objectos attingiram preços fabulosos, incluindo o chapeu de palha do Freitas Rego, que custára cinco tostões e foi arrematado por seis!!! (Sem miolo, já se vê.)

Adquiriu-o uma companhia composta do Monteiro Milhões, Topa-a-Tudo, visconde de Gandarinha e outros, que vae cortar o chapeu em bocadinhos, vendendo depois as reliquias a quinze reis cada uma.

Deve ganhar rios de dinheiro!

* * *

Elle, o tal do bicho *carapinteiro*, continua no club a ser o astro rutilante d'este céu de polkas-mazurkas, se bem que um tanto empanado nos ultimos dias, com a presença d'um novo astro, coruscante desde o plastron até ás phalanges do dedo *maminho*!

São diamantes d'um tamanho que mais parecem briundos de Pero Pinheiro de que da montra do Leitão!

Em todo o caso *elle* continua a ser o primeiro, porque não deixa o credito das suas pernas por mãos alheias...

Aquillo nem são pernas; são dois diabinhos vivos, embrulhados n'um córte de casimira franceza...

Ellas encolhem-se, ellas estendem-se; ora se dobram ora se desdobram; para aqui se embrulham, para ali se desembrulham, tão flexiveis, tão elasticas, tão movediças, que chega a parecer que o homem nasceu sem pernas e que a comadre, para occultar o aborto, lh'as substituiu por duas sanguesugas que teem ido crescendo com elle!...

Se o conselheiro *Pim* chega a desconfiar de semelhante coisa, é muito capaz de lhe cortar as pernas e leval-as para a botica para augmentar o bicheiro...

* * *

A' falta de *kermesse* os banhistas não teem outra distracção senão o passeio da Copa antes de jantar e o passeio da Matta depois da sobremeza.

A' entrada da Copa, um quadro pendurado na grade chama a attenção de quantos por ali passam.

E' o retrato d'um famoso dentista que veio não se sabe d'onde—o que tambem não importa porque os genios não tem patria—e o qual, chegado ás Caldas,

«Não pretende ajuntar fundo
Co'os grandes segredos seus
E, cheio de dó profundo,
Tira pelo amor de Deus
Os dentes a todo o mundo!»

E só tirando os dentes a todo o mundo o homem conseguiria como conseguiu, reunir todos os dentes de que se cobre, desde o alfinete da manta até aos grilhões do relogio, incluindo o lencinho do bolso, cujas pontas são feitas de tres dentes queixaes!

O homem tem percorrido todos os hoteis da terra e de todos elles tem sahido a instancias dos proprietarios, que não teem comida que chegue para tantos dentes!

Aquillo, em se sentando á mesa, todo elle tasquinhava sem conta, peso nem medida, desde o laço da gravata até ao atado das ceroilas!

Uma vez ao jantar caiu-lhe um peru recheiado em cima do grilhão do relogio e, quando o criado de mesa lhe accudia, o pobre peru já estava todo mastigado!

*
* *

Ha dias deu-se no Pinhal um caso interessantissimo.

Como se sabe, o conselheiro *Pim* mandára construir alli uns bancos economicos (a economia é o seu credo) cada um dos quaes consiste n'uma taboa comprida, pregada sobre tres pinheiros, que o conselheiro fez serrar a altura conveniente.

Ora ha dias—ha dias, não:—ha noites, um Romeu e uma Julieta, alongando-se no passeio da Copa, foram dar com os ossos na poesia verde do Pinhal, que a luz da lua illuminava pallida.

O passeio fôra fatigante e os *pombinhos* tomaram assento n'um dos citados bancos.

Arrulharam, arrulharam até fóra d'horas, e só pela manhãsinha, quando iam a levantar-se, é que repararam que o chão estava mais de tres metros abaixo do assento do banco!

Succedera uma coisa bem simples: os pinheiros durante a noite tinham crescido, crescido,—talvez com curiosidade de espreitarem o que se passava por cima d'elles—e por isso o ditoso par se encontrava inesperadamente no caminho do setimo ceu...

Durante o dia os pés do banco continuaram a crescer, a crescer, e os *pombinhos* a subir, a subir, e arrulhando sempre, coitadinhos, de fórma que, quando á tardinha a familia da *pomba* veio dar com elles, já estavam empoleirados na ramagem verde do Pinhal que a luz illuminava pallida, construindo um ninho, afim de passarem a noite com todas as commodidades!..

Dizem novas lá de fóra,
N'um reclame espaventoso,
Que appar'ceu na Granja agora
Outro melro virtuoso!...

Por botica ou drogaria
N'uma caixa traz um dente,
Que nos cura a hydrophobia
Quando um cão morda na gente!

O que estranho, e que decerto
O leitor tambem estranha,
E' que fosse á Granja perto
Parar ventura tamanha!

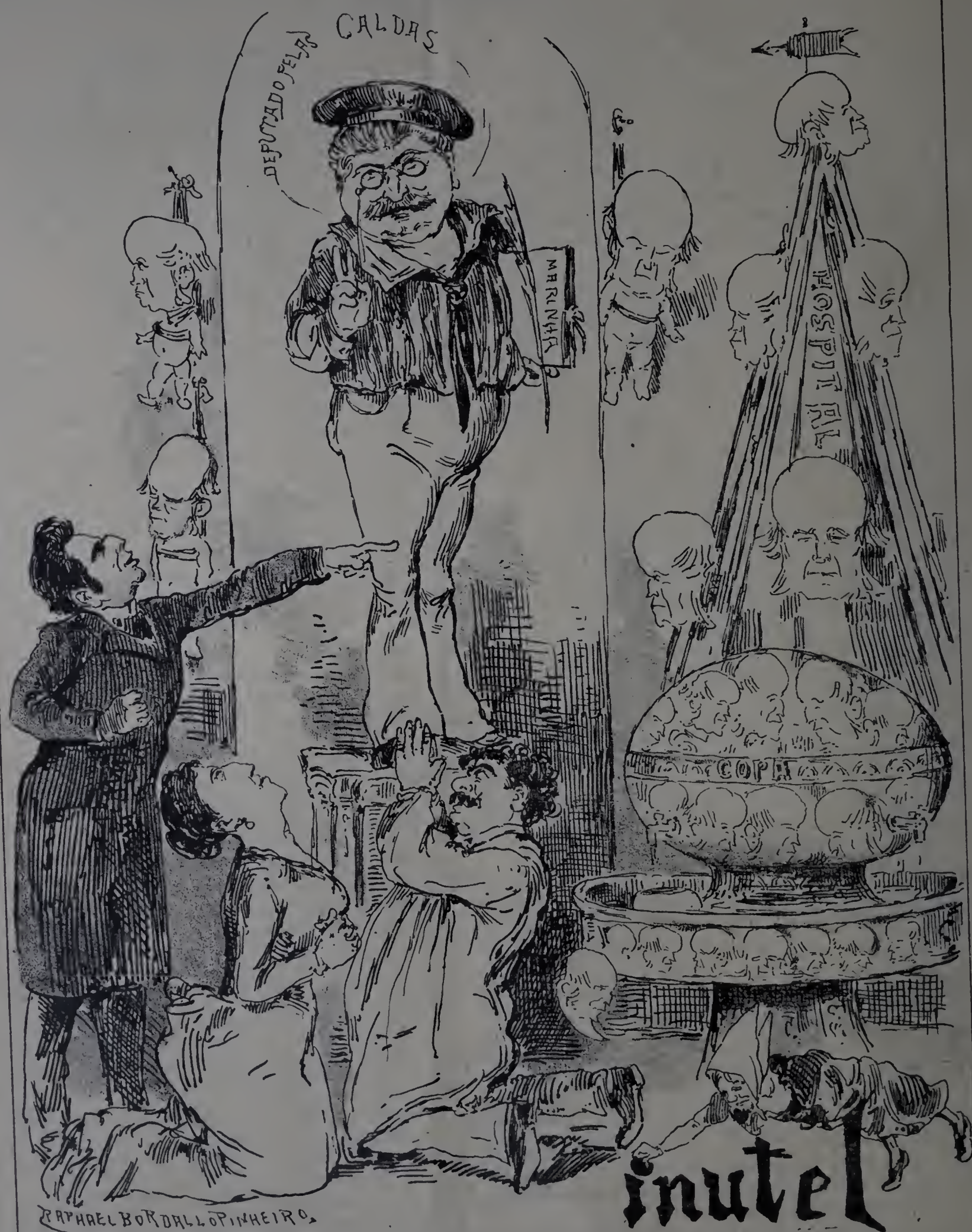
Pois o dente a que se allude,
Queixal, incisivo, ou presa,
Sendo dente de virtude,
E' do Fontes, com certeza!

Fontes, que as coisas arranja
P'ra segurar a dentuça,
Mandar um dente p'ra a Granja...
—*Tó rôla*... qual carapuça!...

.....
Só se o Fontes, que é um barra,
Fornece a materia prima
P'ra a Granja roer na parra
—Quando elle acabe a vindima...

PAN-TARANTULA.

ORAÇÃO



Senhor ministro de misericordia, deputado pelas Caldas da Rainha, refugio e fortaleza nossa, attendei a nossos piedosos rogos!

Pelas *Chagas* do vosso appellido, em nome da civilisação e do rheumatismo, do bom senso e das cavacas das Caldas, tirae do Hospital aquella peste, aquelle microbio da villa! Dae-lhe, Senhor, casa, cama e mesa, roupa lavada e engommada, dinheiro para cigarros e um caixote de bilhetes de visita, que elle se entretenha a distribuir pelas pessoas das suas relações durante o dia; dae-lhe, Senhor, chá e pão com manteiga á noite, mas dae-lhe tambem um valente pontapé que o atire d'aqui para fóra!

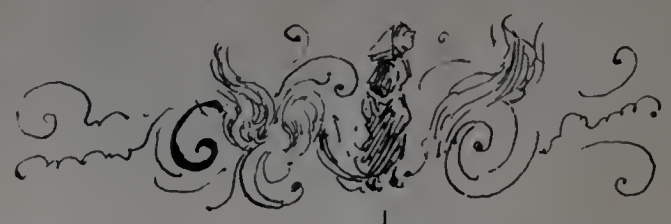
Amen...

O ALVIELLA

Pinto Coelho:—Apresento-lhe de novo esta querida *Falta d'agua,* e estou certo de que tanto se repetirão estas visitas, que uma e outra acabam por ficar amigas, não tornando mais a separar-se...

Os gallegos são o amparo da cidade...

CHRONICA



O ultimo domingo foi um dia de indecisões e perplexidades para o honrado lusitano.

(Claro que não nos referimos ao banco d'aquelle nome, como se prova pelo qualificativo...)

O burguez puro, o de raça, aquelle que moireja durante os seis dias da semana, para lhe ficar o direito de ir foliar todos os domingos por esse mundo e entrar todas as segundas-feiras uma hora mais tarde para o estabelecimento, com os olhos pizados e o paladar resumando *ferros-velhos;* o burguez viu-se devéras atrapalhado no ultimo domingo.

Foi o caso que nem menos de tres divertimentos de primeira ordem se offereciam á sua exploração!

Toirada com premio de vitella no Campo de Sant' Anna; Blondin no Jardim Zoologico, a flanar lá por cima, proximo do ceu onde passeiam os santos; e feira de Belem, com procissão de santos a brejeirarem cá por baixo, na terra onde passeiam os homens!

Bem quizera o indigena cortar-se em tres talhadas

para concorrer a todos esses divertimentos! E é que esteve mesmo corta não corta... Assim elle tivesse coragem para a operação, porque lá vontade e faca de cosinha não lhe faltavam, graças a Deus...

Houve respeitaveis donas de casa que não duvidavam trocar n'esse dia, pelo *dom* da ubiquidade, o *don* que lhes serve de guarda avançada ao nome de baptismo!

—Que fazes! perguntavam os chefes de familia já no patamar da escada, com o pingo do meio grosso pendurado no nariz e a esgroviada consorte pendurada no braço direito.

—Não sei! volviam ellas erguendo os olhos para a claraboia do quinto andar, como que pedindo uma inspiração celeste.

—A toirada com o premio da vitella é magnifico! consideravam elles; e então se nos sahisse o premio... era vitella sobre azul... A vitella havia de ter filhos, os filhos tambem haviam de ter a mesma coisa—se não fossem cantores da Sé Patriarchal—e aqui está como eu, d'aqui a meia duzia d'annos, já não sabia aonde metter tanta cabeça de gado *vaccum*...

—Pois sim; ponderavam ellas; mas olha que a feira de Belem, com a procissão do Corpo de Deus e meia dose de vitella assada ali á boquinha da noite, tambem não é nenhuma asneira...

E aqui se ficavam todos novamente perplexos, com o engodo da vitella crua a attrahil-os para o Campo de Sant'Anna e o petisquinho da vitella assada a puxal-os para a procissão de *Corpus Christi!*

Pelo que deixamos escripto já o leitor póde sem grande esforço fazer uma ideia da roda viva em que andou este pobre chronista, durante as horas d'aquelle negregado domingo!

Felizmente, devido á boa vontade das nossas pernas e á completa abstenção de carros americanos, que muito premeditadamente nos impozemos, conseguimos a tempo e horas chegar a todos os divertimentos!

A toirada foi, segundo a opinião do entendedores, uma corrida detestavel.

Nós, que não somos entendedor, achamol-a magnifica, a melhor e talvez a unica de toda a época, porque isto de toiradas em que todos os treze bois são rapidamente transformados em outros tantos palitèiros, sem lhes restar ao menos a consolação de apalparem com a cabeça os fundilhos d'um toureiro, será talvez uma coisa muito artistica, mas achamol-a tão semsaborona como aquelles estirados artigos laudatorios que monsenhor Pinto de Campos costuma fazer a si...

Uma toirada como nós a conhecemos, cheia de emoções nervosas e de curiosos incidentes, foi aquella de domingo.

Em primeiro logar, os homens que regaram a arena — talvez para demonstrarem que o Alviella quanto mais lhe rebenta o canal mais generoso é d'agua fresca — tanto fizeram trabalhar as mangueiras que a praça ficou transformada n'um elegantissimo aquarium.

Foi pena que os primos Peixinhos não tomassem parte na corrida, porque com toda aquella agua é que elles estavam nas suas sete quintas...

Os *peixes* que povoavam diversos camarotes preferiram ficar em secco — a vêr quem *cahia na rêde*...

Na *rêde* não sabemos quantos cahiram; agora na praça cahiram todos: bois, cavallos, cavalleiros — e até charutos de vintem!

Os capinhas vinham todos munidos de boias de cortiça e de cintos de borracha, e o beneficiado, queq uiz picar um boi debaixo d'agua (era esta a *surpreza* annunciada nos cartazes e em que o publico não reparou) apresentou-se vestido de scaphandro!

O cavallo do Mourisca, que cahiu com o cavalleiro no lodo cinzento do aquarium, parecia quando se levantou, visto do lado direito, uma peça decorativa de loiça das Caldas, antes da cosedura no forno.

O artista torceu uma perna, mas teve a coragem de ir a pé coxinho, como no *jogo do homem* montar outra vez a cavallo, o que lhe valeu a mais estrondosa das ovações.

E' sabido que quando uma pessoa quebra uma perna, os seus merecimentos artisticos trepam na craveira da opinião publica como o mercurio sóbe nos thermometros expostos ao sol d'agosto...

Nós já tivemos a experiencia em casa, quando o director do finado *Antonio Maria* tinha tanta graça por estar de perna estendida que até fazia vontade de lhe quebrar a outra...

Mal voltemos á toirada.

O beneficiado Monteiro apresentou-se a toirear montado n'aquelle celebre cysne branco que foi propriedade do sr. Fontes e que tanta habilidade tinha então para as *paradas* quanta negação mostra agora para as *corridas*...

Visto que o cysne não dava rego, Monteiro foi para dentro e voltou montado no camello do Jardim Zoologico.

Mas, como lhe faltava o cornaca para o levar pela arreiata ao pé do boi, o camello não fazia senão olhar para alguns espectadores, com ares de casquilho Narciso que se está mirando n'um espelho...

E depois, como o corpo lhe estava pedindo ovação, catrapuz! atirou comsigo e beneficiado no fundo do aquarium!

Mas o Monteiro teve o mau gosto de não quebrar perna nenhuma e era uma vez uma ovação!

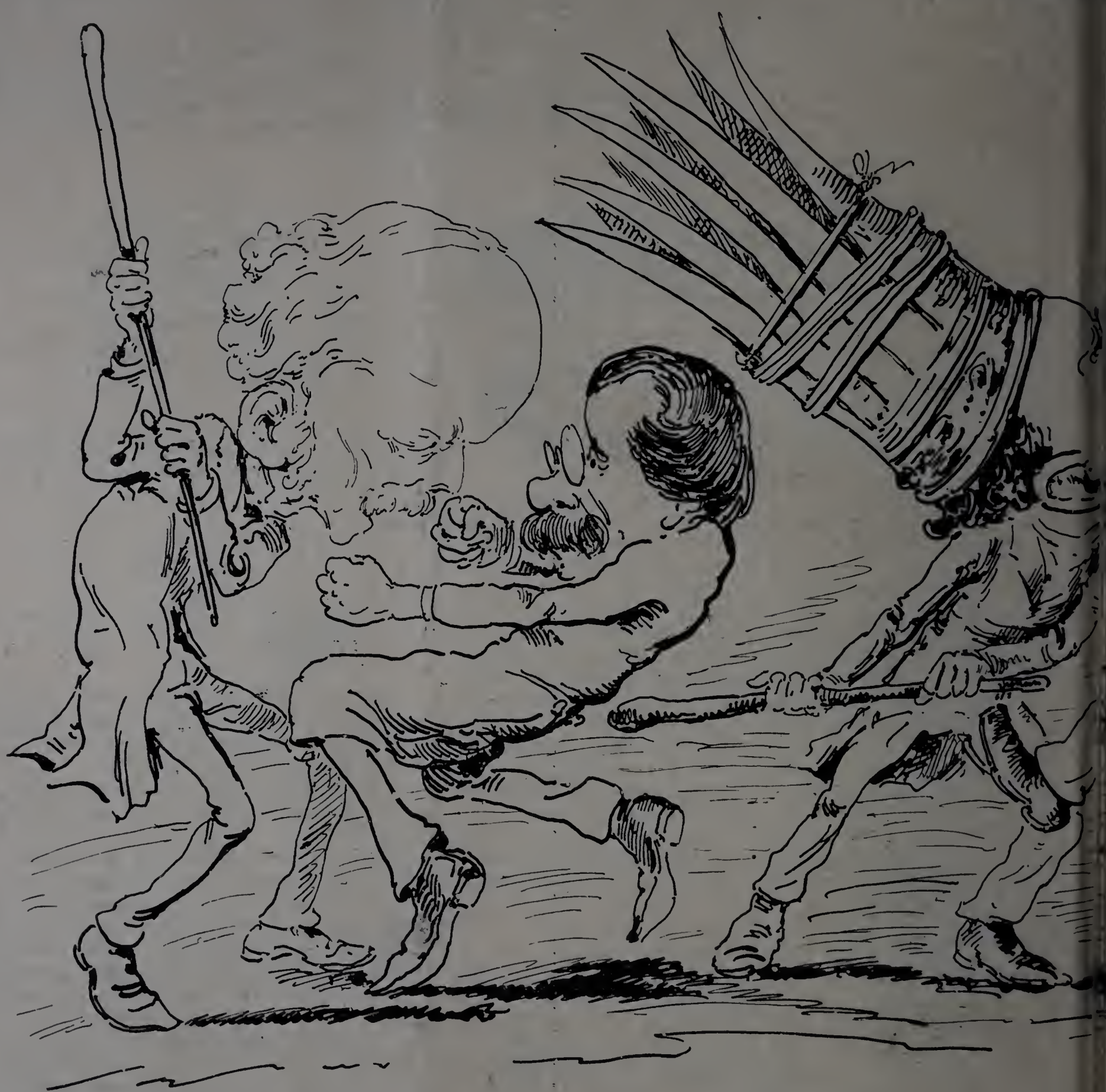
A's duas por tres já não havia quem picasse a cavallo, porque a direcção do Jardim Zoologico recusou-se a fornecer mais exemplares para aquelle fim e os bois destinados a cavallo, se quizeram recolher ao touril com farpas no cachaço, tiveram de pedir aos capinhas que lh'as espetassem pelo amor de Deus!

— E esta! resmungava ao voltar para casa um dos bois n'aquellas circumstancias; venho para a toirada d'um cavalleiro e não encontro cavalleiro nenhum! Bem diz o rifão: *Em casa de cavalleiro, espeto de capinha*...

* * *

O leitor comprehende decerto que tendo nós visto camello, lago e cysne no Campo de Sant'Anna, além das araras e pêgas expostas nos camarotes, fôra uma repetição superflua, como todas as repetições, ir d'ali para o Jardim Zoologico...

Considerando isso mesmo, preferimos a feira de Belem.



FESTINHAS PROGRESSISTAS

CARICIAS REGE

POLITICA

ORAS

BEIJINHOS REPUBLICANOS

A procissão desfilou, como sempre, magestosa e comnolenta. Os irmãos das differentes confrarias, embrulhados nas suas capas de varias côres, caminhavam tristes, meditabundos e silenciosos, de maneira que nem pareciam *irmãos*, pareciam individuos estranhos á familia!

As unicas pessoas que vimos alegres, folgazãs e galhofeiras foram os santos!

Os santos, coitadinhos, passam os trezentos e sessenta e quatro dias do anno engaiolados nas paredes dos seus nichos, muito tristes e muito aborrecidos, cheios de incenso e de bafio, apoquentados com Padre-Nossos e moscas varejeiras, fartos até aos gorgomilos das mesuras doces e das palavras assucaradas do padre prior — doçuras que enjoam e põem a barriga dos santos crivada de lombrigas — e ninguem deve por isso levar a mal que os pobres padecentes arreganhem o dente de satisfação quando chega o dia de virem passeiar um bocado para o ar livre, gosando a frescura da beira-mar e alongando a vista por cima dos chapeus das meninas elegantes...

E aqui está porque os santinhos iam tão contentes na procissão como uns ratos na dispensa...

Alguns vimos nós que, se não levassem os pés pregados no andor, até eram capazes de dançar de contentamento!

* * *

A feira está na mesma coisa de todos os annos.

As mesmas barracas com os mesmos berimbáus; os mesmos theatros com os mesmos palhaços; as mesmas pescadinhas com os mesmos rabos na bocca; as mesmas queijadeiras e até as mesmas queijadas, bemditas sejam as almas! — e mais os ditosos que as comerem (ás queijadas, está claro...)

A Sapa continua a ser disputada por todos os barraqueiros, cada um dos quaes se arroga a posse unica d'aquelle manancial de coisas doces.

Uma das queijadeiras levou a palma a todas as collegas affixando sobre a canastra das queijadas o seguinte curioso letreiro:

SÓ AQUI SE VENDEM AS VERDADEIRAS QUEIJADAS DA

SAPA

QUE É «PROPRIADADE» DO ESTABELECIMENTO

E aqui está como uma simples queijadeira transformou a desventurada Sapa — que a estas horas já está dando contas a Deus de todo o pão dentado e bolorento com que amassava as suas queijadas — n'uma bella *propriadade* pertencente ao estabelecimento, uma vivenda encantadora, com bonecos de gesso e vidrinhos de todas as côres, como aquella que possue na estrada de Bemfica o commendador Quintino Antunes, hoje eminente visconde de S. Marçal (que é o advogado dos fogos) e *eminente* a dois carrilhos, porque não só o viscondado está eminente á hora em que escrevemos estas linhas, como elle commendador já era eminente mesmo antes de ser visconde!

PAN-TARANTULA

SATISFAÇÃO DO GOVERNO

Á OPINIÃO PUBLICA

O Bailio illustra-se com o caso tragico da travessa da Espera.

Corollario: E' feito governador civil de Braga.

Purgueroide torna o seu nome celebre com a decantada polka do *Pensa-Posza*.

Resultado: Purgueroide é elevado a presidente do jury de litteratura portugueza.

Manoel Raymundo, o mestre de obras dos Jeronymos, sabio archeologo do *Commercio de Portugal*, é convencido publicamente de vandalo.

Consequencia: A commenda de Aviz cae sobre o peito articida do referido sabio.

Depois d'isto, resta-nos pedir para maior escarmento dos injuriadores professos e contumazes:

1.º—Uma sova fornecida por alguns sicarios officiaes nos dorsos sacrilegos do sr. Conselheiro Arrobas, do redactor das *Novidades* e do folhetinista do *Diario Popular*;

2.º—Com respeito ao caso mais recente, o de Manoel Raymundo, o sabio, a substituição da commenda de Aviz pela de S. Thiago, do merito scientifico litterario e artistico, para annular os projectos furibundamente articidas do grande Manoel Raymundo, o *alquitéto*.

Luzus.

Podemos informar ao nosso estimavel amigo *Luzus* que o governo de sua magestade não tira o olho de cima d'aquelle notavel *alquitéto*.

Lá a commenda de S. Thiago não lhe dará o governo emquanto o homem, que é damnado para as *engenharias*, não provar que sabe ao menos o bastante para dar serventia a um pedreiro — e a tanto, suppomos nós, não chegarão os conhecimentos scientificos do *alquitéto* — mas a gran-cruz de Aviz abiscoita elle com certeza, logo que construa ao nascente dos Jeronymos um *pombal* tão galantinho como o que edificou ao poente do mesmo monumento.

O governo, que tudo prevê,
Deve estar de gran-cruz preparado,
P'ra quando *ell'* fizer mais um *chaler*
Do outro lado
Do outro lado!

ARCADES AMBOS

Um dia o *Pim*
—Caso espontanio—
Sentiu-se assim
Assim a modo
Tolhido todo
Com dor's no craneo!

Sentindo em brasa
Toda a cabeça,
P'ra que a doença
Se lhe dissipe,
Mandou a casa
Chamar á pressa,
Sem mais detença,
O Zé Filippe...

Veio o doutor
Prompto e ligeiro
Tratar da dôr
Do conselheiro.

E a aconselhar-lhe
Perdesse os medos,
Sem ceremonia,
Poz-se a apalpar-lhe
Co'os cinco dedos
A cachimonia...

E disse apoz,
A meia voz,
Calçando a luva,
Miténe ou guante:
—Banhos de chuva
Não é bastante.

O *Pim* co'o susto
A vista perde,
Torna-se verde
Como o coentro,
Quando o Filippe
Lhe disse tinha
Na moleirinha
Coisa lá dentro!...

—Oh! ceus! exclama,
Em caramunha,
Dentro da cama,
Abrindo a bocca,

Franzindo a *facha*:
—E eu que suppunha
Que tinha a tóla
Inda mais occa
De que uma bóla
Das de borracha!...

Não tarda nada
Que o Zé Fillippe
A' lancetada
O craneo *estripe*!...

A vêr o que elle
Lá dentro tinha,
Corta-lhe a pelle
Da molleirinha
E n'um virote
Toma o serrote
E d'um só bote
Serra-lhe a pinha!

E no entretanto,
Muda de espanto,
Um novo caso
A gente observa,
—Se por acaso
Não é parola
O do Deus Jupiter,
A quem da tola
Sahiu Minerva...

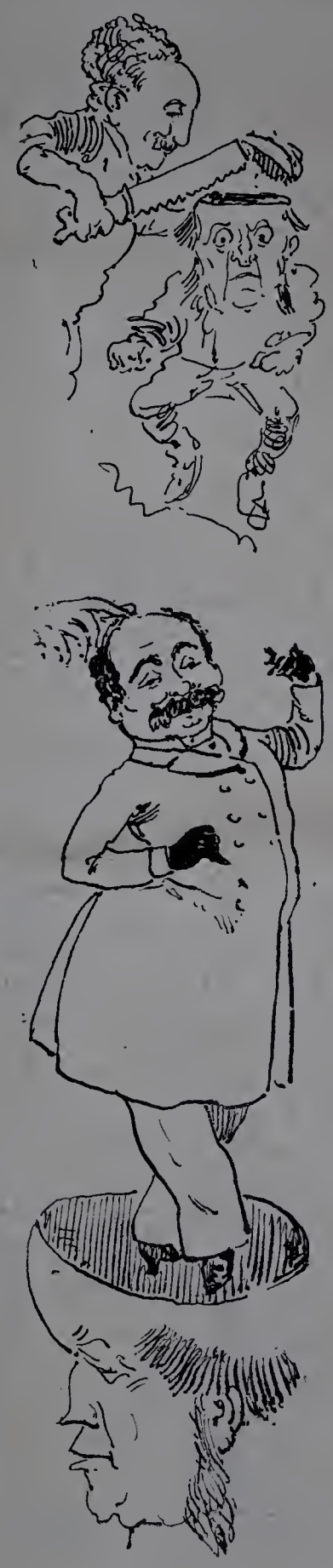
Tendo empurrado
Lá bem para dentro
Quatro troquezes,
E vasculhado
Muito no centro
Por varias vezes,
Emfim, achado
N'um escaninho.
Todo inteirinho
Sae o Menezes!!!

.....

Ouvi a coisa
D'esta maneira...
Não assevero
Se é verdadeira
Como a relato,
Mas considero;
— *Si non é vero*
E' ben trovato...

.....

Ha já que mezes
Que eu madurava
E matutava
De mim p'ra mim,
Que o tal Menezes
Assim matuto
Era *producto*
Do proprio *Pim!*



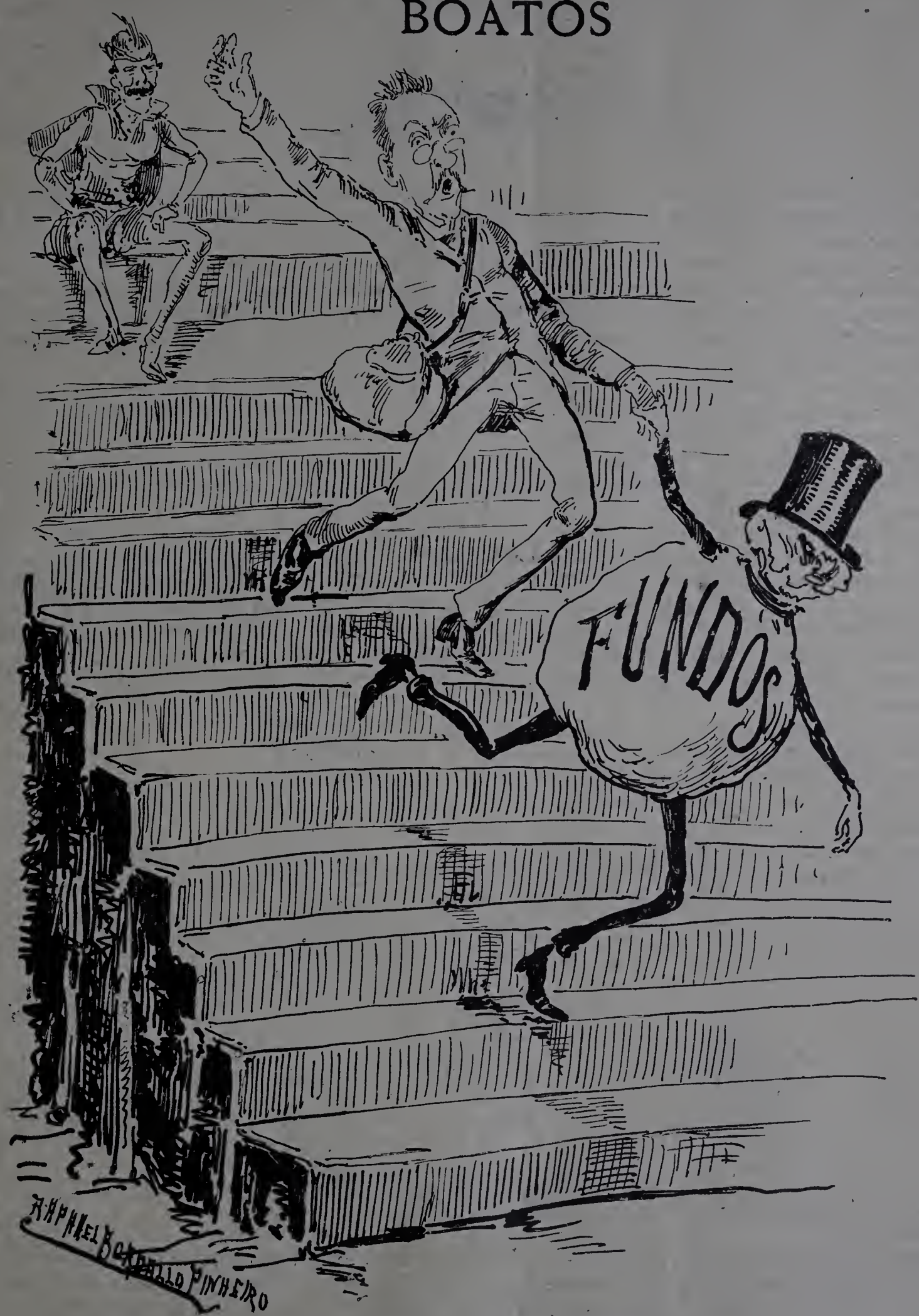
PAN-TARANTULA.

FRUTA DO TEMPO

Quando chega o calôr, diz a gente assim, fazendo côro com os gazetilheiros de todos os jornaes:

Com este tempo que corre,
Com este enorme calôr,
Nada de novo me occorre
Que possa dar ao leitor...

BOATOS



— *O' seu Fundos* não desça tão depressa, olhe que eu *caio*...

CHRONICA

Uma lindeza de tempo para todos os paladares:

Calor de dia para os friorentos e ventania de noite para os encalmados.

Aquellas chuvinhas traiçoeiras que de quando em quando desabavam para ahi inesperadamente, no momento *psychologico*—para fallarmos bem e depressa — em que cada um se preparava para passeiar alegremente de caleche descoberto até á estrada de Carriche, já lá vão e promettem não voltar.

Pois fazem falta, porque ellas substituiam vantajosamente o esguicho municipal na rega da cidade.

Jehovah, ou quem quer que seja que entorna o cantaro pluvial, entende inegavelmente muito mais da poda das regas de que o sr. Rosa Araujo.

E depois, Jehovah tem á sua disposição todas as trombas que os ares escurecem e sobre nossas cabeças apparecem, ao passo que Rosa Araujo não dispõe senão da tromba da companhia das aguas, representada na pessoa do sr. Pinto Coelho, que está sempre a quebrar os syphões do Alviella, só para mostrar que não é *liberal*—até na agua que a gente lhe paga com lingua de palmo.

—A's vezes de palmo e meio, tal é a sêde!...

E Rosa Araujo, por muito que lhe sobeje a vontade —e tudo mais—não tem, ainda assim, recursos proprios para regar, elle só, todas as ruas da capital...

N'estes termos parecia-nos de toda a conveniencia que Johovah e Rosa Araujo trocassem os logares, recebendo o primeiro das mãos do segundo as chaves da cidade e indo Cócó para o reino dos ceus, passar o resto dos seus dias.

Cada um para o que Deus o fez...

O sr. Fontes está em Pedroiços e o sr. Hintze está na berlinda.

Ao passo que o mentor se refresca nas salsas ondas, apanha o pupillo um calor nos artigos dos jornaes!

A baixa de fundos tem sido o assumpto principal de todas as conversações e de todos os escriptos.

Os artigos politicos das varias folhas já não são artigos de *fundo* são artigos de *fundos*.

Os capitalistas de Buenos Ayres e suas redondezas, apesar de viverem na cidade alta, não se interessam senão pela *baixa*.

E os fundos sempre baixos, muito baixos, como fundos de poços, e os jornaes a escreverem columnas sobre columnas para atirarem com o sr. Hintze de pernas ao ar, como se fôra coisa admissivel uma pessoa tão séria de mãos pelo chão...

Só o *Commercio de Portugal* architecta diariamente o melhor de trez columnas para botar o sr. Heintze de cangalhas!

Ora vejam isto! Antigamente construiam-se as columnas para amparar; agora fazem-se para deitar abaixo!...

Entretanto o sr. Fontes mette-se na concha a respeito de fundos, emquanto se entretem a apanhar conchinhas na praia de Pedroiços, que os seus mimosos pés pizam descalços todas as manhãs, do que lhe resulta voltar a casa com os mimosos dedos locomotores salpicadinhos de fina areia da praia.

Sobre este ponto damos-lhe um conselho:

Ande na praia de meias,
Não queira Deus que aconteça
Que um bello dia as *areias*
Lhe vão dos pés p'ra a cabeça...

* * *

O *Correio da Manhã*, o mimoso canteiro onde se cultiva a fina flor dos litteratos portuguezes; — uma especie de *manual pratico de litteratura* para uso das familias — publicava ha dias um elegante conto intitulado *A Condessita*, que, só pela gentileza do deminutivo, nos pareceu cheirar a rosas que era uma consolação...

Lêmos.

A condessita estava tocando piano e catrapiscando ao mesmo tempo um rapazola visita da casa; quando ella voltava a cabecinha airosa, como diz o auctor, «o olhar da condessita só encontrava o olhar de Christiano (Christiano era o melro) os seus labios carminados só adivinhavam os labios d'elle, unidos e alongados para ella n'um beijo invisivel que a perturbava toda ..»

Continuámos a lêr porque nos estava interessando devéras este Christiano de beiços alongados, muito compridos, que perturbava a condessita como as cegonhas quando estendem o bico costumam perturbar as minhocas...

D'ahi a bocado démos com isto, que não podemos deixar de transcrever na integra:

«De subito, quando não tinham ainda cessado os bravos estrepitosos e a condessita começára a dedilhar a mais harmoniosa sonata do grande allemão, uma nota desconhecida, original, ainda não executada até ahi, encheu a sala.

Essa nota curiosa, esse estranho som, tinha notavel similhança com o que descreve o Droz n'um dos seus contos formosos. Os que a escutaram, que foram todos, não tinham na memoria as palavras do fino prosador, a descripção d'aquelle ruidosinho, que tinha alguma coisa de mysterioso e afflautado, de penetrante, de manhoso e de aggressivo. Não era um murmurio do sobrado, uma queixa do banco ou da cadeira; era como a voz lamentosa de alguma nota aguda e retardada.»

A nota dera-a a condessita, endossando depois a responsabilidade ao seu mais que tudo, que pareceu acceitar essa responsabilidade sahindo da sala apressadamente...

A condessita muito reconhecida pelo serviço casou com o Christiano, vindo a saber passados mezes que elle sahira da sala porque—oh! coincidencia!—... tambem lhe acontecera o mesmo!

Como o leitor vê, o conto é um *bouquet* de madresilvas, sendo pena que o titulo não condiga perfeitamente com o texto.

Parecia-nos melhor que, em vez de *Condessita* o conto se intitulasse: *Dois... suspiritos...*

*
* *

Pegou fogo na barraca onde a *menina gorda* se mostrava ao publico na feira de Belem.

A *menina gorda* não desappareceu nas chammas porque, para queimar todo aquelle volume, não bastava nem o incendio da Patriarchal, mas o calor derreteu-lhe tanta banha que se operou n'ella esta transformação:

Antes do fogo — Depois do fogo

Zilu foi assistir á matinée com banda da guarda municipal realisada ha dias no edificio do governo civil e sahiu de lá extremamente penhorado pela amabilidade dos donos da casa.

A' despedida, Zilu, para provar que é tão democrata como o Cicilio da *Folha do Povo*, disse que não queria excepções nas visitas sanitarias, pedindo até que lhe visitassem o albergue — não o do Intendente, mas o do largo da Ajuda.

De fórma que lá foi o governador civil acompanhado do delegado de saude proceder a uma vistoria real...

Nada de mais natural... Zilu desceu á Parreirinha para elogiar Peitilho; Peitilho sobe a calçada da Ajuda para elogiar Zilu...

Isto mesmo já andou em tempo pelas esquinas, estampado nos cartazes de *D. Maria*.

Chamava-se o *Elogio mutuo*...

Agora o que não invejamos lá muito é a opinião que o publico ficará formando dos medicos effectivos da real casa, que alli vivem de portas a dentro...

Segundo o nosso humilde conceito, suas ex.as poderão ser tudo n'este momento mas lá medicos é que não são...

O que são, com toda a certeza, é uns refinadissimos besuntões que deixaram chegar o paço a tal estado de immundicie que até o proprio dono da casa vem pedir á policia a intervenção misericordiosa do côco e da areia official!

*

* *

O Raio veio de proposito do Porto a Lisboa para levar áquella cidade a banda dos pretos de S. Thomé.

AURORA DO B

PARODIA DO QUADRO «A

Isto consente-se em tempo de epidemia !!
Este *fresco* é para ornar o palacio do go

LIO EM BRAGA

A DE GUIDO EM ROMA»

civil e deve ser visto por um canudo.

Estes pretos veem precedidos de tal fama de Lovelaces, em vista da manifestação que lhe fizeram á despedida as damas de Antuerpia, beijocando-os por todos os lados, que emquanto elles não voltarem ao patrio ninho e andarem por ahi a viajar para cá e para lá — pleto vae, pleto vem, pleto ribola — não póde haver descanço no seio das familias.

Os chefes de familia e os maridos zelosos da invicta ficaram com a pedra no sapato assim que viram o Raio acompanhado d'aquella banda de chocolate e confessaram preferir que lhes tivesse cahido um raio celeste em casa a que lhes cahisse na cidade o Raio patricio com toda aquella pretalhada!

— Mas nós queremos ir ouvir a musica dos pretos! bradam esposas e filhas a quem os respectivos paes e maridos fecharam a sete chaves.

— Pae Paulino tem olho! respondem elles; a musica que vocês querem é outra, mas para cá não péga... Cantava a Anna Pereira na *Trindade:*

«Dizem que os beijos de preta
Sabem a uvas ferraes...»

Os de preto, naturalmente, sabem a bastardinho e nós não queremos *bastardos* cá em casa...

— Que nos fique ao menos o direito de dar espirros (accrescentavam os maridos) sem encavacar... os nossos filhos!...

No Jardim Zoologico:

Eusebio: — *Éna!* que enormes patas que tem o urso ó compadre!

Estanislau: — Agora por patas; você já viu aquellas aves que estão lá em baixo, d'uma especie rarissima, de que talvez não haja mais exemplares na Europa?

Eusebio: — Não vi.

Estanislau: — Pois vale a pena vêr só pela originalidade. Ora imagine que... sim... eu não sei bem como lhe heide explicar isto... Em summa... propagam a sua raça... servindo-se das patas!!!

Eusebio: — Das patas?!! Essa agora lá me parece historia!... E como se chamam esses abortos da natureza?

Estanislau: — Ora como se haviam de chamar!... — Chamam-se *patos*...

PAN-TARANTULA.

É ELLE!...

Agora é que é estar álerta,
Agora é que é raspar já!
Agora é que a coisa é certa,
Agora é que o temos cá!

Eis o caso: um guarda addido,
Que fazia a ronda a pé,
Foi dar co'um homem cahido
Perto das Cruzes da Sé!

Deitado sobre a canhota,
'stava estendido e sem falla,
— Tal qual pescada marmota
Quando é preciso escamal-a!

P'ra o homem curva-se o guarda,
Que era direito e bem posto,
Fazendo rugas na farda,
Mostrando rugas no rosto.

— Olá! responde, estafermo!
Bebeste giripiti?...
Qual historia! o pobre enfermo
Nem dava accordo de si!

O guarda as iras aplaca
E diz mais brando: — Olaré!
Quer vir de trem, ou de maca,
Ou póde andar por seu pé?...

Não dando o enfermo respostas,
Da esquadra vae p'ra os conchegos,
Em maca levada ás costas
Por dois possantes gallegos.

— Isto é um vil borrachão!
(Diz um dos guardas maledicos)
Mas, pelo sim pelo não,
Mandem lá chamar os medicos.

Attento o p'rigo da quadra,
Vêm os dotor's — mais de mil —
Todos os chefes de esquadra
Todo o governo civil!

O Burnay toma-lhe o pulso
Co'uma attenção singular
E o homem, todo convulso,
Põe-se logo a vomitar!

Brada um Galeno: — Vae torta!
Abram depressa as janellas
E mandem pôr n'essa porta
Um cordão de sentinellas!

Examinando-lhe o vomito,
Diz mais: — Bem pouco me alegro...
Temos o cholera indomito!
Isto é o vomito negro!!!

Co'aquella horrivel noticia
Deu tudo um grito infernal,
Desde o mais reles policia
Ao commissario geral!

Cahiu mais d'um sobre o banco
Por não se ter já nos pés,
E o Peitilho fez-se branco
Como um limpa-chaminés!...

N'isto o enfermo volta a si,
Dizendo, em suor coberto:
—Ha pouco, julgo que ouvi
Ser negro vomito... E' certo!

—Fallo verdade, pois sinto...
Vou dar meu ultimo arranco...
.....
— Tendo eu bebido do *tinto*
Lançar não posso do *branco*...

PAN-TARANTULA.

Apresentamos ao leitor o seguinte curioso mappa, por onde se prova que os caminhos de ferro portuguezes são, como tudo mais, propriedade do sr. Fontes e respectivo familorio.

A's pessoas que julgarem invenção nossa as affinidades adiante transcriptas facilmente provaremos a sua veracidade.

Segue o mappa:

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DOS CAMINHOS DE FERRO DO NORTE E LESTE

AFFINIDADES CONSANGUINEAS

FONTES GANHADO.....	Sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
CONDE DE CABRAL.....	Pae da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
CONDE DA FOZ.....	Marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
FERNANDO PALHA.....	Primo do marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
FRANCISCO WANZELLER.....	Marido da irmã do primo do marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
MIGUEL OSORIO.....	Irmão da mãe do primo do marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
JORGE O'NEIL.....	Primo da mulher do primo do marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
ADOLPHO DE LIMA MAYER.....	Marido da prima da mulher do primo do marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
VISCONDE DAUPIAS (presidente da assembléa geral)	Sogro d'um primo da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
ANTONIO DE SERPA (commissario regio.)	Tio do marido da prima do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.

AFFINIDADES FINANCEIRAS

ABRAHÃO BENSAUDE.....	Collega, na Direcção de um Banco, do marido da prima da mulher do primo do marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
ANTONIO JOSÉ GOMES NETTO.....	Collega, na Direcção d'um Banco, do primo da mulher do primo do marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
ANTONIO PEREIRA DE CARVALHO..	Collega, na Sociedade Agricola, do marido da irmã do primo do marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
HENRIQUE JORGE MOZER.....	Companheiro, nas explorações mineiras e outras, do marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
VISCONDE DE MACIEIRA.....	Companheiro, nas explorações mineiras e outras, do marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.
MEM RODRIGUES DE VASCONCELLOS..	Companheiro, nas explorações mineiras e outras, do marido da irmã da mulher do sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello, etc., etc., etc.

TINHAMOS AINDA:

MARIANNO CYRILLO DE CARVALHO — Que não é sogro, nem tio, nem primo, nem irmão, nem cunhado, nem companheiro, nem correligionario politico, nem collega, nem accionista dos caminhos de ferro, nem pretendente a director de nenhuma companhia subsidiada, que já regeitou ser Governador civil, Director geral, Par do reino, Ministro, Embaixador, Conselheiro d'Estado, etc., etc., etc.

ACHA-SE AGORA:

Accionista do caminho de ferro, director da companhia, companheiro e provavelmente irmão, tio, pae, avô, primo, sobrinho, sogro, etc., etc., etc., de todo os sobrinhos do mesmo sr. Fontes Pereira de Mello.

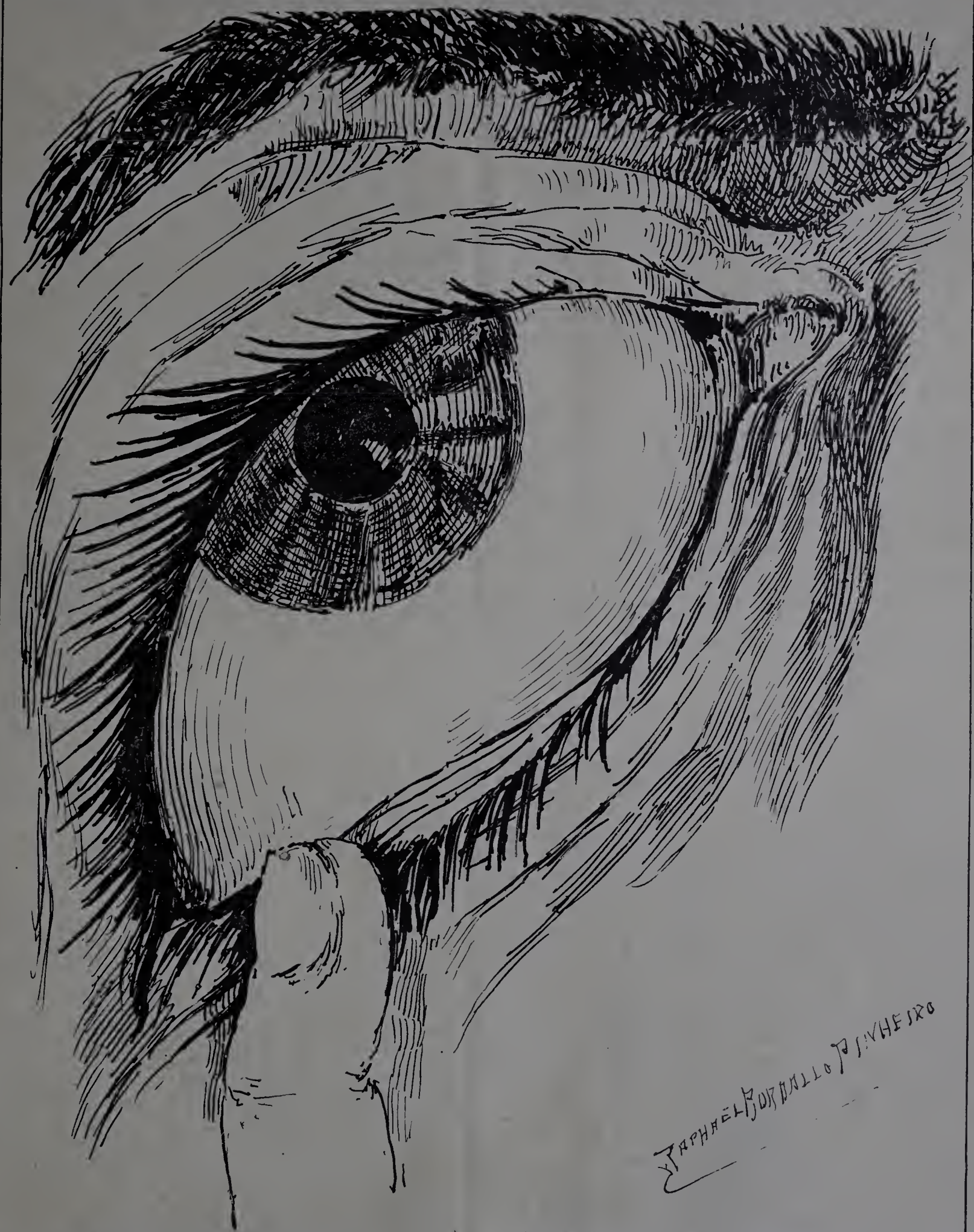
QUESTÃO D'OCCASIÃO!!!!!!

RESULTADO
DA VISITA SANITARIA AO «ALBERGUE»

O delegado de saude :— Isto não está capaz ; era necessario arejal-a, isolal-a... Mas é melhor não lhe mecher, porque isto, quanto mais se lhe meche... peior...

OLHO COM ELLES!...

DESENHO DEDICADO AO DISTINCTO MEDICO OCULISTA DR. LOURENÇO DA FONSECA



Os ministros 'stão todos na praia
Ou no campo. Eu cá tenho razões
P'ra pensar que não tarda que saia
O producto das locubrações...

N'este tempo de v'rão, bemfadado,
Pensa muito lapuz nada esperto:
«Póde o povo dormir descançado...»
...—Pois agora é que é estar d'olho aberto!...

CHRONICA

Ao fazer d'esta confessamo-nos sinceramente atrapalhados por não sabermos de que assumpto lançar mão, entre a enorme fuzilaria d'elles que para ahi tem estoirado.

Se o leitor levasse a sua natural e incommensuravel benevolencia ao ponto de nos dizer qual é a especialidade que mais a miudo costuma dar-lhe no goto, creia que nos tirava agora de um embaraço penosissimo.

Mas o leitor não quer levar a sua benevolencia tão longe de casa e isso atrapalha-nos a valer... Vamos, homem de Deus! Despache-se por quem é, e diga para ahi de que quer que lhe fallemos... Da politica? da litteratura? da sciencia? da agricultura? das artes?

Bem! uma vez que não desembucha, não teremos remedio senão fallar-lhe de tudo isso, contentando assim todos os paladares.

Em primeiro logar, e aqui para nós, entre parenthesis, saiba que esta chronica é escripta do campo, ou coisa muito parecida com isso. Escrevemos n'um quarto terreo, n'uma intimidade muito proxima com os gallos que cantam na rua e os saloios que vão para o mercado, conversando n'uma berraria e n'uma liberdade de phrase de quem não tem papas na lingua nem precisão do peitoral de Anacahuita...

No campo, como sabem, quasi todas as casas são terreas. Apparece um primeiro andar, um segundo, quando muito, mas lá d'aquellas seis e sete prateleiras de familias a que em Lisboa dão nome de predios, é que por cá se não vêem.

Á porta do nosso quarto, que diz para a estrada, grunhe dolorosamente ha mais de meia hora um porco tão teimoso como aquelle proprietario do pateo do Penalva que não quer o cano na habitação nem á mão da policia toda poderosa.

Já fizemos sentir ao porco toda a gravidade da sua inconveniencia, primeiro com um discurso eloquente e depois com um ponta-pé eloquentissimo, mas nem o ponta-pé o convenceu nem o discurso o fez fugir.

Sentimos pela primeira vez na vida o desgosto de não sermos visconde d'Arriaga; com um discurso de s. ex.ª é que não havia porco que não se pozesse a andar.

Deixal-o! Grunha á sua vontade que nós continuaremos a escrever, como se estivessemos fazendo a chronica ao som d'uma dissertação de *Pisca-pisca*, no Curso superior de lettras...

Mas vamos á chronica.

A respeito de politica, um manancial!

O *Correio da Manhã*, por exemplo, discute com o *Progresso* um communicado do padre Luiz da Silva, o *Popular* publica revistas commerciaes e a *Folha do Povo* trata questões agricolas.

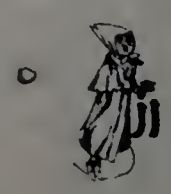
Já vêem que é politica por uma pá velha...

Agora parece que vae publicar-se uma longa série de artigos de fundo em todos os jornaes politicos, tendo por base os annuncios amorosos do *Diario de Noticias*.

Em litteratura não houve nada de notavel esta semana.

Esperava-se um primoroso artigo de Pedro d'Alcantara em resposta a Jayme José, mas como o Pedro embrulhara o original n'um canudinho muito estreito, que deixou empregnado do cheiro dos dedos, os ratos tomando o artigo por uma vella de cebo de Hollanda foram roendo roendo, a ponto de não lhe deixarem nem o pavio!

Pedro d'Alcantara ficou banzando e protestou que de futuro já não escreve para a imprensa senão com tinta indestructivel, porque, diz elle, ainda que os ratos roam o papel lá as lettras é que elles não conseguem destruir...



A sciencia tem caminhado a passos de Brion na estrada das descobertas contra o cholera.

O chamamento das reservas, com o contrapeso do general Microbio de Vasconcellos, foi o golpe de misericordia atirado á cachimonia do desventurado bicho.

E, como se isto não bastasse, foi ainda por cima publicado no *Diario do Governo* que a admissão de doentes no hospital de S. José só terá logar das nove ás onze horas da manhã, que é exactamente a hora a que o microbio está em casa a fazer as suas precisões, não podendo portanto sahir para a rua a metter-se no corpo das pessoas desprevenidas...

Fóra d'aquellas horas ninguem terá o direito de adoecer, ficando o microbio pintado para todos os effeitos!

*
* *

Relativamente a agricultura, vidè secção respectiva no almanach Borda d'Agua:

«No crescente, semeia syndicatos, empregos, negociatas e emprestimos, póda contribuinte no minguante, e colhe depois contribuições por dá cá aquella palha.»

Em artes um grande desenvolvimento na decantada do padre Vieira — e correlativas.

Numerosos familorios continuam a abandonar Lisboa, semeiando-se pelas praias e espraiando-se pelos campos, o que nos parece d'um mau gosto imperdoavel, agora que a cidade está mais do que nunca uma rainha do Oceano.

No tempo em que lh'o chamaram é que ella não estava semelhante coisa. Era uma porcalhona, uma mal amanhada que até fazia nojo á vontade mais golosa!

Mendigos repugnantes, com as caras cobertas da eresipella com que as nossas criadas pintam os tijolos da chaminé, perseguiam-nos pelas ruas com lamurias impertinentes como um nervo de carne cosida ou uma tripinha de salame entre dois queixaes.

Hoje o mendigo, civilisado já, pede-nos esmola de chapeu na cabeça e quando lh'a recusam afasta-se logo cortezmente dando uma descompostura no bemfeitor.

D'antes existia o fadista de profissão, typo especial, baixinho, enfesado, bailhão, escondendo completamente dentro das calças de bocca de sino uns pésinhos microscopicos que nos levavam a crêr que todos os fadistas tinham costella de chinez; o fadista que dava facadas por gosto, que não podia dormir descançado sem ter visto o interior d'uma pessoa, como o leitor tambem não dorme sem tomar a sua chicara de chá preto.

Hoje o fadista já não é um vadio como n'aquelles tempos, é commutativamente um artista — tocador de viola, por exemplo, que tira as tripas á humanidade para depois as applicar ás caravelhas do instrumento.

Antigamente, o chefe da repartição que queria engraxar os sapatos fóra de casa, tinha de ir ao Caes do Sodré ou ao largo do Corpo Santo e passar alli um quarto d'hora de pé no ar, em posição de cegonha, o que era quiçá incompativel com a dignidade repetida de chefe e de conselheiro!

Hoje, o alto funccionario tem mesmo á entrada da secretaria, cá em baixo na arcada, soberbos engraxadores com cadeira de braços, escovas opulentas e tapetes sumptuosos, um conforto de tal ordem que até faz gosto a gente passar pelo Chiado, logo em seguida á rega camararia, para ir depois para a arcada e ser engraxado até aos cotovellos!

Ha dias, quando vimos todo aquelle luxo, verdadeiramente oriental, até nos pareceu impossivel como o sr. Fontes se não resolve a proceder n'aquelle sitio á engraxadela dos seus bigodes!

PAN-TARANTULA.

DAS CALDAS

O dia 15 foi de divertimento em toda a linha.

A' noite o club embandeirou um arco, isto é, deu phylarmonica aos valsistas e cavacas a todos os frequentadores.

Uma festa que hade ficar eternamente memoravel tanto no paladar como nos ouvidos de toda a gente.

Já na vespera não se fallava d'outra coisa, senão nas cavacas e todos os socios do club andavam pela rua a lamber os beiços e mais contentes de que os veteranos da liberdade em madrugada de 24 de julho!

Como nos collegios, onde os meninos que se condusem bem têem direito á sobremesa de doce, o conselheiro *Pim* recompensou n'essa noite a collegiada com quatro opulentos kilos de cavacas!

Dizem uns que aquella profusão de cavacas é um brinde offerecido todos os annos pelo conselheiro aos socios do club como se usa nas emprezas de publicações romanticas, affirmam outros que *Pim* deu as cavacas em premio da obediencia com que todos acolheram o edital do conselheiro determinando que ninguem levasse o *Diario de Noticias* de cima da mesa do club — ainda que a rasão para tal furto fosse das mais eloquentes...

A POLITICA D'E

ÁS MO

A SEMANA

CAS

A' hora do chá, *Pim* entendeu e muito bem que quatro kilos de cavacas para seiscentas pessoas representavam pelo menos mil e duzentas indigestões, e foi muito surrateiro metter-se na cosinha, onde passou a noite a arranjar as bandejas pondo bolaxinhas por

cima das cavacas, de fórma que nem vista de lynce era capaz de as descortinar, porque, se os lynces vêem atravez dos muros, lá atravez das bolaxinhas do club é que lhes damos um doce se forem capazes de vêr alguma coisa...

Para fazer sahir as cavacas cá para fóra era necessario cavar um tunnel nas bolaxas e metter depois um gancho com o qual se pescava o appetecido bolo.

Algumas familias empregaram para esse fim, com um exito brilhantissimo, as placas que ornamentavam

o salão, feitas de arame torcido — como torcido fica o nariz do conselheiro sempre que lhe fallem em melhoramentos para os quaes se torna necessario abrir os cordões á bolsa, que não é d'elle.

Depois das placas, só vimos de notavel algumas *salvages tripophagas* de que damos um esboço.

Como dissemos, a concorrencia ao club foi enorme, não havendo no chão espaço onde coubesse um alfinete de freira!

N'estas circumstancias os valsistas tiveram de dançar no ar, imitando o grupo que está na parede, o que

fizeram com a maior facilidade e sendo em grande numero os pares que andavam lá por cima a bater as azas e a dar á gambia — o que não causa estranheza, sabendo-se, como se sabe, que os anjos de caridade andam agora por toda a parte a menos de tres ao vintem.

Em vista da dança ser alada, não se podia distinguir n'essa noite as pessoas aristocraticas das pessoas plebêas. Nas mais noites distinguem-se perfeitamente, porque as aristocraticas dançam sempre junto do piano, um piano com accessorios de café de lepes, taes como o estrado sobre que assenta e a especie de grade que o defende das dedadas dos freguezes.

A proposito de fidalguias, podemos fornecer as seguintes intrucções a todos os frequentadores tanto de thermas como de banhos do mar:

Cada um deverá prevenir-se com os seus pergaminhos, brazões e arvores genealogicas — ou mesmo zoologicas, não havendo d'outros — afim de se poder inscrever como socio dos clubs, especialmente do Club pão com manteiga, das Caldas da Rainha, e adquirir assim direitos a dançar do lado do piano.

Quando se mandar o nome e os tres mil réis para a inscripção de socio juntar-se-lhe-hão aquelles titulos, ou então a importancia de um conto de réis em substituição de cada avó illustre, o que vem a dar na mesma. Este valor é nominal e poderá ser apresentado em inscripções da Junta do Credito Publico.

*
* *

No passeio da Copa.

— V. ex.ª é de linhagem muito antiga?

— Pois que duvida! Sou da mesma linhagem de que se fizeram os calções de D. Sebastião.

— Pois eu ainda tenho sangue mais azul ferrete: sou descendente das onze mil virgens!

NA FEIRA

Vão p'la feira Alda e Alfredo,
Caminhando a passo curto;
Dizem coisas em segredo
E os olhar's trocam-se a furto.

Vão, fallando de vagar,
—Elle mestrão, ella pratica—
Conjugando o verbo amar
Como quem sabe grammatica...

Elle diz-lhe, a retorcer
Os seus bigodes castanhos,
Que saudades irá ter
Da temperada de banhos...

Ella jura-lhe igualmente,
Inclinando o lindo rosto,
Que á despedida, bem sente,
Irá morrer de desgosto...

—Vou comprar, diz com voz fraca,
Vou comprar seja o que for,
Que me lembre esta barraca,
Que me lembre o nosso amor!

—Quando de inverno em Alverca
'stiver só, longe d'aqui,
Pondo os olhos n'esta incrca
Heide lembrar-me de ti...

—Mas debalde parafuso
No que heide comprar, Alfredo.
Devo levar coisa d'uso?
Devo levar um brinquedo?

E, a fallar, não se desdoira
De inclinar-lhe sobre o frak
A cabeça loira, loira
Como um copo de cognac.

Elle, docemente, prende-a
Junto a si, beija o cabello...
(Tinha bicho e tinha lendea
Que era um gosto a gente vêl-o!...)

E eila, passado um bocado,
Tornava: —Responde, filho!
Que heide eu comprar, meu amado,
Mas sem gastar muito milho?

E elle, fitando a cabeça
Tão loira do seu amor,
A responder-lhe se apressa
Por esta fórma e teôr:

—Se quer's gastar pouco maco,
Satisfazendo os caprichos,
Saca do bolso um pataco
E compra um pente de bichos...

PAN-TARANTULA.

ESTATUA EQUESTRE

Projecto do monumento que o povo das Caldas, reconhecido, vae erigir no largo da Copa ao Conselheiro *Pim*.

Como fabricantes de loiça, offerecemo-nos para fazer o molde, da materia prima com que se fazem os artefactos de loiça commum.

NOTA:—*Pim* resolveu escarranchar-se em si mesmo só pela economia do aluguer do jumento.

LA RONDE DE NUIT

Carrilho, o Herodes, não consente que as barracas da feira de Belem se conservem abertas depois da meia noite. A essa hora, atravessa Carrilho a feira acompanhado da sua ronda e cantando como nos Huguenotes:

«Oh! feirantes de Belem!
Oh! feirantes de Belem!
Já são horas
Di o bom ripouso...»

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12.

CHRONICA

A Europa está soffrendo uma terrivel indigestão de polvora, cuja explosão lhe hade sahir por alguma banda.

Se lhe chegam um fosforo, vae para ahi um estoirar de bombas e *tric-tracs* que até o Cunha Bellem é capaz de ensurdecer com o barulho!

Fóra as velhas animosidades encubadas, temos agora a França mostrando os punhos á Inglaterra, por causa do assassinato de Olivier Pain e a Hespanha rapando da cochilla contra a Allemanha, por via do rapto das Carolinas, que promette ser ainda mais fallado de que o celebre rapto das Sabinas.

Rochefort declara que, se a Inglaterra não dá uma satisfação pelo fusilamento de Olivier, elle Rochefort puxará mais um bocadinho de côr ás bochechas já de si avermelhadas do consul Inglez!

Se o expediente pega por moda, teremos illustres diplomatas cobertos de condecorações e de bofetadas na cara...

Os incidentes trabalhosos da vida de cada um poderão ser aferidos pelo brilhantismo das veneras que lhe penderem da farda e pela espessura dos calos que lhe nascerem nas bochechas.

—Homem notabilissimo, dir-se-ha; apanhou a grã-cruz de Isabel a Catholica e um par de bofetadas do mudo d'Alcantara...

Se Rochefort fosse portuguez, bem podia o representante brazileiro ter posto as bochechas no seguro com o caso recente do assassinato d'um nosso compatriota pela policia do Brazil...

O caso das Carolinas está por igual muito intrincado.

O povo hespanhol grita para o seu rei—ó hulano, larga a farda—e diz que se não lhe entregam as Carolinas vae tudo pelo pó do gato, incluindo as condecorações allemãs.

Nós somos menos exaltados. Ainda não ha muito que nos palmaram parte do Congo—o que a Hespanha achou naturalissimo, por signal—e não consta que algum commendador arrancasse os penduricalhos ou de que algum coronel honorario se puzesse em mangas camisa.

Questão de temperamento...

Afinal o procedimento da Allemanha não tem nada de extraordinario, nem mesmo offerece novidade.

O que ella acaba de fazer em plena Europa é o mesmo que todas as noites em pleno Rocio costumam fazer o *Arremelgado* e os seus collegas...

O *Arremelgado* furta lenços e a Allemanha palma ilhas: tudo em harmonia com as habilidades e as posses de cada um...

* * *

E depois, a occasião não podia ser mais bem escolhida.

Quem havia de apitar sobre a Allemanha se o pobre Costa Apita está preso no Limoeiro?

Coitado! Tanto apitou, tanto apitou, até que lhe cahiu o apito na lama e lá foi dar fundo ao tribunal da Boa-Hora, onde as custas e sellos do processo o deixaram a apitar de fundos!

Agora, mettido na gaiola, com o seu nariz muito recurvado e o seu palminho e meio de cara muito redondinho, o desventurado Costa Apita faz-nos lembrar insensivelmente uma coruja do Jardim Zoologico.

Está tão parecido, tão parecido, que só lhe falta... piar!

* * *

A imprensa séria não tornou a fallar d'um caso de sensação que, sob o titulo de *Romance Verdadeiro*, para ahi andou a arrastar-se em papel impresso sobre as mezas dos botequins.

Devemos confessar que o tal caso logo de começo se nos afigurou um formidavel carapetão para entreter os leitores durante esta cruel estiagem de acontecimentos.

E senão, vejam que serie de inverosimilhanças:

Uma menina, filha de boa familia, fugiu de casa e appareceu depois em Cintra a offerecer os seus serviços vestida de varina.

Sua magestade a rainha encontrou um dia a varina, observou que ella não trazia canastra, nem cheirava a cavalla salgada, nem tinha coração de filagrana pendurado ao pescoço; o que tinha era um coração sensivel, umas mãos muito brancas e um porte muito distincto.

E sua magestade disse lá com os seus diamantes:

—Que varina tão fina que é esta menina! Parece a *Varina* do Fernando Caldeira...

E, como a varina lhe confessasse coisas de gravidade, sua magestade resolveu casal-a a toda a pressa.

Vae d'ahi, se hade mandar chamar o Montes para tratar dos papeis e o padre Conceição Vieira para deitar a benção, a rainha manda chamar o sr. Peito de Carvalho e pespega-lhe com todo aquelle negocio em casa!

Ora vejam se ha nada de mais inverosimil!

Nem que o sr. governador civil fosse agora o thaumaturgo Santo Antonio, para andar a casar raparigas por sua conta e risco!...

Afinal descobre-se que a varina do que soffria era d'uma affecção intellectual e do que precisava por conseguinte era de banhos de chuva em vez de banhos da egreja.

E a varina a gritar que não queria estar em casa do sr. Peito, porque deshonrava todas as casas onde se acoitasse, e sem lembrar a pessoa alguma que n'estas circumstancias o melhor a fazer seria leval-a para casa de seus paes...

Uma vez que a pobre louca tinha a monomania da deshonra, nada mais facil de que convencel-a áquelle passo, observando-lhe sensatamente:

—O' filha! se tu estás deshonrada, o melhor é voltares para a casa que deshonraste, porque lá diz o ditado que, «se se hãode sujar duas casas é melhor sujar uma só...»

Finalmente descobriu-se que fôra tudo um *canard*, mas tão grosseiramente engendrado que poucas pessoas lhe deram credito.

Esteve muito concorrida a toirada em beneficio do cavalleiro Antonio Maria Monteiro.

O menu affixado pelas esquinas e distribuido pelo bando, annunciava pratos tão variados que pouca gente resistiu á tentação de comprar bilhete.

O boi chinez foi servido com todas as regras, como o chá da mesma procedencia: no fim do banquete.

Os espectadores estavam anciosos por vêr o boi chinez, o qual se assegurava ter ainda mais côres de que o conhecido arco da velha!

Houve até quem affirmasse que o boi não tinha sido feito no curral—tinha sido feito na lithographia do Justino Guedes!...

Emfim, o boi appareceu e ficaram todos pintados vendo-o apenas pintado de preto e branco como qualquer vacca de leite.

Dos camarotes foi lançada uma poesia dedicada ao beneficiado, e da qual tomamos a liberdade de transcrever as mais notaveis estrophes.

Eil-as:

Se no campo arido flor mimosa
Medrar se vê sem ter cultor,
No duro exilio o pasmo excita,
Isolada vêl-a, a faz ter valor.

A flor tu eras—o campo—a arena,
Não tendo guia uma voz te diz:
«Sem temor enceta renhida lucta,
«Crê no futuro, e serás feliz.»

Depois mais tarde, ao troar das palavras,
Vendo esforços com prazer vencidos,
A fé, a crença, te disseram «vences,
«Sonhos d'infancia não serão mentidos.»

A flor mimosa, é, como se está vendo, o Antonio Monteiro.

Lá que elle era um bom rapaz e um artista de vontade, já nós sabiamos; agora, assim uma especie de *forget me not*, é a primeira vez que damos por isso...

Naturalmente, o poeta, se se tratasse de cantar Sarah Bernhardt, chamava-lhe, em figura de rhetorica, cacete de carrasquenho ferrado de metal amarello.

E, na grossura, vamos lá que não andava fóra da rasão...

O que a *fé* e a *crença* disseram ao Antonio Monteiro n'aquella phrase: «Sonhos d'infancia não serão mentidos» é que nós não percebemos lá muito bem...

Então o rapaz quando era pequenino já passava as noites a sonhar com bois desembolados?

Se o poeta escrevera mais um terço,
E tendo precisão de rima em *aca*,
Diria que o Monteiro, inda no berço,
Em vez de biberon pedia vacca!

Os soldados do cordão sanitario, acossados de soalheiras, de trabalho e de sezões, ainda não deram a casca mas já deram todo o miolo de que podiam dispôr.

Estão de tal maneira transparentes que depois de comerem o rancho vêem-se distinctamente da banda de fóra todos os feijões que cada um metteu na pá do bucho!

A's vezes os tambores, por engano, dão o toque de alvorada na barriga dos soldados, julgando que estão a tocar nas caixas de rufo!

Algumas praças de pret que foram para o cordão, tão gordas e anafadas que sentiam o fardamento a rebentar pelas costuras, cahiram em tal estado de magresa que, quando vestem agora as fardetas, parecem o chefe do partido progressista dentro da soprepeliz do correligionario prior da Lapa!

Isto ao mesmo tempo foi uma fortuna.

Como os alfaiates do sr. Fontes ainda andam a torcer linhas para coser os novos fardamentos, as praças do exercito não tardariam em apresentar-se ao serviço—tanto em sentimentos patrioticos como em ligeira *toilette*—uns verdadeiros symbolos do *amor da patria*...

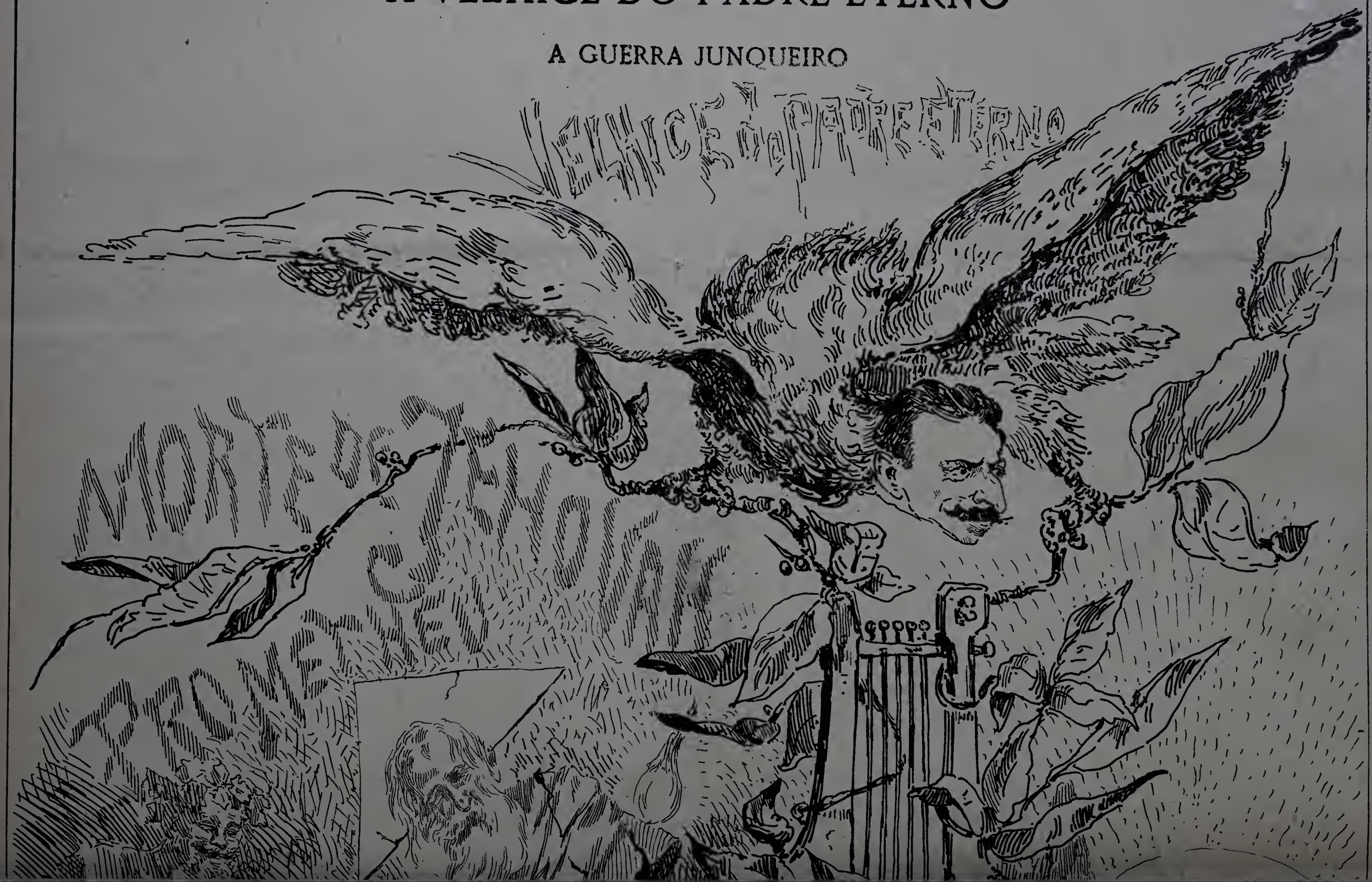
Agua de Lourdes, fresca. Em pipas, ao quartilho
E em garrafa. Exigir a marca—Deus & Filho—
.....
E expulsa o Demo. Purga: os ventres desemtupe-os,
Sem colicas, com tres ou quatro semicupios,
Em cegos de nascença e tisicos de peito
Isso então é instantaneo, é certo o seu effeito.
Uma perna amputada unta-se, e em dois instantes
Torna a crescer e fica ainda maior que d'antes.
Em leicenços não falha. Em dôr de dentes, isso
E' bebel-a e ficar sem dôr. Não ha feitiço
Que resista Uma vez uma morta tomou-a,
Espirrou e ficou inteiramente boa!
Prevenimos no emtanto o publico defunto
Que casos d'estes ha uns trinta e dois por junto.

Quem vos ha-de cortar a flor da vossa esp'rança,
Quem vos ha-de apagar a angelica visão,
Se essa luz para vós e como uma creança
Que guia n'uma estrada um cego pela mão!
Quem vos ha-de acordar d'esse sonho encantado?!
Quem vos ha-de mostrar a evidencia cruel?!
Ah! deixemos a ave ao ramo já quebrado,
E deixemos fazer ao enxame doirado
No tronco que está morto, o seu favo de mel!
O' velhos aldeões, exhautos de fadiga,
Que andaes de sol a sol na terra a mourejar,
Roubar-vos da voss'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As tres achas que leva á noite para o lar!

Satyra de Juvenal e poesia alevantada como o vôo rasgado d'uma aguia.

A VELHICE DO PADRE ETERNO

A GUERRA JUNQUEIRO



O emmagrecimento repentino dos soldados veio evitar ás nossas visinhas de Castella o curioso panorama que a fronteira portugueza havia de offerecer em pouco...

Os soldados estão tão magros que cada um póde fazer dez andainas de fato só da bainha das calças—e ainda lhe fica panno para mangas!...

* * *

Refere um jornal que, tendo constado a sua magestade a rainha as privações que estão soffrendo algumas povoações do Troviscal, a mesma augusta senhora ordenára que a camara municipal do respectivo concelho distribuisse promptamente pelos necessitados a quantia de 200$000 réis.

Se a rainha lhe dá agora para obrigar as camaras municipaes a inscreverem-se no registo celestial dos anjos de caridade, deve ser uma coisa muito curiosa...

Ao Rosa Araujo devem-lhe ficar a matar umas azas de anjo da caridade por cima da sobrecasaca assertoada...

E é um enfeite que lhe não póde custar muito caro, porque não faltam credores da camara municipal que estejam morrendo por lhe dar umas azas—de pau...

* * *

Continúa em vigor no hospital de S. José o regulamento, determinando que ninguem adoeça senão das 9 ás 11 horas da manhã, sob pena de voltar pelo mesmo caminho quando pretenda, fóra do praso indicado, solicitar os soccorros de purgueroide.

A semana passada fôra uma velha, esta semana foi um velho que o hospital não quiz receber.

Lá o caso do velho, passa; agora o da velha está bradando aos ceus, mais ás predilecções do sr. presidente do conselho!...

PARA NÃO ESQUECER

Pim, que já não sabe em que hade economisar, pensa agora n'uma ultima economia que consiste em suprimir a comida aos doentes do hospital, os lençóes de banho, a propria agua, e quejandos objectos de luxo, ficando o hospital apenas com a vinha porque...

Plim, plim, plim, plão!
Tenho uma vinhinha
Que me ganha o pão...

VIAGENS AO PAIZ DA RAINHA ASNEIROFF

I

Meu caro senhor de Zola

Os *Pontos nos ii* teem uma certa affinidade comvosco. Dizem a verdade em toda a sua nudez e são da escola *realista*, sem serem monarchicos.

Começando a publicar uma série de estudos sobre o paiz da *Rainha Asneiroff*, dedico-vos o meu trabalho de investigação e ninguem, melhor do que vós, poderá dar-lhe o seu valor artistico.

O vosso nome é tão grande e o vosso prestigio de tal nomeada, que não ha hoje instituição, classe, systema ou officio que não precise seguir nas diversas manifestações da sua esphera d'acção a vossa theoria positivista, e as vossas doutrinas de um realismo ingenito.

Vamos pelo alto e exemplifiquemos.

Entrou o fado na côrte e quando o piano ou a banza choram na tecla ou no bordão a triste canção da sala, vejo com alegria cahir a velha viseira do rei d'Aljubarrota, e lavrar como fogo latente a inspiração democratica do faia da espelunca.

Se, por acaso, a politica enxergo e se alguma vez o parlamento escuto, deparo com tal deboche, e vae por lá eloquencia tão reles, que, se algum cysne canta, traz-me logo o fatal presagio de que sobre a face da terra está prestes a ouvir-se a grande trombeta que muda os destinos dos povos ao som da bala e á cadencia do marmeleiro.

Quando a sociedade estudo e vejo os homens que se affrontam em plena phrase tarimbeira e pulha, denunciando-se uns aos outros como galés fugidos, para mais tarde se estreitarem no abraço patife do hypocrita; não sei se chore se ria. Mas é certo que toda esta bacchanal traz ao meu espirito a necessaria desinfecção de um meio putrido e que não longe vem a revolução que lava ou o norte que limpa.

Se bato á porta da Justiça para examinar os seus preceitos e para concluir como ella profere a sã palavra, oh! meu bom amigo, que scenas! que feira! que asquerosidade! e que brejeirices!

No bom tempo da fabula ella não via; mas ouvia. Hoje é surda; mas já vê.

E a sua balança, que conservava, no equilibrio vigoroso da rectidão, o respeito austero pelo direito de cada um, é hoje movediça e flexivel ao menor sopro ou de uma influencia de sangue ou de qualquer biltre que se insinue.

Pelas finanças vae o mesmo. A época é do aventureiro. Jogam na bolsa e não liquidam. Recebem depositos e não pagam. Espalham montes de ouro para se caracterisarem de opulentos, e ordenam ás suas mara-

fonas caiadas que affrontem a moral publica com os seus brocateis comprados á custa dos tôlos que em vez de encaixotarem o seu dinheiro em casa, o dão para guardar ao banqueiro que foge, ou ao director que quebra. E, se um chicote ou uma espora lhes fizer escorrer o sangue impestado dos ilhaes malandros, hão de gritar pela policia, antes que o tribunal os declare fallidos de má fé.

E assim vae tudo. E é assim que tudo vae!

Na religião nem se deve fallar! O padre é tôlo; mas tôlo mau. Bestifica e não instrue. Como jumento tolera-se. Como missionario é um burro. Não é pae que attraia. E' um porco que fede. N'elle não ha coração, nem affecto, nem sciencia.

E' um estomago que digere e um lorpa que não pensa.

Mastiga e é sensual. Está n'isto a missão do padre. Quem o quizer encontrar ou vá ao açougue ou vá á roda, que tambem açougue é.

E a sciencia, as escolas, as academias, os institutos, as universidades, a litteratura, as artes e os officios?

A sciencia vem-nos de fóra. E' traduzida. As escolas redigem officios em linguagem pifia.

As academias votam socios correspondentes e perguntam ao thesoureiro se ha no cofre com que pagar ao porteiro.

Os institutos criam logares para o bacharelado da rua dos fallidos.

As Universidades regem-se pelas decretaes de Gregorio IX.

A litteratura é bastarda. Trabalha a 1/2 libra por mez; porque ninguem lê e só qualquer curioso, por vadiagem, paga o trabalho intellectual do *imbecil*, que medita.

A arte é enfezada. Se algum arroto dá é de fome. Dá-se hoje com mais facilidade mil libras para ter um gancho de uma *horisontal* furunculosa do que se estragam dez por ter um quadro de pintor nacional.

Os officios definham. Nada se faz no paiz. O sapato é francez e o chapeu inglez. E quando o caso vem de Londres, encommenda-se a roupa branca á França.

Vem o trigo da Russia e vae o peixe para a Hespanha. Vem a fruta de Hespanha e sahe o vinho para a França para voltar de Bordéos e ser comprado mais caro. Sahe a cortiça para fóra e de fóra nos vem a rolha. Temos marmores nas pedreiras. Temos minerio nas minas. Temos rendas de linda bordadura. Temos aguas e banhos, sem igual.

Pois muito bem: a estatua vem de fóra. O cobre de fóra vem. As rendas são de Bruxellas. Para Vichy e Spa sempre vamos.

E, havendo tanta charneca, e tanta porção de terra inculta, não ha barco, vapor ou paquete, que não transporte no seu porão uma immensa chusma pascacia que foge da terra mãe para ter o gosto de morrer longe da patria, ou de um abscesso ou de uma obstrucção.

E assim vae tudo! E é assim que tudo vae!

Adeus, meu caro Zola, esta já vae longa. Como prologo basta,

Como synthese já lhe diz sobre que lhe escreverei de futuro.

Tenha-me sempre como seu velho admirador

JOSÉ PAN THEU.

NOTICIAS EM NAIPE

El-rei por Cintra se espalma
E a estada em Cintra lhe apraz,
Que ali, emfim, não ha calma
—Ha muito fresco ali-*az*...

Co'este calor tudo abraza;
Não ha quem não se embatuque;
Uns tomam banhos em casa,
Outros, dos banhos do *duque*.

Na Avenida e na Esplanada,
Por onde ás noites me alterno,
Muita dama enamorada
De voz meiga e d'olhar *terno*.

O Fontes, mesmo em cenobio,
Mais pretendentes compadra;
Barjona diz que o microbio
Já cá não vem n'esta *quadra*.

O professor José Julio
Moireja em vida mofina
A vêr se arranja peculio
Co'o tal negocio da *quina*.

Brevemente no Gymnasio
—Se a coisa se não empena—
Do Borges mais do Gervasio
Sobem comedias á *scena*.

Sem descanço e sem repouso
Tudo hoje a polka repete
Do menino virtuoso,
Posta á venda no Sa-*sete*.

Quando o sol já menos arde,
P'ra gosar do panorama,
No Aterro junta-se á tarde
Muito macho e muita *dama*.

Contra o microbio, o Peitilho
Altos prodigios commette;
E hoje, sem pêra, o Karrilho
Já não parece um *valete*.

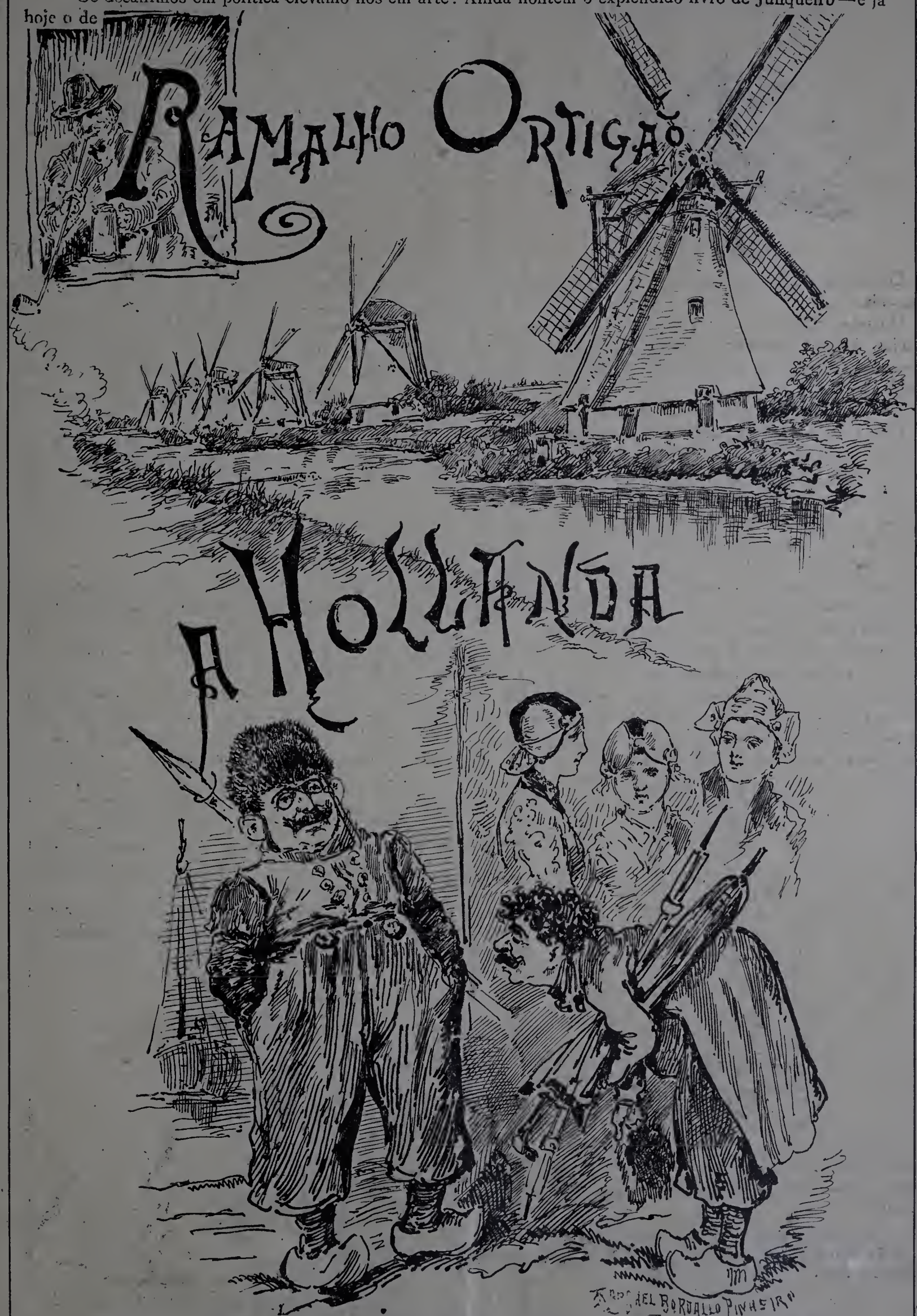
Nada mais, por vida minha!
E, terminando, direi,
Que o Fontes, d'esta egrejinha
Continua a ser o *rei*...

PAN-TARANTULA.

CONTRASTES

Em Hespanha, por causa do furto das Carolinas, o proprio rei tem de atirar com a farda ao ar. Cá, furtaram-nos o Congo e nem o povo atirou com a albarda quanto mais com a farda.

Se decahimos em politica elevamo-nos em arte: Ainda hontem o explendido livro de Junqueiro — e já hoje o de



Ao lêr essas vivas e brilhantes paginas julgamo-nos hollandezes — tal é o primor da descripção. Ao mestre e grande artista o tributo da nossa admiração.

CHRONICA

Os nossos pés acordaram hoje muito contentes da sua vida.

Quando os pozemos na rua, caminho da loja do sapateiro, desataram a cantar d'alegria e a correr aos saltos pelo passeio fóra, como dois rapazes traquinas á sahida do collegio!

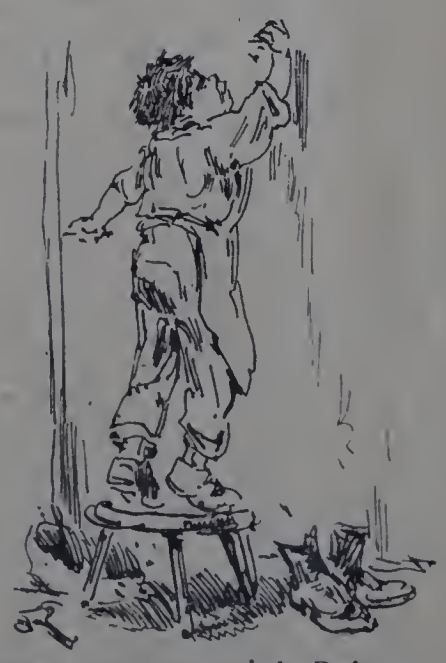
E tinham razão, os pés. O mestre promettera-lhes com toda a solemnidade que á uma hora do dia de hontem estariam irrevogavelmente concluidos os taes sapatos encommendados aqui ha coisa de dois mezes.

Uns sapatos magnificos, folgados a valer, e d'uma vitella muito tenrinha e muito bem *cosida*—exactamente na conta para dispepsias de callos.

E aqui está porque os pés foliavam de satisfação, lambendo antecipadamente os beiços só com o cheiro na vitella dos sapatos...

Mas os pés propõem e o sapateiro dispõe...

Quando entrámos na loja deparou-se-nos, em vez do mestre e respectivo pessoal, um unico aprendiz, muito risonho d'aquella solidão que lhe permittia passar a manhã empoleirado na tripeça do patrão, a apanhar moscas pelas paredes para depois as asphixiar—ás moscas—no abysmo insondavel do côco da massa!



Ao vêr-nos, o pequeno rei de Dahomey suspendeu a medonha carnificinia e saltou da tripeça para o chão sobre os cadaveres mutilados de trezentas e tantas victimas!

— Que é do mestre? interrogámos, emquanto sobre a nossa cabeça desciam as bençãos das raras moscas sobreviventes.

— O mestre, volveu o Caligula muito satisfeito, foi ha bocadinho para a *rapa*, como é costume todas as segundas-feiras, e com uma certeza que não põe cá hoje os butes...

Resignados sahimos, sem os sapatos da promissão, emquanto o aprendiz voltava á hecatombe e os nossos pés gemiam de dôr, fazendo côro com as moscas condemnadas...

D'ahi, entrámos no barbeiro e o mesmo espectaculo aproximadamente: officiaes nem um e o aprendiz a apanhar moscas, que afogava na tigella da bandolina!

Ora nós já tinhamos notado que, quando os barbeiros e os sapateiros emigravam para a *rapa*, as moscas pareciam tambem emigrar das respectivas lojas; e matutavamos até se este phenomeno teria relação com o phenomeno recentemente observado por Capello e Ivens n'um ponto do sertão, d'onde as moscas *tze-tze* emigraram conjuntamente com os elephantes...

Com os pés escamados e a barba por escamar, iamos quasi a amaldiçoar barbeiros e sapateiros, quando reconsiderámos que tambem tem direito a arejar o corpo na segunda-feira quem passou o domingo calçando os pés e rapando os queixos dos que iam para o divertimento.

E então que batelada de coisas boas com que o indigena se refastelou no ultimo domingo!

* *

Toirada no campo de Sant'Anna, com todos os attractivos imaginaveis, incluindo exposição de menino virtuoso.

A presença do menino deixou-nos em duvida sobre a causa da concorrencia á toirada.

Assim como quando um rapaz freqüenta assiduamente a casa de duas mulheres bonitas se não sabe cá por fóra qual d'ellas o leva lá, assim tambem na corrida de domingo seria difficil precisar se os espectadores eram aficcionados de toiradas, que pediam *cambios*, ou se enfermos de espinhellas, que pediam herva.

Não sabemos se os achacados foram consultar o menino ao camarote; mas os bois, se não foram lá é porque não lh'o consentiram, porque vontade tinham-n'a elles de sobejo!

Os pobres animaesinhos nem se importavam com os capinhas; o que faziam era estacar defronte do camarote, pedindo com vozes lacrimosas:

— Herva, meu rico menino! dê-nos um braçado de herva, por alma dos seus defuntos!

Mas o menino não tinha commiseração nem verde, para aquelles desventurados!

Pois bem precisados estavam elles d'isso, visto que ha mais de quarenta e oito horas não faziam senão cruzes na bocca...

Aquillo nem eram bois—eram professores de instrucção primaria!

No Jardim Zoologico o mesmo prato todos os dias, com sobremeza, ao domingo, de mr. Blondin e mademoiselle Clairence.

O povo não falta nunca áquellas deliciosas festas.

Cançado de *ir ao arame* em todos os seis dias da semana, o indigena consola-se em vêr o seu similhante ir ao arame aos domingos.

E' doce ter companheiros na desgraça—já o dizia o Larivaudière da *Senhora Angot*...

Segundo parece, os dois illustres funambulos estabeleceram definitivamente a sua residencia no arame do Jardim Zoologico.

Ali passeiam serenamente, agora com marombas, logo sem marombas—com ellas ou sem ellas, consoante o appetite da occasião—ali disparam tiros de canhão, ali fazem ovos estrellados, tudo á vista do publico, e, de novidade em novidade—que todos os domingos apresentam uma—nem nós podemos calcular o que mr. Blondin e a sua joven companheira acabarão por fazer no arame, com applauso de toda a gente...

O Coliseu deu-nos uma noite de regabofe.

A peça representada foi a velha *Gran-Duqueza*, que está para o theatro como o sr. Fontes está para a politica:—uma eternidade que não sahe da scena.

A explanada apresenta-nos coisas nunca vistas.

No domingo acudiu lá o poder do mundo, todos anciosos por verem o celebre quadro de Venus sahindo das aguas.

A Venus não cabia no tanque, de vaidosa, persuadindo-se que toda aquella concorrencia era por causa d'ella, mas qual carapuça!...

O que tudo lá ia vêr não era a Venus, era a agua, de que andamos tão profundamente saudosos.

A maior parte dos espectadores eram contadores da companhia que lagrimejavam de contentamento.

Infelizmente, assim que voltaram a suas casas, deixaram logo de lagrimejar!...

O balão captivo despertou grande enthusiasmo, e, na sua qualidade de captivo, cumpriu o programma á risca, não se afastando nem um palmo do logar do captiveiro...

Como alguns espectadores protestassem, parece que a empreza, mesmo conservando o balão captivo, vae comtudo conceder-lhe homenagem no ar á altura de alguns metros.

O concurso de belleza para as creanças, presidido por Justino Soares teve ainda mais concorrentes de que se espera para o concurso dos melhoramentos do porto de Lisboa.

Para este ultimo não sabemos quantos projectos virão a apresentar-se, e se serão bons.

No concurso de belleza do Coliseu apresentaram-se alguns *projectos* de mulheres, muito acceitaveis. A questão é desenvolvel-os...

PAN-TARANTULA.

VIAGENS AO PAIZ DA RAINHA ASNEIROFF

II

AS MINHAS IMPRESSÕES

2.ª CARTA AO SR. DE ZOLA

Filho de um reino illustrado, em que metade da população é tão sabia, que não se sujeita á humilhação de celebrar, e em que a outra restante fracção é por tal fórma notavel que até permitte que um forasteiro lhe arranje o dinheiro francez para pagar ás patrulhas, que rondam Pedrouços na época em que alli veraneja o mais caro dos principes; e tomado d'esse desmedido appetite de vêr o que por esse mundo vae, comprei bilhete nas *Messageries Maritimes* e fui-me mar em fóra para saciar a fóme que por cá não matava.

Ao sahir a barra deixei com saudade o nosso formosissimo rio de crystal e não foi sem a mais pungente dôr que me desappareceu pela immensidade da distancia aquelle puro e limpido regato que, tendo origem nas sentinas publicas e particulares, vem pedir aos canciros e ás latrinas dos regimentos boa dose de aromaticas fezes para se misturar com as aguas, que nascem lá pelas Hespanhas dentro. Senti desde logo ao passar a foz uma como que dôr aguda por já não respirar o ar balsamico das ruas empoeiradas, e quando recolhia ao meu beliche de polimento, acudiu-me á ideia aquelles formosissimos saguões da minha terra em que a criada é a calhandra da alvorada, trazendo na sua mão, côr da lama, um pote qualquer da côr do esterco.

Quando o som gracioso da campainha annunciava a desejada refeição, eu sentava-me á mesa do paquete, magoado e triste por os immundos criados trajarem de corte, impestados de roupa branca e por me não vêr servido por aquelle formoso indigena, que transpira a porquidade amontoada de annos, suando a immundicia accummulada de nascença e que traz na negra orla da sua preta unha o prenuncio fatal da alvura do seu pé mal cheirante.

Oh! que infinita saudade!

Sinceramente: eu tive a nostalgia do meu paiz e soffri pungentemente ao deparar com a extravagancia perdularia do lençol lavado, criticando com auctoridade não haver sobre elle o indicio scientifico de que a pulga tambem digere!

A PE

O CASO D

—Vê-te n'este espelho.
—Bem sei, mas que queres? se tenho o

NSULA
CAROLINAS

o á corôa—não posso ser senhor de mim.

Adoeci.

O medico era inglez. Estudou a hypothese e com a perspicacia do sabio, acertou com o *quid*, provocador da mesma morbidez.

Receitou.

Ao engulir a primeira pilula, eu senti qualquer revolução aterradora no canal intestinal, mas um pouco d'agua, fez cessar o movimento espantoso que tomaram as tripas.

Sahindo da minha *cabine*, encontrei uma esbelta franceza, que trazia encostada aos seus formosos pomos uma enjoada, que bolsava.

Fez-me mal a visão. Peiorei. Redobrou o meu pezar.

Eu não via n'ella a anafada moça da Beira, que é em Portugal, nem a besuntada rapariga de Portalegre, que é no Alemtejo.

Tinha os cabellos da côr do oiro e perfumados como a viração de um jardim; mas faltava-lhe o azeite e o unto branco com que as nossas lustram a peruca, suave como as crinas de um cavallo, fina como as cerdas de um javali!

Vinha de branco vestida e isso dava-lhe para mim um ar de inferioridade ás nossas que conservam a religiosa fidelidade ao briche e que teem na chita azul nacional do seu avental barato a unica prova, que dão ao granadeiro, do seu immaculado amor da patria!

Calçava meia de seda *gris* e o seu sapato irreprehensivelmente ajustado ao pé, trouxe-me á mente a lembrança risonha da meia suja das nossas creadas, que melhor arremedam, com o uso de oito dias, a meia de seda preta e que, mais aceiadas do que as estrangeiras, as tiram no fim da semana, para mais as não usarem por pôdres.

Não pude continuar. Voltei ao camarote. O inglez obrigou-me a tomar mais pilulas.

— O que tenho, perguntei?

— Observo, respondeu. Olhe como está com febre, o pulso agitado, à temperatura elevada e ha quebramento de corpo e de forças, não mude de roupa, não tome banho; não consinta que lhe tirem os lençoes, não saia do quarto, quando todos precisam de sahir. Quando precise de realisar acto da sua vida intellectual ou mesmo animal, execute-o no seu beliche. Se a natureza phisica o quizer impellir para tomar ar, não suba á tolda. Não se lave, que tem muito calor. E para tudo aqui fazer, sem que perigue, peça a refeição e coma dentro da sua sargêta.

Obedeci á sciencia e logo vi que era homem de vulto.

Sujeitei-me ao tratamento e ninguem mais me viu.

No fim de tres dias eu estava outro.

Mudei completamente.

A *cabine* movera propriamente uma malhada de porcos, mas tinha o doce perfume da latrina.

O meu corpo apresentava já a codea do immundo, mas ao mesmo tempo exhalava o acido aroma de uma cutis que transpira em logar fechado. O meu chinello de ourelo no seu forro de baetilha branca já possuia o preto matiz do meu sangue chupado.

Os olhos não apresentavam, é verdade, o brilho que dá a limpa lavagem da agua gelada, mas tinha, em troca vantajosa, na raiz das pestanas e no canto dos olhos aquelle humor viscoso a que vulgarmente se chama *remella*.

E tudo isto me alegrava. E era assim que eu adquiria a velha feição faceta que tinha no meu paiz cambroneano. A agua, que em distribuição me tocava, vendia-a por inutil, e d'este elemento necessario eu só bebia o bastante para me matar a sêde.

A viagem foi de 15 dias. Ao signal que annunciava a vista de *Asneiroff*, subi ao tombadilho, e lá em baixo, por entre o azul da immensidade, eu avistei as alturas das montanhas, e pude, de oculo em punho, perceber entre a confusão de uma atmosphera nebolenta, signaes da vida humana, denunciados pelo fumo que subia de umas chaminés pretas.

Antes de sahir do vapor fui agradecer ao physico o seu disvello por mim.

Perguntei:

— Mas que tive eu? Que doença foi a minha?

— O que teve, foi excesso de asseio.

— A sua doença foi saudade da cloaca em que tem vivido.

— O remedio consiste em *tomar ares patrios*.

— Desembarque; que se ha de dar bem em *Asneiroff*.

— O vento, coado pelas rendilhadas estrebarias, é do que carecem os seus pulmões, affeitos aos gazes expellidos da grande massa de excremento amontoado!

Agradeci, e ao pôr o pé na terra fetida, meditei:

—Se o porco vive no chiqueiro, e até o estrume é adubo para o pão ter bom sabor; por que não hei de eu viver, como animal, mergulhado no grande pantano de *Asneiroff?*

Isto disse: e cheio de animo deliberado, comecei de respirar os amoniacos exhalados dos esguios ourinoes em que a agua por luxo ás vezes corre, e em que por systema, quasi sempre falta. Senti-me bem.

Primeira sensação alegre em *Asneiroff*: — o *fedor*.

Amigo Zola, até para a semana.

José Pan Theu.

DAS CALDAS

Pim vae para S. Martinho refrescar as pelles.

Com o seu espirito profundamente economico, *Pim* resolveu tomar os banhos sempre na vasante — para não gastar tanta agua.

Em terminando a infundiça, o conselheiro, não desmentindo os seus habitos de cortezia, deixará um bilhete de visita ás salsas ondas.

Quanto ao fato de banho é o que se está vendo.

Para isto é que elle quer a vinha do hospital.

A parra serve-lhe de cuecas—por economia—e, emquanto á uva...

Plim, plim, plim plão...
Tenho uma vinhinha
Que me ganha o pão...

TROVAS POPULARES

Cantadas pelos festeiros que foram ao Senhor da Terra em vez de irem ao Senhor da Serra.

Ao vêr o Senhor da Terra
Todos dobram o joelho,
Que elle é ministro da guerra
Presidente do conselho...
Oh! ih! oh! ai!
Presidente do conselho!

Todo o anno elle balança
Da politica aos baloiços,
Por isso agora descança
Tomando banhos em Pedroiços,
Oh! ih! oh! ai!
Tomando banho em Pedroiços...

Fostes ao Senhor da Terra
Nem ao menos me trouxeste
P'ra lembrança d'essa *berra*
Os calções que o Senhor veste!
Oh! ih! oh! ai!
Os calções que o senhor veste!

Maria saccode a saia!
Por acaso qu'rias tu
Que o Senhor fosse p'ra a praia
A tomar o banho nú?
Oh! ih! oh! ai!
A tomar o banho nú!

Divino Senhor da Terra
Meu Divino Imparador,
Imparae-me lá na guerra,
N'um logar seja onde for.
Oh! ih! oh! ai!
N'um logar seja onde for...

Ao Senhor da Terra vae
Gente de toda a nação,
Que o Senhor é como um pae
P'ra o vadio e mandrião.
Oh! ih! oh! ai!
P'ra o vadio e mandião!

O Senhor da Terra é d'oiro,
Diz a lenda dos antigos;
Co'as mãos dentro do thesoiro
Tem mãos rotas p'ra os amigos.
Oh! ih! oh! ai!
Tem mãos rotas p'ra os amigos.

Fui, Senhor, hoje p'la sesta
Ao acaso a procurar-te,
Que o Senhor tanto está n'esta
Como está n'aquella parte...
Oh! ih! oh! ai!
Como está n'aquella parte!

Pan-Tarantula.

A NOSSA FESTA NO DIA 30

Seguimos os bons exemplos a vêr se o *carneiro com batatas* é o caminho da virtude.

O CASO DAS CAROLINAS

O patriotismo hespanhol devia ser um choque electrico communicado ás nações latinas e então a féra abaixaria o pêllo...

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

O OGRE DE BERLIM

(A Raphael Bordallo Pinheiro)

Rebente de despeito o Ogre-allemão-pirata!
Do Cid, o Campeador, na patria intemerata
A audacia, a valentia, o ardente sangue emfim
Desfazem os ardís do Ogre de Berlim!...
A Hespanha altiva e audaz, a terra da epopeia,
Recobra todo o ardor dos dias de Alcolêa:
Exemplo sem rival! Da angustia no stertor,
D'um flagello cruel soffrendo o enorme horror,
Evoca, ensanguentada, os feitos mil de gloria,
As nobres tradicções que o assombro são da historia;
Empunha novamente o gladio vingador,
E ao ferreo-chanceller, nocturno salteador,
Chacal, que a presa espia e, subito, a abocanha,
Quando abatida a vê, responde a nobre Hespanha,
Altiva, resoluta, intrepida e leal:
—Que um povo não receia as garras do chacal,
Embora a féra vil seja o terror da Europa
E esconda a covardia entre as legiões da tropa!...

*
* *

Fraternidade! ó santa! ó bella virgem loira!
Meu puro ideal! a luz que minhas crenças doira!
Tu reinarás, ó Deusa, em breve sobre a terra,
Oppondo triumphante a doce paz á guerra!...
Que a Justiça ás nações em breve o dia marque
Da Liberdade e Paz! Que o chanceller Bismarck
E Moltke e o Imperador—trindade, atroz, tyranna,
Offereçam n'um Museu á livre raça humana,
Em mumias de um passado infame, vil e abjecto,
Da velha tyrannia derradeiro o aspecto!
Mas, antes de soar a hora da Justiça,
Quantos povos terão de derramar na liça
O sangue generoso em prol da independencia!

O direito da força esmaga a consciencia...
Dos tigres imperiaes as garras assassinas
Hoje vêm empolgar á Hespanha as Carolinas,
E ámanhã roubarão, pela astucia e á má fé
Ao velho Portugal a India e a Guiné!...
E, roubo sobre roubo e crime sobre crime,
O ferreo-chanceller a forte raça opprime,
A raça gloriosa, a raça que illumina,
Guia e pharol das mais—a Raça-Mãe latina;
Primeiro, foi a França, a heroica mutilada,
Pela garra feroz do monstro retalhada,
A França que perdeu a Alsacia e a Lorena,
Um crime que revolta e que a razão condemna!
E o monstro continúa, o horrendo Ogre enorme,
Nutrindo um odio atroz,—um odio que não dorme!
A Hespanha, altiva e heroica, empunha justiceira
Da nossa raça audaz a esplendida bandeira...
Bismarck, o chanceller, espreita nova presa:
—Se o monstro em nós cravar as garras, de surpreza,
Hurrah! p'la nobre Hespanha, a heroica terra irmã!
—O que ella hoje faz, faremos ámanhã!...

*
* *

A'manhã, ámanhã... Se um vento de desgraça
Soprar, agreste e irado, em volta dos casaes,
Se a patria ameaçar o Ogre vil, que passa
A vida a ruminar projectos infernaes,

Eis o exemplo a seguir! O exemplo deu-o a Hespanha!
Povos da mesma raça, uni-vos como irmãos:
Se esta união se dér, o Ogre então que venha,
Que venha, e n'um momento: A's armas, cidadãos!...

5—9—85.

Amorim Pessoa.

CHRONICA

O partido regenerador fez annunciar, por uma das suas trombetas officiaes, a proxima dissolução do partido progressista.

Contavamos com isso para o governo da semana, e afinal fomos roubados pela regeneração.

Não é a primeira vez que tal nos acontece.

Um orgão progressista ainda nos fez entrever alguma esperança no sentido da dissolução, visto ter declarado «que o venerando chefe se acha presentemente a banhos, não tencionando abandonar o seu posto.»

Ora se elle não tenciona abandonar o posto — que é dentro d'agua — e fica para ahi de molho como um venerando bacalhau, não será muito para extranhezas que acabe por dissolver os ossinhos que lhe restam...

Mas isso não póde ser!

Dissolvido o partido progressista, como demonio se havia de achar furo á situação quando o sr. Fontes tivesse um dente furado?

Todos sabem que para a condução dos toiros, que véem das pastagens para o campo de Sant'Anna, não ha senão dois peritos competentes, o *Mau Ladrão* e o Ezequiel do Dá-Fundo, cada um dos quaes tem a seu cargo metade d'aquelle serviço.

E, com o curro da nação, succede a mesma coisa; os *bois* não conhecem senão aquelles dois conductores, Fontes e Braamcamp, que alternadamente os trazem de lá para cá e os levam de cá para lá.

Fontes é o *Mau Ladrão* que traz o curro das pastagens até ás Marnotas, entregando-o ahi á guarda de

Braamcamp Ezequiel do Dá-Fundo, que o conduz até á praça.

E os boisinhos já estão tão costumados que se lhes falta algum dos conductores são capazes de se tresmalhar, não atinando depois com a porta do touril...

O sr. governador civil resolveu ultimamente tres coisas d'alto bordo, taes como:

Garantir a immunidade das tripas ao moradores do Bairro Alto, expulsando os fadistas d'aquelle ponto.

Prohibir a musica encaixotada, na pessoa dos realejos.

E decretar a protecção a todos os peitilhos, chapando as lavadeiras.

No que respeita aos fadistas, como a medida de s. ex.ª não vem exterminal-os mas apenas disseminal-os, parecia-nos de maior acerto ter escolhido um bairro apropriado onde aquella importante colonia fosse estabelecer as suas tendas e dar as suas facadas.

Apresentamos esta ideia ao sr. Burnay, que póde muito bem aproveital-a para facilmente conseguir a população do seu bairro Camões.

Em pouco tempo terá occasião de fazer um bom negocio, vendendo o bairro ao sr. Fontes, o qual, depois do nos tirar de todo a pelle, se servirá d'aquelle poderoso elemento para nos tirar tambem as tripas.

Quanto á prohibição dos tocadores ambulantes achamol-a acertadissima e tanto mais que esperamos que essa medida seja extensiva ao sr. commandante das guardas municipaes, prohibindo-se-lhe expressamente que ande pela rua a tocar a pavana a quem passa.

A ideia de chapar as lavadeiras é que já tem fóros de mania.

N'um paiz tão pobre como este, onde cada um precisa de exercer commulativamente umas poucas de industrias — desde o proprio presidente do conselho que tem mais d'um quarteirão d'empregos — se todas essas industrias forem classificadas por igual numero de chapas, tornar-se-ha indispensavel que cada cidadão tenha a area abdominal do sr. Cócó, para poder trazer pendurada nos cabides da barriga toda a enormidade de chapas relativas aos seus differentes misteres.

O marido da nossa lavadeira, por exemplo, é veterano da liberdade, condecorado com a madalha das campanhas, algarismo numero 9.

E' distribuidor do *Diario de Noticias*, pelo que usa da chapa n.º 15.

Vende cautellas do Fonseca — chapa n.º 65.

Faz recados nas horas vagas — chapa n.º 97.

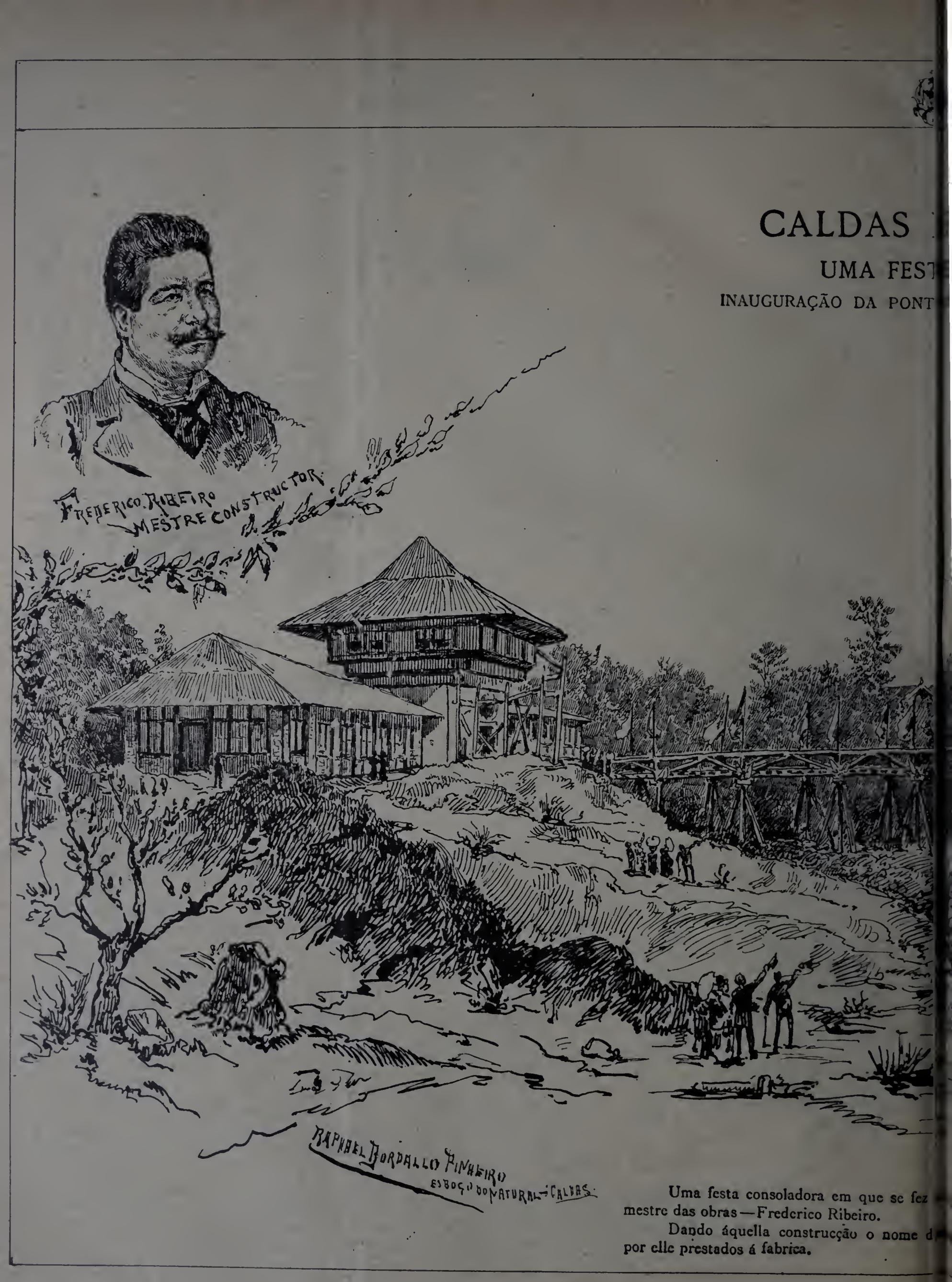
Agora, com a moderna disposição que manda matricular as lavadeiras, teve escrupulo de levar a mulher á matricula do governo civil e foi elle matricular-se, recebendo a chapa n.º 69.

Com toda esta numeração a cobrir-lhe o peito, o homem nem parece um veterano da liberdade — parece uma taboa dos logarithmos!...

CALDAS

UMA FEST

INAUGURAÇÃO DA PONT



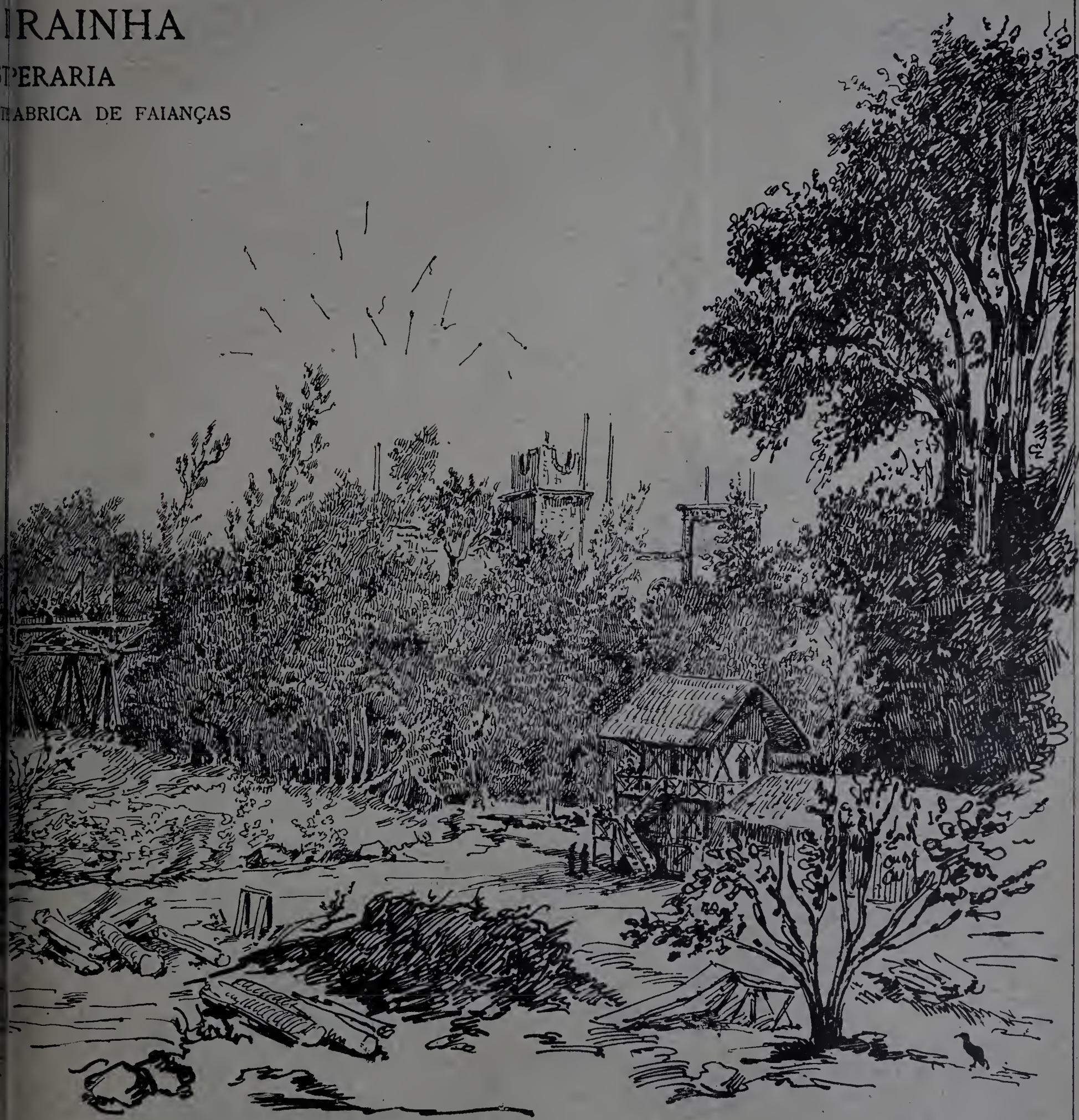
Uma festa consoladora em que se fez
mestre das obras — Frederico Ribeiro.

Dando áquella construcção o nome d
por elle prestados á fabrica.

RAINHA

PERARIA

ABRICA DE FAIANÇAS



um trabalhador intelligente, o constructor da ponte e

lo Mestre, commemorou assim a direcção os serviços

O illustre ministro da guerra, arvorado em alfayate do exercito, ainda não conseguiu dar volta á intrincada questão dos figurinos.

Tambem não é para admirações. Lá refere a historia o caso de sete alfayates que foram precisos para matar uma aranha; não nos espantemos portanto de que um só mestre esteja ha dois annos a dar voltas á tesoira e reviravoltas ao giz, sem se entender com este nem aquella...

Se fosse com o *thesoiro* já elle tinha *liquidado* tudo; agora com a *tesoira* não se entende porque tem medo de se cortar — coisa que não lhe acontece com o thesoiro.

Com o giz é que nos surprehende vêl-o tão pouco pratico, doutorado como está na faculdade de *gastar a giz*...

Entretanto os soldados, sempre á espera dos novos uniformes e com os actuaes fardamentos no fio, vão lentamente volvendo ao primitivo estado em que viram a luz d'este mundo, com enorme vergonhaça da parte d'estas

e não menor aprasimento da parte d'este...

* * *

O director da Penitenciaria veio á imprensa declarar que os condemnados que já deram entrada n'aquelle presidio estão mais contentes de que se lhes tivesse sahido a sorte grande em cautellas de 25!

Segundo aquelle funccionario torna publico, a Penitenciaria é exactamente como o diabo, visto não ser tão feia como a pintam.

As pessoas que andam á solta cá por fóra é que imaginam cobras e lagartos d'aquelle magnifico estabelecimento, mas as que têem a ventura de lá entrar uma vez já não são capazes de abandonar aquelle paraiso.

O sr. director fez saber que os prezos ali recebidos têem livros para se entreterem nas horas do calor e lindos jardins cheios de flores para cultivarem pela fresca.

Depois das declarações de s. ex.ª não houve ninguem que não sentisse o corpo a pedir-lhe prisão maior cellular e uma voz intima a bradar-lhe que espetassem dois palmos de ferro na barriga da pessoa mais proxima...

A fallar verdade, não sabemos para que uma pessoa anda cá por fóra a ralar-se para ganhar o gesso nosso de cada dia em pães de bico, quando póde muito bem, mediante uma honesta facadinha, ir para a Penitenciaria comer á barba longa, lêr a Princeza Magalona e passar as manhãs qual joven Lylia abandonada divagando em seu jardim...

E é precisamente n'este momento que o sr. governador civil vae acabar com a escola profissional de pessoas felizes que funccionava no Bairro Alto!

Segundo parece é inevitavel a guerra entre a Hespanha e a Allemanha.

O rei Affonso ainda não devolveu para Berlim a sua farda de coronel de hulanos, mas tudo leva a crêr que a estas horas já esteja moralmente em mangas de camisa.

Serviu de muito a tal cavaqueira amigavel com o rei Guilherme e os abraços e protestos trocados de parte a parte...

Póde dizer-se que emquanto os dois reis se faziam reciprocamente bichinha gata que comeste hoje, estavam os dois povos aguçando o dente para se estrafegarem um ao outro...

Por aqui se vê que não ha nada como a boa amisade dos reis para garantir a boa amisade dos povos...

A attitude do Bismarck occidental na guerra que vae travar-se é o que devéras tem preoccupado o Bismarck da Allemanha.

Segundo noticias fidedignas, o chanceller de ferro tirou-se um dia d'estes dos seus cuidados e da sua chancellaria e veio por ahi abaixo até Pedroiços em cata do collega.

O sr. Fontes estava no banho, em vista do que o chanceller tomou uma resolução energica juntamente com uma barraca de lona e, apesar de não haver tomado de vespera o usual depurativo, vestiu as cuecas e tomou um banho!

Dentro d'agua, e trocados os cumprimentos do estylo, começaram as negociações diplomaticas.

O sr. Fontes foi inexpugnavel!

O sr. de Bismarck appellou para homogeneidade de genios.

E o sr. Fontes nada! (de agulha.)

O chanceller lembrou que eram ambos chancelleres e ambos de ferro, evocou a coincidencia d'essas qualidades ferruginosas...

E o sr. Fontes nada! (de costas.)

O chanceller, lançando mão do ultimo recurso, abriu a bocca, para lhe provar que era desdentado; deu-lhe o bigode para a mão, afim de lhe evidenciar que era pintado; mostrou-lhe um maço de cartas cheirando a rosmaninho, para lhe patentear que gostava de velhas; demonstrou-lhe emfim que tudo entre elles era ponto de contacto e linha de afinidade...

Mas o sr. Fontes nada! (d'esta vez para terra.)

E, emquanto o sr. Fontes se encerrava na barraca, Bismarck, arrancando de desespero punhados de cabellos, maldizia a attitude do grande homem — que era n'esse momento a de quem apara um callo!...

PAN-TARANTULA.

DAS CALDAS

Mais uma vez supplicamos ao sr. Chagas, deputado pelas Caldas, que arranque esta ostra do hospital da villa. Agora que entrámos em setembro que começam os mezes com *r*, é bem boa occasião de a servir com pimenta e summo de limão no restaurant do Augusto.

Aqui é que não podemos mais com semelhante marisco que nos traz a todos *irritados*...

CAPELLO E IVENS

O director dos «Pontos nos ii,» Raphael Bordallo Pinheiro, declara que se associa enthusiasticamente a todas as manifestações com que forem saudados, no seu regresso a Lisboa, os heroicos exploradores Capello e Ivens e que n'ellas se honrará tomando parte e igual declaração fazem a redacção e a gerencia da mesma folha.

Subscripção nacional promovida pela Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes para serem offerecidas, em nome do povo portuguez, duas corôas de ouro aos benemeritos e illustres exploradores Capello e Ivens.

Da empreza dos «Pontos nos i i» ..... 9$000 réis.

8 DE SETEMBRO

Ante o chanceller de cobre
Todo o reino se descobre,
Desde o mais rico ao mais pobre,
Do rei ao pastor dos montes!
E n'um dia tão feliz,
Tão ditoso p'ra o paiz,
Toda a gente saber quiz
Quantos annos tinha o Fontes.

O povo invade-lhe a casa,
Com perguntas o atanasa,
Vê-se o Fontes n'uma brasa,
Não descança, não repoisa!
E até de Braga o marquez
Perguntou todo cortez
N'um telegramma que fez:
«Quantos annos tens, ó coisa?...»

E por todos rodeado,
Vê-se o Fontes perguntado,
Por tal forma seringado
Que a mostarda sóbe á venta
E com furor manifesto,
Como quem lavra um protesto,
Exhibindo um duro gesto,
Brada em voz grossa:—Setenta!...

PAN-TARANTULA.

BISMARCK E AS CASTANHOLAS

Os hespanhoes mostraram a Bismarck as suas castanholas pretas e o chanceller aterrado voltou com a falla ao bucho.

Portugal tambem já teve castanholas pretas, mas agora está tudo nas mãos do sr. Fontes.

—Oh! Fontes dá cá as castanholas!...

Este numero consagrado aos heroicos exploradores representa o tributo da nossa immensa admiração e da nossa enorme sympathia — que a rhetorica não saberia expressar.

Capello e Ivens não são já dois appelidos: são a synthese d'um glorioso acontecimento nacional!

CHRONICA

Verdadeiro acontecimento de arromba!

Todos os outros, os triviaes, os de cada dia, desapparecem na sombra, como reles actores de panno de fundo.

Não se falla senão de Capello e Ivens ou, quando muito, para variar, de Ivens e Capello!

O proprio sr. Fontes está-nos parecendo o Andrade da Trindade, se o atirassem para a scena, acompanhado de Salvini e Rossi!

Só d'elles, dos gloriosos, dos benemeritos, se falla ahi por toda a banda.

E não ha citar-se um d'elles, que não se mencione immediatamente o outro, Ivens & Capello, Capello & Ivens, assim á laia de firma commercial, tão juntinhos e tão unificados que até o nosso querido Oliveira Valle anda pesaroso por se vêr apenas doutor de capello, quando o *chic* era assignar-se «doutor de Capello & Ivens!...»

E, pois que ninguem falla nem quer ouvir fallar de outra coisa, d'elles iremos occupar-nos, assignalando-lhes aqui o regresso, que bem podemos intitular:

A VOLTA DOS HEROES

AS MANIFESTAÇÕES

Bastantes soberbas e algumas desastradas.

D'aquellas, temos em primeira plana o aspecto do Tejo á entrada do *Cabo Verde*.

Imponente!

Não se avalia porque não póde retratar-se!

Dezenas e dezenas de embarcações, de todos os typos e volumes, cruzavam-se espalhadas pelas aguas, com a promiscuidade de punhados de grangeia arrojados aos pés d'uns noivos gloriosos!

Contemplando aquelle debuxo caprichoso e singular, umas lagrimas boas, de espiritos saciados, bailavam nos olhos de toda a gente, sem cerimonia nem rebuço — assim como se as lagrimas fossem discipulas do Justino Soares, e os olhos de cada um sala de baile da academia Fenians.

O sr. D. Luiz ajudando pessoalmente o desembarque dos exploradores no Arsenal de Marinha, surprehendeu-nos e — o que é mais e não queremos occultar-lh'o — agradou-nos até!

E' que lhe não virâmos, nos ultimos cincoenta annos, fazer coisa tão sensata....

* * *

A par d'estas excellentes manifestações, em que apenas levemente tocamos porque o espaço nos não permitte tiradas descriptivas, houve tambem, como dissémos, manifestações desastradas.

Corôas de loiro, por exemplo, homenagem esta que só comprehenderiamos se o hospital de Rilhafoles tivesse mandado deputação a encorporar-se nos festejos...

O que demonio querem os senhores que os rapazes façam d'aquillo, não nos dirão?

Ainda se fosse pela Paschoa tinham o recurso das panellas e cafeteiras, mas agora, com tanta mosca ainda viva, quem seria capaz de comer escabeche de semelhante loiro?...

Para uso domestico, parecia-nos mais adequado uns barretinhos de seda preta bordados a sutage côr de canella...

A associação dos jornalistas tambem vae dar corôas de oiro, mas, como a subscripção não passa da cifra inicial, é de suppôr que as corôas sejam tão pequenas que mal caibam nas cabeças... dos dedos.

OS EXPLORADORES

O explorador indigena começa a explorar o nome dos exploradores africanos.

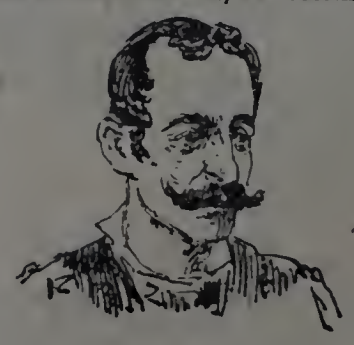
A titulo de homenagem ao valor dos benemeritos, o commercio apodera-se d'elles, resolvendo immortalisal-os em colleirinhos de bretanha e em bolaxinhas de agua e sal!

A *homenagem* começou, como era natural, pelo ponto mais eminente: a cabeça.

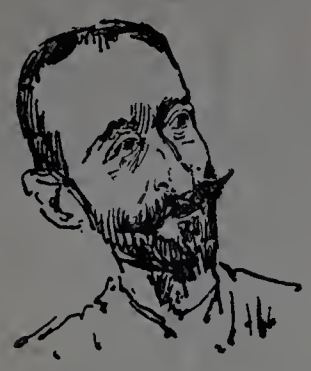
Depois dos chapeus *á Capello* para o toitiço, virão, se não vieram já, as lunetas *á Ivens* para o nariz, os biscoitos *á Capello* e *Ivens* para a bocca e assim, em escala descendente, até ás peúgas — para quem use.

Barbas *á Ivens* é que difficilmente pegarão por moda, porque elle é d'uma volubilidade de *projectos* perfeitamente em antagonismo com a sua firmesa de caracter.

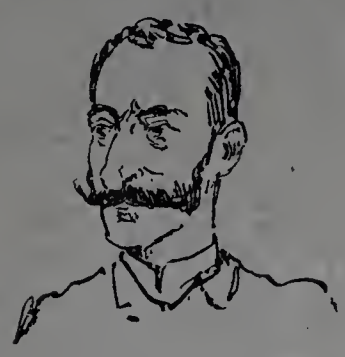
Quando partiu de Lisboa, ia assim



Quando voltou vinha assim



E agora já está assim!



NAS RUAS

Um apertão enorme por toda a parte.

Os arredores do governo civil nunca se viram tão concorridos, nem mesmo em vesperas de eleições!

Com a moderna nomenclatura das ruas adjacentes, aquella repartição deixou de chamar-se o *covil da parreirinha,* tomando o nome apropriado de *bairro dos exploradores.*

O venerando S. Francisco, apeado da esquina da rua para dar o logar a Roberto Ivens, está despeitado como o venerando Anselmo quando o Fontes lhe tirou o penacho da presidencia.

Até parece que o santo mandou um bilhete de visita com estas eloquentes palavras ao presidente Rosa Araujo:

—Ora muito obrigado ao seu favor!...

A fallar verdade, a nova denominação da rua de S. Francisco traz muitos inconvenientes.

Porque o indigena, na sua grande maioria, não lê Ivens em inglez; lê em portuguez: *i vens.*

Ora com o andar dos tempos, são favas contadas que toda a gente lhe chamará rua do *Ahi vens.*

E será necessario que o Leça da Veiga restabeleça a verdade dos factos, como fez ainda não ha muito tempo com a travessa do Cata que farás...

E depois façam ideia de que funestos qui-pro-quos se podem dar...

Por exemplo:

O commendador é o marido mais docil do concelho de Belem; e a esposa, que pretende—por motivos que não vêem para aqui—afastal-o algumas horas da sua casa em Alcolena, diz-lhe depois de jantar:

—O' Capistrano, vae dar um passeio que te hade fazer bem á digestão...

—Mas onde queres tu que eu vá?

—Ora! a qualquer parte... Olha! vaes á rua *I vens...*

E o commendador, sempre docil, como a esposa lhe disse *vaes á rua e vens,* chega á rua, volta logo para casa e encontra o seu guarda-livros a fazer a escripturação do livro-caixa no gabinete da commendadora!...

AS ILLUMINAÇÕES

A não ser nas ruas principaes, a luminaria portou-se muito mal. Estava sumitica como o Monteiro Milhões!

Quasi ninguem poz luminarias e andavam todos de venta torcida por não vêrem a torcida do visinho na janella!

O Motta das electricidades poz apenas uma luminaria. Uma só, mas em compensação mais avantajada de que o nariz do proprio Motta!

Como a lua não mostrava n'essa noite senão meia dose—lua para um—o Motta apontava a sua luminaria, berrando glorioso:

—Experimentae e comprae! O meu triumpho é certo!

O gaz do *Commercio de Portugal,* illuminando o mappa da travessia, chamava a attenção de toda a gente.

Na rua, o publico commentava.

—Não sei para que demonio o Melicio escreveu na taboleta: «4:500 kilometros atravez d'Africa» quando podia ter escripto: *uma libra de kilometros...*

—Aquelle traço vermelho da travessia será o sangue dos pretos que esfolaram os pés pelo caminho?

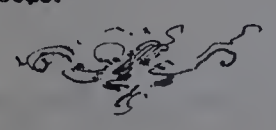
—Qual historia! Se fosse sangue dos pretos ficava o traço da côr do bigode do sr. Fontes...

—Olha a grande travessia, que não chega a ter o comprimento de trez janellas de sacada! Aquillo fazia o Augusto Ribeiro com uma pernada pequenina...

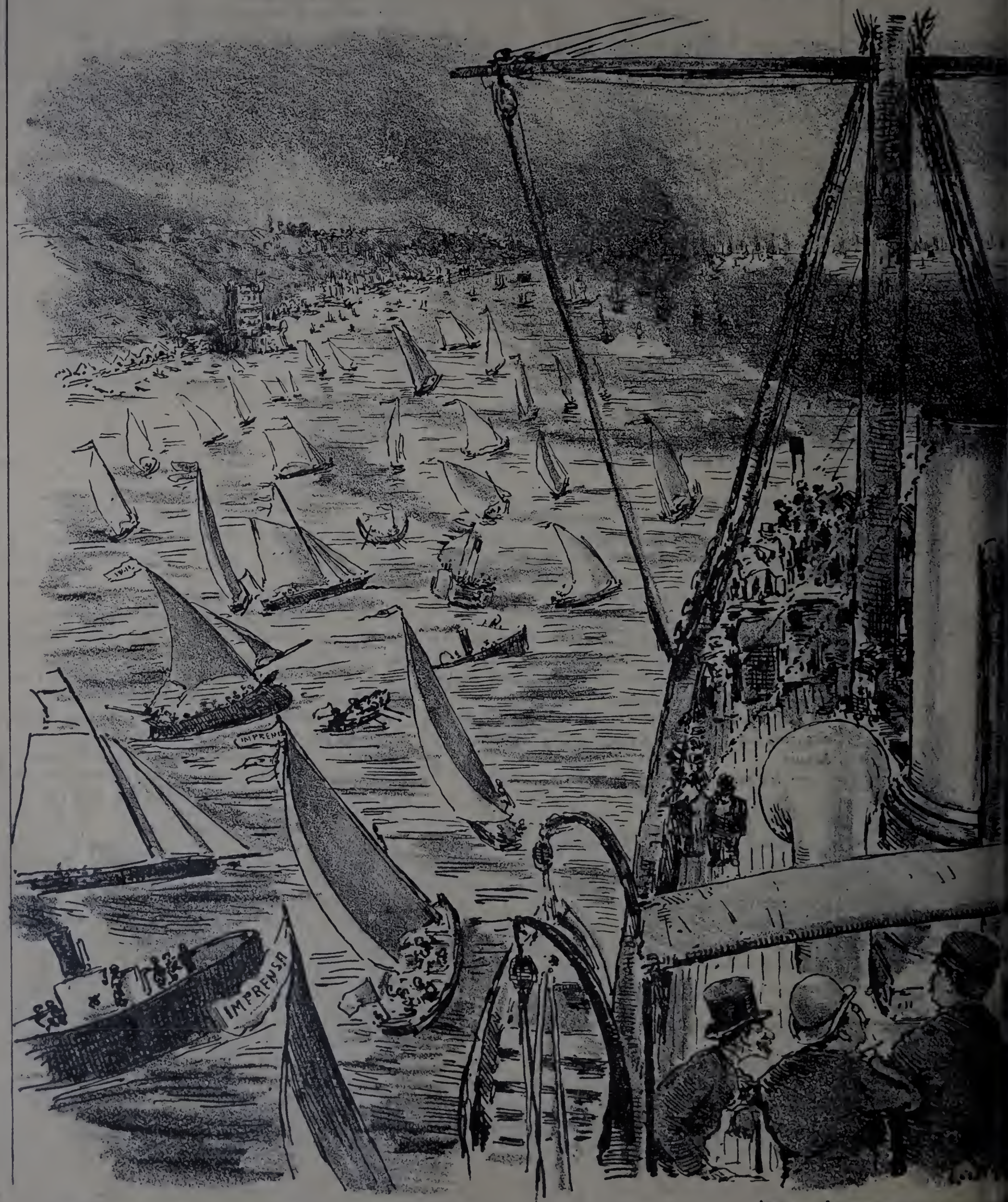
OS BEIJOS

Accedendo ao convite feito nos jornaes por Jayme Victor a todas as senhoras de Lisboa, para que lançassem das janellas flôres e beijos na passagem dos exploradores, todas as damas atiravam beijos da varanda como quem atira tremoços em dia de carnaval.

Ora como as damas lisbonenses são—salvo algumas e honrosissimas excepções—feias como trezentos diabos, os exploradores deram a todos os ditos diabos a ideia do Jayme Victor e não tiveram mais remedio senão comprar no 92 da rua Nova do Almada dois salvadores chapeus de chuva, mediante os quaes lá conseguiram chegar a casa relativamente seccos d'aquella saraivada de beijocas.

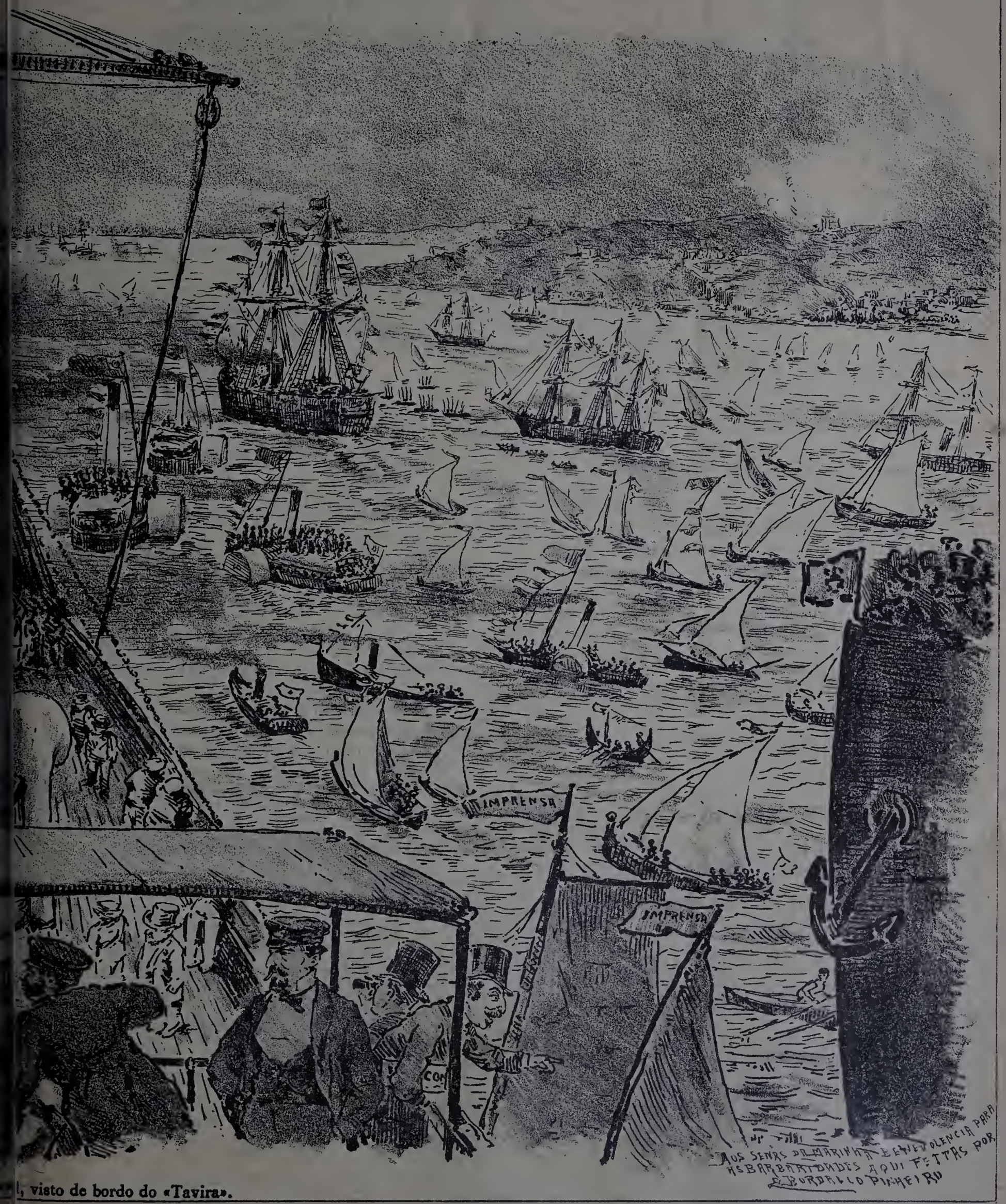


A RECEPÇÃO DE



Aspecto da quarta parte do corte

CAPELLO E IVENS



l, visto de bordo do «Tavira».

A GUARDA MUNICIPAL

A guarda municipal portou-se como sempre, aos pinotes e aos coices.

Ora, se nós estivessemos sob a tutella d'um governo medianamente moral, pedir-lhe-iamos hoje aqui muito encarecidamente que, já que não lhe convém dissolver essa recua de cavalgaduras, a quem o povo paga a palha quotidiana para ser escoiceado no meio da rua, decretasse ao menos — agora que está tratando da questão dos uniformes — que a citada guarda calçasse em dias de serviço as ferraduras de ourello com que costuma andar em casa ao levantar da cama, afim de que os coices fossem um nadinha mais suaves.

Mas, como sabemos perfeitamente que o governo ouve tanto as nossas supplicas como o doutor Cunha Belem ouve os suspiros d'uma formiga, limitamo-nos a sollicitar dos fadistas do bairro Alto em disponibilidade, algumas facadas benemeritas na barriga de todos os municipaes que por ahi encontrem a geito, com o que, além de não offenderem a humanidade, prestarão á patria um serviço muito superior ao que nos presta a policia civil quando mette os citados fadistas na enxovia do Limoeiro.

Aos cidadãos pacificos que tenham de sahir á rua em dia das cavalgaduras andarem á solta, aconselhamos que o não façam sem levar o crédo na bocca e um pingalim na mão direita.

A BORDO DO «TAVIRA»

A' hora marcada levantou ferro, rompendo ao mesmo tempo duas marchas triumphaes: a marcha do *Tavira* pelo Tejo abaixo e a marcha do Filippe Duarte pela fanfarra dos amadores, uma bella marcha, escripta sobre o joelho, em duas horas de inspiração.

Contavamos com outra charanga, tambem de muito merecimento, a Real Fanfarra de Caneças, que devia revesar-se com aquella da Real Academia dos Amadores de Musica, mas succedeu o que quer que foi... e tudo gorou.

Ao que parece, incompatibilidade de saxofones ou coisa parecida...

Uns eram de sangue azul, outros não tinham sangue azul mas tinham fardas d'essa côr, e, sendo ambas as fanfarras *reaes*, não sabemos porque houve amuos no seio da familia...

Não é só entre os republicanos que existem dissidentes: tambem entre pessoas reaes acontece d'isso.

Emfim, tudo ficou em agua de bacalhau, e, se alguns instrumentos chegaram a arrancar metade das partituras da bainha, não houve, graças a Deus, derramamento de semi-fuzas...

* *

Christovam Ayres andava como um foguete, do convez para a ponte e d'esta para aquelle, em cata dos botes, que eram aos centos, portadores do distico «A Imprensa.»

— Olha! lá vém um! gritava elle de minuto a minuto, muito satisfeito, a olhar para a barra pelo portavoz e a fallar ao longe pelo binoculo...

Effectivamente não se via senão «Imprensa» e mais «Imprensa», boiando aqui e acolá, como se a imprensa fosse de cortiça — o que até certo ponto justificava então a celebrada lei das rolhas...

Quando tocavamos as alturas de Caparica, uma agradavel surpresa nos esperava.

O *Tavira* suspendeu a marcha, e, lá ao longe, um bote com a borda mettida debaixo d'agua caminhava para nós.

E uma voz feminina, muito meliflua, muito subtil, perguntava para o capitão:

— Dá licença que atraque?

— Quem será que pede atraque? perguntava-se.

Era o nosso collega Gabriel Claudio!...

O bote aproximou-se lentamente, gemendo como um mariola debaixo d'um fardo de vinte arrobas e fazendo taes esforços, em risco de rebentar uma veia, que até os olhos da prôa vinham tortos!

Chegámos a imaginar que D. Guiomar Torresão vinha a bordo do conselheiro Dias Ferreira!

Finalmente lá lhe deram atraque, como ella pedia, e D. Guiomar atracou.

Quando Gabriel Claudio poz o pé na escada, o *Tavira* não virou de todo — porque o *Tavira* não vira, se bem que nunca vira tamanho sapato de sola e vira, como disse um primo do sr. Mendonça e Costa — mas assim que recebeu em peso toda aquella opulencia de carne fresca, deu a borda que foi um regalo...

Felizmente lá acommodaram Gabriel Claudio no meio do navio, mesmo ao pé do canudo da machina, com a recommendação de ir ali muito quietinho, sob pena de voltar o barco e cahir ao mar, fazendo subir o nivel das aguas e assustando as familias dos tubarões...

Antes de fecharmos a chronica, um aperto de mão ao illustrado commandante do *Tavira*, que nos dispensou um sem numero de amabilidades, e outro ao generoso Pedreira, que nos obsequiou com a mesma somma de sandwichs.

Ao desembarque juntamo-nos no Arsenal com os passageiros dos outros vapores, excepto com os do *Africa*, que se atrasou na marcha, de fórma que os passageiros que trazia, apesar de virem *d'Africa*, não conseguiram vêr os exploradores africanos!

NA CAMARA MUNICIPAL

Do que se passou na camara municipal, limitamo-nos a transcrever o discurso do digno presidente Rosa Araujo, que foi do teôr seguinte:

Senhores!

Ao pronunciar estas breves palavras de felicitação sinto que a voz me treme como um passarinho de *alcorce* e o coração se me agita como um *puding* de gelatina!

Abobora!—e abobora sem ser coberta,—para os que propalam ser isto um povo a quem corre *capilé* nas veias!

Vós demonstrastes que ainda ha portuguezes d'uma canna—sem ser de *assucar*—que não estão para passar a vida n'esta *marmellada* do *né raleris!*

Honra e gloria a quem assim *grangeia* titulos á nossa admiração!

Calculo bem o que soffrestes, dando á *canella* por esses sertões, onde se come o *pão de ló* que o diabo amassou!

Em quanto as summidades politicas andam por cá *arrufadas* de inverno e tomam no verão banhos de *Caldas*, vós por lá andaveis, descobrindo terras que era umas *natas!*

O vosso regresso veio agora mesmo a dizer *ginjas*, porque a eleição está á porta e eu agarro-me ás vossas sobrecasacas, como a *alfeloa* se agarra aos dentes, a vêr se *abiscoito* popularidade...

Se tirar resultado d'esta estendidella de *massa*, ficar-me-ha de vós uma *doce* recordação, que eternamente hei de conservar—na minha qualidade de *conserveiro!*...

Disse.

A PARADA

As cavalgaduras da guarda municipal ficaram presas á argola e tanto bastou para que tudo corresse na melhor ordem e socego.

A tribuna da camara municipal um encanto. Bem se via que andou ali o dedo d'um engenheiro que foi estudar a Paris.

Melhor do que aquillo e em genero barraca de lona só o Fate, banheiro de Pedroiços...

Lá vimos o sr. Fontes, com o seu correio a cavallo, o qual, (correio) á força de contemplar o patrão, está um verdadeiro *sosia* de s. ex.ª

Até parece que é o sr. Fontes que vae a cavallo, levando o correio dentro da traquitana.

E foi quanto observámos, porque, a respeito de parada e devido á amabilidade do sr. Cócó—que nos reservou um logar—vimos apenas isto...

PAN-TARANTULA.

NA PONTE DO ARSENAL

—Ora graças ás cabaças! Até que emfim o vejo fazer uma coisa com geito!

Porque não se portou assim nos centenarios? Já vê que não lhe succedia mal nenhum... E até lhe ficam muito bem esses sentimentos...

POR UMA ORELHA!

—Ora venha ca seu «aza!» Voeê que anda para ahi a arrotar a postas de pescada, confesse que os exploradores d'este *cantinho* metteram n'um canto as summidades lá de fóra.

VIAGENS AO PAIZ DA RAINHA ASNEIROFF

(Continuado dos n.os 17 e 18)

3.ª Carta ao sr. de Zola

Meu caro

Eu sou como os Braganças. Sou bastardo de geração.

Um ascendente meu, que chegou a desembargador, foi, quando ainda estudante, á festa da Senhora do Castello em Mangualde e notou por entre nuvens de luxuria uma beirôa que se saracoteava.

O diabo da rapariga, de largos quadris e de elevados promontorios dianteiros, dava um ar tão canalha á metade inferior do corpo, e cuspia nos dedos para a estallada do acompanhamento com brejeirico tal, que, quando ella se peneirava e a roda da saia remoinhava, a turba dos matulões crescia e todos babados grunhiam:

—Biba a nossa dançadora!

—Biba a nossa Rosinha do monte.

Ella, então, percebendo a sensualidade brutal dos satyros enthusiastas revirava os olhos, fingindo convulsões hystericas. Sentava-se cançada, abanando-se com o avental de ganga e oscillava o burel da saia para lhe enxugar o suor que lhe escorria até á liga, onde empoçava.

O calor, porém, nunca foi capaz de lhe derreter as duas montanhas da côr da neve, que por baixo da cassa do seu lenço bordado arfavam em movimento igual ao da terra em seu eixo.

De perna cruzada e com riso brejeiro dava de olho a todos; mas contaram a meu avô que era mulher das taes a quem D. João v, de espada em punho e ella de bainha na mão, nunca levaria de vencida, acertando no alvo e mettendo o gladio.

Isto bastou para o estudante crescer em seus appetites quentes. Pediu-lhe, quando o tocador deu o signal do bailado, que se mexesse com elle n'uma dança rasteira e que désse umas voltas a compasso, conchegando-se ao seu peito, que estalava por ella.

Fez-se da côr do morango. E na sua brutalidade virgem alegrou-se por ouvir pela primeira vez um som differente do escoucear constante dos alarves da sua terra.

Saltou para o adro; alisou á testa as suas finas madeixas de ouro; concertou as roupinhas; esticou o avental; compoz mais a pequena abertura que o lenço lhe fazia nos peitos; e ageitou o seu coração de filigranna, entrelaçado com uma Virgem Maria, de ouro massiço, preso a um colar feito de estrellas polidas.

O estudante, meu vigessimo avô, agarrou-a com sofreguidão do avarento que descobre o thesouro, e percebeu, o brejeiro, no estremecimento innocente d'aquella perola das montanhas, que na aldeia tambem ha calafrios d'amor.

Dançaram. Mas entre os idiotas, de briche vertidos, foi notado que a Rosinha se achegava muito ao estudante, a ponto de, no corrupio em que andavam, ficar preso o coração e a virgem ao cordão que elle trazia.

Como o coração d'ella era de renda de ouro e o grilhão de meu avô era grosso, feito de peças de lei, rijo como o calabre, e fórte como um baraço; o coração da Rosinha desprendeu-se do colar e meu avô achou-se com elle, enleiado na sua corrente.

Não lhe digo mais nada, amigo Zola. D'esta fusão dos metaes nasceu um dos meus avós.

O estudante fugiu e a Rosinha desappareceu da terra e das romarias.

.....

.....

Formou-se elle em canones e leis e chegou ao desembargo do Paço.

O filho, gerado pelas festas de Mangualde, foi boticario.

E entre a minha illustre ascendencia eu conto, como varões assignalados, um alquilador e um juiz de fóra, um barão, um brochador, um marceneiro, um confeiteiro, um deputado, um advogado, um conselheiro, um merceeiro, um procurador, um juiz de superior posição e não sei quantos representantes de mais classes gradas.

Sentindo-me com inclinação para as lettras, e lamentando o desleixo culposo de me não fazerem bacharel, honrei sempre a memoria do desembargador, meu tronco, e da Rosinha, minha haste, tomando paixão pela justiça, tendo o meu fraco pelo foro e fallando sempre em leis e em codigos.

Como os tribunaes do meu paiz representam o ideal da lei, e como um julgamento em Portugal serve de norma ao estrangeiro que queira bem resolver; o meu primeiro cuidado foi, mal cheguei a Asneiroff, correr os templos da justiça e vêr se a vêlha instituição era pura como a razão, e candida e boa como o principio de onde parte.

Que desillusão e que desalento, ó meu amigo!

Que garotices que para lá se fazem! Que deboche que por lá vae!

Basta dizer-lhe que quem exerce a auctoridade é um bailio, cheirando a caserna. E' um velho corrupto, decrepito em annos e que tem um processo fedorento, tapado e escondido por conselho hygienico.

Não vi nos tribunaes de Asneiroff nem a figura symbolica da justiça, nem a visão flammejante do Christo, ultima palavra da suprema bondade.

Em parte alguma descobri qualquer signal indicador da lei, nem me mostraram cousa parecida com a balança austera em que o direito de cada um é avaliado.

O que vi foi uma humildade degradante e suja com bancos de pinho e mesas de casquinha polida a preço barato.

Vi tambem sanefas de veludo e reposteiros de gorgorão, como ha nas salas de espera de qualquer mulher duvidosa, engajada por banqueiro prestes a fallir, que é synonimo de roubar e que tambem é *gajo*.

Tirando um ou outro, aqui e acolá, e n'um isolamento, que se destaca, os homens a quem se confiam os altos interesses de cada um são velhos gottosos, cheios d'achaques phisicos e corrompidos.

Parvos como intelligencias; vingativos por pequenez de sentimento e dementes pela idade; para elles o seu criterio está na pessoa que lhes pede.

Não se indaga quem tem razão. Olha-se para o empenho que se traz. E a probabiiidade de vencer um pleito está na razão directa da maior somma de influencias de que se dispõe.

E' uma refinada patifaria, mas é uma triste verdade.

O filho pede ao pae. O ministro escreve. O deputado protege. O chefe do partido vae fallar. Este interessa-se. Aquelle empenha-se. Um senador manda. O agiota impõe. A companhia exige. O banqueiro ordena. Aqui é um padre. Ali uma mulher. Umas vezes a familia. Outras os estranhos.

E os velhos, de rabicho e cabelleira de estopa, estonteados com tal barulho, e confusos por similhante barafunda, humilham-se á imposição que os avilta, e resolvem ás cegas os problemas difficeis da honra, da propriedade e do futuro dos cidadãos!

E assim vae tudo! E é assim que tudo vae!

Em Asneiroff não se indaga quem tem razão e quem tem justiça.

Em Asneiroff só se pergunta quem protege a causa!

Pura bacchanal!. Uma feira de consciencias! Uma venalidade! Uma immundicie! Uma pouca vergonha revoltante!

Se eu tiver tempo, amigo Zola, eu lhe farei descobertas importantes na difficil arte de julgar.

E assim como na *Pall Mall Gazette* se inaugurou em Inglaterra o systema da reivindicação da moralidade; eu tambem começarei por publicar uns perfis judiciarios para você vêr até que ponto desceu o nivel moral dos tribunaes d'Asneiroff.

Desde que o primeiro homem de tal paiz é o fedorento bailio, aquella sociedade está no maximo da vasante.

E todas as vezes que a Justiça decide por empenhos e fecha o codigo para fazer favores, está permittido o uso legitimo do tiro.

Em quanto os poderes superiores não restabelecem por meio de uma syndicancia urgente o velho e chorado dominio do rigoroso cumprimento da lei, aposentando os velhos, processando os devassos, mandando os leprosos para o hospital e curando os doentes, a regra é esta, visto que nos Tribunaes ha influencias superiores ao Codigo e n'elles não ha nem lei nem roque:

«*A nação é insulta. E' a caça permittida.*»

Segunda sensação, experimentada em Asneiroff, *o nojo*.

Até breve. Sempre seu amigo.

José Pan Theu.

CHRONICA

Foram ainda os exploradores quem durante a semana esteve na berlinda da attenção publica.

Damas elegantes puzeram de parte o catalogo dos *Magasins du Printemps*, para só prestarem attenção aos artigos descriptivos do *Diario de Noticias*, sobre os homens.

Fura-vidas implacaveis, d'aquelles que atravessam as ruas não interrompendo nunca a marcha das suas pernas afim de não prejudicarem a marcha dos seus negocios, paravam frequentemente junto dos cunhaes dos predios, observando programmas de espectaculos, onde os nomes dos heroes brilhavam em lettras d'oiro de dimensões a dar nas vistas. Emquanto os vindoiros lhes não pagam esse tributo nos fastos da historia, dão-lh'o emprezarios patrioticos, em adiantamento generoso, nos fastos dos cartazes...

E chefes de repartição, respeitaveis e commendadores, se dignaram pela semana adiante, arranchar com subalternos e demagogos amanuenses, respigando noticias dos exploradores em columnas de jornaes republicanos!

E os denodados rapazes afrontando, com um valor ao par da coragem com que atravessam os sertões, toda essa lida fatigante de espectaculos e convites, de visitas e caminhadas, carregados de gloria e de estopadas, chegaram a parecer-nos menos uns exploradores de genio de que uns bufarinheiros de divertimentos!...

* * *

Sua magestade el-rei acolheu os exploradores na sua visita ao palacio de Cintra com uma deferencia digna de menção.

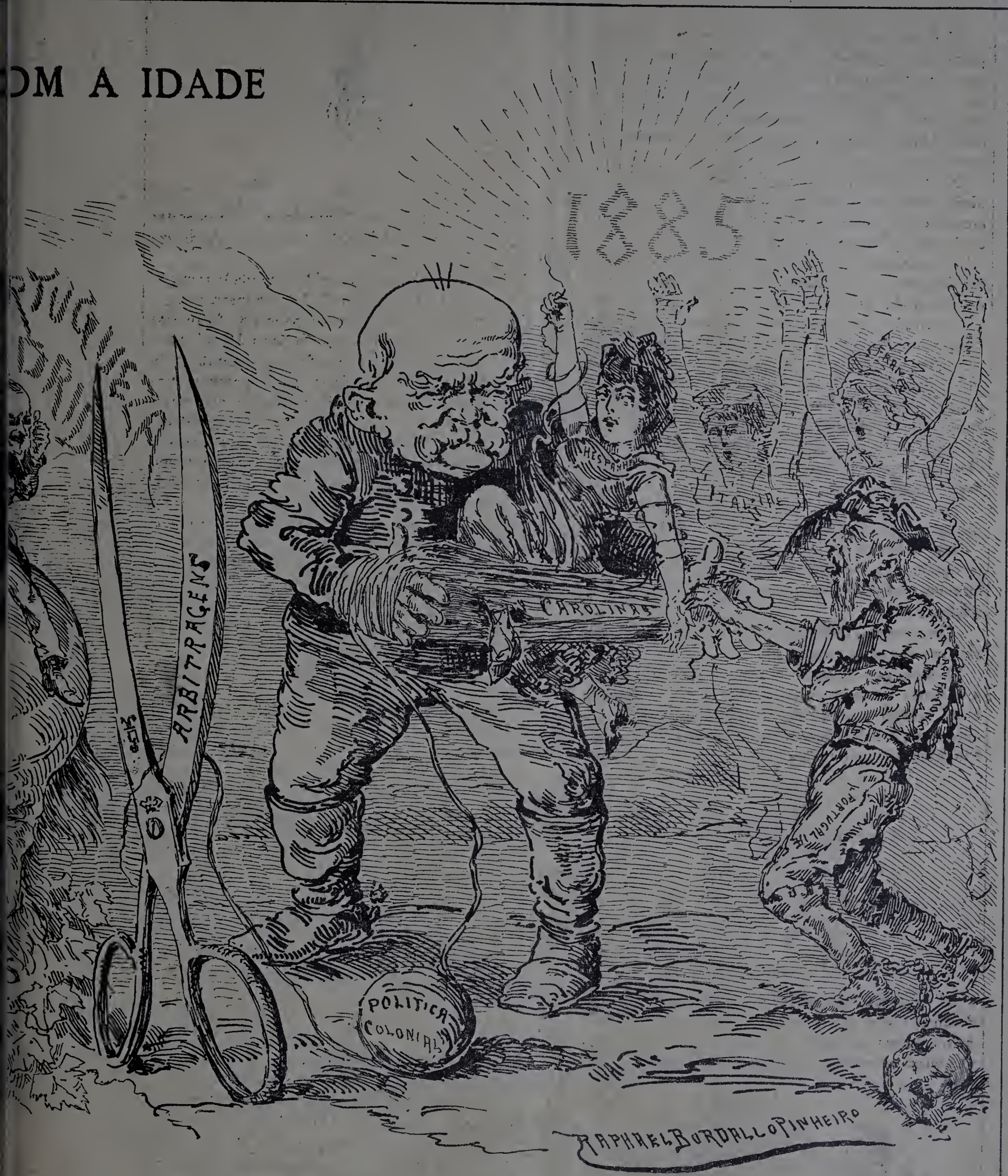
Uma vez que se tratava de exploradores africanos, o monarcha entendeu e entendeu com muito juizo que lhes devia proporcionar em palacio, alem d'uma hospitalidade principesca, uns pretos allegoricos.

El-rei tinha esta fazenda de casa, bastando-lhe apenas, para exhibil-a, pôr o sr. Fontes no olho da rua, e chamar á roça do poder os pretos constituintes.

MUDANÇAS...

Na questão do Congo fomos reprovados pela Hespanha em exame de «latinidade.»

OM A IDADE



Na questão das Carolinas já somos «latinos» para todos os effeitos...

Mas sua magestade não queria pretos apocriphos pretos de contrabando, pretos fingidos, como os artigos de prata oxidada, que em se esfregando apparecem logo brancos; el-rei queria pretos authenticos, pretos garantidos, aonde o mais escrupuloso contraste podesse limar á sua vontade que não encontraria senão preto...

N'esta resolução, el-rei concedeu uma segunda audiencia aos emissarios do regulo Gungunhama, que se apresentaram na fresca Cintra com as suas *toilettes* ainda mais *frescas* de que ella!

Os emissarios aproveitaram a occasião para supplicar de novo a sua magestade a criação d'uma escola de instrucção primaria na terra da sua naturalidade.

O pedido dos emissarios do regulo tem o seguinte fundamento: na escola medica de Gungunhama ainda não houve occasião de estudar praticamente os estragos causados pela fome no corpo humano, visto como ninguem na terra tem morrido de semelhante coisa. Agora, com o estabelecimento da escola de instrucção primaria e nomeação dos respectivos professores, não faltarão exemplares para os estudantes procederem aos seus estudos...

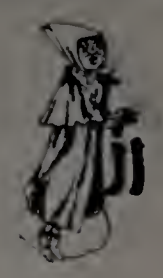
Mas, voltando á ideia de sua magestade, confessem que não podia havel-a mais gentil.

Não sabemos se isto foi uma excepção aberta pelo monarcha em honra dos exploradores ou se constitue formula geral, adoptada agora para todas as recepções solemnes...

Sendo assim, deve tornar-se muito curiosa a *mise-en-scene* das reaes recepções.

Temos, por exemplo, um importante vinhateiro a apresentar os seus cumprimentos a sua magestade: el-rei acolhe-o galhardamente e, no intuito de lhe ser agradavel, convida tambem para a recepção o José das Pinguinhas — no estado agudo...

E' um opulento lavrador alemtejano, criador de dezenas e dezenas de varas de porcos, quem tem a honra de ser admittido á presença regia e o monarcha entra na sala acompanhado do *Pisca-pisca*.



A corrida nocturna em honra dos exploradores esteve, como não podia deixar de estar, uma toirada excepcional.

Os bois eram d'uma generosidade verdadeiramente fidalga no que respeita a distribuição de marradas.

Foi um bodo de *castanha* aos pobres da freguezia.

Um dos toiros, cuja brandura o tinha deixado passar desapercebido, não quiz soffrer a vergonhaça de voltar a casa sem dar nas vistas, e, não podendo quebrar ao menos as costellas d'um toireiro, quebrou a propria espinha para ser agradavel aos exploradores.

— Se alguns illustres paes da patria, que passam desapercebidos em tantas legislaturas, pensassem com o criterio d'aquelle toiro, acreditem que se tornavam muito agradaveis ás finanças do paiz...

João Roberto andou a cavallo n'um toiro, que por seu turno o montou depois a elle, João Roberto.

Aquillo não foi simplesmente um incidente tauromachico: foi uma grande lição de moral, que recommendamos á attenção do sr. Fontes....

— Os que n'um dia estão de cima, podem no outro dia estar debaixo...

E não só de dia, como até de noite póde vir a acontecer isso...

Os bandarilheiros Peixinho e Minuto mostraram ao publico que nenhuma dissidencia ha entre elles apresentando folha corrida de communs affectos, ambos abraçados e de joelhos aos pés do toiro.

O publico applaudiu estrepitosamente, acatando as theorias do barão de Catanea: «haja paz, haja concordia entre vós, ó portuguezes!»

Os Robertos tiveram uma ovação como nunca haviam tido em dias de sua vida!

Podéra! Ainda quando não fosse os seus merecimentos, bastar-lhes-hia terem o nome de baptismo que tem o Ivens.

O proprio Salau, se se chamasse Hermenegildo, apanhava n'essa noite uma salva de palmas — em honra de Capello...

* * *

Quanto a politica, nem um tardo rumor longiquo que nos dê novas de semelhante creatura!

Os potentados da politica continuam a arejar-se nas frescuras dos campos e nas humidades das praias e ainda não ha muito tempo que o *Rigoleto* do *Correio da Manhã* nos deu noticia d'uma curiosa *soirée* na Granja, onde os srs. Braamcamp, Marianno, Topa-a-Tudo, Henrique de Macedo e outros, dançaram a *Boulangère*, uma dança de mil diabos, que começa por innocentes mesuras, para acabar no mais desenfreado *bolero* que teem dançado pernas hespanholas.

Segundo as informações que temos, o sr. Braamcamp nem parecia o venerando chefe do partido progressista, parecia a Cuenca da feira de Belem trabalhando á força de vapor de dez champagnes!

— *Olé! salero!*

E o sr. Fontes, que não quer ficar atraz do seu antagonista politico, eliminou o jogo do loto e o bordado a bastidores das suas diversões nocturno-caseiras e passa agora as noites em Pedroiços a dançar com as suas velhas o baile flamenco!

— *Flamenco puro! Olé! Olé!...*

Estas manifestações, tanto por parte do governo como da opposição, são extremamente lisongeiras para visinha Hespanha, que vê n'ellas a sympathia dos nossos vultos politicos — senão pela questão das Carolinas, ao menos pelo furor dos *zapateados*...

* * *

Nos arraiaes dos bastidores não se falla senão do desapparecimento da Pepa.

Quando todos imginavam que a Pepa tinha chocado no theatro da Trindade, onde recentemente construira o ninho, e que ali ia fazer *criação*... de varios personagens de opereta, eil-a que levanta o vôo, batendo as azas para as terras de Santa Cruz e deixando ao Palha a cruz d'uma companhia sem a companhia d'ella!

Bem quizera o Palha ser n'este momento tão leve como o proprio appellido, para correr atraz da Pepa o acorrental-a por um pé antes de ella embarcar para o Brazil,— como se fôra um papagaio vindo *di lá*...

Ora a Pepa teve carros de fanico de rasão!

Ella estava deslocada na companhia da Trindade, e tanto mais facilmente deslocada quanto é certo que, como todos os *deslocados*, não tinha senão pelle e osso...

As demais collegas, Florinda, Josepha, Rochedo, Hermesinda e até Anna Pereira — vamos lá — são rechnchudas que é um louvar a Deus.

Francamente que nunca vimos, junta, tão abençoada porção de toicinho. . do ceu...

Aquillo nem parece uma companhia theatral — parece mas é uma salgadeira do sr. S. Pedro...

Foi por isso que a Pepa passou os ossos para o Brazil, apesar da escriptura—que devia ser uma *escriptura sagrada*...

A pobre Josepha é que vae ficar agora com os papeis que estavam a cargo dos ossos da Pepa.

Tenha paciencia que são os ossos do officio...

—A não ser que o Palha sempre se resolva a escripturar a tal rapariga que o Accacio Antunes desencantou em Coimbra e que póde vir a dar um excellente soprano e uma formosissima mulher—com a intervenção do hespanhol.

Que o Palha faça a experiencia e sabe Deus o grande *partido* que tirará da rapariga...

SUBSCRIPÇÃO NACIONAL

N'um congresso de criadas
Reuniu-se a enorme grey
Das sopeiras—reguladas
Como quer e manda a lei...

Era o caso—nada mais—
Que pagar grato tributo
Ao patrão dos *mancipaes*
Tristão—compadre—matuto.

—E' preciso (disse *Estrudes*)
Dar-lhe um presente real,
Memorando as sãs virtudes
D'esse bravo *mancipal!*

—Que hade ser? (berra *Hinorata*
Moçoila das mais vermelhas;)
Uma pásinha de prata
P'ra esgravatar as orelhas?

—Isso não, (volve outra moça
De olhar duro e gesto grave;)
O Tristão é casca grossa
Póde ser que não se lave...

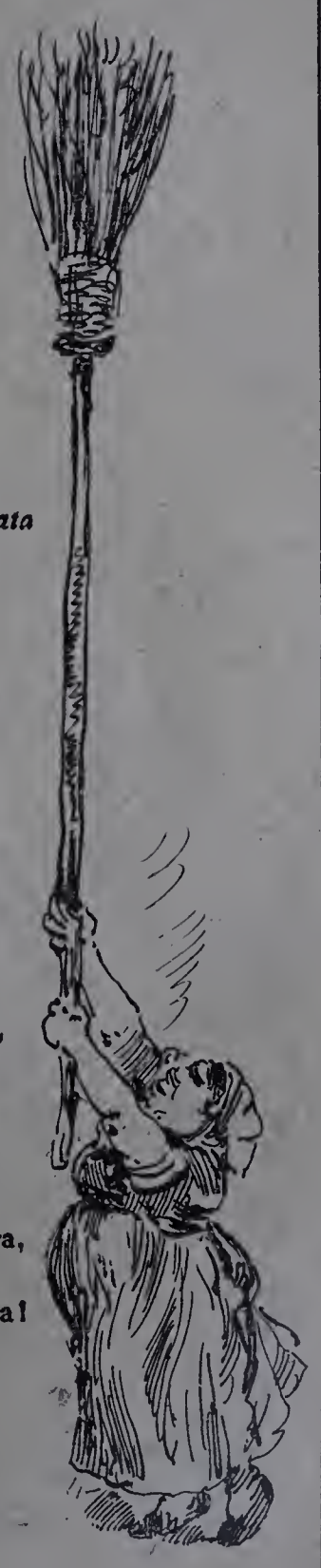
(Diz *Zabel*:)—E' de mais luxo,
Em vez da pá p'ra os ouvidos,
Mandar-lhe antes um cartucho
De bôlos finos sortidos...

—Isso sim! (protesta *Ingracia*,
Das mais nédias e sadias;)
Fôra pulha e fôra audacia
Mandar-lhe essas porcarias!

—A Tristão, o vulto ingente
Que os *mancipaes* não deshonra,
Devemos dar de presente
Um pau de vassoira... d'honra!

Tudo approvou com rasão,
Pensamento de tal grau.
Foi aberta a subscripção
P'ra comprar o dito pau...

Póde ser que a coisa pegue...
Ella cá vae p'ra os papeis...
—Das sopeiras... (somma e segue)
Tres vintens—e cinco réis.



Pan-Tarantula.

A PROPOSITO

Como o sr. Fontes continúa a estar com a mão na massa dos uniformes, offertamos-lhe este figurino moiro para a guarda municipal e que lhe deve assentar como pitada de meio grosso em venta de clerigo...

O ARBITRO DAS CAROLINAS

COMO A QUESTÃO É «LATINA»... COMPETE AO PÁPA...

—O' pápa... pápo?

—Pois está visto... Não é o que tens feito sempre?... Vae papando, comtanto que te não lembres de me papar a mim... Lembra-te de que sou o pápa...

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

CAPELLO E IVENS

Levantaram-se os brindes, estalaram os foguetes, proferiram-se as exclamações, içaram-se as bandeiras e accenderam-se as luminarias.

Tudo muito bonito, muito justo, muito patriotico.

Mas agora, que tudo isso vae passando e que não tardará, pela ordem natural das coisas, a desapparecer completamente, parece-nos da mesma fórma bonito, justo e patriotico que a nação dê de si a esses benemeritos trabalhadores uma outra recompensa que se veja e que se apalpe, não se manifestando apenas em salvas de palmas, em côtos de stearina e em bombas de foguetes.

As palmas têem o seu logar vitalicio nas platêas dos theatros, os côtos nas lanternas dos *coupés* e as bombas nos arraiaes de fóra de portas.

Só como incidente de regosijo popular se lhes póde conferir a honra de inclusão no movimento de sympathia com que um paiz affirma os seus enthusiasmos por uma conquista que tanto o distingue e enobrece.

E' necessario pois que essa affirmação, visando tão alto como alto nos parece o nivel do assumpto, se traduza n'uma prova real, positiva e incontestavel de que o paiz queimou foguetes para festejar os exploradores —e não festejou os exploradores para ter um pretexto de queimar foguetes...

N'esse proposito, a ideia d'uma subscripção nacional alvitrada pelo distincto professor José Julio Rodrigues e cujo producto reverta em favor dos exploradores, pagando-lhes o relatorio dos seus trabalhos—relatorio que constituirá, depois de publicado por conta da nação, um capital utilissimo para soccorrer ainda futuros exploradores—parece-nos a mais acceitavel e a de mais alta significação, visto como, recompensando esses benemeritos pelos seus serviços importantissimos, vae a mais demonstrar lá por fóra—e mesmo demonstrar perante as nossas consciencias—o verdadeiro grau de interesse que a nação dispensa áquelles serviços, e que, pelo que ha feito, ainda não podemos aquilatar.

Abraçamos, pois, enthusiasticamente a ideia da subscripção nacional, a que o nosso periodico offerece as suas paginas, recebendo todas as importancias, até a mais infima quantia, porque em tal manifestação deve representar-se o paiz em pezo desde o mais alto senhor ao mais humilde dos cavouqueiros.

ESTADO ACTUAL DA SUBSCRIPÇÃO

Transporte....	561$000
Quatro typographos da imprensa da Academia das Sciencias.....	3$500
Antonio Augusto de Souza.....	1$000
João Francisco Braga.....	$800
Sebastião Antonio dos Santos.....	$900
Joaquim Augusto.....	$400
Redacção da *Gazeta das Aldeias*...	2$250
Francisco Isidoro Vianna.....	30$000
Dr. Magalhães Lima.....	4$600
Eduardo Coelho.....	6$000
J. Leipold.....	2$000
Pedro Romano Folque.....	4$500
Joaquim Ferreira Moutinho.....	4$500
Casa A. Ferin.....	23$150
Somma....	644$300

A Empreza dos *Pontos nos ii*, concorre com a importancia de..... 4$500

VIAGENS AO PAIZ DA RAINHA ASNEIROFF

(Continuado do n.º 21)

4.ª Carta ao sr. de Zola

Meu caro amigo

Uma das feições mais accentuadas do grande mundo de Asneiroff é a vadiagem. Ser inutil é a primeira recommendação e quasi a unica apresentação meritoria para o ingresso no templo magestoso do *high-life* de lá.

Os ineptos são em cardume e nascem como os cogumellos, nas estrumeiras.

Depois apparecem mascarados e vão aos grandes jantares com o emproamento altivo dos *champignons*.

Vi-os por toda a parte. E quando tropeçava n'elles, recordava-me dos grandes charcos d'onde sahe a infinita chusma dos mosquitos venenosos.

Nos bailes, nas corridas, nos theatros, no parlamento, na bolsa, na imprensa, no Paço, na Egreja, nas praias... sempre e por toda a parte surge um inutil, um frivolo e um idiota.

Vão aos bailes, não para amar ou para o cerebro descançar da grande fadiga do dia. Entram nos saráos, engajados pelos conserveiros ou fornecedores de vinhos, para devorarem, como esfomeados de toda uma semana, as iguarias apparatosas ou os licores perfumados, de modo que nada volte para a loja ou para a adega.

Não vão ás festas para pedirem á mulher solteira uma flôr do seu gentil *bouquet* de donzella, ou para admirar, enthusiasmados, qualquer formosura que se destaque. Nada d'isto.

Vestem a sua casaca puida e calçam a sua pantalona com fundilhos para se encostarem á porta dos salões e piscarem o seu olho de faia patife a uma viuva, que é tresloucada, ou a qualquer impura, que trata o marido por um diminuitivo aterrador.

E, ao passo que as solteiras se quedam reclinadas nos fofos damascos das *meridianas* attrahentes, os maráus, de cuecas sujas e de meias d'algodão barato, vão áquellas reuniões contractar ligações duvidosas, que elles, no seu calão immoral, denominam um *bom partido!*

N'esta especie de loteria, em que o premio é o vicio e em que a virtude faz o papel de cautella branca, os mariolas jogam sempre com a vaidade de qualquer velha devassa, e desdenham com um sorriso biltre da mulher modesta, que sonha com a castidade, em quanto as prostituidas atiçam os amantes com a luxuria quente das suas carnes pintadas.

(Conclue no proximo numero)

CHRONICA

O theatro de D. Maria abriu com a *Arlesiana*.

Aquillo nem é peça. Aquillo é um deposito por grosso de innocencia, de candura, de ingenuidade, de moral, e de bons costumes!

Parece uma historia do *menino virtuoso* de Vendas Novas, personificado na actriz Rosa Damasceno...

Todas as vezes que a sr.ª Rosa abre o calix—a bocca, queriamos dizer—começam os rabecões a chorar na orchestra lagrimas como punhos!

Não nos conta nada... senão por musica...

Faz lembrar aquella virgem do conto, a quem uma fada bemfaseja deu o condão de deitar, sempre que fallasse, perolas pela bocca fóra, em vez de deitar perdigotos—como fazem algumas virgens das nossas relações...

Em a actriz Rosa mechendo os labios é como se ordenasse em voz grossa:

—O' Jesuino toca o hymno!

O pastor Brazão, um homem que vive lá nas alturas, lá muito em cima, quasi parodes mais com o rei

O BANQUETE OFFERECIDO PE

NO RESTAURANT DO JARDIM ZOOLOG

O jantar, organisado por Cascaes — um primor! A ornamentação, dirigida por Valle —

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

OS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS

Os pâesinhos Capello e Ivens fabricados pelo Rufino d'Almeida — umá delicia!

dos astros, como se morasse n'um sexto andar da calçada de S. Francisco, conta-lhe a historia da cabrinha que viua pparecer junto a si «duas orelhas muito compridas, muito compridas...

Pelo comprimento das orelhas julgámos que fosse o sr. director da companhia das aguas que, andando em vistoria aos syphões de Alviella, se encontrasse com a cabrinha lá para os sitios de Alpiarça...

Afinal não era o sr. director: era um lobo, o qual lobo comeu a cabrinha toda de madrugada, como quem toma um copo de leite da dita cabrinha com morangos e assucar.

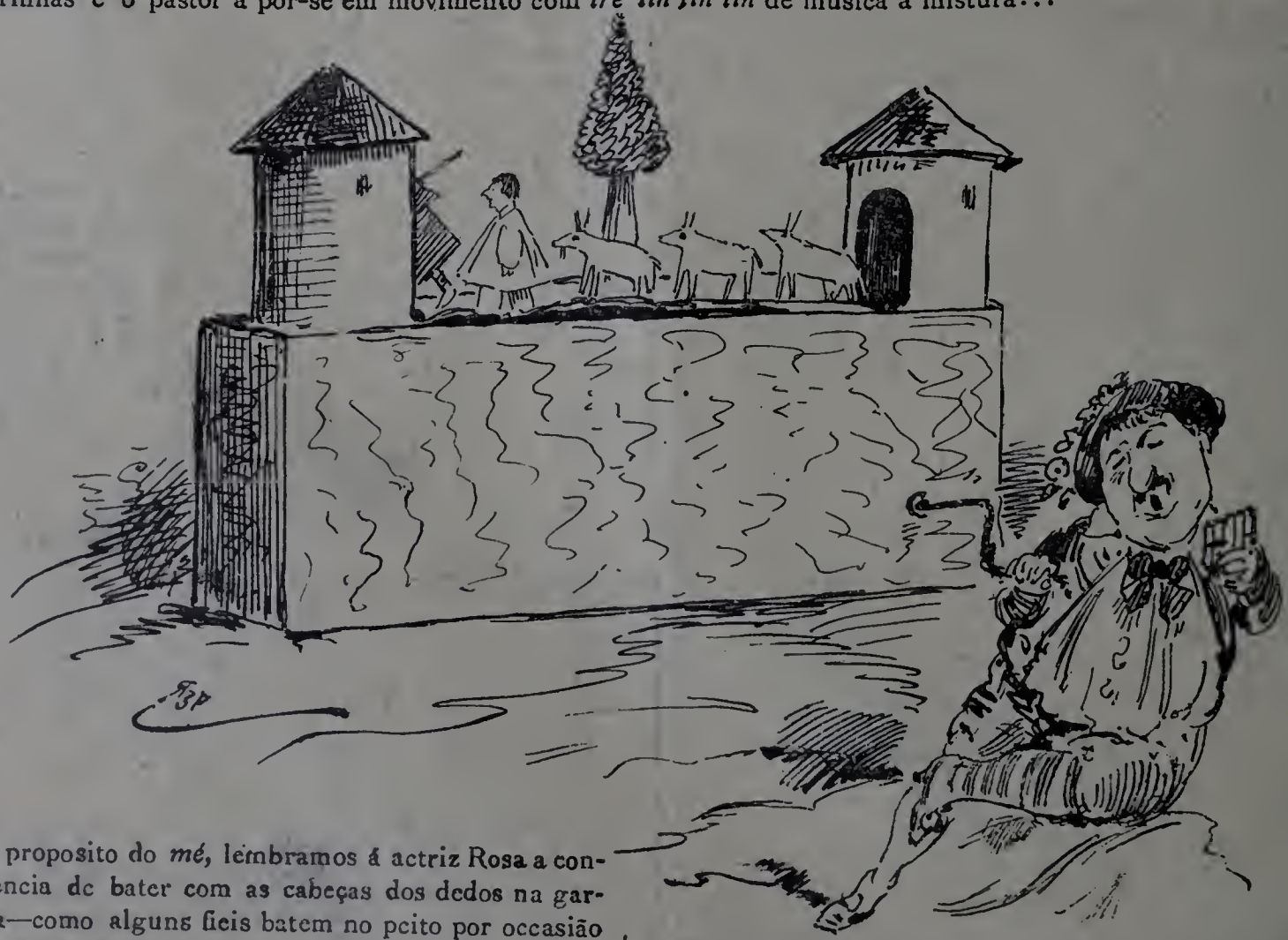
Desde que o pastor lhe conta a historia, *o menino virtuoso* fica-nos um massador encartado com a historia da cabrinha.

De quando em quando toca a musica e ahi principia elle:

—Mé!... isto é a cabrinha... Uh!... isto é o lobo...

Parece que anda a gente a passeiar no Jardim Zoologico.

A synthese da peça está finalmente n'aquelles antigos realejos para creanças, de que ainda existem algumas reliquias archeologicas no bazar dos tres vintens... Em se lhe dando á manivella começam as cabrinhas e o pastor a pôr-se em movimento com *tre lin tin tin* de musica á mistura...



A proposito do *mé*, lembramos á actriz Rosa a conveniencia de bater com as cabeças dos dedos na garganta—como alguns fieis batem no peito por occasião de levantar a Deus—o que lhe dará uma imitação ainda mais perfeita.

Assim como as iscas do Arsenal se podem comer com batatas ou sem ellas, consoante o appetite e a generosidade do freguez, assim tambem a *Arlesiana* se pode dividir em duas meias doses, servindo uma até ao fim do terceiro acto, para quem gosta de peças á antiga portugueza, acabando com casamento, como manda a Santa Madre Igreja, e addicionando depois a outra, para os que não pódem passar sem a cabidella do suicidio final.

De resto a *Arlesiana* é, como anteriormente dissémos, uma peça moralissima, muito propria para se representar aos domingos, depois da missa das almas, ou ainda para ser offertada em cartonagem de *Flós Sanctorum* a todas as crianças impuberes de ambos os sexos, como premio da primeira communhão.

Quem costuma ir aos toiros e levantar os olhos para os camarotes das hespanholas, ou quem usa frequentar os cavallinhos para vêr as pernas das *voltigeuses*, não deve por fórma alguma macular com os seus sacrilegos fundilhos um *fauteuil* de *D. Maria*.

Aquillo é só para meninas e meninos virtuosos, a quem cumpre assistir á representação de dedo no nariz e trazendo patente

o panno (tambem *patente)*
da sua fralda innocente...

A musica da *Arlesiana* é lindissima, mas por vezes em manifesto desaccordo com as situações da peça.

Quando, por exemplo, a mãe do *Innocente* pede o mólho de chaves a que o *menino virtuoso* esteve puxando o lustro com a manga do casaco, a orchestra devia executar:

«— Quê dê as chaves
Qui ti dê pa'a b'incá?
— 'stão aqui na min'a mão,
Acabadas de lust'á...»

E, quando no final do quarto acto entra a velha que ainda quer amar o pastor mas já não póde, a musica inquestionavelmente devia tocar:

«Z'uma velha que tinha um gato
Z'i debaixo da cama o tinha...»

Quanto ao desempenho, não achámos bom nem mau, antes pelo contrario...

A sr.ª Falco accentua algumas phrases com uma bravura varonil. Quando diz, *verbi et gratia* — *Uma boa rapariga,* engole as consoantes, com excepção do *r,* em que carrega de tal maneira que a phrase até chega a parecer demasiado *varonil*...

A actriz Virginia, como a peça é toda de ingenuidades, imaginou que estava nas suas sete quintas e foi ao fundo da arca buscar uns restos de *ingenua* que havia economisado d'outros tempos: infelizmente tinha-se esquecido de cobrir a *ingenuidade* com folhas de eucalyptos... e d'ahi a traça entrou com ella...

O actor Brasão é um pastor desempenhado por Othello — com a cara lavada e ensaboada.

Depois que representou o moiro de Venesa, o actor Brasão deita Othello em todas as peças, como aquelle cosinheiro que deitava cravo de cabecinha até na aletria d'ovos...

E ainda o leitor se insurge ás vezes comnosco, porque não sabemos condimentar-lhe os pratos ás exigencias do seu paladar.

Ora nós temos apenas um *personagem,* o sr. Fontes, que cosinhamos em caricatura, prosa e verso, desde que o mundo é mundo—para a nossa pessoa—e não nos accusa a consciencia, nem o paladar, de termos apresentado um só prato com tempero repetido...

O sr. Brazão, pelo contrario, tem sempre personagens differentes, mas a execução sabe constantemente a Othello como os petiscos do tal cosinheiro sabiam sempre a cravo de cabecinha...

João Rosa quasi que nos fez chorar, não tanto pelos desgostos que lhe deu a tal *Arlesiana,* como por vêrmos a figurar na peça o seu talento nobilissimo, o unico que conseguiu, como Noé, salvar-se milagrosamente d'aquelle diluvio de disparates.

Se tal não succedêra, pediriamos a João Rosa que acrescentasse ainda mais um palmo de comprimento á sua já enorme cabelleira, afim de que o não reconhecessemos a representar assim, debaixo d'uma redoma...

PAN-TARANTULA.

A REFORMA DAS ALFANDEGAS

Não tiveste, Hintze Ribeiro,
Das ideias mais felizes
Ao reformar's por inteiro
Esses dois bellos narizes!

Onde ha quem tenha altaneira
Uma penca rija e brava,
Como o Dias d'Oliveira,
Como o Menezes Minhava?

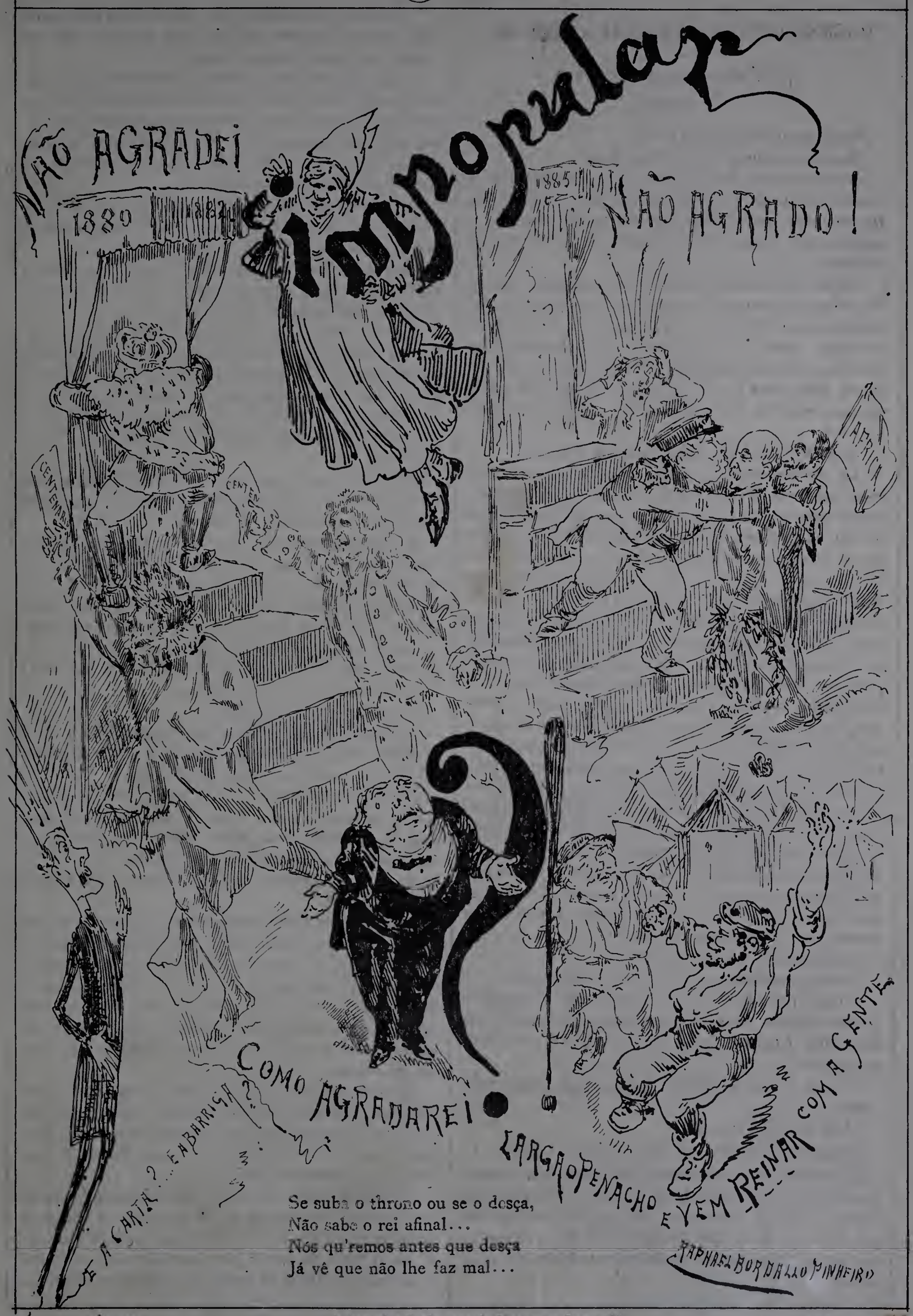
Verás crescer em correntes
O candongueiro execrando,
Sem ter's pencas competentes
P'ra cheirar o contrabando!...

—Havia o cabo geral,
Co' a sua tropa gentil,
Mais a guarda *mancipal*,
Mais o policia civil.

E, p'ra augmentar as delicias
D'este paiz, d'esta pandega,
Militarisam policias
Todos os guardas da alfandega!

...E EU NÃO FAÇO MAL A NINGUEM!...

É mais um golpe na chaga
D'este paiz dos calotes...
—Mais um a que a gente paga
P'ra que nos vá aos fagotes...



Se suba o throno ou se o desça,
Não sabe o rei afinal...
Nós qu'remos antes que desça
Já vê que não lhe faz mal...

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

VIAGENS AO PAIZ DA RAINHA ASNEIROFF

4.ª Carta ao sr. de Zola

(Conclusão)

Estes são os vadios das festas.

Não apparecem de dia. Nem podem.

As calças estão desfiadas na orla extrema que beija o tacão, e cheias de joelheiras pelo uso constante em um semestre, teem o lustro produzido pelo serviço, e rapadas pela escova, vão deixando vêr os fios da sua urdidura.

As botas ou sapatos não toleram a claridade. Cheios de tombas e de pontos tingidos com tinta ou com graxa, estão arrebentados pela força extrema que faz o joanete que quer sahir. E o tacão torto, os cordões de guita pintados, a gaspea descosida e fazendo boccas no peito do pé, tudo obsta a que o pelintra appareça em pleno dia com medo de ser examinado na sua penuria desprezivel.

Mas de noite é elle effectivamente o heroe.

De camisa lavada em casa e corrida á pressa pela mãe, que anda de chinelos de ourello; levando as ceroulas porcas com que dorme, e que rescendem o aroma da roupa suja; de gravata branca, que o chloreto de cal já esgaçou; com o collete cheio de passagens no sitio em que o botão cahiu; com um trapo de linho usado fingindo lenço, e cosido para não se desprender, ao forro immundo do collete; com as luvas de pelle de gato, que uma lavagem semanal tornou acastanhadas e a que a benzina deu o cheiro nauseabundo que desperta o vomito; de chapeu lustrado que de noite parece negro, mas que de dia tem a ondulação amarellada do velho ouro, penteado chato, á força de agua; com o seu *bandó* lustroso por uma pomada reles; de bigode torcido á força de bandolina ou alcatira desfeita no teste de barro, furtado ao pote; com os dentes sujos que lhe dão o halito de um ovo choco; cheio de pó por vir a pé, ou de calça arregaçada, quando a chuva o apanha sem o chapeu de alpaca; este, que é igual a todos os vadios que vão aos bailes para especular e ás festas para arranjar o emprego rendoso das mancebias ricas; este, é o typo provocador para as velhas tontas, para as famintas de gozo!

E são felizes, estes tunantes.

Farejam onde ha femea que pague e lá estão.

Como que adivinham a mulher que se retouça no grande bailado das sensualidades torpes e elles lá vão com ellas para os sonhos carnaes de um amor bem proveitoso.

Ficam ao serviço. Estão contractados. Teem ordenado.

Depois é que é vêl-os.

Encadernação nova. O bom relogio. Grande alliança massiça com tres voltas e tres esmeraldas. Cadeia lusente com medalhão de brilhantes. Vistosa manta, com as côres da libré e no centro o alfinete formado por um boi de coral com dois chifres, feitos de rubis, que era a joia predilecta do primeiro marido, seu antecessor.

N'esta posição rendosa, em que o vadio está entretido, acho-o, mesmo assim, mais ascoroso do que quando era propriamente vadio.

Desde que mudam d'estado, como elles sempre dizem, e amostram perolas como quem bebe agua, os inuteis não fallam senão nos seus fornecedores, nos cavallos da sua companheira, na equipagem da sua boa amiga, no seu cosinheiro, e em tudo em que transpareça dinheiro e o boi da gravata!

N'este estado fedem realmente muito mais do que quando tinham a meia de linha grossa, feita á luz do petroleo nos serões da desgraça.

Não terão nem os pés denunciando uma carestia sensivel da agua, nem as bragas com laivos provocados pela debilidade de quem não come.

Mas em troca, têm a enorme fatuidade de um pulha de padreação e representam o furto, industrioso e premeditado, de uma fortuna feita por um qualquer luctador da vida trabalhosa como um boi.

Como, porém, tudo no mundo tem o seu occaso, e nada ha que sempre dure, a collocação do inutil é ephemera.

Similhante ao empregado de confiança, cahe com qualquer mudança ministerial e prescindem dos serviços d'elle, dada e resolvida a crise.

A viscondessa viu no baile barba mais espessa, ou bigode mais bem tratado; reparou que os dentes do Arthur eram mais de jaspe do que os do Anselmo; que as formas esculpturaes do Affonso eram mais bem lançadas do que as do Rodrigo e que o Guilherme dormia menos do que o Antonio.

Adeus Antonio! Adeus Rodrigo! Adeus Anselmo!

Cahiu fatalmente o ministerio.

Depois repete-se a scena.

Emquanto o primeiro—o substituido—tem o boi e os rubis, vae-se exhibindo. Mas o seu successor,—o substituto—come, veste-se e arranja-se.

Depois vêm a vida antiga. Vendem o boi e as pontas; o chronometro e a bicha. E a medalha que traziam de pendura, acaba n'uma baiuca de prégo, ou na tasca que lhe vende as iscas requentadas.

E' esta a existencia habitual d'estas anomalias sociaes.

Sem moral; sem consciencia; estupidos como bacoros; corruptos como todas as podridões; devassos como o vicio; e com a ousadia petulante da ignorancia extrema; os inuteis vivem no fausto, quando as debochadas os entreteem, vivem na plintrice, quando os despedem e acabam nas enxovias, quando pela alta noite, jogam a naifa, impondo como ladrões a obrigação da esmola.

Em quanto lhes dura o brilho, emprestado pelas devassas que lhes alugam o corpo, erguem a cabeça empertigada pela colleira de ouro que lhes põem. Mordem as reputações honestas e babujam de saliva daninha toda a virtude provada.

Mas depois, logo que a viscondessa muda de charco e mergulha n'outro pantano, cobre-se-lhes a cabeça de bicharia preta e o corpo de vermes brancos. Coçam-se aos pilares de pedra para suavisar uma comichão tormentosa e cahem ás portas das tabernas, bebados e

empestados pela agua raz que tomam com o falso nome de genebra.

E quando a carroça da madrugada apanha nas sujidades, que encontra, este lixo que já foi gente; atira-o para o monturo da lama; mas o arrematante ri e gosa por ter mais fezes para o guano e mais esterco para adubo.

Aqui tem, meu caro Zola, um typo da sociedade de Asneiroff. A ociosidade é uma sciencia d'aquelle reino.

As escolas são as festas.

Os professores são as toleradas com brazões manchados.

Os discipulos são os malandros de perna fina peiores que os de bocca de sino ou de pé de elephante.

E a lição é sempre a mesma. Uma these de medicina:

— A quem deve mais o filho, ao pae ou á mãe?

Adeus, meu caro senhor de Zola. Na outra carta eu lhe direi quem representa a opinião publica em Asneiroff.

Vá colleccionando as minhas sensações.

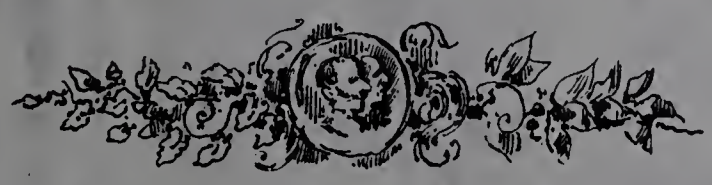
Já tem:

O *fedor*, quando cheguei a Asneiroff, o *nojo*, quando vi a justiça julgar; e o *tedio*, quando vi a vadiagem enfeitada com o boi do sr. visconde.

Seu dedicado

José Pan Theu.

CHRONICA



Todos vós sabeis como é costume festejar em casa burgueza um dia de annos, de baptisado, ou de casamento.

As attenções dos donos da casa fixam-se invariavelmente na panella...

E' ali que está todo o explendor da festa.

E' n'isso que se congloba todo o valor da manifestação!

O jantar é farto até á indigestão; opulento até ao sobejo!

No dia seguinte, e mesmo nos dois ou tres que ainda se lhe succedem, a familia não gasta vintem senão em pão, porque os restos do perú recheiado, do pargo cosido, do lombo de porco assado e de quatro ou cinco mais pratos, dão sobejamente para alimentar a todos de almoço jantar e ceia!

Ora Capello e Ivens foram para o paiz um verdadeiro jantar d'annos.

Ainda depois da festa da recepção, são elles que continuam a alimentar a voracidade das chronicas lisboetas, sem dependencia de novo prato!

Isto posto, trinchemos.

Trinchemos—e trinquemos...

* * *

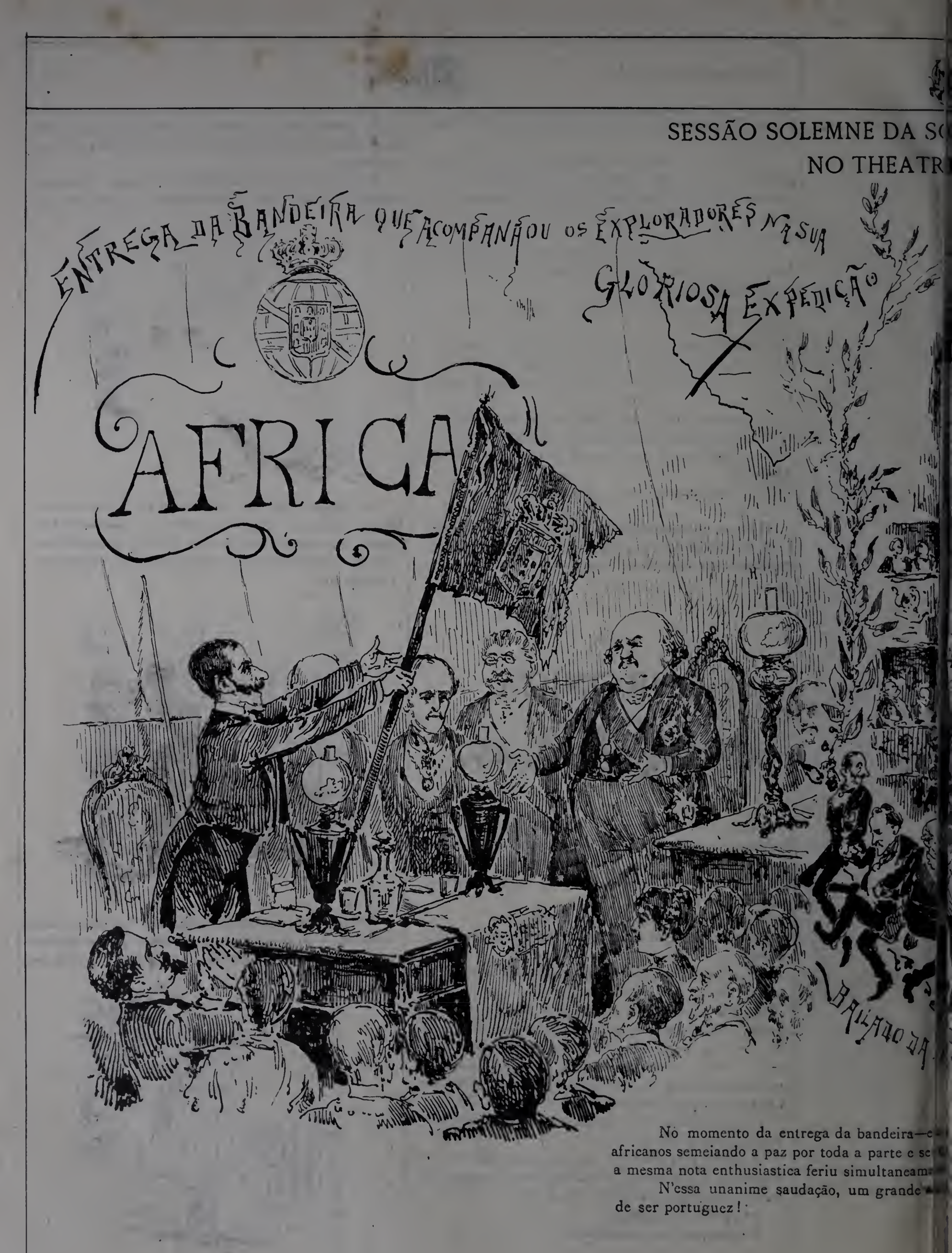
O jantar dos 7:500—não nos referimos aos bravos do Mindello—esteve uma festa tão enthusiastica como appetitosa.

Rodrigo Pequito, a cuja iniciativa muito se deveu, mostrou ter dedo para manifestações e nariz para caçarolas!

As pessôas que n'esse dia visitaram o Jardim Zoologico paravam estupefactas ante as mezas do banquete, procurando debalde, na planta e cathalogo do Jardim, que demonio de jaula, piscina, ou aviario seria aquillo!

Cá fóra, os papagaios punham-se á escuta, muito attentos, e no dia seguinte, quando o guarda do jardim lhes lançava no comedoiro a sopa de cada dia, os

SESSÃO SOLEMNE DA SO
NO THEATR



No momento da entrega da bandeira—e
africanos semeiando a paz por toda a parte e se
a mesma nota enthusiastica feriu simultaneam
N'essa unanime saudação, um grande
de ser portuguez!

EDADE DE GEOGRAPHIA
E' S. CARLOS

po glorioso, que atravessou heroicamente os sertões
eixasse na passagem uma unica mancha de sangue—
os os corações.
to jungia todos os dissidentes da politica—o orgulho

papagaios gritavam enthusiasmados:

Tire para lá isso e traga *champagne Clicot!*... por Ivens e Capello! Hip! hip! hip! hurrah!...

Todos os bons costumes se aprendem...

*
* *

A festa de S. Carlos não lhe ficou atraz—excepto no *menú*...

De resto, tambem muita gente, muito enthusiasmo e muito calôr.

Um verdadeiro inferno de calôr, a que toda a gente se condemnou de motu proprio.

E até, para que não houvesse distincção e todos fossem para o *inferno*, não se concedeu a pessoa alguma bilhete para o *paraiso*. E o *paraiso* ficou deserto!

O começo da conferencia prolongou-se um pouco além da hora annunciada, do que resultou adormecerem na platéia alguns frequentadores do theatro lyrico, *dilletanti* de raça, que acordando depois estremunhados e suppondo-se em plena representação da *Africana*, tomaram o nariz avantajado de Roberto Ivens pelo nariz não menos avantajado da sr.ª Borghi-Mamo!

Alguns conquistadores de officio faziam namoro, por engano, para as frizas dos officiaes de mar e terra.

Os bilhetes de convite para a festa, determinavam a *toilette* de casaca ou farda.

Ora o militares, a respeito de casacas não *professam* senão as *casácas* d'agua que uma ou outra vez tenham apanhado em exercicios ou revistas. E, quanto a fardas, ainda o sr. Fontes não comprou o lapis com que hade emendar os figurinos dos novos uniformes, de maneira que os pobres officiaes andam nuzinhos em pello—os que ainda teem pello disponivel.—.

Assim, a officialidade não teve remedio senão apresentar-se em S. Carlos levando sobre a pelle umas esplendidas fardas... pintadas pelo Manini...

O resto dos convidados era composto na sua maioria por empregados publicos, muitos dos quaes levavam por engano sobre o panno da casaca a sua manga de alpaca symbolica e preta.

Finalmente deu a hora, a turba agitou-se, a orchestra, muda até então, executou o hymno nacional junto do panno de fundo, que representava um desenho africano, illuminado a globos do gaz da Boa-Vista — como quem diz o que aquillo ainda póde vir a ser — e os *reporters* deram posição ao braço sobre a mesa emprestada por Freitas. Jacome, a qual imprimia a cada escriptor publico o aspecto e a circumspecção d'um escrivão da Boa Hora...

O sr. Pinheiro Chagas tomou a palavra e, com a subtileza e verbosidade d'um Hermann experimentado e de nascença, fez todo o possivel para escamotear as honras da travessia africana para o chapeu armado do sr. ministro da marinha... Quando o fundo da cadeira lhe abateu, s. ex.ª ficou positivamente emoldurado.

Depois dos exploradores, fallou ainda o sr. Aguiar, ex-ministro das obras publicas, que foi na sua mocidade um distinctissimo curioso dramatico, pelo que se mostrou no palco de S. Carlos como Ulisses ardendo em braza sobre o mar das Terbisondas — o qual Ulisses, como o leitor deve estar lembrado, caminhava sobre as ondas como nós por nossa casa...

Foi pena que o sr. Aguiar abandonasse a carreira dramatica, porque, com o seu valioso concurso, talvez a arte não estivesse tão decadente...

Quando s. ex.ª agitou a bandeira da expedição não estava só grande — estava gordo!

Depois, s. ex.ª disse que estava ali representando o povo, de quem era filho e pediu a el-rei que descesse ao seio do povo.

Quando se não é ministro pede-se sempre *peixe-rei* para o povo; em se sendo, dá-se simplesmente *peixe-espada*...

Cá fóra são todos filhos do povo; em entrando lá para dentro são filhos... do diabo que os carregue...

Quando o sr. Aguiar terminou o seu requerimento á presidencia do conselho — queremos dizer o seu discurso — e el-rei se levantou para passar á tribuna real, foi sua magestade calorosamente applaudido, mais applaudido ainda de que os proprios exploradores, o que nos dá a noção de que, se é glorioso e arriscado atravessar a pé os sertões africanos, ainda é mais arriscado e glorioso fazer a travessia da Ajuda para o theatro de S. Carlos em *coupè* de frente redonda...

No acto da distribuição das medalhas a orchestra executou a marcha da *Africana*, para dar côr local. A illusão teria sido completa se el-rei e o sequito entrassem na tribuna brandindo zagaias, vestindo tangas e dançando o *Rasga*..

N'isto, um conselheiro — chefe de repartição e Jesuino — pediu o hymno.

O Jesuino pedia o hymno do rei, mas o mestre que servia a musica respondeu ao conselheiro:

— Já não há! Acabou-se agora mesmo!

E serviu-lhe meia dose de hymno da Carta, como costumam fazer os *ex-cegos* da casa pia, quando o José Bento entra a cavallo e a auctoridade apparece no camarote.

El-rei não se contentou em distribuir as medalhas: quiz até fallar; mas o sr. Fontes, que até então se conservára despeitado no seu logar de panno de fundo, piscou o olho ao monarcha, e, como elle não reparasse no olho, puxou-lhe a aba da casaca até lh'a arrancar pela raiz!...

El-rei então caiu em si e, como o sr. Fontes não o deixou fallar, contentou-se em abraçar os exploradores — pelo que, digamol-o de raspão — sinceramente o felicitamos, se é que o fez sinceramente.

Os exploradores podem lamber-se de orgulhosos porque um abraço de sua magestade... é *galinha*...

Se o apanharam é porque vem lá das terras da pretalhada...

Já o dizia a trova popular:

«Quem não tem carapinha
Não come galinha...»

No momento do abraço o patriotismo dos expectadores manifestou-se em todo o seu possante enthusiasmo!

Até as senhoras, agitando os lenços, mostravam o seu patriotismo a sua magestade!

E el-rei agradecia aquelles applausos á frente da tribuna, tão gracioso e tão gentil como a actriz Judic depois de cantar as *peteneras*...

Como correcção, lembramos a sua magestade que é uso, quando o publico applaude o protagonista d'uma peça, trazer este á bocca de scena, pela mão, as outras figuras secundarias.

Fóra este pequeno incidente — el-rei portou-se como um artista de primeira ordem.

Se não se tratasse da pessoa d'um rei apostamos até em como Francisco Palha já lhe tinha deitado a mão para substituir a actriz Pepa, de ingratatona memoria.

E o caso é que, com o andar dos tempos, podia muito bem aperfeiçoar-se no theatro da Trindade e depois, com algum empenho bom, conseguir metter pé no theatro de *D. Maria*...

PAN-TARANTULA.

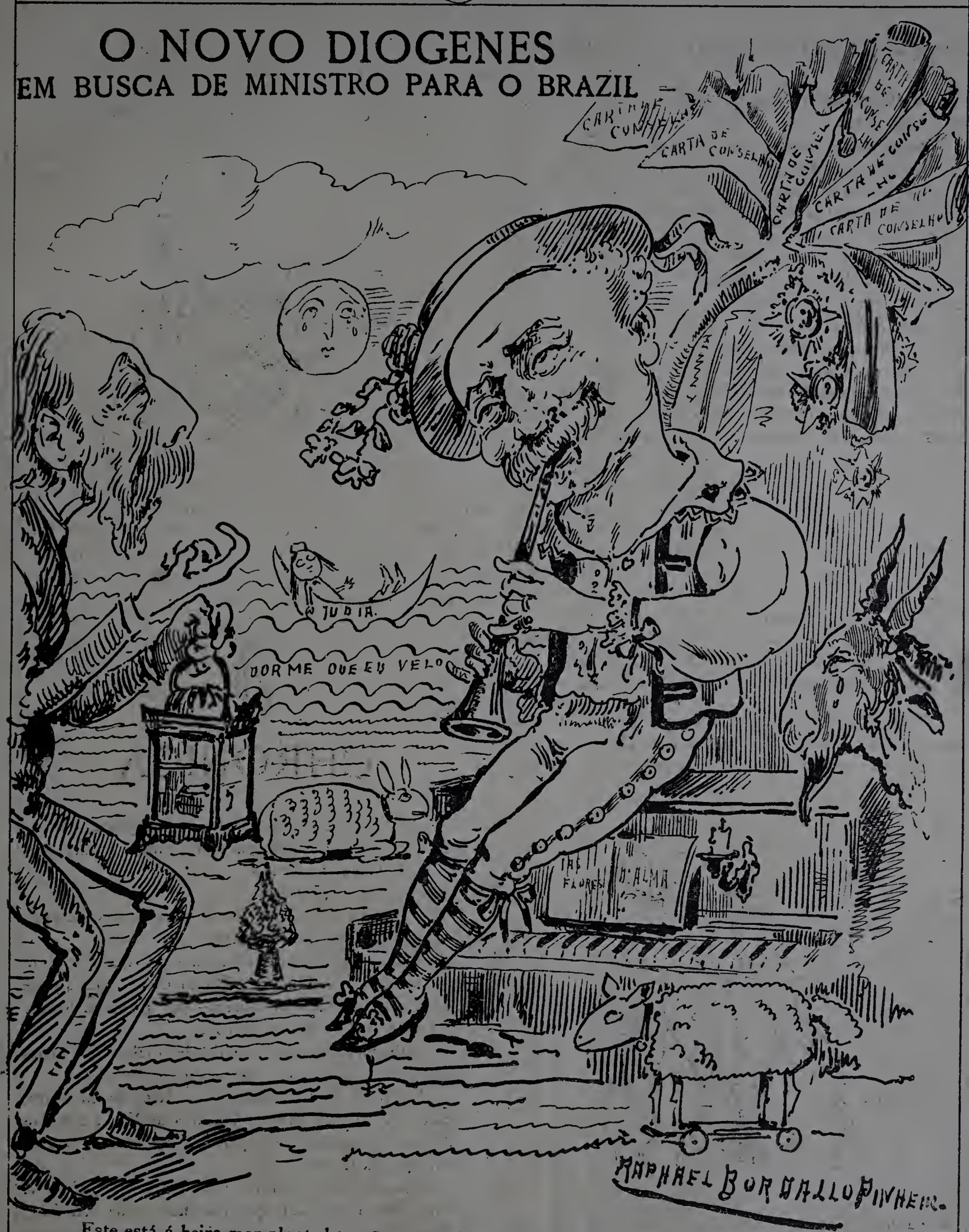
AS OVAÇÕES

Os exploradores estão que não podem comsigo, os oradores esfalfados e o povo, no seu justo enthusiasmo, ainda pede mais! Resta sober se ficará em loiros e palmas o que se deve exprimir tambem na subscripção nacional, se ha tanto desejo de lhe comprar a obra, como de applaudil-os e se passados estes enthusiasmos e abraços não terão elles de pagar, como da outra vez, os direitos de mercê das honras recebidas...

Entre nós é costume velho:

Depois dos applausos, a penhora.

O NOVO DIOGENES
EM BUSCA DE MINISTRO PARA O BRAZIL



Este está á beira-mar plantado e não quer sahir. Valha-nos Nossa Senhora da Rocha!
Por mais que o Diogenes lhe cante imitando as mucamas do Rio ao adormecer os meninos

«Vem cá Bitu, vem cá Bitu,
Vem cá, vem cá, vem cá!»

Elle responde:

«Não vou lá, não vou lá,
não vou, não!
Tenho medo *d'apanhá*
Você mi quer *capá!*»

SECÇÃO DE EPITAPHIOS PARA MONUMENTOS

Os *Pontos nos ii* abrem hoje a secção das inscripções lapidares.

Quem quizer legenda para o mausoleo ou lettreiro para a taboleta venha aqui que ha de encontrar.

Temos ouvido queixas de que não somos gratos á acceitação que o publico faz do nosso jornal.

E' uma injustiça. Quem por tres vintens tem de 8 em 8 dias uma anedocta do *Pim*, um dito do *Pim*, um facto do *Pim*, uma tolice do *Pim*; a cara d'elle, a suissa do mesmo, a careca do conselheiro, e a historia da inepcia do director thermal, ha de concordar que não tem azo para queixas nem lamurias.

E de duas uma, ou não se interessa pelo bem da humanidade, concorrendo para a morte do phylloxera das Caldas, ou vão rareando no paiz os tres vintens para a compra do jornal mais democratico em suas aspirações e mais util em sua propaganda reformadora.

Acceita esta 2.ª hypothese, a redacção vae pensar como ha de remediar a falta de tão preciosa moeda.

Acabou o pataco: e se os 3 vintens escasseiam, o jornal tem substituir o symbolico cobre.

De jornal dos 3 vintens passará a ser periodico barato.

A redacção vae meditar.

Encetando, pois, este novo *Capitulo*, esperamos que todos nos vão dando por ora a tão desejada chelpa.

Abrem o assumpto um politico e um financeiro.

O Sr. Fontes: um espartilho da cintura para cima Reteso nas pernas, mas com os miolos dessorados. Em posição de continencias e empertigado, como um pau

de bandeira Ar de soberano e cara de sargento. Politicamente um habil engajador de utilidades alheias. Como lavrador semeia o corrompimento e colhe basta seara. Adorou o rei por fieção e nunca o vi pôr á noite o seu barrete branco, de resguardo á graxa da cabeça, que se não risse ao chegar ao Paço. Como politico enriqueceu. Como ministro tem empobrecido o paiz. Faz isto por calculo. Quer ser presidente da republica. E' amigo de Castellar. E trata por tu o sr. de Ferry.

O sr. de Burnay: Um belga feliz por ter encontrado um guarda-livros notavel. Subiu e vem já no declive. Empurrou-o o menino virtuoso de Ribamar. Estuda com John — o seu Bismarck louro e côr de rosa — a vingança de S. Apolonia. E' simples. Ponha dyna-

mite na *foz* e mande pelo ar a barca *Moser*. Não receie do couraçado *Mem-Cabral*, que é de *palha*. Encoste-se ás *limas*. Abra *fontes* e tem *ganhado* a contenda. Dê bailes, antes que não possa. Abra os salões ainda que lhe custe. Não se desligue do Rodolpho que tem futuro, nem dê couces no leão doente!

CHRONICA

Como dissemos na nossa ultima chronica, a planganada foi tal que ainda para este numero temos uns sobejos de Capello e Ivens.

Limpemos os pratos.

A sessão da Associação Commercial esteve lindissima como todas as outras festas.

Da decoração da sala, o que mais nos deu no goto foi a corôa que se refere a Diogo Cão, unica que se achava ornamentada de flores — por fórma a ficar o Cão encoberto por botões de rosa.

O pensamento, além de delicado, inclue uma tacita lição sobre finanças ao sr. presidente do conselho.

— Se quer que desappareça o *cão* do thesouro, mande o sr. Hintze para a tabacaria do Neves e chame o florista Miguel da Silva para as orçamentologias do ministerio da fazenda...

Na sessão não se passou nada de notavel, além do silencio do sr. Fontes, que não disse chuz nem buz, e da verbosidade do monarcha, que fallou pelos cotovellos.

Se se cuidasse de defender os interesses escandalosos de algum amigalhaço, era o sr. Fontes capaz de dar á taramella até o diabo dizer basta; mas como se tratou unicamente de festejar dois trabalhadores honestos e heroicos, cuja gloria do mais fino oiro veiu

empanar o brilho á gloria de *pechisbeques* do caro principe, s. ex.ª teve tal *ferro*... que até lhe enferrujou a lingua!

El-rei, que fallou bem, sem se mostrar pedante como o mentor Fontes e sem se tornar massador como Adriano Machado, disse, referindo-se á Africa «que já não é só nas costas que se negoceia, é tambem no interior.»

Esta phrase foi transmittida a todos os governadores civis do reino, sendo o primeiro a dar-lhe publicidade o sr. governador civil de Braga.

*
* *

O sarau da imprensa correu um tanto desanimado.

Faltaram trez numeros do programma, dando-se em compensação um numero que não estava annunciado e que foi precisamente o mais applaudido.

Referimo-nos á entrega dos albuns feita pelo monarcha aos exploradores. Seguiram-se as palmas do estylo, que el-rei agradeceu com o *salero* costumado.

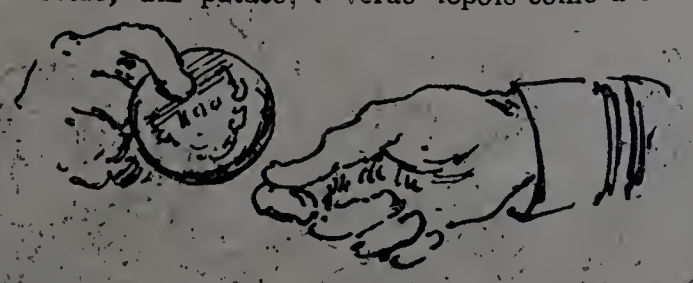
Já se vê que isto era sobremeza obrigada a todas as festas.

Principiavamos até a desconfiar de que os enthusiasmos pelos exploradores não passavam d'um pretexto para a magestade andar pelos theatros e pelas associações a apanhar palminhas e mais palminhas...

A proposito de enthusiasmos, lembramos a subscripção nacional a que a maior parte da gente não concorreu ainda pelo receio de que a coisa faça fiasco:

—Nada! Eu não acredito que isto possa ir para deante, consideram todos.

Oh! senhores! pois não acreditem, mas vão dando um tostão, um pataco, e verão depois como a crença



começa a entrar-lhes n'alma, á proporção que o dinheiro lhes fôr sahindo da algibeira...

Ficando todos á espera de vêr o que os outros fazem, é um caso semelhante ao d'aquelle homem que andou toda a vida nú em pello e com uma peça de fazenda ás costas, não mandando fazer o fato até vêr em que paravam as modas...

Depois de trucidados durante tres semanas pela rhetorica dos oradores de Lisboa—que são todos os habitantes, excepto o sr. Fontes para o caso presente—os exploradores partiram emfim a receber a extrema-uncção da rhetorica portuense, aggravada ainda, no trajecto de Lisboa ao Porto, pela rhetorica campesina de todos os presidentes de camaras, governadores civis e administradores de concelho das povoações onde o comboio tinha de parar!

Ora imaginem que logo em Villa Franca, ás 8 horas da manhã, ainda em jejum natural, os pobres exploradores tiveram de ingerir o discurso que o administrador de concelho lhes veiu *espetar* á plata-forma da estação!

Um discurso de administrador de concelho, com a barriga a dar horas e quando os pardaes ainda nem lavaram a cara, deve ainda ser mais duro de roer de que um mandado de penhora intimado pela mesma auctoridade...

Se acompanhassemos Capello e Ivens tinhamos requerido embargo de terceiro contra a penhora, isto é, contra o discurso do sr. administrador.

Em Santarem, nada menos de que o governador civil, o presidente da camara, o administrador do concelho—e não sabemos até se os proprios officiaes de diligencias—vieram á *gare*, trazendo cada um o seu discurso engatilhado.

Era um rewolver de discursos!

Se todos têem tido tempo de desfechar, os infelizes exploradores ficavam com a pelle como duas joeiras!

Finalmente o comboio partiu como uma bala, quando o governador civil tinha tirado a bala da sua rhetorica, e os restantes oradores tiveram de voltar a casa com os discursos recolhidos—o que foi uma providencia não só para os exploradores que esfregavam as mãos de contentes, como tambem para a jalapa do boticario da terra que não teve n'ese dia mãos a medir.

Em Aveiro, segundo um telegramma para as *Novidades* o enthusiasmo chegou ao delirio!

Como é natural ninguem entendeu os oradores, que no meio do seu *delirio*, só proferiam palavras sem nexo...

Ahi, o medicamento empregado depois da passagem dos exploradores não foi jalapa: foi quinino.

Se os exploradores continuam a promover a venda de drogas por toda a parte ondem passam, mais dia menos dia recebem diploma de *Lanman & Kemp*, de New-York, fazendo-os socios honorarios no commercio do oleo do figado de bacalhau...

Em summa, coitaditos, cobertos de poeira e de discursos, lá chegaram á invicta, onde, em vez de lhes mi-

O PODER D'UM VOTO OU

ESTÁ COLLADO A BRAGA CO

«E fiquem sabendo que não largo este c
quanto eu quizer, durante todo o tempo que per

A virtude da proclamação de que acabam
feitio do Bailio.

Estão todos muitos Valladas, muito obrigado

PROCLAMAÇÃO DC BAILIO

UM JUDEU DO BOM JESUS

não quero, e que heide ser governador civil em
r. Fontes no poder.»
nscrever um periodo, foi dar a todo o governo o

nistrarem uma escova, os *escovaram* ainda com mais uma boa dose de rhetorica.

Se depois de tudo ainda lhes ficar vontade de atravessarem outra vez a Africa, deixaremos de os considerar heroes para os considerarmos martyres e pediremos, não a el-rei que os abrace e ao sr. Chagas que

lhes faça discursos, mas ao padre santo que os canonise e a monsenhor Pinto de Campos que lhes escreva uma ladainha.

Segundo lemos n'um jornal, a companhia dos telephones vae applicar esse instrumento ao theatro de S. Carlos, communicando-o com as casas particulares.

Por esta fórma toda a gente póde, mediante um preço rasoavel, estar em casa, de chambre e sapatos

de ourello, ou mesmo metlido dentro da cama, a ouvir o *Trovador* ou a *Traviata*, exactamente como nos succedia antes do sr. governador civil ter prohibido os realejos.

Esta innovação da musica encanada, que cada um pode gastar por avença ou consumir por contador, é d'uma grande conveniencia para todas as familias e sobretudo d'uma grande economia se os *syphões* do theatro de S. Carlos não começarem para ahi a rebentar, como ultimamente succede aos do Alviella, porque n'esse caso antes comprar a musica aos barris...

A proposito d'este melhoramento dizia hontem Mendonça e Costa:

—Quanto não poder ir a S. Carlos por ter a casaca no fio, resta-me o fio do telephone: achei o fio de Ariadne!

Os proprietarios annunciarão pelos jornaes:

CASA DEVOLUTO

Ha uma, com entrada independente, agua, pia e musica á discripção.

* * *

Se a coisa pegar, como é natural, a companhia estabelecerá telephones em todos os demais theatros, para contentar todos os paladares.

As casas mais baratas, para gente do povo, terão musica de *non mi matis* do Chalet.

As casas de familias pacatas onde haja muita virtude e muitas meninas solteiras, encanam musica da *Arlesiana*.

Os chefes de familia que se pellem pelas hespanholas, poderão, evitando ciumes em casa, receber as malagueñas pelo telephone.

Qualquer sujeito casado que tenha botado paixão solapada por uma gentil cantora, póde mesmo no lar conjugal, estar a derreter-se todo ao som da voz da sua bella, sem que, nem a esposa nem a cantora, dêem por semilhante derretimento...

Emfim, a coisa é boa, e só lastimamos que assim como se vae fazer á musica, se não faça tambem a outros artigos de primeira necessidade.

Se fosse possivel, por exemplo, encanar cargas de bordoada, nós pagavamos com todo o gosto o preço d'uma assignatura e faziamos todos os dias uma transmissão de canna da India para a guarda municipal e de açeites bem puxados para o conselheiro Pun.

Pan-Tarantula.

Subscripção nacional para a publicação de uma edição popular do livro de Capello e Ivens, sobre a sua recente travessia africana, e premio condigno de tão benemeritos portuguezes, sendo o producto da venda d'aquelle livro especialmente feito para o povo e para as escolas, destinado a tutelar os orphãos de bons portuguezes, fallecidos durante o desempenho de relevantes serviços coloniaes.

N'esta redacção recebe-se a indicação de qualquer quantia para esta subscripção que está aberta na associação dos Jornalistas, e que será cobrada immediatamente com recibo do thesoureiro da commissão, e por elle depositada em um dos principaes bancos d'esta cidade.

THEATRO DE D. MARIA

Uma vez que a *Arlesiana* mette musica, o Justino Soares acaba de dirigir um requerimento á empreza para que a peça seja igualmente abrilhantada com dança, compromettendo-se elle Justino a fornecer toda a *brilhantina* indispensavel para o caso.

Elle empresta a perna fina,
Os pés gentis e bem feitos;
E, com graça feminina,
Será, emfim, bailarina...
—Não p'ra todos os effeitos...

REFORMA

(CARTA)

Meu Reinaldo: Estou molesta!
A cabeça anda-me á roda,
O suor molha-me a testa,
Mãos e pés...—ao fazer d'esta
'stou molhada quasi toda!...

A tristeza, que de sobra
Eu sinto cobrir-me o rosto,
P'lo peito e o mais se desdobra...
—'stou, em summa, como a abob'ra,
Coberta—no mesmo gosto!

Bem sabes como eu te qu'ria!
—Provei-t'o mais d'uma vez...
Dia e noite, noite e dia,
Era carta que fervia
P'lo correio e p'lo *freguez*...

Do teu amor me despego,
E ao dar-te este ultimo adeus,
Toda de prantos me cego,
Qual se puzera no prego
Os brincos e os camafeus!

E emquanto assim engrinaldo
De tristes goivos a fronte,
Deito-te uns olhos, Reinaldo...
—Maior's que os olhos do caldo
Da taberna ali defronte!...

Não mais verei, meu amante,
Nas longas tardes de v'rão,
Passar por mim coroscante
Essa farda de aspirante
A sargento—e á minha mão!

Foi-se o meu sonho fagueiro!
Os meus projectos de pandegas!
—Enterrou tudo o coveiro.
Merencorio Hintze Ribeiro,
Co'a reforma das alfandegas.

Co'a reforma, entram na guarda
Todos os guardas barreiras.
Vão andar talvez de farda,
De chanfalho e de espingarda
As proprias apalpadeiras!!!

Antes me levem as trellas
Que puxam funereo côche.
De que eu saber que com *ellas*
Na cazerna te aquartellas
Resonando a tróche-môche!.

Tu, simples filho de Marte,
O' meu Reinaldo Ramires!
E uma *d'ellas* estandarte,
Mais graduada, a mandar-te...
—E tu, de baixo, a cumprires!..

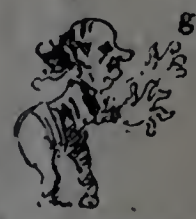
PAM-TARANTULA.

TRISTE!...

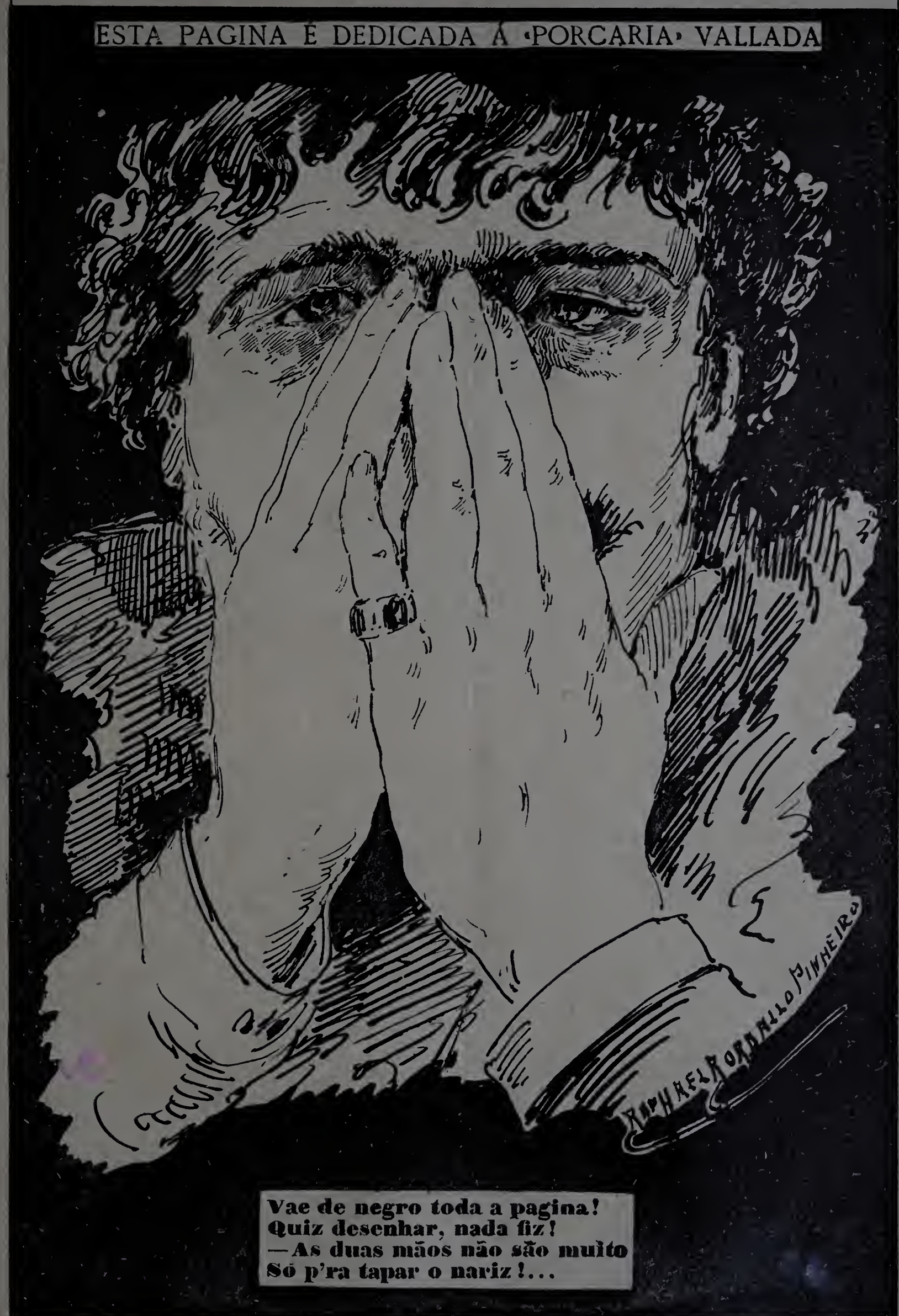
SER OU NÃO SER... PORTUGUEZ

Ser portuguez é um orgulho quando se olha para Capello e Ivens, os heroicos exploradores que tanto engrandecem o paiz.

Não ser portuguez é o desejo de todos nós quando olhamos para *isto* que o governo nós impõe. Uma vergonha de fugir!



Nota. Não pensavamos mecher n'isto porque ha coisas que quanto mais se lhe meche... peior... mas *elle* está sempre a vir ao de cima e não ha remedio senão dar-lhe para baixo...


ESTA PAGINA É DEDICADA Á «PORCARIA» VALLADA
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
Vae de negro toda a pagina!
Quiz desenhar, nada fiz!
—As duas mãos não são muito
Só p'ra tapar o nariz!...

LOPES CARDOSO

PROPRIETARIO E REDACTOR DO «DIARIO DE NOTICIAS» DA BAHIA

A par da magua que nos afflige, ao vêr affastar-se de nós um homem honesto, um caracter são e um thesoiro intellectual como Lopes Cardoso, fica-nos ao menos a consolação de que elle vae continuar a enobrecer o nome portuguez no estrangeiro, aonde, se aferirem pelas d'elle as virtudes dos seus compatriotas, nos tomarão por um povo modelo — que infelizmente não somos...

Lopes Cardoso é o que, em phrase velha, se chama um portuguez ás direitas, muito estimado e muito considerado no Brazil e em quem os seus compatriotas encontram sempre um amigo dedicado e um valiosissimo auxiliar. Boa viagem... E até á vista!

CHRONICA

Presentemente, o officio de chronista não é apenas difficil, é impossivel.

As difficuldades produzidas pela escassez do assumpto, vá, que se aplanam com mais ou menos boa vontade.

Pede-se a qualquer amigo que faça uma travessia africana, roga-se a algum cavalheiro que seja Mattos Lobo uma vez na vida, supplica-se ao sr. Hintze que faça generaes de divisão os guardas das sentinas e contra-almirantes da armada os inquillinos da Penitenciaria, implora-se ao sr. Bailio que continue no seu officio, e ahi temos nós já quatro bellos assumptos, um heroico, outro tragico, um grotesco e outro porco.

De que serve, porém, tão valioso cabedal de factos, se o publico indifferente vae receber tudo com um bocejo, desde a heroicidade do explorador ate ás porcarias do sr. Bailio?!

Chronista n'esta terra, equivale a ser luveiro n'um paiz onde os animaes não tivessem pelle e todos os habitantes fossem manetas!

Chegam os exploradores e tudo acode em festival a recebel-os.

Muita bandeira desfraldada, muito povo pelas ruas, muito callo feito em borra, muito azeite de purgueira scintillante, muita festa para a festa, um enthusiasmo de praça de toiros, um patriotismo de *menina gorda*, mas, quando chega o momento de *trocar em miudos* todo esse enthusiasmo e todo esse patriotismo, que parecia ser da *gemma*, averigua-se que era apenas da *clara* de que se fazem as farolias!...

A subscripção iniciada para a compra do livro de Capello e Ivens, que representaria inquestionavelmente a manifestação nacional de mais expressivo e alevantado alcance, pegou-se das pernas como um sendeiro de fanico á entrada d'uma rampa!

Ricos e pobres fecham-se em copas, todos á espera do que os outros hão de fazer!

O rico não compra a menos uma inscripção de assentamento, das que usa adquirir todos os semestres na Junta do Credito Publico.

O pobre não bebe a menos um decilitro de vinho tinto, dos que costuma *enxugar* todas as noites na taberna da Gargamállo.—Indifferença!...

* * *

Aos chefes da tropa fandanga aduaneira foi conferida como se esperava a graduação de officiaes.

Ouvimos para ahi dizer que algum ou alguns dos modernos officiaes haviam direito á patente pelo seu longo tirocinio nas estradas como capitães de quadrilhas destemidas.

O distinctivo do *galão metalico* tinham-n'o elles conquistado honradamente.

A duvida consistia apenas sobre se o *galão* devia cingir o pulso, pondo-os ao serviço da fiscalisação, se rodear o tornozello, mandando-os para as obras publicas do Ultramar...

O governo opinou pelo pulso, naturalmente porque lhe occorresse o ditado «moleiros sêmos, na estrada andêmos...»

A proposito d'esta enxertia feita pelo governo no corpo do exercito e da armada, andam para ahi os jornaes a berrar, côr de doce de tijolo de indignação!

Mas a verdade é, comtudo, que, nem as *pêras* dos officiaes do exercito nem os *cachos* dos officiaes de marinha, se magoaram com a enxertia!

A indignação está toda nos jornalistas...

Se o governo tivesse enxovalhado a corporação dos jornalistas, veriamos a officialidade arrancar metade das espadas, ao passo que o jornalismo se conservaria indifferente, de penna espetada na orelha.

Como o enxovalho cahiu sobre a officialidade, são então os jornalistas que rugem de indignação pelos bicos da penna fóra, emquanto os officiaes bocejam fastidiosamente, não se importando do que lhes vae por casa!...

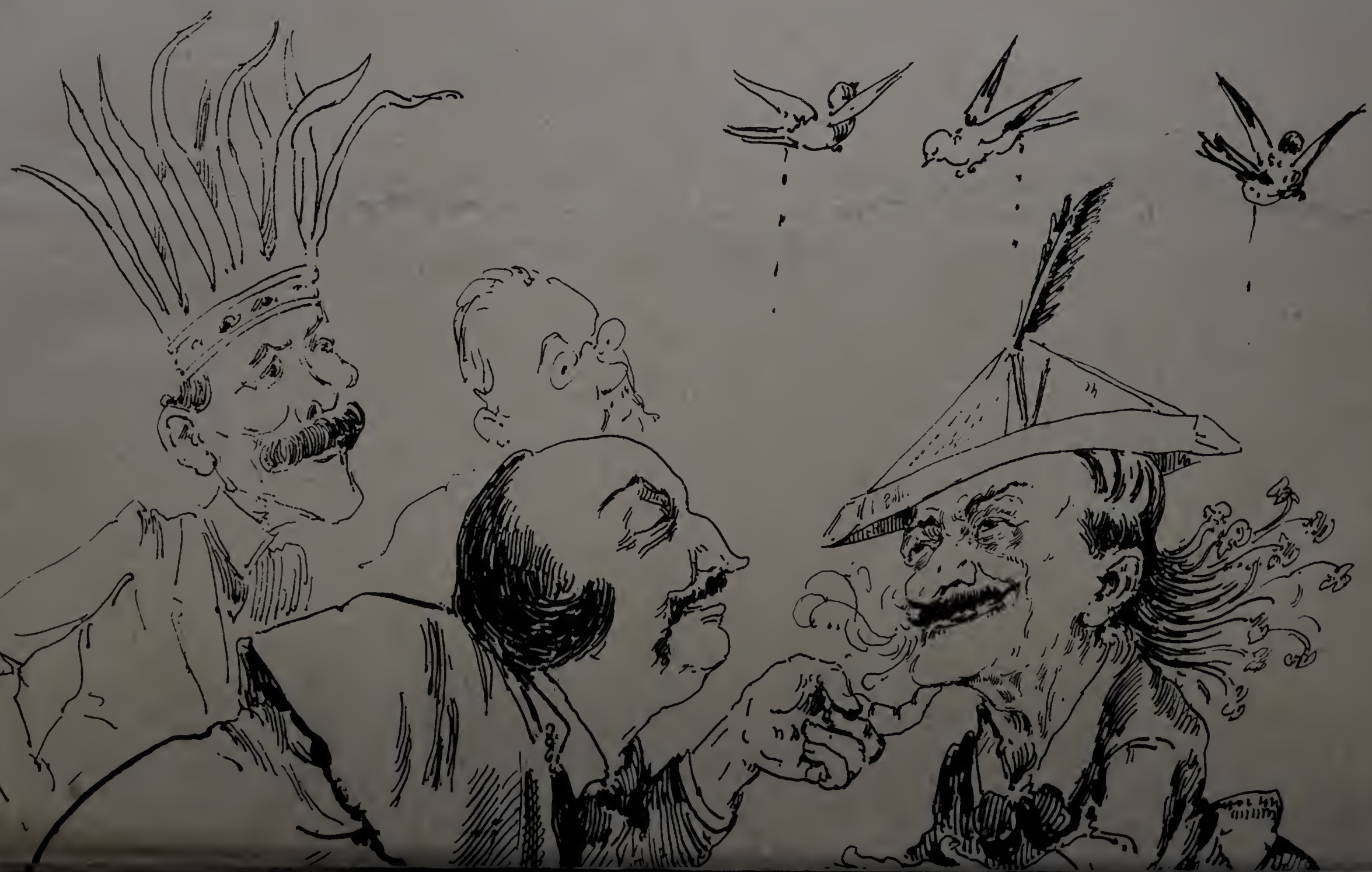
Está provado que a coisa que nos preoccupa mais profundamente é a dignidade... dos visinhos...

Quando toda a gente soletrava dia a dia o *Diario do Governo*, esperando encontrar ali a portaria de demissão do sr. Bailio, pela indecencia dos seus actos, pela sua incapacidade de magistrado civil, e pela má figura que fez com a publicação do seu recente *manifesto*, —isto é, posto no olho da rua por indecente, incapaz e má figura; —quando toda a gente esperava encontrar a portaria da demissão, dá de chapa com uma portaria de louvor, subscriptada ao mesmo augusto Bailio e subscripta pelo mais augusto senhor!!!

O *Diario do Governo*, que até ao presente fôra uma folha muito util, para embrulhar kilogrammas de assucar, acaba de annullar essa unica utilidade, porque nenhum confeiteiro quererá vêr aquelle artigo perder as suas qualidades dulcificantes, adquirindo em troca o sabor caracteristico por onde um celebre boticario descobriu o ingrediente de que se compunham umas extravagantes pilulas...

O caso produziu para ahi uma certa surpreza em toda a gente, excepto na pessoa do agraciado, porque

BREJEIRADA



—Quem é que dá uma porcariasinha de louvor ao seu «menino?»
Quem é?...
(Bailio:) — E' o Brejeirôna...

esse bem sabia que, mediante o parafuso politico que o atarracha ás boas graças do ministerio, a folha official havia, mais tarde ou mais cedo, de apanhar nas bochechas com aquelle escarro ignominioso.

A questão foi de tempo, paciencia—e cuspo... como succede com todos os escarros...

Lastimamos apenas que as pessoas que lêem portuguez não sejam todas *tatibitatis* — como aquelle personagem do *Doutor Sovina*, que não pronunciava os *r r* — afim de que a pronuncia de toda a gente fizesse a errata justiceira a que tem direitos garantidos a tal — PORTARIA DE LOUVOR...

As eleições camararias já não veem longe.

Mercê, porém, da indifferença a que anteriormente nos referimos, ninguem quer saber de similhante coisa.

As unicas pessoas interessadas são os actuaes camaristas.

Esses começam já a estender a réde para a safra da popularidade.

Os contos por conta do ultimo emprestimo, já lá vão, com toda a certeza.

Aquillo, foi manteiga — em nariz de vereadores...

A' falta de mais d'aquella coisa com que se compram não só os melões como os votos dos eleitores, a camara municipal não se poupa a esforços intellectuaes nem a despezas de tinta preta, afim de captar as boas graças dos municipes que botam lista.

Expliquemos.

O processo das bandeirolas encarnadas, fluctuando aqui e além, em varios pontos da cidade e como que indicando o começo de obras e melhoramentos importantes, está já muito sediço: presentemente ninguem corre a bandeirolas...

Além d'isso, a camara não tem dinheiro nem para a compra das bandeirolas...

Vae d'ahi lembrou-lhe então o expediente de angariar sympathias, alterando os nomes das ruas, ao sabor dos influentes eleitoraes e da predilecção publica.

As ruas Capello, Ivens, Serpa Pinto e Anchieta foram as primeiras iscas de popularidade atiradas ao cardume dos eleitores patrioticos.

Depois, para lançar a fisga do reconhecimento ao *peixe* Santo Ambrosio, que é atum graúdo e traz sempre de companhia boa sucia de atuardos, a camara manda pincelar o nome da rua que deu o titulo ao visconde, sendo agora o visconde quem dá a nomenclatura da rua...

O processo é simples como uma donzella de fóra de portas e economico como o sr. conde de Mesquitella...

Com dez réis de pós de sapatos e meia duzia de letras a tinta branca paga-se o voto do visconde e toda a sua influencia eleitoral.

Recommendamos este processo das tintas aos partidos de todas côres politicas.

Uma vez adoptado pelos diversos grupos, como arma de combate e em substituição do tradiccional carneiro com batatas, o suffragio poderá passar a denominar-se:

ELEIÇÕES Á PINCELADA...

O sr. governador civil, que se tem mostrado um Peito de muito louvaveis sentimentos tanto na questão sanitaria como na indole caritativa, não passa comtudo — porque não ha bella sem senão — d'um Peitilho muito *frigideira* na questão das contumelias ao Paço.

No dia em que sua magestade a rainha fez annos — porque os proprios anjos tambem se permittem, lá de tempos a tempos, fazer semelhante *tolice*, como graciosamente lhe chamou João de Deus, n'uns versos muito conhecidos; — no dia em que sua magestade fez isso, o sr. Peitilho entendeu que devia comparecer á real beijoca, fulgurante como um cometa, servindo-lhe de rabo, em continuidade das abas da sua farda bordada a oiro, todos os commissarios de policia, desde o commissario *geral* até aos commissarios... *fauteuils* — como diria Mendonça e Costa — todos os administradores do districto, todos os regedores de parochia e todos os cabos de policia!

Ao apear-se do seu *coupè*, — a que o sr. Peitilho atrelára n'esse dia solemne uma parelha allegorica das côres nacionaes, tendo para isso de lançar mão do cavallo branco do Manoel da Assumpção e do cavallo azul da loja do Grandella; — ao apear-se, s. ex.ª prendeu com um alfinete ás abas da sua farda aquelle rabo-leva de conspicuas auctoridades e elle ahi vae, todo inchado e todo ufano, passar em continencia á magestade, levando atraz de si a desmesurada cauda postiça, como um pavão empalhado de magica das Variedades!

Conta-nos pessoa respeitavel que, se o sr. Peitilho não repara a tempo, ter-lhe-hia succedido um desastre formidavel.

Imagine-se que s. ex.ª recommendára a todos os seus subordinados que se apresentassem de farda e, sobretudo, que não esquecesse o chapeu de dois bicos e a banda de pôr a tiracollo.

Uma das auctoridades a quem isto foi recommendado é, além de regedor de parochia, mestre da banda do sitio.

Muito intrigado com a ordem do seu superior, foi para casa e poz-se a meditar com os seus botões e com o cabo geral da freguezia como diabo havia elle de levar a banda a tiracollo e o chapeu de dois bicos no toitiço.

Quanto ao chapeu tudo se remediou. Tinha em casa um chapeu de tres bicos, com que em tempos se mascarára á Luiz xv, foi-se a elle com uma tesoira, zás! cortou-lhe um bico pela raiz e, mirando-se ao espelho, exclamou muito satisfeito de si:

—Está na conta! Se tiver de mascarar-me outra vez á Luiz xv, não deixarei de me apresentar com tres bicos: dois bicos no chapeu e um *bico* que eu hei de

apanhar ao almoço—somma, tres bicos...

Agora, a banda a tiracollo, é que o regedor não sabia a volta que lhe havia de dar...

De repente exclamou:

—Ah!

Exactamente como se tivesse exclamado:

—Eureka!

E foi logo d'ali correndo ao estabelecimento do visinho colchoeiro, d'onde trouxe uma agulha de coser enxergas, e agora vereis o que era enfiar n'uma meada de guita, como quem enfia rosarios de pinhões, todos os desventurados musicos que compunham a *banda* de que elle era mestre!

Atravessar o saxofone, espetar o clarinete e passar o bumbo de lado a lado, foi—como vêr e amar qualquer menina bonita—tudo obra d'um momento!

E aqui está a *banda* que o subalterno do sr. Peitilho levava a tiracollo para figurar na real beijoca!...

PAN-TARANTULA.

Subscripção nacional para a publicação de uma edição popular do livro de Capello e Ivens, sobre a sua recente travessia africana, é premio condigno de tão benemeritos portuguezes, sendo o producto da venda d'aquelle livro especialmente feito para o povo e para as escolas, destinado a tutelar os orphãos de bons portuguezes, fallecidos durante o desempenho de relevantes serviços coloniaes.

N'esta redacção recebe-se a indicação de qualquer quantia para esta subscripção que está aberta na associação dos Jornalistas, e que será cobrada immediatamente com recibo do thesoureiro da commissão, e por elle depositada em um dos principaes bancos d'esta cidade.

MEDICAS!

Nas doces notas, divinas,
D'uma canção citharedica,
Cantar quizera em surdinas
As tres ou quatro meninas
Que estudam na escola medica!

Vencei do curso as refregas,
Oh! divinaes seraphins!
Estudae-me essas bodegas,
P'ra que vos veja collegas
Do doutor Sousa Martins!

Quando, emfim, derdes sentença
Na forma por que se cura,
—Meu Deus! que alegria immensa
Agarrar uma doença
Que me ponha á dependura!

Que idilio! co'os pés p'ra a cova,
Da morte sobre os abysmos,
Vér que a *doutora*—bem nova...
Com mão gentil me renova
Os pannos dos sinapismos!

Que impaciente alvoroço,
Em quanto o tempo não passa
De vir á hora do almoço,
O *doutor* pôr-me ao pescoço
Cataplasmas de linhaça!

Vêr um *doutor* sem bigode,
Olhar meigo e fallas ternas...
Ai! que prazer...—que *pagode*!
...Até por gosto se pode
Quebrar os braços e as pernas...

No catre do meu casebre,
Co' um delirio abrasador,
Eu não sei qual mais me alquebre:
Se o mau delirio da febre,
Se o bom delirio do amor...—

Sem me importarem gracejos
Do mundo vil e maledico,
Mesmo bom, com que desejos
Eu tomarei *gargarejos*...
Sob as janellas do medico!

E quando, emfim, eu viaje
P'ra o paiz d'eternas glorias,
Pódem gravar-me na lage
O epitaphio que Bucage
Deixou em suas memorias...

Aqui jaz, de negra véstia,
N'esta pobre sepultura,
Um genio (fóra a modestia)
Que *escapava da molestia*...
—*Se não morresse da cura*

PAN-TARANTULA.

COLLEGAS

EM CONTINENCIA! (SEM SER A DO SR. THOMAZ RIBEIRO)

S. alteza o principe real, na sua qualidade de tenente do exercito, não fará mais de que o seu deve- aprumando-se em continencia diante de qualquer Diogo Alves capitão da tropa fandanga.

Ao menos que não siga os exemplos dos seus superiores...

ABERTURA DO THEATRO DE S. CARLOS

A empreza Mattos e Valdez vae abir uma epocha que promette ser brilhantissima. Um verdadeiro *bouquet* de celebridados que os ouvides dos *dilletanti* vão..., *cheirar!*

A S. EX.ª
O SR. MINISTRO DA MARINHA E ULTRAMAR

Uma vez que v. ex.ª tão justamente se enthusiasma por explorações e travessias, pedimos-lhe que lance um olhar misericordioso para o seu circulo, e organise para aqui uma exploração scientifica.

As sociedades de geographia applaudiriam decerto tudo o que se fizesse em beneficio d'estas inhospitas e abandonadas regiões.

As Caldas da Rainha, ex.mo, só pedem a Deus Nosso Senhor que o principe de Bismarck deite sobre ellas o seu olho cubiçoso, para que então o sr. ministro comprehenda ser esta uma região tão digna de attenções como o proprio Congo!

Quem, como nós, tem feito algumas vezes a travessia da Azambuja ás Caldas, bem sabe avaliar o merecimento dos trabalhos de Capello e Ivens...

Se por aqui não temos a mosca *tzé-tzé*, temos a mosca da mula, que pica, meu senhor, que tem diabo, —mesmo sem uma pessoa ser mula!

E depois, v. ex.ª não faz ideia das difficuldades em que um explorador se encontra para fazer tratados com os regulos de Aveiras de Cima e Aveiras de Baixo, com os sobas do Cercal, etc., etc!...

Não ha missanga nem aguardente de canna branca que os convença!

A aguardente, o mais que consegue é embebedal-os: convencel-os, nunca!

Quantas canceiras, quantos solavancos e quanta carne de cabra mettida por vitella a gente tem de aguentar até chegar ao ponto dominado pelo regulo Pim!

Este homem—perdão!—este bicho é cem vezes mais cruel de que o proprio rei de Dahomé, porque em vez de matar os seus subditos á facada, como faz aquelle soberano, dá-lhes cabo do canastro obrigando-os a tocar á bomba para puchar a agua fria com que se refrescam os gorgomillos dos temerarios que se atrevem a fazer esta medonha travessia!

E tanto mais temivel, este regulo *Pim*, que não é possivel, á primeira vista, differençal-o dos seus subditos, visto andar como elles vestido á européa.

Ao menss, veja v. ex.ª se o obriga a trazer os fatos proprios dos regulos da sua especie — d'elle...

A exploração á Foz, por v. ex.ª organisada em tempos, foi um serviço muito importante, mas emperrou nas Aguas Santas e o resto da viagem tem de se fazer com carregadores e alimarias, que morrem todas pelo caminho a picadas de moscas e a topadas em calhaus!

Se v. ex.ª nos permittir e nos quizer fazer a honra da sua companhia e dos seus discursos, como dispensou aos nossos collegas da travessia africana, faremos uma importantissima conferencia em S. Carlos, referindo muitos casos do mais alto valor scientifico e apresentando, no logar do mappa, a figura em tamanho natural d'este regulo, physicamente—e cremos até que moralmente parecido com o novo chimpanzé do Jardim Zoologico. Tão parecido que só lhe falta fallar—ao chimpanzé...

Fazemos a conferencia dispensando a scena da tribuna; mas emfim, se não se poder passar sem esse barbichacho, cá nos resignaremos a servir de *reclame* apanhando o tradiccional xi-coração...

CHRONICA

Duas grandes novidades preoccupam altamente n'esta occasião a curiosidade do indigena:

Os novos fardamentos e o elevador da Calçada da Gloria.

O catavento da attenção publica, que ainda ha tão poucos dias olhava fixamente para as travessias africanas, assoprado pelo nordeste rijo d'um patriotismo pouco commum, mudou agora de direcção, mercê da inconstante brisa dos acontecimentos, e ora se vira para a alameda de S. Pedro d'Alcantara, ora se volta para os parentes de Deus Marte, que começam a atravessar as ruas com as suas *toilettes* espaventosas, embonecados como uns palmitos.

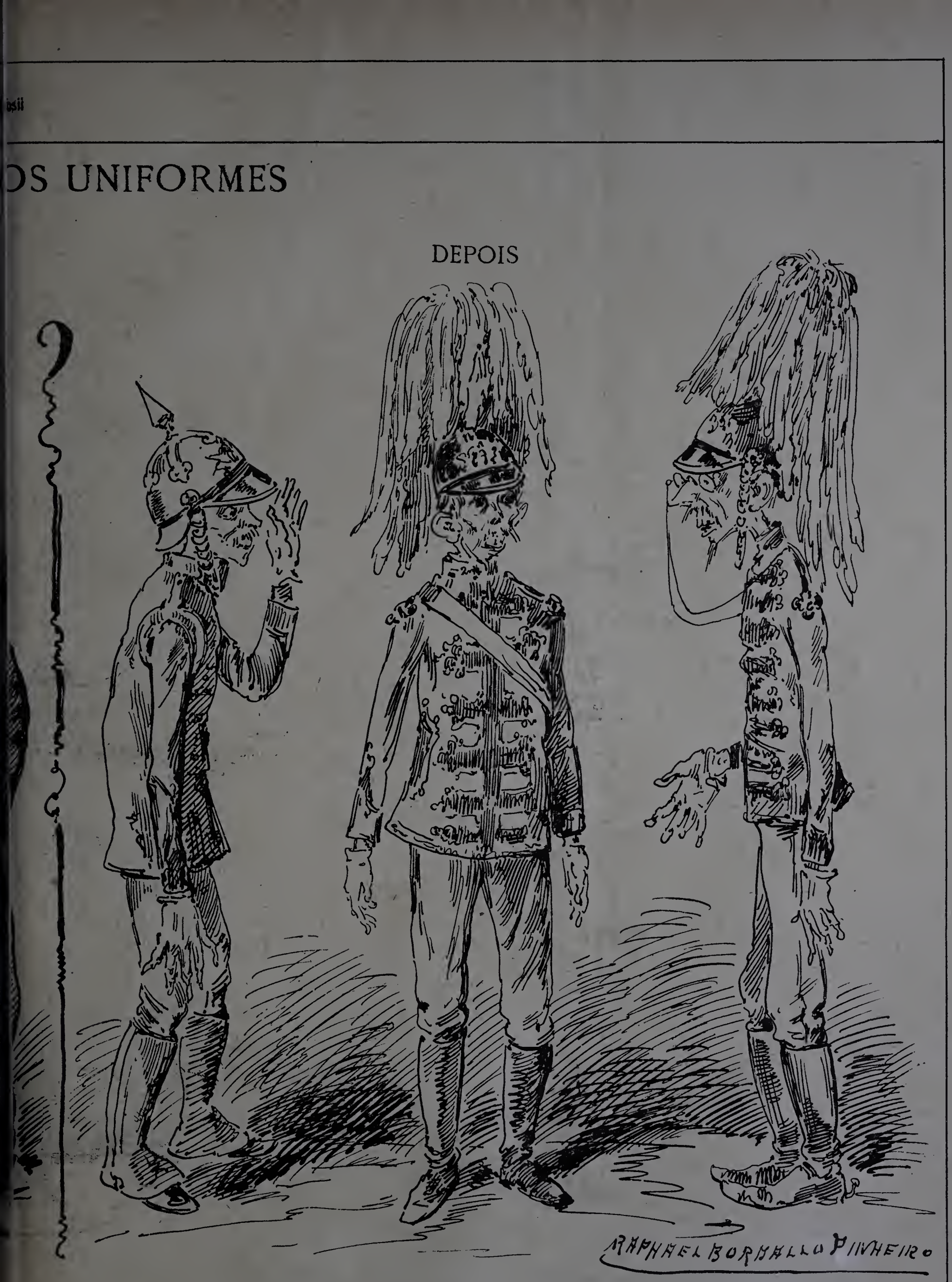
E advirta-se que o que por ahi vemos não passa ainda d'um simples panno da amostra.

Deixem os senhores apparecer os doimans e os capacetes emplumados e hão de vêr então o que ahi vae de femininos corações mordidos das pulgas de Cupido, de participações de casamento em circulação pela via postal, e de illusões despedaçadas—com o respectivo epilogo da caixinha de fosforos de cera embutida em pás de buchos virginaes...

ANTES

Antes dos uniformes, muito cebo na gola e na barriga. Os vivos da farda desmaiados de velhos, mas as bochechas vermelhas de fartura!

OS UNIFORMES



Depois dos uniformes, muita limpeza na *toitette* e no bandulho. Os *vivos* muito vermelhos, mas as bochechas muito descoradas...

Topa a Tudo, que lê no futuro, tinha previsto de ha muito esta alta importantissima no consumo dos pavios fosforicos e por isso preparava as coisas para abiscoitar o monopolio dos fosforos proposto na ultima legislatura.

A casa havaneza passará a ser muito frequentada por donzellas apaixonadas que irão ali procurar o termo dos seus males nas caixinhas de dez réis, que escondem a morte pela banda de dentro e mostram o *Gil, actor celebre,* pelo lado de fora.

O Neves do Rocio, como fica proximo da rua dos Fanqueiros, que é o foco das meninas apaixonadiças, vae-se vêr grego com a procura de tanto fosforo.

De quarto em quarto de segundo, truz! truz! em cima do balcão:

—Uma caixa de fosforos a toda a brida!

(O *toda a brida* põe o Neves ao facto de que se trata de menina apaixonada por alferes de cavallaria, e pretende dissuadil-a.)

—Fosfros para quê, ex.ma?

—Para ir para ali! (e aponta com o dedo para cima.)

—Para o pé de D. Pedro IV? interroga o Neves ganhando tempo.

—Não senhor; para o ceu! quero morrer! Tenho a cabeça em fogo e o coração em chammas!...

—Então talvez seja melhor um copo d'agua da Sabuga...

—Pois sim... mas com dez réis de fosforos bem mechidos...

—Não póde ser, porque já não tenho; acabaram-se ha bocadinho. Mas... se a menina quer, póde levar isca que dá o mesmo resultado...

As plumas dos novos capacetes são um verdadeiro encanto.

A cabeça d'um militar em dia de grande uniforme parecerá, mal comparado, a parte posterior do gato dos *Pontos nos i i* quando lhe cheira e carapausinho fresco!

Os dolmans mettem um vistão de fitas, alamares, borlas, franjas, pregas, laços e refegos!

Nem parecem coisa de vestir: parecem reposteiros do Alcobia.

D'ahi o inconveniente de ficar alguma vez o dolman pendurado por engano nas escapulas da janella e apparecer o militar em formatura trazendo vestido um dos reposteiros da sala...

E, afinal, toda essa toilette elegante e espaventosa vem a importar n'uma ridicularia que nem vale a pena discutir.

Com vinte ou trinta libras fica uma pessoa vistoso que nem um archeiro, coberto de boas roupas, pelo menos exteriormente, porque a ceroula, a camisa e a piuga, constituem luxo facultativo...

Para pagar essas trnta libras teem os alferes graduados o praso de oito mezes e o ordenado de dezoito mil réis, o que lhes garante n'aquelle periodo de tempo o sumptuoso passadio de quem dispõe de 37 réis diarios!

Felizmente vem por ahi a Patti, que os obrigará a assignar uma 1.ª ordem de S. Carlos, aliás os alferes não tardariam a olhar para a gente com a sobranceria de quem traz o Monteiro Milhões na barriga!

Os hospedes do Central e do Bragança com certeza que nunca mais terão a honra de jantar em communidade com officiaes da guarnição.

Tão miseraveis seriam elles que se sujeitassem áquella magra sopa d'uma reles mesa redonda, quando teem os 37 réis a estoirar-lhes pelas costuras todos os bolsos disponiveis...

E foi naturalmente attendendo á necessidade de armazenar tão grossa dinheirama que o mestre alfayate-mór d'estes reinos fez abrir seis algibeiras no capote, cinco no dolman e trez nas calças—total, 14.

E ainda é pouco.

Como o Central e o Bragança já não ficam á altura da gravidade das circumstancias dos Crésus militares, morre tudo de curiosidade por saber qual será o sumptuoso hotel aonde o exercito passa a comer os seus bicos de rouxinoes.

Em condições apropriadas só conhecemos duas casas em Lisboa:—O João do Grão, e as iscas do Cotovello...

O elevador da calçada da Gloria é, como dissémos, o outro caso que mais belisca a curiosidade publica.

A coisa andou, isso é verdade, a passo de charrua, primeiro que sahisse, mas uma vez sahida, começou logo a andar a passo de elevador.

Um elevador ainda pequerrucho, apesar das suas gigantescas dimensões, que principiou n'uns *tem-tens* muito demorados, e depois a andar de cesto de verga, mas que afinal já caminha por seu pé, muito jovial e muito traquinas, apesar dos estorvos com que pretendeu embargar-lhe o passo o dr. Campos de Andrade, um homem que embarga tudo; que é embargador de nascença; a quem não corre sangue nas veias—correm embargos; que até já esteve para montar uma fabrica de conservas, só para desenvolver o genero no estrangeiro exportando embargos em latas!

Um predestinado, em summa! Porque ha pessoas predestinadas, como ha coisas.

Ahi teem o edificio do antigo correio geral, por exemplo.

Ora vejam lá se aquillo não foi predestinado para letras...

Durante muitos annos gemeram os alicerces ao peso de milhares e milhares de cartas manuscriptas; sahiram as cartas, e os alicerces continuam a gemer ao peso de milhares e milhares de papeis impressos.

Reparem, se não é um fado!

Já lá dizia o outro:

«Quando o fado é rigoroso,
Nada vale ao infeliz...»

Pois o dr. Campos de Andrade é um fadado para os embargos.

Um fadado e um fadista.

Aquillo mette embargos como quem mette navalhas de ponta e mola!

Os embargos não são apenas o seu elemento: são tambem o seu alimento...

Come d'elles como quem come das suas rendas!

El-rei já desejou conferir-lhe as honras do desembargo do paço, elle porém regeitou, só por causa do titulo de *desembargador*, tanto em opposição com a sua indole!

Mas o elevador lá se inaugurou, apesar do doutor ficar com a companhia e os embargos atravessados na garganta.

O enthusiasmo do publico que já começára ha mais de tres dias, logo que as carruagens entraram na linha, subiu de ponto assim que o elevador principiou a subir a calçada.

Toda a gente queria por força um logarsinho e não deixava o Antonio Ignacio da Fonseca com pedidos e cartas de recommendação.

Antonio Ignacio recebia bilhetes de todos o seus collegas camaristas, banqueiros, commendadores, cambistas, caixas de correio á porta e tintureiros indestructiveis!

A quantidade de cartão e papel recebido por Antonio Ignacio no dia da inauguração da elevador foi de tal ordem que elle resolveu fazer-se empresario ainda de mais outra industria, montando uma fabrica de papelão!

O homem já não podia; trazia a cabeça em agua!

Que, a fallar verdade, isso era um bem... Se rebentasse mais algum canudo do Alviella o elevador não teria de interromper a sua marcha, visto poder fornecer-se de agua na cabeça do Antonio Ignacio...

Para não impedirem a passagem do elevador tiveram de ser cortados os braços aos candieiros da calçada da Gloria.

A amputação foi praticada por um serralheiro, visto que, nos postos medicos, medicos é coisa que não ha.

Tambem foi melhor assim.

Se vem algum purgueroide fazer a operação, era até capaz de descobrir sangue no candieiro só para o fazer esticar o pernil com uma homorrhagia...

E aqui tem o leitor como os candieiros da calçada da Gloria, que eram senhores d'uns braços tão compridos como o actor Telmo do Gymnasio, ficaram agora com uns bracinhos mais curtos de que o Carlos Lisboa da *Gazeta Franceza!*

Coitadinhos! poderão vir a ser tudo n'este mundo, menos rivaes do sr. Fontes, como oradores.

Faltam-lhes elementos para o *gesto rasgado*...

A coisa que maior enthusiasmo causou aos felizes que poderam obter logar no elevador foi o telephone que liga os dois carros e mediante o qual se póde cavaquear do alto de S. Pedro d'Alcantara para a Avenida da Liberdade.

Aquillo foi uma ideia formidavel sahida do nariz do Miguel José da Motta.

Porque é necessario que se saiba que o Motta tem tanto talento que lhe não cabe na cabeça.

D'ahi metteu-o no nariz.

Ali o talento está nas suas sete quintas: casa espaçosa, muito ventilada, excellente pé direito...

O talento saracoteia-se á vontade e ainda lhe fica nariz para mangas!

A conveniencia do telephone applicado aos carros dos ascensores é d'uma vastidão que mal pode abranger-se sem binoculo.

Imaginem, por exemplo, que um Romeu de sobrecasaca preta e calça côr de flôr de alecrim transita de S. Pedro d'Alcantara para a Avenida, garbosamente empoleirado na imperial do elevador e que, ao mesmo tempo, uma Julieta de casaco de merino e sapato de entradas baixas faz a travessia ao contrario, encarrapitada na dita imperial.

Ali pelas alturas dos Recreios os carros crusam-se, *elles* olham-se e depois de se olharem amam-se.

D'ahi a poucos minutos, não os separa um abysmo, mas separa-os a calçada da Gloria, que é quasi a mesma coisa.

Que fazer, para obviar a tão grande desventura?

Unirem-se por meio do telephone, em quanto não podem fazel-o pessoalmente por intermedio do sr. prior da Magdalena...

Elle chega ao telephone e falla immediatamente para S. Pedro d'Alcantara, como se pozesse um annuncio no *Diario de Noticias*:

Tlim, tlim, tlim, tlim!

CASACO DE MERINO!

Lembra-se v. ex.ª de quem vinha para baixo quando v. ex.ª ia para cima? Se lhe não sou indifferente peço-lhe que venha agora para baixo, que eu vou immediatamente para cima...

Calça côr de flôr de alecrim.

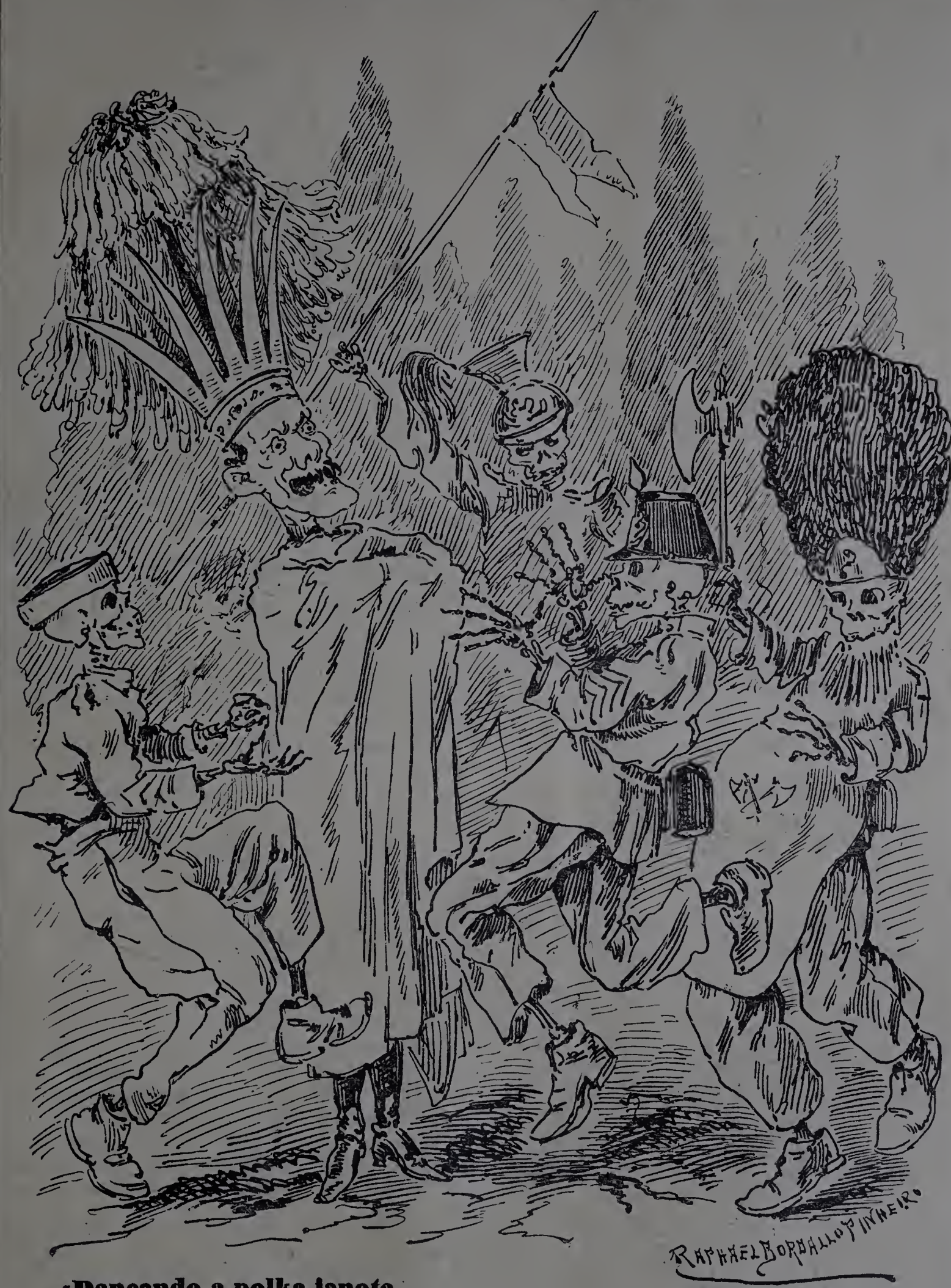
Ella responde que sim, torna effectivamente para baixo, emquanto que elle volta para cima, e depois ao contrario, de maneira que, tendo passado ambos uma tarde inteira n'aquelle fadario, diante de toda a gente, o fogo da paixão pega por fórma que não ha remedio senão ir extinguil-o no hotel de Caneças—tendo feito escala pelo guarda-vento da freguezia...

PAN-TARANTULA.

O PREÇO DOS UNIFORMES

Depois de terem vendido os moveis e as roupas de familia, para comprarem os uniformes, os officiaes acabam por comer os proprios uniformes.

O DIA DE FINADOS



«Dançando a polka janota
Sobre á campa dos finados...»

Finados, nós, os fardamentos velhos!...

Enterrarás tudo—oh! principe!—e só tu, omnipotente, ficarás sempre por baixo e por cima de toda a folha!

NOVA FORMA DE SUICIDIOS

DESCOBERTA NO JULGAMENTO

DE FRANCISCO DE PAULA PEREIRA

Um sujeito degola-se;

depois lava a navalha com que se executou, mette-a na gaveta, vae buscar sabonete, lava as mãos,

escorre o sangue n'um tachinho, despeja-o na pia, defuma a casa com alfazema,

faz uma trouxinha da roupa — sempre com a cabeça debaixo do braço

depois cospe, embrulha-se muito bem n'um chaile, deita-se, põe a cabeça ao lado do pescoço,

e em seguida morre tranquillamente, sem que ninguem dê por isso — a não ser um surdo, a que pessoa alguma acredita!

...Milagres de Nossa Senhora da Rocha... Peixoto...

CHRONICA

Mas chronica de que?

Do que se tem passado?

Pois então façam favor de nos dizer o que se tem passado e nós *chronicaremos* com muito gosto.

Assim de notavel, que nos occorra, passou-se apenas mais um punhado de areia—o equivalente a uma semana—na eterna ampulheta do Tempo, e mais cincoenta e dois punhados da mesma materia—correspondente a um anno—na certidão de idade de sua magestade el-rei.

O Tempo esfriou um bocadinho mais, com a passagem das areias, e sua magestade recebeu muitas felicitações e muitos conselheiros, quando talvez antes preferisse ter recebido muitos *bon-bons* e muitos pastelinhos de Santa Clara.

Porque, fallando verdade, o sr. presidente da camara, de chapeu armado e discurso engatilhado, a felicitar uma pessoa pelo seu anniversario natalicio, é

de encher o coração de jubilo; mas, o referido cavalheiro, trazendo em vez de chapeu armado, uma bandeja de cristofle á cabeça e em logar do discurso de lavra alheia uns pastelinhos de composição propria, não será talvez de encher o coração de jubilo, mas é indubitavelmente de encher a barriguinha de consolação!

Infelizmente, porém, para sua magestade, a etiqueta oppõe-se a que os pasteis ascendam até junto da sua real pessoa, consentindo apenas a ascenção do sr. Cócó, apesar de s. ex.ª ser dotado de muito mais peso e de muito menos leite creme!

Um paladar estragado, a tal senhora Etiqueta?...

Na recepção foi muito notada a ausencia do sr. governador civil de Braga.

Ao passo que o seu collega de Lisboa nunca falha áquellas festas, onde exhibe os seus bigodes mais lustrosos, os seus peitilhos de bretanha mais lusidios e os seus commissarios de policia mais bem engommados, o sr. governador civil de Braga nem ao menos se lembra de dar procuração a qualquer soldado da guarda do paço, que estava ali ao pé da porta e pouco lhe custava subir meia duzia de degraus, para cumprir com os deveres de que o sr. Bailio tão levianamente se esquece!

Pois s. ex.ª, na dupla qualidade de magistrado civil e fidalgo de bom sangue, tinha até n'esse dia a obrigação de ir, duas vezes pelo menos, aos annos de sua magestade...

* * *

No julgamento de Paula Pereira deu-se um incidente que nos obriga a pedir visita sanitaria á pessoa do meretissimo juiz do processo, dr. Celestino Emygdio.

S. ex.ª, censurando o reu por se apresentar de farpella nova, invectivou-o com estas palavras:

—«Era melhor que viesse para aqui com a consciencia limpa; a limpeza do corpo pouco importa!»

Depois de semelhante declaração, o sr. juiz foi abraçado á sahida do tribunal pelo seu numeroso amigo *Pisca-pisca*, o qual lhe fez propostas muito vantajosas para viverem ambos de casa, cama, pucarinha — e syphão hydraulico.

S. Carlos abriu com chave de oiro.

Com chave d'oiro e com bengala de canna da India.

Que a bengala, diga-se a verdade, não abriu procharel.

Lá os motivos que levaram a bengala a semelhante resolução não os sabemos nós nem queremos averigual-os.

Paixão talvez pelas explorações scientificas, que andam agora tanto em moda...

Se assim foi, o que é certo é que a benemerita canna da India não explorou lá grandes coisas pelo interior d'aquelles sertões intellectuaes, visto como, d'ali a pouco tempo, já andava a organisar nova exploração n'outra cabeça...

* * *

No Gymnasio continúa em scena a *Receita dos Lacedemonios*, que tem sido um manancial de presilhas estoiradas para os espectadores, de libras arrecadadas para a empreza e de trocadilhos engraçadissimos para as folhas periodicas.

Ha quasi tres semanas que todos os jornaes repetem a uma só voz esta graça quotidiana: «A *Receita*, é uma bella receita para o *Gymnasio* ter receita.»

Ouvimos attribuir isto a Mendença e Costa, mas não acreditamos. Aquelle nosso amigo dispõe d'um grande cabedal de talento, ninguem lh'o nega, mas tudo n'este mundo tem limites...

* * *

O Salvador dos Recreios explora a predilecção publica.

Uma vez que o indigena dá o cavaquinho por *magicos*, como o sr. Fontes, com muito mais rasão deve dar o citado cavaquinho por *magicas*, como o *Espelho da Verdade*.

E agora, com a commodidade do elevador, até faz gosto uma pessoa abrir os cordões á bolsa no cubiculo do camaroteiro depois de ter aberto a cabeça no candieiro da calçada da Gloria.

O proprio engenheiro dos elevadores, que já tinha, figuradamente, quebrado a cabeça a pensar no meio de fazer passar o carro sem esbarar nos braços dos candieiros, acaba de quebeal-a a valer, apesar da amputação infligida aos mesmos braços.

São talvez os candieiros que começam a estender os bracinhos...

Salvador Marques já pensou n'um remedio efficaz para o caso dos espectadores aportarem todos ao theatro com as cabeças feitas em droga:

E' mandar imprimir os bilhetes em adhesivo.

Uma pessoa chega, compra um *fauteuil*, e, em vez de dar o bilhete ao porteiro, dá-lhe cuspo (no bilhete) e pespega-o no toitiço.

* * *

Na Trindade a *Mocidade de Figaro* com algumas coristas novas—no theatro—e velhas no assentamento de baptismo.

A corista é uma raça que tende a extinguir-se como se extinguiram alguns animaes anti-diluvianos e todos os vendedores de palitos e rocas.

Os anti-diluvianos extinguiram-se, suppomos nós, porque o patriarcha Noé era mais conscencioso de que a companhia dos *americanos* e não quiz consentir dentro da arca salvadora maior numero de passageiros de que o imposto pela lotação da camara municipal d'aquelle tempo.

Os vendedores de palitos e rocas, extinguiram-se porque ninguem comprava rocas nem palitos.

Rocas para que, se ninguem fia?—e *fiar* para que, se ninguem paga?...

Palitos para que, se ninguem se palita?—e palitar-se para que, se ninguem tem que comer?

A corista extingue-se porque o amor e a cabana é o seu idillio e nunca lhe faltam, mercê de Deus—Cupido—cabanas por esses quintos andares, com vista do Tejo, pratalhaz de assorda d'alho, pia de despejos e caixeiro de loja de modas...

BOATOS

CARREIRA D

Saltam, rompem, vencem todos os obst
Quem não tem vergonha, todo o mundo

DE CRISE

OBSTACULOS

ainda os mais complicadss e difficeis!

D'ahi, em tendo um palminho de cara—*tem-te não caias*—e uns palminhos de resto—podes cair que até me fazes favor—foge dos córos da Trindade para ir cantar *duetos* no seio da familia.

Na sua maioria, as actuaes coristas ainda não deram á *canella* porque a referida *canella* as não ajuda...

Aquillo nem parece um agrupamento de pernas: parece um viveiro de choupos!

Quando se enfileiram em scena, se as cobrissem de verde da cintura para cima, o espectador das cadeiras julgar-se-hia em passeiata de burrinho pela estrada de Almeirim...

Transparentes como uns anjos!...

Para quem gosta de *aza* bem vae a coisa; mas quem preferir a *perna* tenha a certeza de que fica em jejum natural...

* * *

No Colyseu despertam a attenção geral um homem que só trabalha com os pés e uma mulher que trabalha com quatro pés e quatro mãos—incluindo os do cavallo.

Elvira Guerra é uma gentilissima amazona que traz tudo pelo beiço: os seus cavallos e os seus admiradores.

Os primeiros mediante o *rebuçado* do seu bridão; os segundos mediante a trouxa d'ovos do seu sorriso.

É lindissima, tem um cão lindissimo e uns cavallos tambem lindissimos.

O que se chama uma familia privilegiadal

Os admiradores perseguem-n'a nas cochias, devoram-n'a—o mais que podem—com os seus olhinhos de cubiça, offerecem-lhe raminhos de violetas muito frescas, como madrugadas do mez de abril, e corações a escaldar, como castanhas a sahir de forno...

E ella a todos escuta, a todos sorri; a todos, porém, aconselha que refreiem os seus impetos, que domem as suas paixões, como ella refreia as suas eguas e doma os seus cavallos.

A semelhante conselho, respondia-lhe ante-hontem um poeta muito conhecido, depois de espremer a cabeça como quem espreme metade d'um limão:

—Que refreie a minha paixão?! Que dome os meus affectos?!

E depois, em verso:

—Mas como quer que se domem
Se eu não consigo domal-os?...
—Oh! quem dera não ser homem...
P'ra ser um dos seus cavallos!...

O sr. Unthan é um homem que, como dissémos, só trabalha com os pés.

Come, bebe, fuma, joga, toca, atira á carabina e aperta a mão das pessoas conhecidas com os pés!

Ouvimos que pratica assim porque não tem braços:

Não é rasão: tambem o sr. Fontes não tem miolo, e pensa ás vezes—ha quem o afflrme!

O que nos não comprehendemos é aquelle luxo da casaca com mangas, uma vez que não tem miolo para lhe metter dentro...

E' como se o Eduardo Coelho andasse sempre com um pente de alisar mettido na algibeira!

Do que o sr. Unthan está livre é de andar com as mãos pelo chão, regalia de que se não gabam por cá alguns estadistas eminentes.

Em compensação não está livre de que o façam *amanuense*, apesar de não ter braços, porque isso não faz transtorno para andar a passeiar na rua do Oiro.

O que é preciso é ter um bilhetinho do sr. Fontes.

PAN-TARANTULA.

NAS CALDAS

O MEMORIAL DE PIM

Pim bota foguetes e faz tocar ricas peças de musica e hymnos á philarmonica da villa, nas alvoradas dos dias natalicios de todos os principes.

Como director do hospital não queremos nem cremos que o haja mais carinhoso para com os pobres doentes, acordando-os logo ao romper d'alva com um estardalhaço capaz de quebrar a cabeça de pessoas sãs!

Aproveitar a musica para as quintas e domingos de tarde ou á noite, em quanto se conservam por aqui os banhistas—isto não que faz muito mal ao rheumatismo...

Agora atordoar os ouvidos dos enfermos quando o sol ainda está fazendo a sua *tôilette* de manhã para agradar aos reis—isso sim, que vae muito d'accordo com os sentimentos *liberaes* do conselheiro *Pim*—um miguelista façanhudo!...

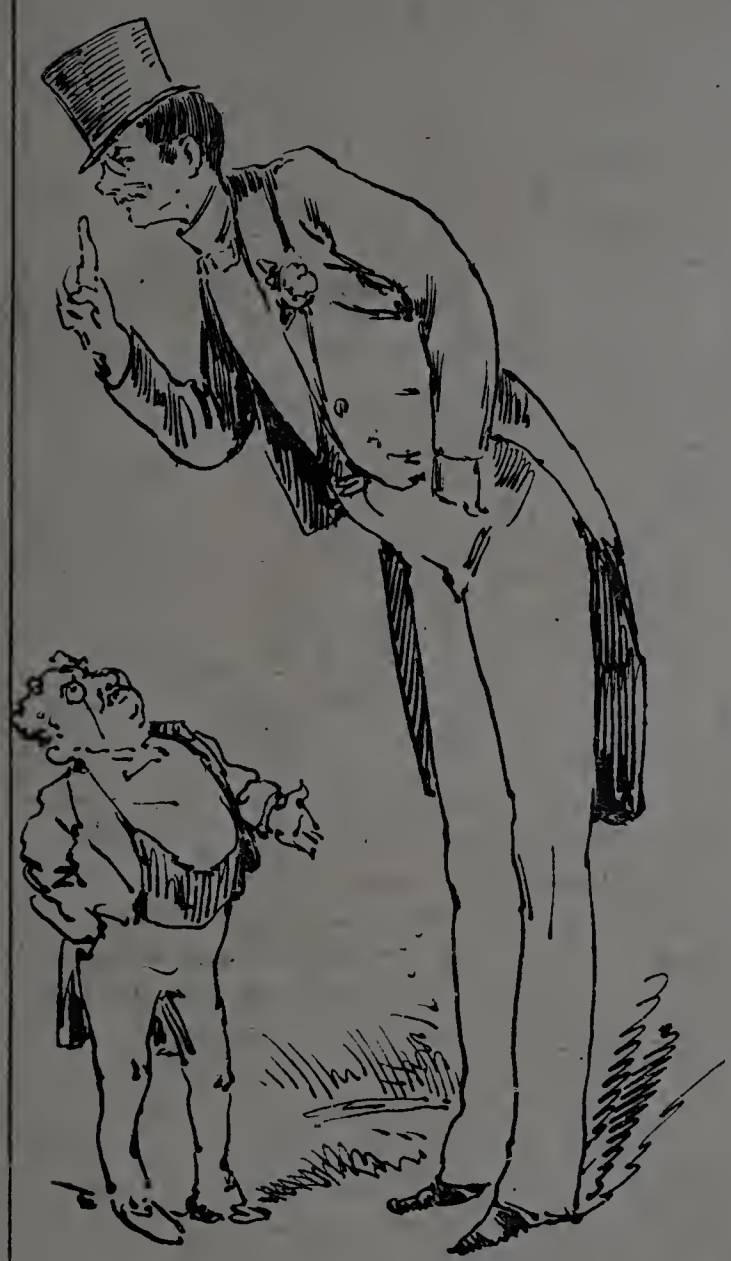
Quem não te conhecer que te compre...

S. CARLOS

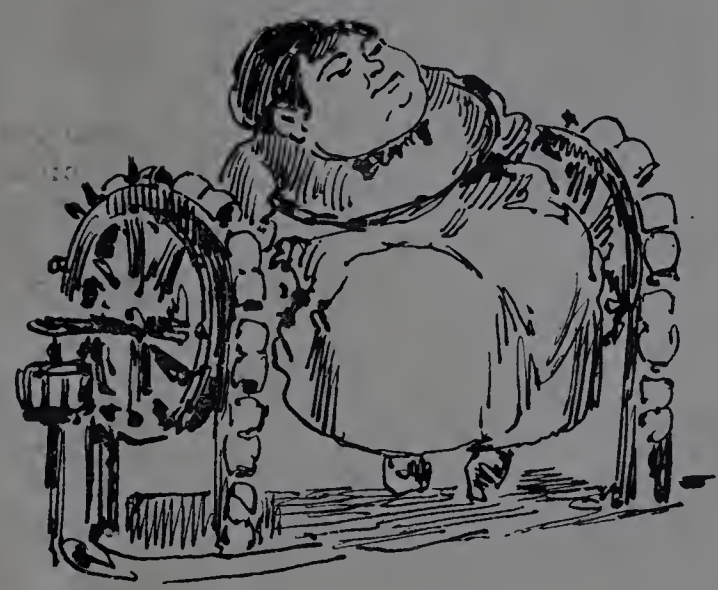
A VOZ DA PATTI (Opiniões dos «Dillitanti»)

Conde de Franco :—E' uma *rica* voz!

Valdez :—*Argentina*...



Augusto Ribeiro :—Muito *extensa!*



Gabriel Claudio :—*Sou nora*...

Mendonça e Costa:—Voz fidalga. *E' voz d'avós*...

Santos Pipia :—Muito *aguda!*

José Carlos :—*E' a voz do Sangue*...

O ASPECTO DE S. CARLOS

(POR UM AUSENTE)

Ao amigo Rabecão Grande do «Pimpão»

No palco tudo toma as dimensões da corista gorda ; na platéa as do illustre maestro Antonio Du. Bom presagio para a empreza Mattos e Valdez :—será o anno *das sete vaccas gordas*...

A leitura do drama *O Duque de Vizeu,* feita pelo auctor, Henrique Lopes de Mendonça, no atelier de Columbano Bordallo Pinheiro.

CHRONICA

O caixote dos assumptos politicos e quejandos do dominio publico está como os cofres do erario.

Bate-se-lhe no fundo e não deita nada cá para fóra.

Assim, não teremos remedio senão passar uma vista d'olhos pelas casas particulares.

Venha o leitor d'ahi comnosco pela rua de S. Sebastião das Taipas fóra.

Atravessemos horisontalmente os mesmos pontos atravessados verticalmente, ha annos, por alguns ingenuos que iam despejar a vida da muralha de S. Pedro de Alcantara a baixo, como quem despeja uma tijela da casa.

Entremos no pateo do Martel, uma miniatura de pateo, á imagem e similhança do pae que lhe deu o nome, depois de lhe ter dado a pedra e cal de que o gerou.

Um pateo muito pequeno, muito portatil, que se póde levar para o campo, para os *pic-nics*, acommodado n'uma caixinha de papelão, como qualquer copo de viagem...

Agora penetremos além ao fundo, no atelier de Columbano.

O vasto atelier — muito mais vasto de que o proprio pateo, como no caso da raposa, em que o rabo, sendo a *porte*, é maior de que o corpo que fórma o *todo;* — o vasto atelier está impando de litteratos de todas as côres politicas.

Muito local, este caso de todas as *côres* n'um atelier de pintura.

Cá fóra, a visinhança commenta muito intrigada aquella extranha reunião, de ouvido á escuta, esperando a cada momento que se entôe no mysterioso atelier, com acompanhamento do piano archeologico de Columbano, o conhecido côro da *Senhora Angot:*

Quem conspi'a
E sem temô...

Em vez d'isso ouviu apenas bater as palmas e presenciou que todos os grupos que cavaqueavam cá fóra acudiam de tropel ao mysterioso signal a que costumam acudir os prestimosos guardas nocturnos!

Depois cerrou-se a porta e, os que cá de fóra se aproximaram tremulos e curiosos, louviram lá dentro uma voz retumbante a fallar de punhaes, de conspirações, de assassinatos e de cadafalsos!

Um dos ouvintes apanhou até esta phrase, que sahia como um foguete pelo buraco da fechadura:

«El-rei, heide eu matal-o!!!

— Matar o rei!!! exclamou tremulo de emoção; mas isso é uma *grandessissima* pouca vergonha! Matar o rei que é tão boa pessoa! que faz tanto bem á pobreza! que ainda no dia dos seus annos mandou *anonymamente,* para serem publicadas em todos os jornaes, esmolas quasi no valor de metade do que o paiz lhe paga diariamente de dotação! que deu uma portaria de louvor ao sr. marquez de Vallada e uma gran-cruz da Conceição ao sr. Peitilho de Carvalho! Isso é que talvez não mate... porque eu apito!...

N'isto rebentava lá dentro uma estrondosa salva de palmas.

— E esta agora! os vampiros não estão a applaudir a morte do rei como quem applaude a *Morte do Gallo!* Decididamente é preciso apitar!... Dorothea! vae buscar todos os apitos disponiveis! Apito para mim, apito para si, apito para a velha...

Não poude concluir: a porta abriu-se e o assustado visinho soube então pelas palavras dos que saiam que o rei cuja morte se premeditava era o D. João II — que elle apenas conhecia pela historia do sr. João Felix Pereira — e que a terrivel conspiração se fimentava a leitura do extraordinario drama que o talento singularmente priviligiado de Henriques Lopes de Mendonça acaba de produzir.

Não emittimos, muito propositadamente, a nossa opinião sobre esse trabalho colossal, tanto no seu merecimento dramatico como na sua importancia litteraria. Muito breve, o mais breve que ser possa, necessariamente — porque esta é uma producção de ordem a preterir todas as outras — o publico irá apreciel-a no theatro de D. Maria e sahirá então do theatro normal como nós sahimos do atelier de Columbano — positivamente assombrado.

Em S. Carlos cantou-se a *Carmen.*

A peça é uma fonte de glorias e de lucros tanto para a empreza como para a fabrica de tabacos do Justino Guedes.

Como se sabe, as coristas véem todas fumando no primeiro acto.

Se fumassem de cachimbo, bem ia a coisa, porque o tabaco puro não prejudica os bronchios. Mas o cachimbo tinha o inconveniente de lhes pôr a bocca á banda, o que não parecia bonito...

Por outro lado, os cigarros, embrulhados em mau papel, provocavam ataques de tosse que não deixavam cantar as pobres coristas, levando-lhes além d'isso todo o ordenado em pastilhas de Nafé.

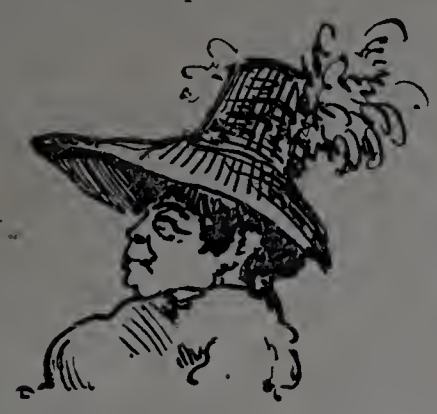
Foi n'esta collisão que appareceu Justino Roque, com o alcatrão salvador dos seus cigarros especiaes

Mercê d'estes cigarros as coristas cantam como cigarras, sem cansaço de peito nem pigarro de garganta.

Umas vozes tão claras e sãs que até parece que em logar de picadilho os cigarros teem recheio de fava torrada!

A dama do chapeu alto continua *a fazer* o seu logar de platéa—fazendo ao mesmo tempo o desespero dos espectadores que lhe ficam por de traz.

Aquillo nem é chapeu: é o zimborio do Coração de Jesus em cima d'uma peanha!



Os espectadores teem feito varias permutações de logares, passando os mais baixos para a frente da dama e os mais altos para traz—e nada!

O Brion poz-se uma noite em bicos de pés sobre as costas da cadeira; chegou a vêr por cima do telhado o que se passava no castello de S. Jorge, mas lá do que se passava em scena não viu... nem *patavina!*...

Os frequentadores das cadeiras ainda dão tornas em dinheiro trocando os logares com os freguezes do *paraiso,* mas, uma vez lá, é como se lhes tivessem pespegado adiante dos olhos o tronco do sr. Cócó—sem espartilho!

Um chapeu assim não devia entrar no theatro sem primeiro ter passado pelas mãos do funileiro, afim de soffrer a operação que se faz á lata dos passadores e das escumadeiras.

Cheio de buraquinhos, sim senhor!

Cada espectador da rectaguarda tomaria o seu buraquinho de assignatura e quando chegasse o fim da época não teria *visto,* mas gabar-se-hia ao menos de ter *espreitado* todas as operas...

Nos é que já não vamos para S. Carlos senão como os sapateiros vão para a loja:—com uma sovella na algibeira...

A gentil amazona Elvira Guerra continua a fazer andar á roda tanto os seus cavallos como a cabeça dos seus admiradores.

A formosa mulher recebe todos os dias, por intermedio das duas vias legaes—carteiro e gallego—um sem numero de missivas com muita abundancia de perfumes caros e muitas faltas de rudimentos grammaticaes.

Alguns admiradores, inspirados no proloquio de que, «quem meus filhos beija minha bocca adoça» e considerando que a formosa Elvira, se não tem filhos menores, tem cavallos em alta escola, que são os filhos do seu engenho e da sua mão de rédea, adoptaram nas suas cartas, por um sentimento de fina delicadeza, o perfume do extracto de feno, na esperança de que esse aroma falle á alma da mulher amada, depois de ter fallado ao paladar das cavalgaduras.

Outros mais felizes, que não tem grammatica nem agua de colonia á altura da gravidade, limitam-se a ir para o Coliseu piscar o olho ao bem amado, quando o dito bem cavalga com a perna direita entalada nas molas do selim.

Este recurso da piscadella, como sae barato, tem arranjado tal numero de adeptos que já não ha espectador que não pisque o olho toda a santissima noite.

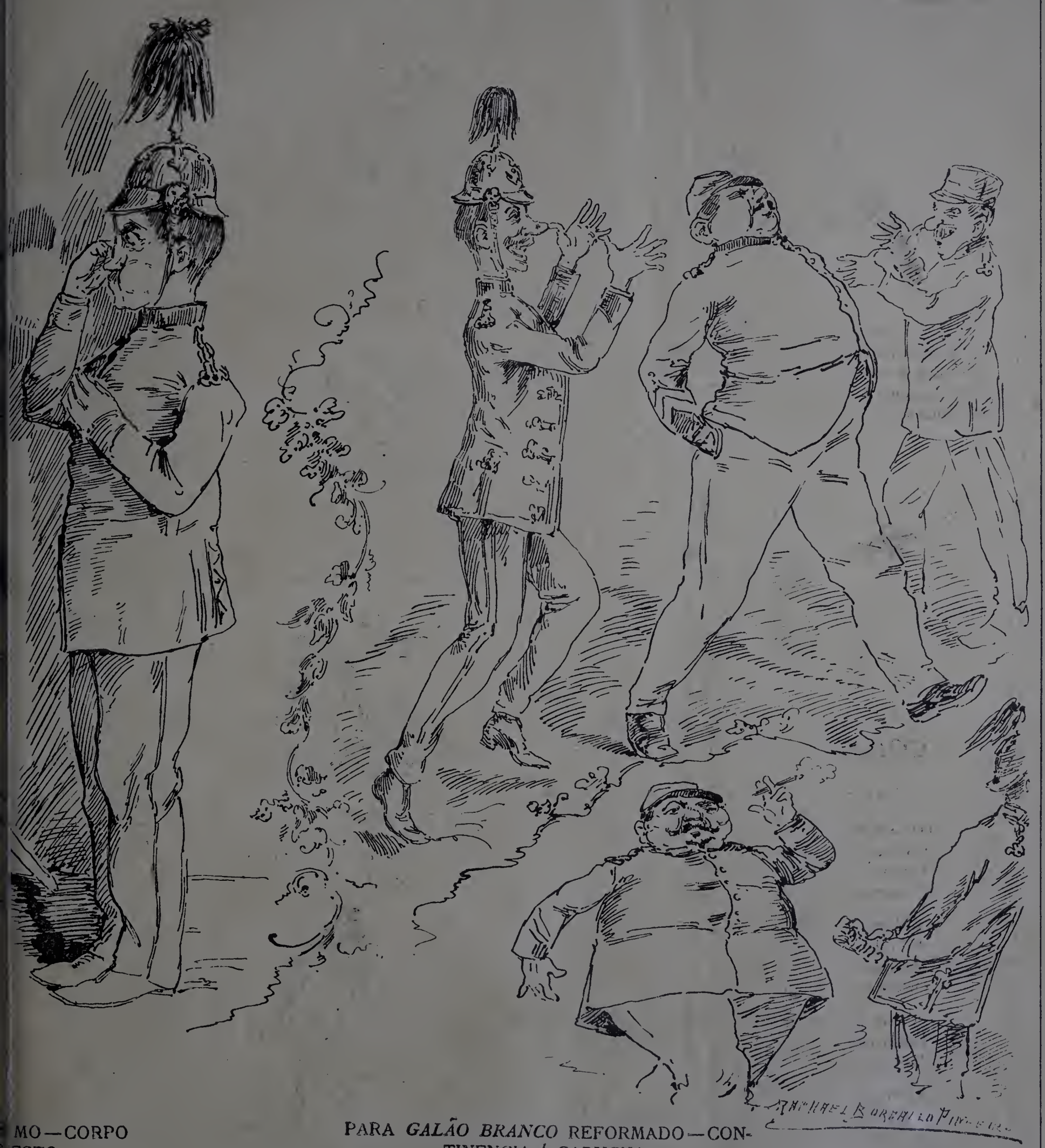
Alguns, cansados de piscar, até levam o criado para piscar em logar d'elles, quando a fadiga lhes alquebra as palpebras e o serviço demasiado lhes faz cair todas as pestanas...

A CON

CONTINENCIA A CAPITÃO BREJEIRINHO DAS PRAIAS—LINGUA DE FORA

CONTINENCIA AO GENER
RETEZADO E GRA

NENCIA

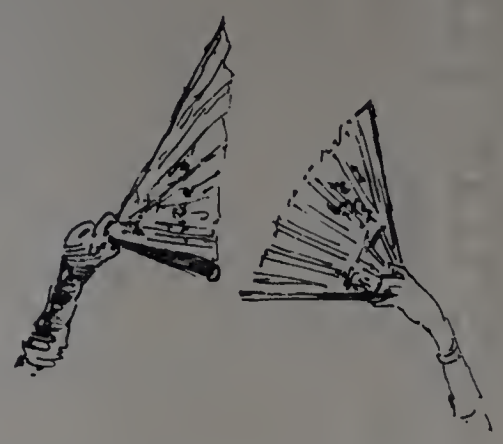


MO—CORPO
ESTO

PARA *GALÃO BRANCO* REFORMADO—CONTINENCIA Á CAPUCHA

Felizmente ao Duarte Braga ainda não lhe deu para ahi.

Se aquelle diabo se lembra de pôr os olhos em movimento, vae uma ventaneira nas visinhanças, como se estivessem a agitar-se dois grandes leques hespanhoes!



Quem se sentar ao pé d'elle bem pode ir prevenido de *cache-nez* á roda do pescoço e de caixa d'isca na algibeira, porque lá com fosforos damos-lhe um doce se conseguir accender o cigarrinho!

PAN-TARANTULA.

COISAS DE BRAGA

UM CONTO DE FR. COELHO

Desce a ponte levadiça
Do paço dos Pimenteis,
Paulino com cem corseis
Lá vem matar a carriça:

—Morte! Affronta! aos infieis!—
Tal o Bailio se atiça,
Pede as armas de cortiça,
Oh ceus! agora o vereis!

O' Fama, dá-me trombetas!
Braga parece Berlim!
Mas sabres, peças, carretas,

Tudo retira por fim,
Diz a carriça -- que tretas!
E o povo diz -- que chanfrim!

K—ROSA.

EM DIA DE S. MARTINHO

QUE GRANDE...

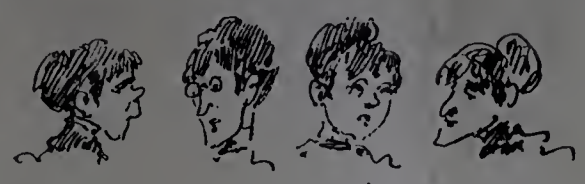
Tão brancas como alabastros,
Correm nuvens á porfia.
Diz Antão, olhando os astros:
—Não faz sol! *Que grande dia!*

Vae p'ra as hortas, sorridente,
E ao vigessimo copinho
Fita o nectar transparente,
A dizer: —*Que grande vinho!*

D'ahi por mais um pedaço,
Um policia cruza a rua;
Vendo Antão toma-lhe o braço
E diz: —*Que grande perua!*

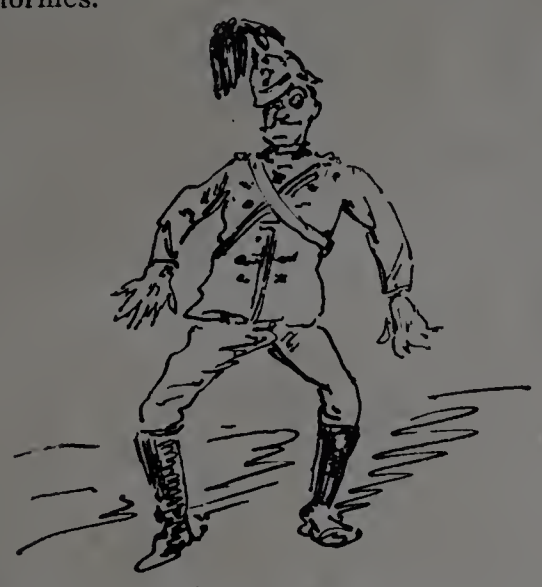
Leva o preso á Boa-Hora,
A fiança paga Antão.
Do juiz pensa cá fora:
—Safa!.. —*Que grande ladrão!*

CARTA ÁS MENINAS DA BAIXA



PRESADISSIMAS DONZELLAS:

O sol está quente, o ceu muito azul, os campos bastante floridos. As arvores ainda se não despem, mas as damas do tom já se decotam nas primeiras ordens de S. Carlos. Afinal não estamos no outomno — atravessamos outra amena primavera. E é gosando este delicioso clima, que elles, os alferes, os vossos ternos alferes, sobem descuidosos o Chiado, exhibindo os seus novos uniformes.



E no entanto, eu choro-vos, eu lamento-vos, oh! meninas, ao vêl-os alegres e descuidosos, com as suas novas calças listradas e os seus recentes dolmans severos. E quereis saber porque? — Porque a cintura delicada, a cintura de vespa, que era todo o vosso enlevo, todo o

vosso encanto acaba de desapparecer para sempre, das guardas da principal e das paradas do glorioso dia 24 de julho.

Afinal o sr. Fontes, com a sua ordem do exercito, fez mais do que modificar os uniformes — desarmou os officiaes!

A grande superioridade que elles tinham sobre o resto dos mortaes, quando se tratava de vos conquistar, oh pallidas meninas, provinha — bem o sei! — no talhe delicado da sua farda, justa, justissima!

Agora... que semsaboria, e que vulgaridade! confundem-se pelas costas com os policias civis.

Como a macaca, meninas, vos persegue, ha tempos a esta parte! O cavallo de M.elle Elvira Guerra, dançando com tanta destreza na pista do circo, mette n'um chinello o vosso Justino Soares! O camartello da civilisação do sr. Rosa Araujo arrasou e destruiu o passeio publico, esse vosso arborisado campo de batalha, aonde vencestes tantas lides amorosas, rendendo ao mesmo tempo vossos corações enamorados!

O que vos resta, pois?!

— A missa das 11 aos domingos, em S. Nicolau?!

A leitura das *Memorias de Madame Diabo?!*

Os salsifres da Academia Fenians?!

A polka das terças, os alumnos de Minerva?!

Et voilà tout!

Os vossos pianos mesmo, vão por agua abaixo! acreditae-me. Não mais *prière d'une vierge*, não mais o *fado das saias*. Um outro instrumento, vae em breve substituir esses filhos do cravo! É a antiga, é a contemporanea de David — sem Corazzi — e a melodiosa harpa! A harpa, sim, a harpa, que vós jamais sabereis dedilhar pelo novo processo — processo que lhe vae dar toda a grande celebridade.

E esse processo consiste na maneira por que por estes dias no Colyseu, Mr. Unthan vae, em frente do publico absorto, vibrar essas cordas harmoniosas. Sim, nada nos occulta Mr. Unthan, vae tocar harpa com as unhas dos pés!

Quereis imital-o?!

Impossivel!

Para não de apparecerdes de todo — oh! pallidas meninas ruidas pela dor — da face da terra e da rua dos Fanqueiros, supplicae pois, ao nobre ministro da guerra:

Senhor, dignae-vos de restituir de novo a cintura de vespa ao exercito, amoldae o tronco aos nossos queridos e apaixonados alferes! Sé generoso e caritativo oh! Fontes, oh! Pereira, oh! Mello!

BONIFACIO.

Valle, o notabilissimo artista que tem tido tanta *criação* distincta como os aviarios do Jardim Zoologico, faz hoje mais uma, juntamente com a sua festa artistica.

A Sociedade da mão branca irá, como costuma, deixar o seu bilhete de visita e os seus presuntos de Lamego no camarim do symphatico actor.

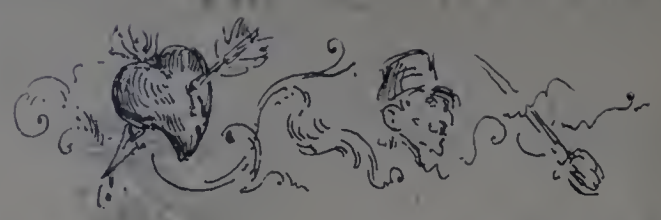
«Felizes os que têm pae,
Ditosos os que têem mãe.»

dizia o poeta de Carnaxide em verso.

E venturoso quem tiver no gatasio um bilhete d'hoje para o Gymnasio, accrescentamos nós em prosa que tambem parece verso.

ANSELMO JOSÉ BRAAMCAMP

Combatemos rudemente a sua feição politica, mas venerámos sempre a sua feição pessoal, synthetisada na firmeza dos principios e na honestidade do caracter.



Ill.mo Sr. Bonifacio

N'uma carta publicada por você no jornal de caricaturas *Os Pontos nos ii*, carta illustrada pelo humoristico lapis de Bordallo Pinheiro, e dirigida ás meninas da Baixa, a essas pobres e delicadas donzellas—de quem você escarneceu, naturalmente, porque ellas o desprezam—houve por bem fallar, e, ainda mais, rebaixar—a classe honrosissima dos alferes do exercito portuguez—de que tenho a honra de ser o mais modesto dos ornamentos.

Pobres meninas da Baixa! Ellas são de ha muito o pratinho obrigado de todas as refeições baratas,—apresentadas ao paladares sem sabor e aburguezados do alfacinha, pelos cosinheiros litterarios... de meia tigela.

Pois são bem dignas de respeito. Melhor avisado andaria o sr. Bonifacio, e tantos outros bonifacios que pullulam pelas cosinhas infectas do nosso jornalismo, se em vez de exporem ás vaias da multidão as pobres meninas, lhes tirassem a caspa da cabeça e lhes extra-

hissem a pomada de botica e as ensinassem a conjugar regularmente—o verbo.

Pretendem demolir, todos estes srs., mas o que construem, corrigem, ou emendam em troca?! Cousa alguma. Que as meninas da Baixa não estão em sorte—isso vê-se pela sua carta, oh! se se vê!

De resto, cumpre-me advertil-o que a cintura de vespa não foi abolida em absoluto do exercito portuguez; e não o será, graças a Deus, emquanto houver cinturas, emquanto existirem as vespas, e principalmente emquanto a mocidade se dedicar—verdadeiros

filhos de Marte—á guerra!

Na arma de cavallaria é que os dolmans modernos podem d'algum modo destruir esse arqueado gracioso do peito dos officiaes; mas na infanteria, na artilheria, na engenheria e em caçadores, verá, verá, espere pelo grande uniforme, vêr-nos-ha mais vespas do que nunca!

E se não acredita na minha palavra honrada... observe o meu collega official Assis de Carvalho, que não obstante os seus largos galões de capitão,—é a vespa mais gentil da geral de S. Carlos!

O que faria se ainda fosse alferes.

Não que o sr. Fontes, o nobre ministro da guerra, não tem alçada sobre os nossos quadris!

E que pense n'isso!!

Lá abandonarmos a nossa tradicional gentileza... está-se nas malvas!

Seu Att.o Vcn.or Obrig.mo

Um Alferes.

CHRONICA

O Lisboeta é, alem de muitas outras coisas apreciaveis, essencialmente pechincheiro.

A sua grande preoccupação, o seu eterno pensamento está em passar vida folgada e divertida sem ter de puxar os cordões á bolsa e, quando haja de puxal-os, que ao menos a despeza não exceda metade do valor do objecto adquirido ou divertimento desfrutado.

Elle não gosta de espectaculos senão em noites de meios preços, para tirar o summo á acção dos Recreios—que pediu emprestada.

Elle só se alarga nas compras quando se trata de liquidação forçada ou de leilão em casa de penhores.

Elle só frequenta o barbeiro assignante de periodicos para pagar com os mesmos trez vintens a barba escanhoada e a leitura dos jornaes.

Ora então, façam ideia do contentamento do indigena no domingo ultimo, tendo como teve tantos divertimentos sem obrigação de gastar vintem!

Mr. Unthan percorreu as ruas principaes da capital, guiando o seu carro *a pé*—apesar de ir sentado na almofada—o que deu logar ao espanto publico e ao antecedente mendonçaecosta.

Além de dar estas coisas, mr. Unthan deu no goto do publico.

Para agradar entre nós, não é necessario ter predicados excepcionaes; pelo contrario: o indispensavel é *não ter* alguma coisa...

Quem não tem cabeça, por exemplo, gosa dos privilegios de não pagar nada nos theatros de feira—e até de fazer pagar aos outros no ministerio da fazenda...

D'ahi a sympathia publica pela pessoa de mr. Unthan.

Até se diz que o extraordinario artista nunca mais sahirá de Lisboa, porque o governo, interpretando a vontade publica, tenciona prendel-o aqui concedendo-lhe para esse fim um talher á mesa do orçamento.

O talher é para Mr. Unthan não se vêr obrigado a comer com a mão...

Não sabemos ao certo qual seja o emprego em perspectiva, mas ouvimos uns *zum-zuns* de que Mr. Unthan vae ser nomeado instructor das praças de *pret*, afim de lhes ensinar as continencias devidas aos novos capitães de *bata e lata*...

Felicitamos o agraciado pela sua nomeação e consideramos que as continencias da sua lavra devem ser de gesto muito rasgado...

* * *

Tinhamos acabado de escrever estes tres pontinhos, quando o carteiro da posta diaria nos trouxe a seguinte carta que, por se referir a mr. Unthan, publicamos immediatamente:

«Amigo redactor

Chamo a sua attenção, para que esta me sirva de telephone chamando por seu turno a attenção dos poderes competentes, sobre um facto da maior gravidade que todas as noites se passa no Coliseu dos Recreios.

Eis a questão, sem commentarios:

O homem que atira ao alvo, puxando o gatilho com os pés, depois de espatifar quatro maçãs, furar tres batatas e fazer em frangalhos duas peras, atravessa ainda, de lado a lado, varios retratos do sr. governador civil de Braga!

Isto feito em publico e por um estrangeiro de mais a mais, parece-nos que está pedindo ou a musa do Bucage de Setubal ou a intervenção do Bucage do ministerio!

Sou, sem mais aquellas

seu, etc.

F...»

Apressámo-nos a tomar informações sobre o que havia de verdadeiro n'este facto e viemos no conhecimento de que o signatario foi victima d'uma illusão d'optica.

Mr. Unthan não fura tal o retrato do sr. Bailio: fura uma carta de jogar.

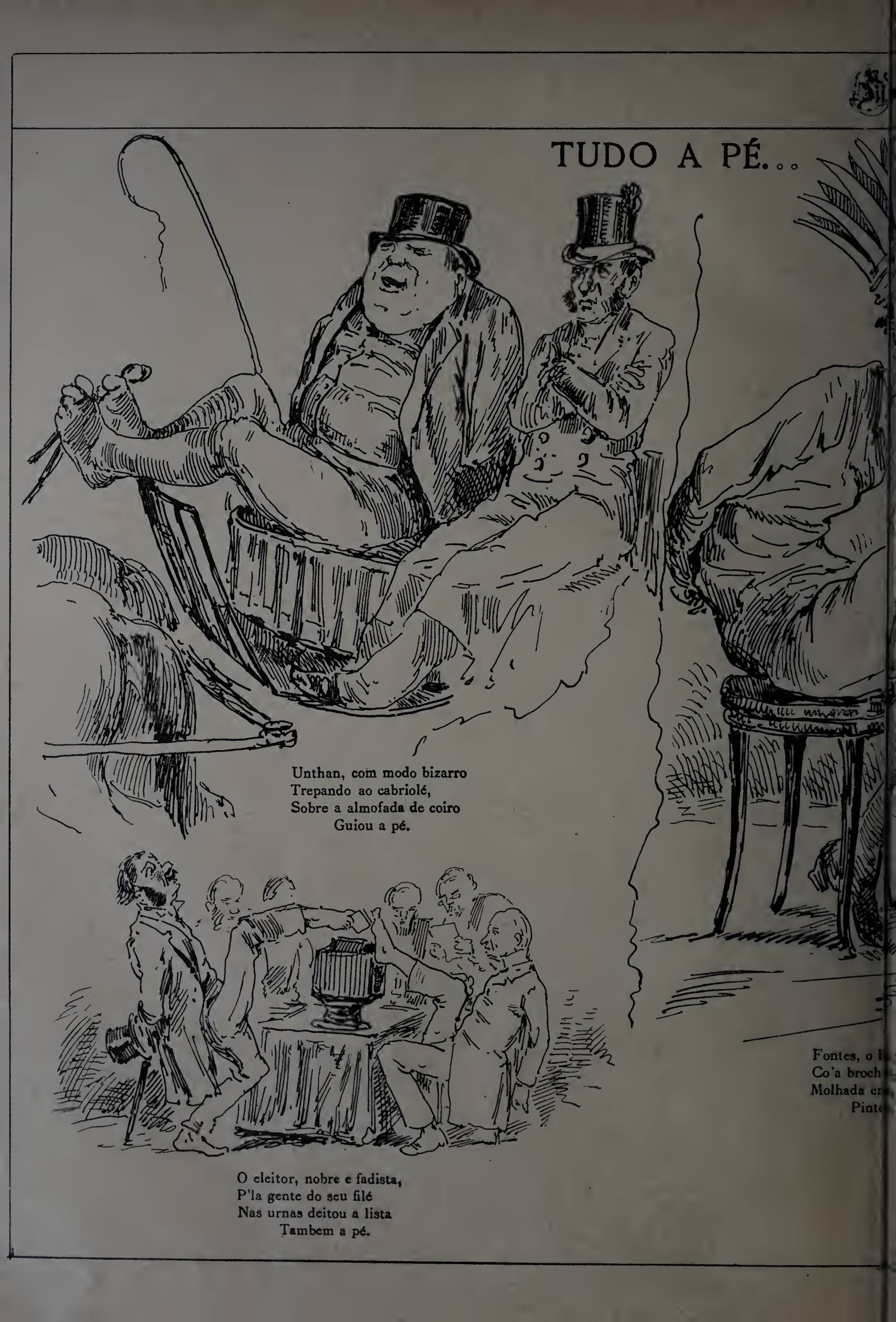
Nem percebemos até, que relação possa existir entre o az de copas e a photographia de s. ex.ª...

* * *

Além do precedente, tivemos ainda no domingo os divertimentos gratuitos das eleições de parochia e das viagens em balão dos capitães aereonautas.

Os capitães foram muito victoriados pelo publico, o que levou o sr. minitro da fazenda a conceber um plano muito engenhoso, com o qual conta chamar sobre os capitães da sua tropa fandanga a sympathia e os applausos da população de Lisboa.

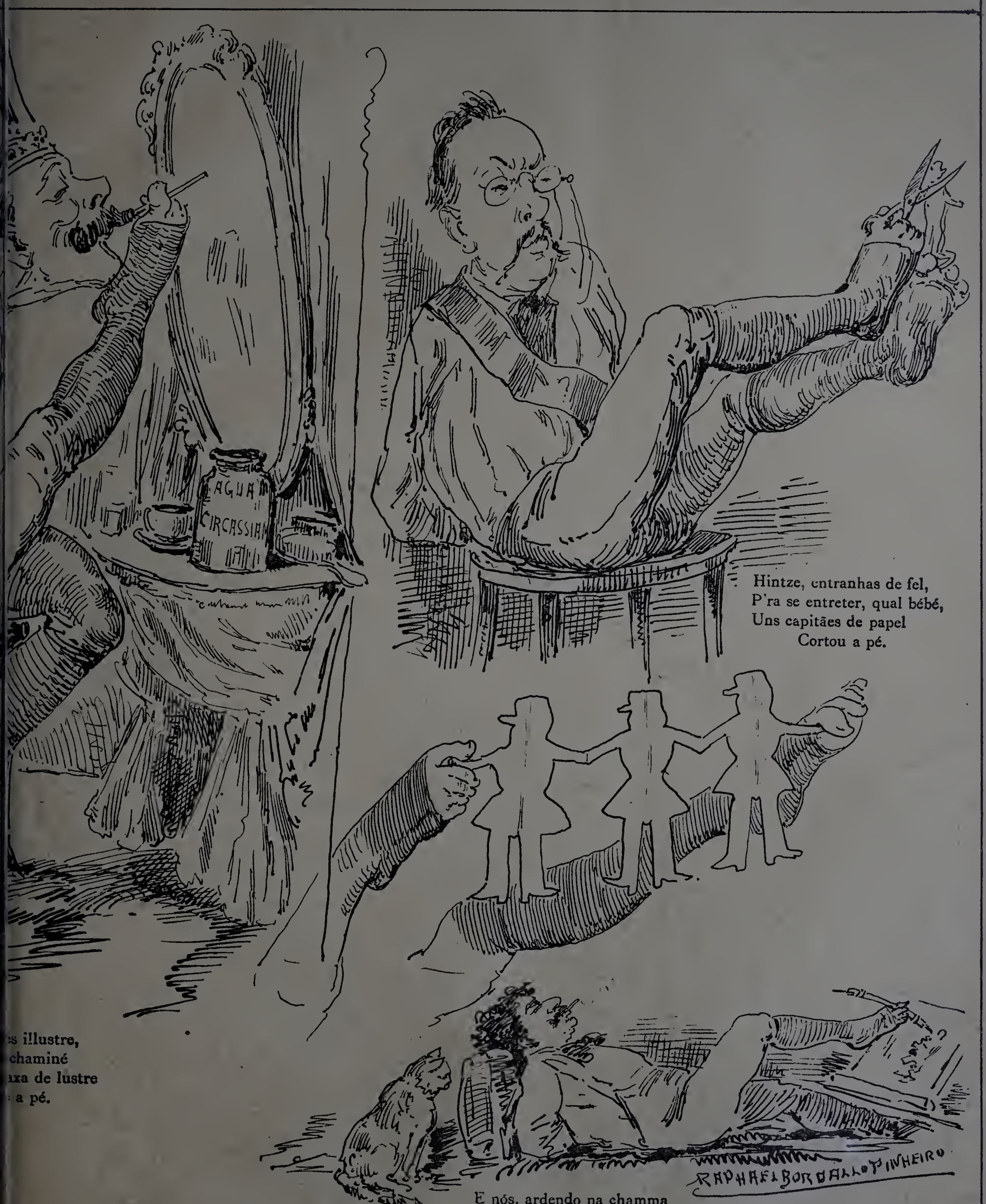
TUDO A PÉ...



Unthan, com modo bizarro
Trepando ao cabriolé,
Sobre a almofada de coiro
Guiou a pé.

O eleitor, nobre e fadista,
P'la gente do seu filé
Nas urnas deitou a lista
Tambem a pé.

Fontes, o l
Co'a broch
Molhada er
Pint



Hintze, entranhas de fel,
P'ra se entreter, qual bébé,
Uns capitães de papel
Cortou a pé.

s illustre,
chaminé
axa de lustre
a pé.

E nós, ardendo na chamma
Da mais valente ralé,
Fizemos dentro da cama
O num'ro a pé!

Como ninguem faz questão de galões, contanto que os capitães andem de balões, s. ex.ª vae distribuir a toda a sua officialidade, juntamente com os galõesinhos de lata, igual numero de balõesinhos de borracha.

Assim, até nós applaudimos a creação do novo exercito candongueiro.

Em quanto os capitães andam lá por cima, póde uma pessoa andar socegado cá por baixo...

A não ser que os malditos vão prevenidos de anzol e meada de guita, porque então vêr-nos-hemos obrigados a trazer o lenço cosido ao forro da algibeira...!

As eleições parochiaes correram muito animadas, apesar do carneiro com batatas não ter comparecido pessoalmente, nem ter mandado ao menos o bilhete de visita do cheiro, para os eleitores o comerem com pão.

O carneiro não compareceu por se achar ainda na engorda, afim de se apresentar condignamente nas proximas eleições de vereadores.

As de domingo ultimo foram como que umas eleições de exercicio, onde os *jokeys* da galopinagem andaram a *trenar* os seus eleitores para a corrida de fundo que se approxima.

Peitilho de Carvalho *enfeita-se* para abiscoitar o *grand prix*, que consistirá naturalmente n'um objecto d'arte offerecido por sua magestade el-rei:—grancruz de qualquer ordem, ou uma lembrança de porcellana para uso caseiro, á escolha do interessado.

Peitilho confeccionou já uma lista composta de todos os elementos partidarios, uma salgalhada de candidatos para agradar a todos os paladares e que parece menos uma lista de vereadores de que uma lista de casa de pasto.

Os candidatos em questão reputamol-os sinceramente tão bons, que lhes podemos applicar o proloquio: «o que é de mais, não presta.»

Porque, de duas uma, ou os camaristas do sr. Peitilho, que são todos ricos como Crésus, se não vão importar absolutamente nada com os interesses do municipio, por mal lhes chegar o tempo para cuidarem dos negocios proprios; ou, se entrarem em exercicio, cada um com o seu ideal politico, succeder-lhes-ha o que aconteceu aos obreiros da torre de Babel, quando Deus Nosso Senhor os fez fallar differentes linguas.

D'esta fórma, assistir a uma sessão da camara municipal será coisa dez vezes mais perigosa de que entrar depois das duas horas da noite n'um botequim da Mouraria...

Vê-se frequentemente crusar as ruas da cidade um carro elegante guiado pelo principe presumpto—exactamente como o carro de Mr. Unthan, que tambem é guiado pelo *presunto*.

Esta coincidencia notavel fez-nos suspeitar de que andava sua alteza fazendo concorrencia desleal áquelle artista, pelo que estivemos quasi a reclamar sobre a sua real pessoa todo o rigor das leis de privilegios que punem os contrafactores das marcas de fabrica...

Mas convencemo-nos depois ter suspeitado erradamente.

Sua alteza anda pela rua mas é a fazer reclame e propaganda em favor dos novos uniformes, de que traz sempre vestido um soberbo exemplar.

O principe representa no caso, mal comparado, um papel similhante ao d'aquellas pernas de pau com que varios logistas enfeitam as montras para patentear a elegancia das meias para o bello sexo...

Não obstante porém a boa vontade e a melhor plastica de sua alteza, os uniformes continuam a não agradar lá grande coisa...

Os cirurgiões do exercito já reclamaram contra o talhe dos fardamentos e requereram ao ministerio da guerra que nomeasse mais um alfaiate, além dos sete que mattaram aquella aranha, para emendar os uniformes de maneira que elles cirurgiões fiquem com os movimentos livres para poderem mattar os seus doentes, sem necessidade de se pôrem em mangas de camisa.

Se o sr. ministro não attender áquelle requerimento, os cirurgiões vão ficar impossibilitados de trabalhar dentro dos formosos uniformes, podendo apenas ser utilisados como ornato para o tremó da sala, debaixo d'uma redoma de vidro, assim á laia de ramalhete de buzios, com florinhas de *cus-cus*.

PAN-TARANTULA.

THEATRO DO GYMNASIO

SEXTA FEIRA 20 DE NOVEMBRO

Sant'Anna patusco,
De modos frecheiros,
Dos camaroteiros
A nata, o requinte,
No velho Gymnasio,
Formoso edificio,
Faz seu beneficio
Na noite de 20.

Em noite de festa
Tão recommendada
Vae lá gargalhada
De tres mil demonios!
Enfermos de figado
P'ra cura perfeita
Lá têm a *Receita*
Dos Lacedemonios!

QUAL DE BAIXO, QUAL DE CIMA

O marquez, fungando a venta,
Labio trem'lo, as carnes frias,
Andou em luta cruenta
Co'o doutor Borges d'Enfias.

Cá de Lisboa, em distancia,
Homens, creanças e damas,
Toda a gente esp'rava em ancia
A vinda dos telegrammas.

N'isto, de Braga fiel,
Vém o primeiro despacho;
Dizia assim o papel:
«O marquez ficou de baixo!»

«Enfias nada em delicia,
De prazer rubro, corado;
Marquez, ao ter a noticia
Ficou de todo enfiado!»

«Soldadesca não descança
A vêr se o marquez se anima;
Pode ser que inda haja esperança
Do marquez voltar p'ra cima.«

Desgotoso fica o povo,
D'afflicção ninguem repoisa;
N'isto vém despacho novo,
Mudando a face da coisa:

«Victoria emfim d'esta vez!
Temos de novo o penacho!
Voltou p'ra cima o marquez
E Enfias ficou de baixo!»

«Enfias, ora enfiado,
Pede mercê de mãos postas;
Marquez, de goso corado,
Não deu mercê, deu-lhe as costas!»

PAN-TARANTULA.

A MODERNA PHRASE ELEGANTE

«FAZER» A RUA DO OIRO

«FAZER» O CHIADO

«FAZER» A AVENIDA

Ainda hoje fizemos tudo isto, e ainda por cima tivemos de fazer o jornal. Depois de fazer tanta coisa, não nos sentimos com vontade de fazer mais nada...

EMYGDIO D'OLIVEIRA

Esta pagina, por vezes consagrada ao heroe do dia, dedicamol-a hoje a Emygdio d'Oliveira, que é um heroe de todos os dias, como trabalhador infatigavel e resoluto nas lides do jornalismo, de que é um dos mais perfeitos ornamentos, e como batalhador sincero e prestimoso na causa da democracia, de que se tem revelado um dos apostolos mais dedicados.

Espirito illustrado, alma expansiva, physionomia attrahente e caracter lealissimo, Emygdio d'Oliveira tinha direito a bem mais do que esta pequena homenagem que prestamos ás suas qualidades e aos seus merecimentos e que d'aqui lhe endereçamos com um affectuoso aperto de mão.

O BANHO DO SR. FONTES

Se poucas mulheres ha que resistam á sahida do mar, tambem sempre me pareceu de inveneivel difficuldade que um estadista de *Tosão* galgasse o ridiculo do mergulho.

Mas com verdade o narro e com alegria o descrevo.

Eu vi em um dia do verão passado entrar na *praia do meio*, em Pedrouços, o vulto mais aprumado da nossa politica caseira.

Elle é effectivamente um homem notavel. Digam lá o que disserem. Elle é effectivamente muito notavel.

Podem os jornaes insultal-o, como homem publico. Podem as gazetas feril-o no seu coração de velho feliz. Pode a caricatura dar-lhe uma feição gaiteira ao seu rosto vulgar e ao seu diadema de bicos. Podem as más linguas morder-lhe e os invejosos picar-lhe. Pode o Hintze rir-se d'elle e o Aguiar chamar-lhe parvo. Pode o Serpa incommodal-o e o grão Thomaz intrigal-o.

Podem dizer, escrever e fazer o que bem quizerem e lhes der na vontade, que tudo que fizerem, escreverem ou disserem pode ser verdade ; mas elle é effectivamente um homem muito notavel.

E a sua nomeada não lhe vem nem do seu negocio sobre cobre, de que fallou o Serpa, nem das obras que tem feito no paiz, nem do grande movimento que tem imprimido no Credito predial, nem do levantamento moral a que chegou o exercito com as reformas que fez, nem do estado prospero de que gosam as finanças debaixo da sua direcção.

Nada d'isto lhe dá brilho. A sua fama de insigne tem outra fonte.

E' o mar!

Tambem para um gigante só a immensidade das aguas! Para um colosso só o Oceano. O sr. Fontes, antes do banho, já é um estudo. Depois de alagado, é uma inveja.

Desde que sahe da sua vivenda, em Pedrouços, fronteira á travessa por onde vae caminho da praia, passa empertigado, por uma ala cerrada, não de namorados, mas de guardas d'alfandega, moderna succursal do exercito. Dir-se-ha, ao vel-o por entre as hostes do Hintze, que está prestes uma apprehensão de contrabando.

Mas não. O sr. Fontes é liso no seu commercio.

Um creado, com o jaquetão abotoado, marcha em frente de seu amo, levando cuidadosamente na mão um estojo de coiro, marchetado de aço, tendo em um dos lados o monogramma do presidente e do outro uma liga de ouro, symbolo d'aceiso, não do sexo que a traz, mas do *Tosão* que se vae de Hespanha. No estojo vae

a thesoura, o canivete e a lima para os callos ; a graixa, o pincel e a esponja para os cabellos ; o pente e a escova para abrir o rego e alisar os ditos ; o arrebique para o rosto ; o carmim para o labio ; o pó de arroz para a suavidade da pelle e para mitigar os ardores das articulações ; e o *feno* para ligeiramente perfumar as pontas dos dedos e com elle tocar ao de leve a cartilagem grossa da orelha : velho costume do seu tempo de luxuria. Em seguida ao homem do estojo, vae o homem do lençol e coifa. Tudo dentro do saeco com debrum de fita de lan encarnada, tendo aos cantos duas borlas da mesma.

No centro o dito monogramma, no reverso a mesma liga. N'esta bolsa vae tambem a luva de lã para a fricção e os sapatos de linhagem branca com solla de metal esburacada : prevenção contra as pedras da praia e medida tomada contra as mordeduras nefastas dos camarões que ha na *praia do meio*.

Quando o presidente, entreabrindo as duas portas da janella, vê aquella caravana em marcha, sahe então todo esbelto de figura e correcto em sua vestimenta.

Ao pôr o pé na areia, ja Domingos, o banheiro, tem mandado retirar o espectador mexeriqueiro que está ali não para se banhar, mas para, como critico, fazer analyse mordaz da esculptura do estadista.

— Saiam do praia. Depressa, meus senhores. Fujam. Aviem-se. Chega sua Alteza.

E' o grito do Domingos. E depois assobia, fazendo ecoar um longo som agudo.

E' o signal para apparecer sobre as muralhas da torre de Belem a sentinella, que ali tem de quedar-se em quanto o presidente retouça no mar!

E os guardas da fiscalisação postam-se pelas travessas, becos, e sahidas, não permittindo pessoa alguma entrar na praia!

Não é propriamente um estado de sitio. Mas ha qualquer cousa parecida com um ridiculo.

O principe sahe aos pulinhos da barraca, com o seu lençol turco sobre os hombros e com a toalha de fina bretanha nas mãos. Recebe do Domingos o pri-

meiro choque, que lhe entorna uma bacia de agua pela cabeça abaixo, fingindo em seguida que tirita com frio e correndo depois em passo maneirinho e piegas para a prancha de onde salta. Elle não dá o pulo gentil sem que esteja dentro o Domingos, que de luva de camurça branca lhe offerece a mão, amparando no baque o augusto corpo de tão necessaria existencia.

Salta; bate na agua, faz espuma; finge que nada; põe a pança para o ar; senta-se quando a onda se espraia; toma um gole de agua e burrifa o Domingos; dá cambalhotas; corre para a praia; torna a entrar; pega nas boias; atira-as ao ar; toma posições grutescas; faz momices, trigeitos e pieguices; elle é propriamente um estroina.

O Fontes molhado é tão differente do Fontes secco que, ao vel-o no banho, mais parece um collegial travesso do que um primo do rei de Portugal, pelo *Tosão*, ou um sobrinho do da Italia pela *Annunciada!*

Estando p'ra sahir do mar, já o Domingos está na praia com o regador d'agua doce para lhe tirar o sal da moleira. No que differe de muitos que lh'o teem posto na dita. E ha quem affirme que a calva do presidente não lhe provém nem das grandes lucubrações de espirito, como governador geral d'este Reino, nem do seu grande trabalho intellectual, como unico director do progresso nacional, nem das difficuldades resolvidas, como salvador especial do credito do Paiz nem de ter já feito 69 nem de outras fadigas quer do espirito quer do corpo.

Gente ha que sustenta fundamentadamente que o escalvado do craneo fontista é devido aos jorros com que o Domingos alaga, ha annos, a peruca presidencial e que a agua, represa no cabello empastado pelas tinturas, produz a humidade quente que apodrece a raiz e que teu feito d'elle um perfeito *calvinista*.

—Adeus, meu bom Domingos.

E' como elle sempre se despede, sem variar de saudação.

Depois entrega-lhe a corda para o principe se agarrar e embora o mar seja de leite e de rosas seja a maré, sempre Domingos, o velho e leal companheiro aquoso do presidente, lhe diz:

—Tome V. Alteza cuidado não deixe o calabre, que com o mar não se brinca.

—Bem sei. Obrigado. Está ahi. Senta-te na taboa em quanto eu vou abaixo.

Diz elle em tom egual ao que falla, quando defende Valladas, o obsceno.

Elle dentro e o Domingos de fóra, ali, debaixo do mesmo ceu, conversam ambos em assumptos brejeiros, dando expansão faceta aos seus pensamentos lascivos.

Vem a terreiro esta e aquella e mais uma e outra e depois a magra e a gorda e o marido infeliz e o primo venturoso e tudo e todos. Gargalhada, risota, chufas, mocejos, pimenta... o diabo!

O banho do presidente é emfim uma grande pandega!

Eu nunca o vi tão maroto, como quando está dentro d'agua. Elle, de fóra, é pacato. E' grave. Tem a linha recta, que lhe dá o tom atesoado que adoptou. Mas no mar, ao pé do seu Domingos, é uma creança revolta, buliçosa, irriquieta.

—Creado de V. Alteza. Que almoce bem. Vá em paz p'ra Lisboa.

E' o adeus do banheiro.

O que se passa na barraca é mysterio. Só o que sei dizer é que elle gasta bons trez quartos de hora para se anafar, Faz a reacção sozinho. Sozinho se escova e sozinho se alimpa. Sem querer ajuda, faz a si mesmo a sua *toillete*, cahindo-lhe o pingo a tremer de frio, e com os dedos enregelados lá aperta o seu espartilho de setim preto que abotoa adiante com os colchetes de metal branco.

Bebe lá dentro o seu copinho d'erva doce. Acende um havano puro e atira para os costados com o seu casaco de militar friorento.

Deixando a praia, toma a seriedade habitual da sua raça aristocratica. Caminha com a distincta gravidade de um fidalgo de puro sangue e entra em casa com a costumada fome de um velho gasto de forças.

Depois de o estomago estar aquecido e o calor animal tomar a temperatura propria dos 69, despe o trajo

Lá que elle *tirasse o cavallo da chuva* mettendo no gabinete, vá, que ficava muito bem... A elle, porém, preferiamos vêl-o ficar de fóra.

ANA

—Esmolla para as obras publicas... da *senhora* de Carnaxide...

Quer abrir o chapeu, mas como ainda não tem *cabeça* não atina com a mola...

da praia e enverga o habito convencional da seriedade postiça.

Atira comsigo para dentro do seu *coupé* aturado e vem até a secretaria, fazendo a rapozeira restauradora da folia com que esteve no banho.

Entra no gabinete, onde o espera a cohorte immensa dos velhos compromisos e a chusma faminta das velhas hystericas e despacha o ronceiro expediente, em que tem consumido uma vida inteira e do que lhe tem vindo gloria, lustre e graxa.

Depois volta para Pedrouços, fatigado de tanto expediente arrumado.

E deita-se com a consciencia tranquilisadora da inutilidade com que o dia p'ra elle correu: dormindo o somno que só a innocencia dorme e sonhando ou com o docel dos réis ou com o barrete que a republica traz na cabeça. E diz a lenda da noite que houve já quem o ouvisse cantarolar, como sonambulo, o hymno nacional da França!

Depois desperta. Em seguida vae para o banho. E torna o dia a correr-lhe como o antecedente, que é igual ao seguinte e que não muda de todos os outros.

O Hintze pergunta com graça:

— Mas quando estuda este homem?

Ao que o Serpinha, sarcasticamente responde:

—Não pergunte isso, que ninguem lhe saberá dizer.

Indague antes:

— O que saberá este homem?

Interrogação a que o Lopo satisfaz, dizendo—o Fontes é o grande farcista do Paiz.

—Finge que sabe e sabe fingir. Se não fingisse que sabia, talvez não soubesse fingir. Assim, como sabe fingir, faz muito bem, finge que sabe.

E com esta dissimulação tem enganado todos: o povo e o rei.

Ha, porém, um unico homem que elle não tem conseguido illudir.

E' o seu banheiro, o estrenuo defensor das iras do mar contra a debilidade senil d'este chavéco politico.

E' por isso que Domingos tem sobre o presidente a suprema ascendencia, de que só os valentes gozam, e que representa o tonico estimulante dos pusillanimes das aguas.

Quando vejo esta alteza moderna no meio do oceano e com o seu guarda costas, sentado na prancha, pela minha mente passa a imponencia pimponeando do Adamastor, batido pelas vagas, e na minha phantasia de observador, comparo o Domingos da praia do meio com a maioria electiva que o resguarda das refregas das luctas do parlamento.

Mas, ainda assim, ó Domingos, tu vales muito mais do que os eleitos.

Estes defendem-lhe as tolices. E tu, ó heroe salgado, evitas que o presidente perca o pé na areia movediça e vá pela corrente abaixo sumir-se na immensidade do mar ou ficar atolado na immundicie do leito do nosso rio de defecções crystalinas!

D'este estudo do banho eu tiro como conclusão que no regimen constitucional ha qualquer coisa igual ou parecida com o poder moderador.

E' o banheiro Domingos.

Se o monarcha tem salvado o seu primeiro ministro, manifestando-lhe o seu arrebatamento sympathico nos periodos criticos da evolução das crises; Domingos, o intrepido mergulhador, muitas vezes o tem livrado da furia ingente das luctas do aquoso inimigo.

E devido aos dois é que o grande homem enche de espavento o mundo inteiro.

Na Ajuda manda.

Na praia governa.

Ao pé do throno decreta elle a felicidade que innunda o paiz.

No banho, aquieta-se o mar, quando no meio d'elle cahe a existencia mais querida para um povo, que disfructa as suaves virações de uma ventura bem provada.

E ainda os maldizentes hão de rosnar que este homem que tem, como unicos dedicados — um rei e um banheiro — não é verdadeiramente phenomenal?!

Mas, se elle paga ao Domingos a velha affeição a troco de 200 réis por banho; o que dará elle ao rei pela sua tão distinguida amisade e por uma bem saliente preferencia?

—Dá-lhe em troca o bem estar da Nação.

Isto basta.

Está tudo explicado.

Governe, pois, e sempre o primeiro ministro, que assim o exige a *salus populi*, que é a primeira lei.

E viva o Domingos longos dias bem vividos, para todos os annos envolver, no manto branco das suaves espumas das ondas, o corpo gentil do velho mais bem conservado que por cá ha n'esta boa terra das summidades idiotas.

RIDISTO.

CHRONICA

Ha já muito tempo que os *habituées* da arcada do Terreiro do Paço, andavam com a pedra no sapato.

O ministerio não fazia senão reunir em conselho, muito a miudo, sem que ninguem conseguisse dar fé do que se passava lá dentro.

Era caso grave, mas, fosse o que fosse, o certo é que não transpirava.

Os curiosos damnavam-se com esta falta de transpiração.

Appellaram para o aconito, para o chá de borragem, para o xarope de peros — e nada de transpiração!

Até que afinal transpirou tudo. O gabinete estivera a confeccionar dois ministros novos — um em folha e outro já usado mas ainda em bom estado de conservação.

A demora proveiu das difficuldades da escolha. Se se fosse a contentar todos os pretendentes tinha o sr. Fontes de distribuir pastas como a casa Havaneza distribue almanachs *Bijou;* e ainda lhe ficavam freguezes por contemplar.

Depois de acalorados debates, assentaram resolver a questão pelo jogo. Foi o Marçal Pacheco quem deu a ideia.

E, para que não podesse haver batota, opinou-se pelo jogo da cabra-cega.

Fontes, de olhos vendados com um lenço de chita de Alcobaça, começou a caminhar ás apalpadellas. em quanto todos os membros do partido o rodeavam, anciosos do primeiro apalpão.

O sr. Bailio não se fartava de tossir em Braga, na esperança de chamar as attenções da cabra-cega.

Emfim o sr. Fontes esbarrou n'uma coisa pelluda, e agarrou-a logo por uma extremidade muito dura.

Tinha segurado por um chifre o bode de Carnaxide que Thomaz da Apparecida trazia comsigo.

Muitos descontentes protestaram logo que houvera batota na escolha do jogo, visto como preferindo-se a cabra cega, era natural que ella se chegasse para o bode, porque lhe havia de dar o cheiro.

S. ex.ª jurou pela sua honra de presidente e de cabra cega que lhe não dera o cheiro de coisa alguma, mesmo porque não está costumado a cheirar senão o meio grosso que lhe offerecem as suas velhas.

Em face d'esta declaração, duas vezes solemne, concordou-se em entregar a pasta ao dono do bode de Carnaxide, com a condição porém de que viesse igualmente a *senhora* da mesma localidade, conforme a proposta do sr. ministro do reino, que é doido por *senhoras*... apparecidas.

O grande homem tornou a pôr o lenço de chita, indo d'esta vez esbarrar de ventas em cheio no cavallo branco do Manoel da Assumpção.

Superfluo será dizer que as ancas do rocim, até então da pureza d'um arminho, ficaram logo mascarradas com o bigode de s. ex.ª

Novos protestos, por parte do sr. ministro do reino.

— Com a *senhora* de Carnaxide me entendo eu, gritava o illustre estadista; sempre me entendi com o bello sexo; agora lá do cavallo estou dispensado, se me faz favor... para fartura do genero bem me basta a maioria parlamentar...

— Mas é que não ha outro remedio, objectava o sr. Fontes; o cavallo pode ser-nos d'uma grande utilidade se o pozermos ao pé da burra do thesouro... Repare que a desgraçadinha está d'uma esterilidade assustadora... Assim talvez consiga ter leite d'aqui a onze mezes e olhe que nós estamos muito precisados de leite de burra, presadissimo collega!...

O sr. Barjona lá se commoveu com a perspectiva do leite de burra, sendo entregue a pasta a Manuel da Assumpção e uma ração bem medida ao respectivo cavallo branco.

A proposito de ração dizia depois alguem ao sr. ministro do reino, que gerira interiormente a pasta da justiça:

Deve causar impressão,
Desgostar um tudo nada,
Ficar só co'uma ração
Quem esteve a ração dobrada...

No theatro de D. Maria reappareceu o espectaculoso drama *Cora ou Escravatura*.

Nós viramos a *Cora* aqui ha annos, n'aquella idade feliz em que começa a operar-se a transicção da creança para o mancebo e se principia a não acreditar em bruxas para se acreditar em promessas amorosas.

E a *Cora*, confessamol-o, foi uma das peças que mais nos encheu as medidas e mais nos despejou as algibeiras.

Assim, quando ha poucos dias vimos annunciada a reapparição da *Cora*, corremos a D. Maria com a emoção com que se corre ao encontro da primeira amante depois de quinze annos de separação.

Aconteceu-nos como no caso da amante, que nós imaginamos ir encontrar como ficou retratada no nosso espirito, basto cabello castanho, dentes formosissimos, carnes frescas e palpitantes, e que se nos apresenta de pelles cahidas, cabello grisalho e dentes esverdeados.

E então, nós saimos triste do theatro, como sairiamos do *rendez-vous*, e pensando da peça o que pensariamos da ex-amante:

— Uma deliciosa mulher... para ser vista ha coisa de quinze annos...

No desempenho houve uma coisa que nos surprehendeu: foi o personagem desempenhado pela actriz Emilia dos Anjos.

O papel representa uma menina de quinze annos, pouco mais ou menos. Ora aquella actriz pediu recentamente a sua reforma, que suppomos lhe foi concedida.

Em vista da reforma, nós pensavamos de Emilia dos Anjos:

— Coitadinha! Está velha, alquebrada, tem rheumatismo nos artelhos, cae-lhe o pingo do nariz, baba-se nas rendas do pescoço...

E de repente apparece-nos aquella invalida de Runa a fazer uma menina de quinze annos!

De moletas no sovaco e pella de borracha na mão direita!

A jogar os quatros cantinhos na sua cadeira de paralytica!

Se a empreza de D. Maria não dispõe se não de septuagenarias para os papeis de meninas de quinze annos, pode contar que mais dia menos dia tem o sr. Fontes fechado na mão direita...

A caixa do theatro transformar-se-ha n'uma especie de feira da Gollegã, onde s. ex.ª irá annualmente fazer a sua remonta de velhas.

E sabe Deus Nosso Senhor o que elle ja terá enfeirado á data d'esta...

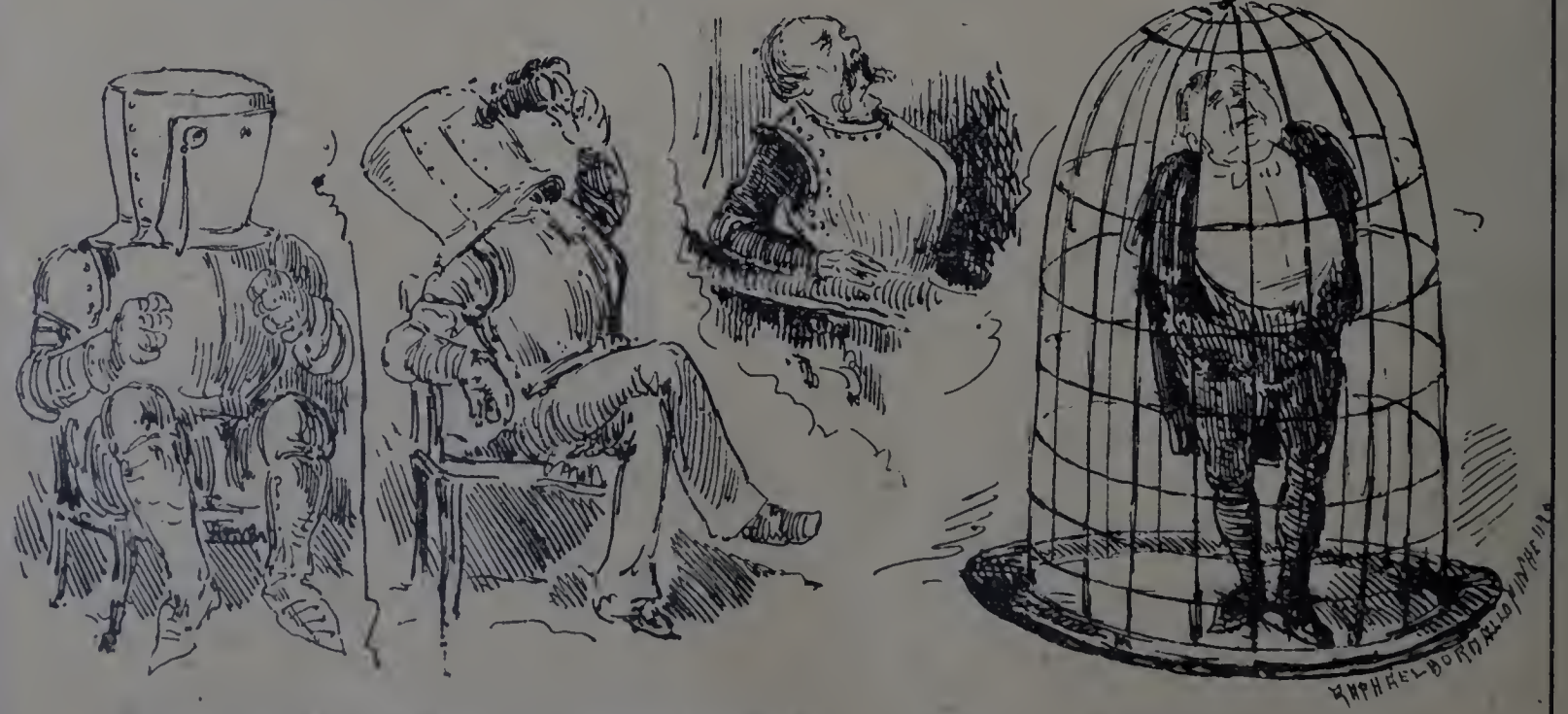
PAN-TARANTULA.

A PANCADARIA EM S. CARLOS

Para ficarem mais em caracter, os *dilettanti* vão trocar a casaca pelos trajos do bairro alto; cochilla de cinco estalinhos em logar de *claque* d'um estalo só e rolo de adhesivo em vez de violetas na *boutonnière*.

Os bengaleiros, em vez de guardarem bengalas e alugarem binoculos, guardarão os binoculos e alugarão bengalões, luvas de ferro, sovinas de pau buxo, etc.

O botequim será substituido por uma botica.



Toilette-propria para assistir da platéa aos espectaculos de gala.

Mr. Unthan, como não pode *bater* senão com os pés, e isso não convem á empreza, assistirá aos espectaculos resguardado n'uma gaiola de ferro.

THEATRO DE S. CARLOS

ESTREIA DO NOTABILISSIMO TENOR MASINI

ATÉ AO QUARTO ACTO DOS HUGUENOTES, SEGUNDO ALGUNS, "UM TENOR CARO". NO 4º ACTO TENOR BARATISSIMO PARA O BEM QUE CANTA — ENTRE NÓS O CANTOR TEM DE SER INFALIVEL SENDO CARO. NÃO SE APRECIA O "METAL DE VOZ" APRECIA-SE O "METAL SONANTE".
CONSELHO Á EMPREZA: APPRESENTAR CANTORES COMO OS ENTERROS: —— "BARATOS QUE PAREÇAM CAROS.

CHRONICA

O leitor «já maduro já cá dos veteranos» certamente que se lembra d'uma pobre velhota que, ha coisa de quarenta annos, estacionava ali pelas alturas do largo de S. Bento, resando Padre-Nossos pela intenção de quem a presenteava com uma moeda de cinco réis furados — n'esse tempo muito em moda.

Chamava-se Paschoa, a boa velhota.

D'uma occasião, no momento em que a tropega carcassa se apressava, correndo com a velocidade que lhe permittia o seu rheumatismo senil, para vêr a procissão da Paixão que sahia da egreja das Francezinhas, aconteceu-lhe escorregar n'uma casca de laranja, e dar uma cambalhota tão perfeita que faria a inveja do clown Renz, se o Colyseu dos Recreios já funccionasse por esse tempo.

Um que presenciára o desastre e a quem pulsava nas veias o sangue ascendente do sr. Mendonça e Costa, exclamou logo, ao vêr a pobre Paschoa estatelada na valeta:

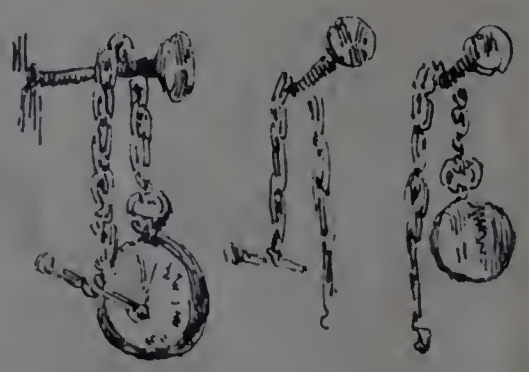
— Esta agora é mais bonita! Então não *cahiu* a Paschoa em sexta feira de paixão!...

O dito fez época e em todas as casas de familia se commentou por longo tempo o caso de ter caido a Paschoa em sexta feira de Paixão.

A historia da Paschoa vem a pello no adiamento do 1.º de dezembro.

Conforme a resolução do governo o 1.º de dezembro cae este anno talvez lá para o dia de S. Silvestre...

Pena foi que os restauradores não tivessem obrado o seu feito heroico meia duzia de dias antes e o D. Affonso d'Hespanha não procedesse da mesma fórma com referencia á sua eterna viagem, porque, n'esse caso, teriamos adiado o dia 25 de novembro, o que prolongaria por mais algum tempo as boas relações de amizade existentes entre as cadeias do relogio e os colletes de muitos inquilinos...



A resolução do governo traz as seguintes consequencias no 1.º de dezembro:

Não haverá a *alvorada* tradiccional, pelo que o *Diario de Noticias* não poderá incluil-a na sua *chronica do dia* e os gallos da capital ficam prohibidos de cantar o seu matutino *cócórócó*.

O patriotismo nacional não terá direito de manifestar-se, do que resultará que todos os cidadãos e todas as cidadãs das dimensões de Gabriel Claudio serão obrigados a deixar o patriotismo em casa, indo *fazer* a rua do Oiro ou a Avenida com um patriotismo ainda inferior ao da propria Sarah Bernhardt.

Todos os foguetes expansivos,—sem distincção de classe nem numero de respostas—ficarão impossibilitados de subir, como o ascensor da caiçada da Gloria quando rebenta algum canudo do dr. Pinto Coelho.

O trombone das philarmonicas não excederá a verbosidade do famigerado mudo d'Alcantara.

A trompa da bicha metterá na bocca uma bucha.

O contra-baixo recolherá a falla ao bucho.

E finalmente o drama do conselheiro Miguel Osorio, que estava para subir á scena no theatro de D. Maria, não poderá n'esse dia ser receitado pelos medicos em substituição do chloral!

Contra estas disposições do governo acaba de ser entregue no ministerio do reino uma energica representação, a qual, por muito bem fundamentada, tomamos a liberdade de transcrever na integra.

Eil-a:

«Dis u abacho açinado que, tendo cido puribido subir no permeiro de Dezembro proçimo a todos os Foguetes, vem o supp. na sua cólidade de Foguete —

que tem munta onra de çer — portestar que vae Beber (perdão! isto era a acinatura) digo, portestar que vae ós ares se, não deichando subir ós ditos ares os ditos Foguetes, o puribem tamem a Elle supp. de subir como costuma todos os dias o calvario da Boa-Ora.

O supp. tem d'ir ali neçe dia defender um réo que istá hymno-sente e cujo tensiona mandar para as costas d'africa, ó menos com 15 anos de degredo por toda a vida.

Assim, o supplicante

Pede para que o deichem subir, ó estoira como uma bomba e dá alguma repostada torta.

acinado,

Dr. Foguete Junior.

* * *

Eram quatro horas da madrugada de terça feira ultima.

Acabávamos de escrever as linhas que antecedem, quando um corpo extranho, muito comprido e muito delgado, quebrando um vidro á janella do nosso gabinete, nos entrou pela casa de dentro, vindo cair-nos sobre a banca de trabalho, com a semcerimonia com que qualquer senhora bonita pode entrar pelo gabinete do sr. ministro do reino, indo cair-lhe sobre o sophá de seda adamascada...

Olhámos com surpreza o recemchegado, e, como pelo feitio nos parcesse o nosso collega Augusto Ribeiro,

estendemos-lhe affectuosamente a mão, perguntando-lhe a que vinha.

E elle não nos respondeu palavra.

E não nos respondeu porque as trez respostas que constituiam todo o capital da sua oratoria ja as tinha dado lá fora.

Porque não era o Augusto Ribeiro: era um foguete de trez respostas — já estoirado!

— Um foguete!!!!!! exclamámos n'um cumulo de admiração correspondente á pontuação anteriormente empregada; um foguete pela janella dentro! Mas os foguetes estavam prohibidos!

N'este momento, como protexto bombastico ás nossas palavras, rebentaram lá fora as bombas atroadoras d'uma girandola bem servida e atraz das bombas, como machos atraz de femeas, seguiam os bombos de quatro phylarmonicas, martelando cada uma para seu lado o hymno da restauração!...

—Mas então (reflectimos conceituosamente) se os foguetes ribombam e os bombos andam esfogueteados, é que foi proclamada a liberdade do bombo e do foguete!

E saímos logo para a rua, a desfructar a alvorada do 1.º de dezembro.

* * *

Ao pé da porta fica-nos o mercado de S. Bento.

Está claro que nos não referimos agora ao mercado onde o sr. Fontes occupa o *logar n.º 1*, na sua qualidade de collareja-mór...

Referimo-nos mas é ao *Mercado Novo*—que por signal está servindo para o commercio dos *ferros velhos*...

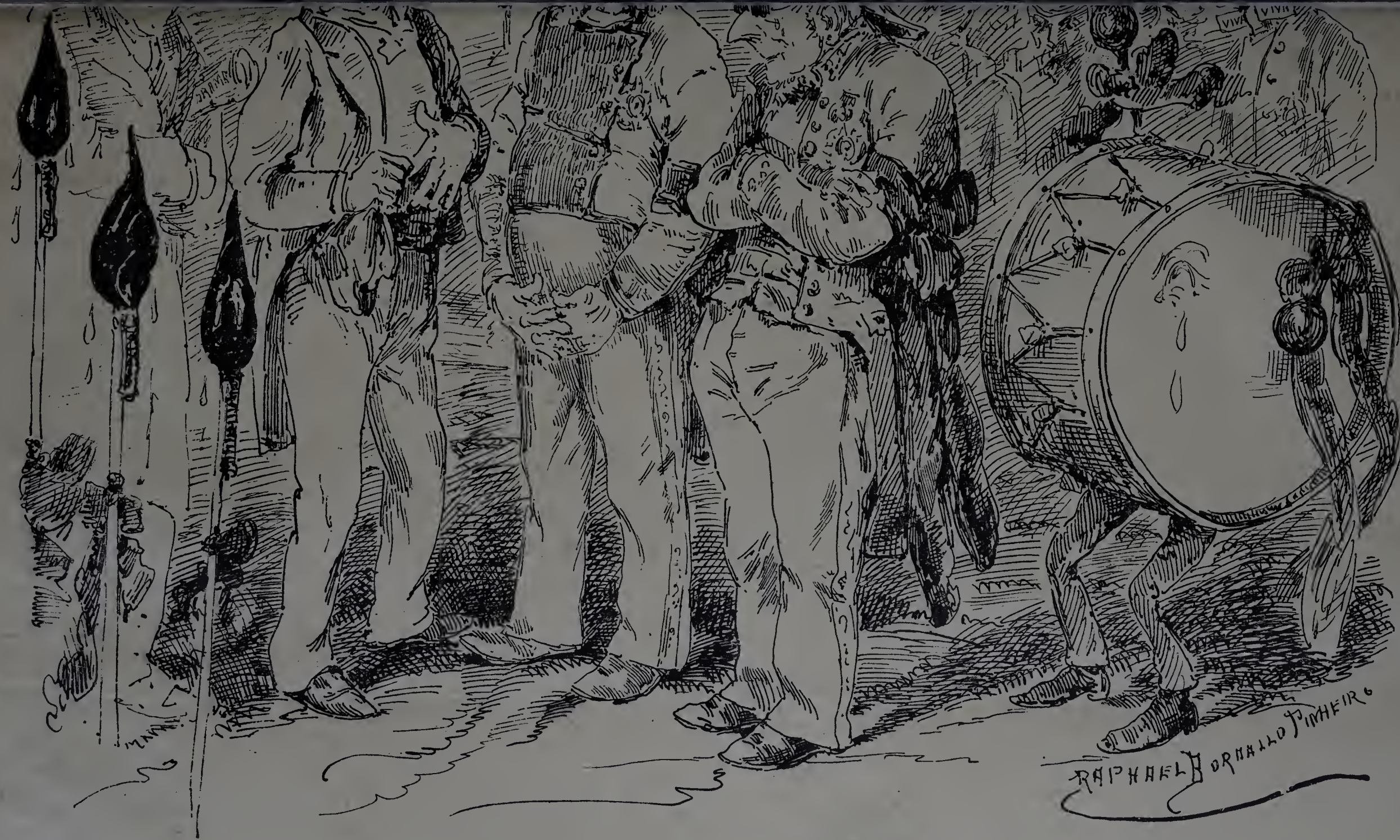
Era ahi que reinava a festa, com o mesmo esplendor com que o sr. D. Luiz reina em Portugal e nos Algarves.

Quanto a fórmas de manifestação, as do costume, para variar.

Innumeras bandeiras, muitos festões de gaz, bastantes litros de Torres, rasoaveis enthusiasmos patrioticos e alguns pastelinhos de bacalhau.

Os «vivas», que tinham sido prohibidos expressa e absolutamente — incluindo o sr. Gonçalves *Ditos*—e que chegaram a estar presos no quartel do Carmo, lá andavam manifestando-se livremente, visto aquelle cavalheiro ter conseguido a soltura que solicitou, para si e para os seus irmãos de nomenclatura...

ALEGRIA POR DENTRO E LUTO POR FÓRA



A commissão 1.º de Dezembro estava gaudiosa no seu intimo, ao passo que se mostrava enlutada cá por fóra.

Emquanto exteriormente se cobria de crepes, illuminava por dentro o coração com luminarias. o figado com vellas de stearina, o bofe com bicos de gaz e a muela com balões á veneziana.

Cá por fora o lemiste de luto a decorar-lhe o braço e a camisa de chita preta a vestir a memoria dos restauradores; lá por dentro as tripas a deitarem foguetes e a roncarem o hymno da restauração!...

O nevoeiro dos ultimos dias tem-nos feito desconfiar de que o sr. Fontes já vendeu Lisboa aos inglezes —como em tempo se propalou que ia succeder—e que elles carregaram com a cidade para o interior da velha Londres!

De dia mal se enxerga um palmo adiante do nariz; e então á noite—especialmente quando se accendem os candeeiros da illuminação publica—parece que anda a gente a passeiar dentro do bigode do sr. presidente do conselho!

E, a proposito, como a nebrina põe os bigodes pingando como alambiques, façam ideia da metamorphose porque tem passado n'estes dias o citado ornamento do supracitado presidente...

João de Lemos, que disse da lua de Londres:

«Traz perdida a côr de prata,
Nas aguas não se retrata,
Não beija no campo a flôr,
Não traz cortejo de estrellas,
Não falla d'amor ás bellas,
Não falla aos homens d'amor,»

se podesse ver o distincto bigode de s. ex.ª, destinto agora pela humidade da athmosphera, é impossivel que o não cantasse tambem:

Traz perdida a côr de graxa,
Não desce as ruas da baixa
Formoso de negra côr,
Não sobe a rua do Quelhas,
Não falla d'amor ás velhas,
Não falla ao Bailio d'amor!

PAN-TARANTULA.

AUTONOMIA

Ha já longa data
—Com que eu não acerto,
Taes annos que ao certo,
Dizer não me lembro—
Que o luso povinho
Palpita de goso
No dia faustoso
1.º dezembro.

O pau da bandeira
Que ao vento desfralda
Vistoso engrinalda
De buxos e loiros;
Empunha as vaquetas
E zumba catumba
No pobre zabumba
Rebenta-lhe os coiros!

Percorre essas ruas
Vaidoso d'orgulho,
Fazendo um barulho
Com que eu recalcitro
Depois, todo cheio
De alegre alvoroço,
Carrrega ao almoço
P'ra cima d'um litro.

E passa—ás janellas
Jogando chalaças—
Nas ruas e praças
Da velha cidade;
E corre, e bordeja,
Nas vascas da *touca*,
Gritando em voz rouca:
— *Vivá Liva. dade!*

E grita em berreiros,
Abrindo a guella,
Co' a cara amarella
Da côr de gengivre:
—Por mais que entre os povos
Cogito e profundo,
Não vejo no mundo
Povinho mais livre!

.....
Que vãs liberdades
Na mente architecta
O pobre pateta
De ideias insonses
Que livre se pensa,
Que livre se julga...
—Quando é uma pulga
Nas unhas do Fontes!...

PAN-TARANTULA.

*
* *

Passámos uma vista d'olhos pelo aspecto das decorações.

Estavam deslumbrantes!

Em primeiro logar um soberbo coreto, mal empregado até para durar apenas a vida das rosas de Malherbe—são apregoadas pelo chronistas como as alfaces repolhudas pelos vendilhões ambulantes.

Depois, uns graciosos escudos de cartão recortado, nos quaes se lia, em grossos caracteres, varios factos importantes da historia da restauração.

Aquella ideia dos escudos foi simplesmente pyramidal!

Mediante elles, o povo ignaro que concorreu á festa aprendeu a historia patria, sem dependencia do sr. João Felix Pereira, como aos domingos nas hortas aprende as cantigas do fado corrido, sem ter de gastar dinheiro no *Almanach do bom fadista!*

N'um dos escudos liam-se estas palavras, que copiámos religiosamente:

D. Filippa de Vilhena e
D. Marianna de Lencastre
ordenoulhes a seus filhos
que pensassem não na
sorte d'ellas mas na
sorte de
Portugal

Como se vê, nada de mais praticamente simples para uma pessoa aprender historia patria.

Não lhe succederá outro tanto no que respeita á grammatica, mas isso tambem não faz nada ao caso.

Lá está o sabio *Pisca-pisca*, que nunca aprendeu semelhante coisa, e que é lente do curso superior de lettras...

Depois d'estes escudos, o que mais nos deu no goto foram uns outros escudos que ornamentavam o alto de quasi todos os logares do Mercado Novo, e em cujo fundo, pintado de verde claro, se destacavam a oiro e em grandes dimensões estas duas lettras de enigmatica significação:

P. E.

Toda a gente estacava a roer as unhas, pensando na significação d'aquellas duas iniciaes, mas nem os

charadistas do *Diario Illustrado* eram capazes de encontrar uma definição!

O facto de se acharem as lettras sobre as portas dos estabelecimentos fez a um charadista mais esperto aventar, que as mysteriosas iniciaes significassem:

PREÇOS EMCOMPARAVEIS

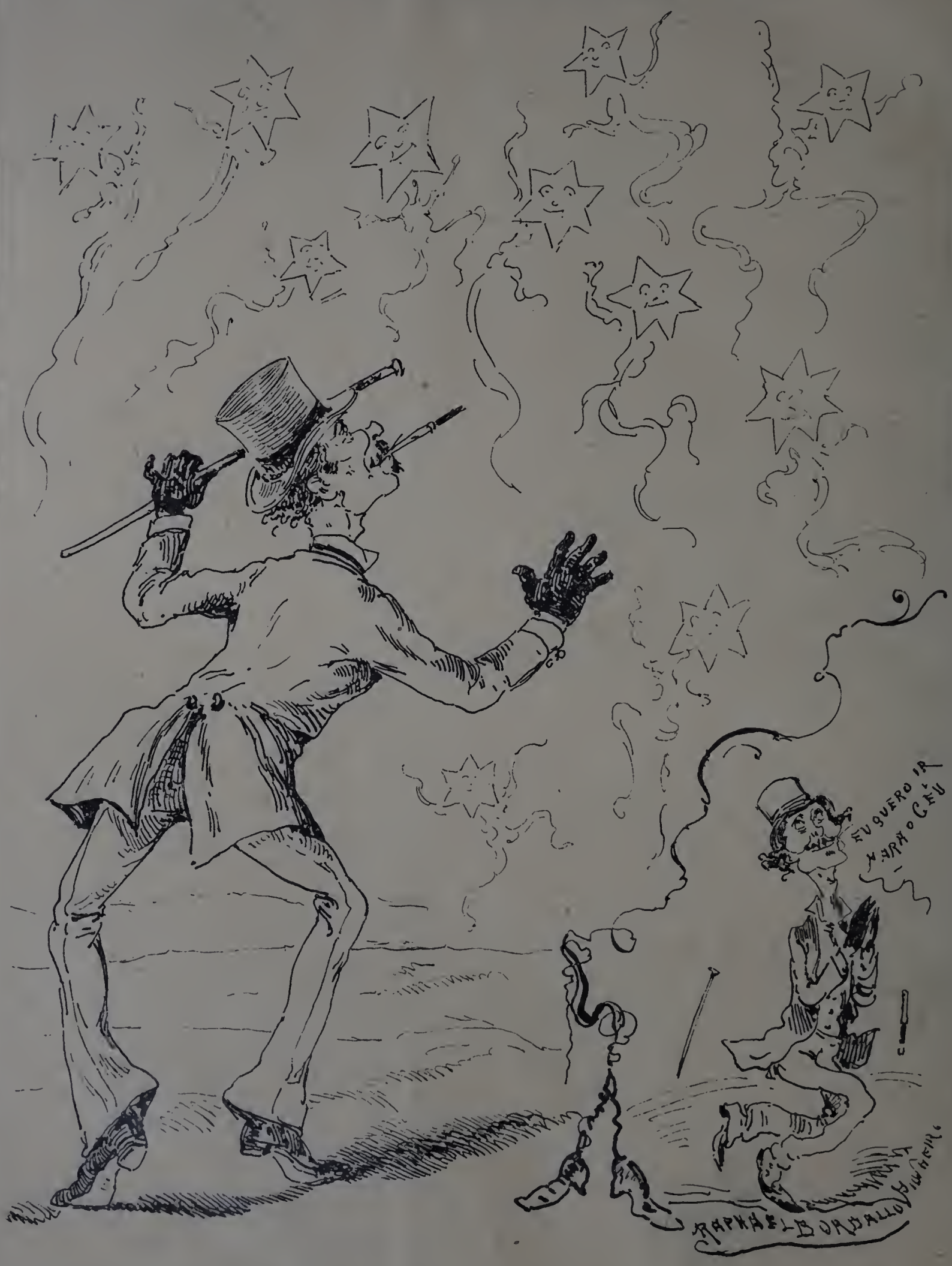
Esta explicação porém não foi aceita, por observar alguem mais instruido que incomparavel se escreve com i grego.

Depois de muito matutar, descobriu-se emfim que as duas lettras significavam apenas o que se estava vendo...

A commissão dos festejos quizera, conjuntamente com a manifestação aos heroes de 1640, prestar uma homenagem de respeito ao heroe do dia, a mr. Unthan, o homem que faz tudo com os pés, e por isso resolveu gravar nos seus escudos aquella significativa palavra:

P E'...

AS ESTRELLAS CADENTES



Justino Soares observando o phenomeno meteorologico das ultimas noites, lastima do fundo da sua alma e do intimo do seu coração de dansa não o ter Deus ainda chamado ao reino dos ceus, onde alem de gozar a bemaventurança que lhe está reservada, ensinaria as estrellas a dançar com mais compasso, na sua academia *Celeste-Fomans*.

EMULSÃO DE FONTES DE OLEO PURO DE BOLSA DE ZÉ POVINHO

—Este bacalhau foi pescado na costa da Parvonia; pezava muita somma de *libras*, mas tanto o tenho espremido que já não peza nem vintem!

THEATRO DO GYMNASIO

Festa de Jesuina — uma noite cheia como a beneficiada!

Peça de Gervasio — de estoirar!

Valle, Joaquim d'Almeida e Silveira — de arrebentar!

2.ª feira 14, festa artistica do actor Mello

Feliz de quem fôr
—Eu penso p'ra mim—
A' festa do actor—
Chronista-escriptor
Beltrão Berguindim.

Hontem, ao subirmos alta noite a calçada da Ajuda, demos com o pé n'uma pasta.

Era a pasta d'um ministerio, perdida naturalmente pelo respectivo correio, quando a trazia da assignatura.

Abrimos, e encontrámos os seguintes requerimentos despachados, que publicamos na integra:

1.º

Senhor.—Dizem varias companhias mineiras e outras que, desejando constituir-se em boas e solidas condições, precisam que se lhes forneça alicerces seguros para terem vida farta e dilatada. E. R. M.

Despacho. Dê-se-lhes *Palha* com moderação. Paço, etc.....

2.º

Senhor.—Dizem varias companhias de caminhos de ferro nacionaes—construidos com capitaes estrangeiros—que, desejando fazer volver á patria os lucros d'essas emprezas e temendo que o poder occulto lhes venha embaraçar as suas justas aspirações, pedem se lhes dispense auxilio para obter os primeiros e aniquilar o segundo. E. R. M.

Despacho. Dê-se-lhes *Poder occulto* envolvido em *Palha.* Paço etc...

3.º

Senhor. Diz o Municipio da capital da Parvonia que, não tendo sabido administrar-se até agora com uma area relativamente pequena, receia ir de mal para peior visto que lh'a alargaram enormemente; pede pois como remedio aos seus males uma boa administração e um subsidio—ou mesmo dois. E. R. M.

Despacho. Dê-se-lhe *Palha* para administração e tambem *Palha* como subsidio. Paço, etc.....

4.º

Senhor.—Diz a Camara Alta do vosso reino que, não se entendendo com tantos membros que lhe vão invadir o seio, pede lhe seja fornecido alguem com lume no olho para lhe pôr as coisas no seu logar. E. R. M.

Despacho. Dê-se-lhe *Palha* com fartura: Paço, etc...

CHRONICA

A VENIAGA!—Eis uma palavra muito technica para exprimir uma coisa vulgarissima, e mais facil de fazer do que a prosa do tradicional Mr. Jourdain.

A Peptona...—Perdão!—A *veniaga* anda presentemente como o diabo vae andar no ultimo d'este mez, em dia de S. Silvestre: á solta por essas ruas!

O artigo em feira é apenas um: chama-se o voto.

Moeda corrente para a compra não ha destinada.

Tudo serve e tudo se acceita, desde o retrato do monarcha em pratinhas de cinco tostões, até ás costelletas de carneiro em pratinhos da Vista Alegre.

A transacção opera-se como nas premutações sertanejas.

—Toma lá, dá cá...

Nomeações, gratificações, concessões, isenções, aposentações, todos os ões, em summa, de que os governos fazem monopolio, sahem agora para o ar livre em bandos numerosos, como os cochichos no mez d'agosto.

Os diversos Namorados—porque os Namorados entre nós não representam uma simples familia, significam uma classe inteira e importante, a dos influentes eleitoraes;—os diversos Namorados põem-se em campo, e agora vereis o que é pedir votos, pelas portas, com a sofreguidão e a phrase meiga com que os outros namorados, os de n pequeno, pedem beijos pelas cancellas...

Suspiram docemente, teem palavras que convencem, caricias que entontecem, segredos que fazem perder a tramontana a uma pessoa honesta e, se não chegam a fazer promessas de casamento—porque emfim nem todos podem ser do molde do sr. governador civil de Braga—fazem comtudo promessas d'outra qualquer coisa incluida nos ões a que acima nos referimos.

A promessa nem sempre se cumpre, mas isso não faz ao caso para que a virgem inexperiente—sempre virgem e sempre inexperiente em todas as eleições—deixe de entregar ao seductor o eterno ramo de laranageira da sua consciencia, escutando-lhe a promessa fallaz e pegando-lhe na lista governamental...

Se a lista presta ou não presta isso não se chega a mesmo a averiguar, porque poucos se dão sequer ao incommodo de lhe passar a vista por cima.

Dêem-se maus servidores ao paiz comtanto que se seja pessoalmente bem *servido*, eis a preoccupação do grande numero.

Na ordem das comparações estrambolicas, o paiz é como que uma especie de cabo muito grosso, composto de milhares de fios, à cada um dos quaes se acha agarrado um pretendente, que não se cansa de puxar para si...

Ora como todos fazem o mesmo, o cabo vae destorcendo, destorcendo, até que um dia destorcerá de todo... e lá vae tudo de bate costas...

Correu ha dias a noticia de que o sr. governador civil de Braga quizera entregar a sua demissão ao sr. ministro do reino, mas que este lh'a não acceitára.

Contava-se até que entre s.s. ex.as se travára um dialogo muito animado, que acabou em musica, com acompanhamento em coro de todos os empregados do ministerio do reino.

O sr. marquez, com a sua nomeação de governador enrolada em canudo, insistia pela exoneração, estendendo o canudo para o seu superior e cantando-lhe em voz de barytono:

—Pegue-lhe! pegue-lhe! pegue!

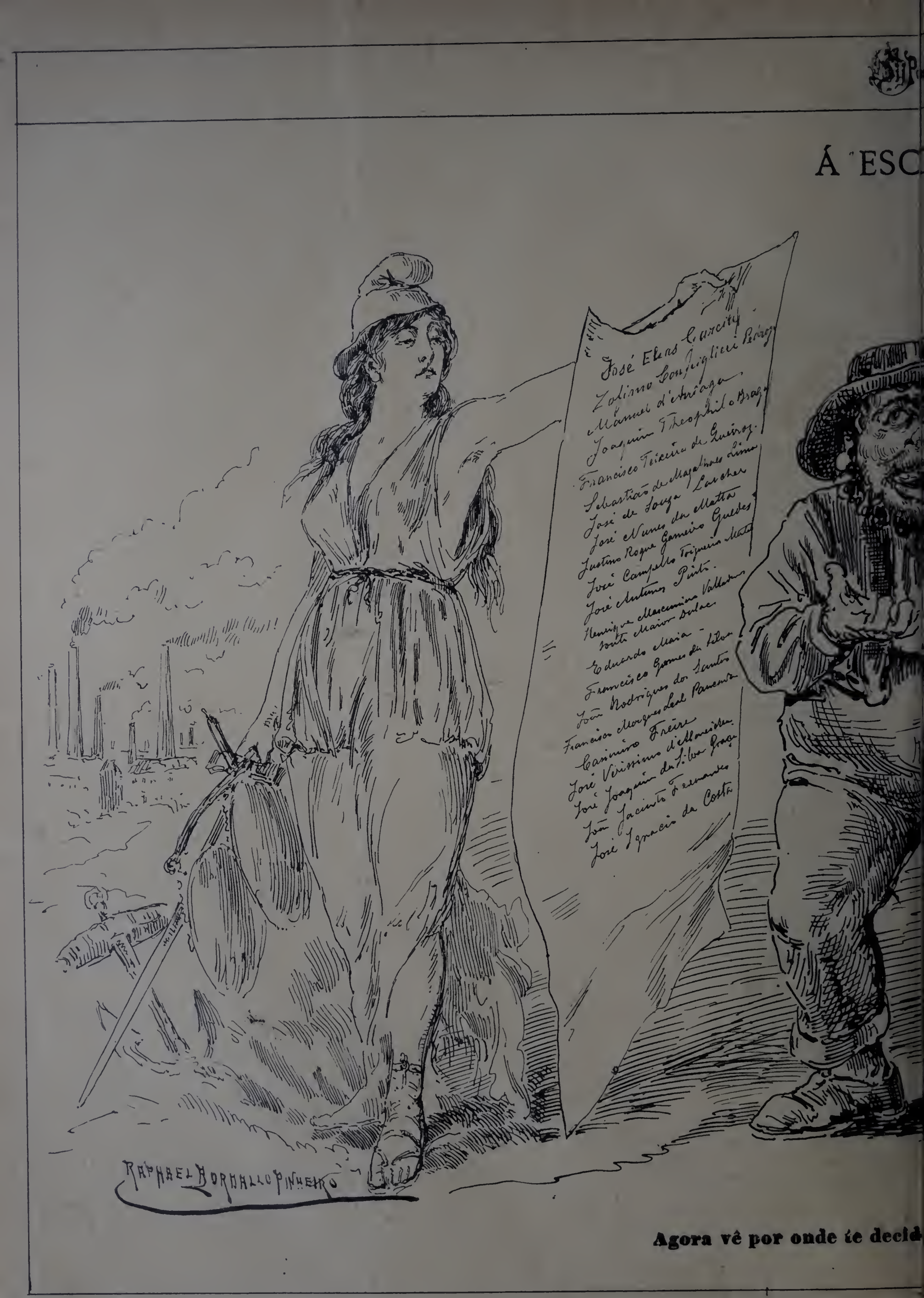
—Não pego! respondia o sr. Barjona, recuando como uma menina que visse uma lagartixa.

—Pegue-lhe! pegue, seu guarda portão! insistia o sr. bailio, confundindo o illustre ministro com o personagem do *Microbio*.

E' nossa a opinião que fez mal o sr. Barjona; se tivesse accedido aos desejos do sr. marquez, vel-o-hia agora em Lisboa, no momento critico das eleições, e quem sabe lá a valente ajuda que o sr. bailio lhe podia dar na occasião opportuna...

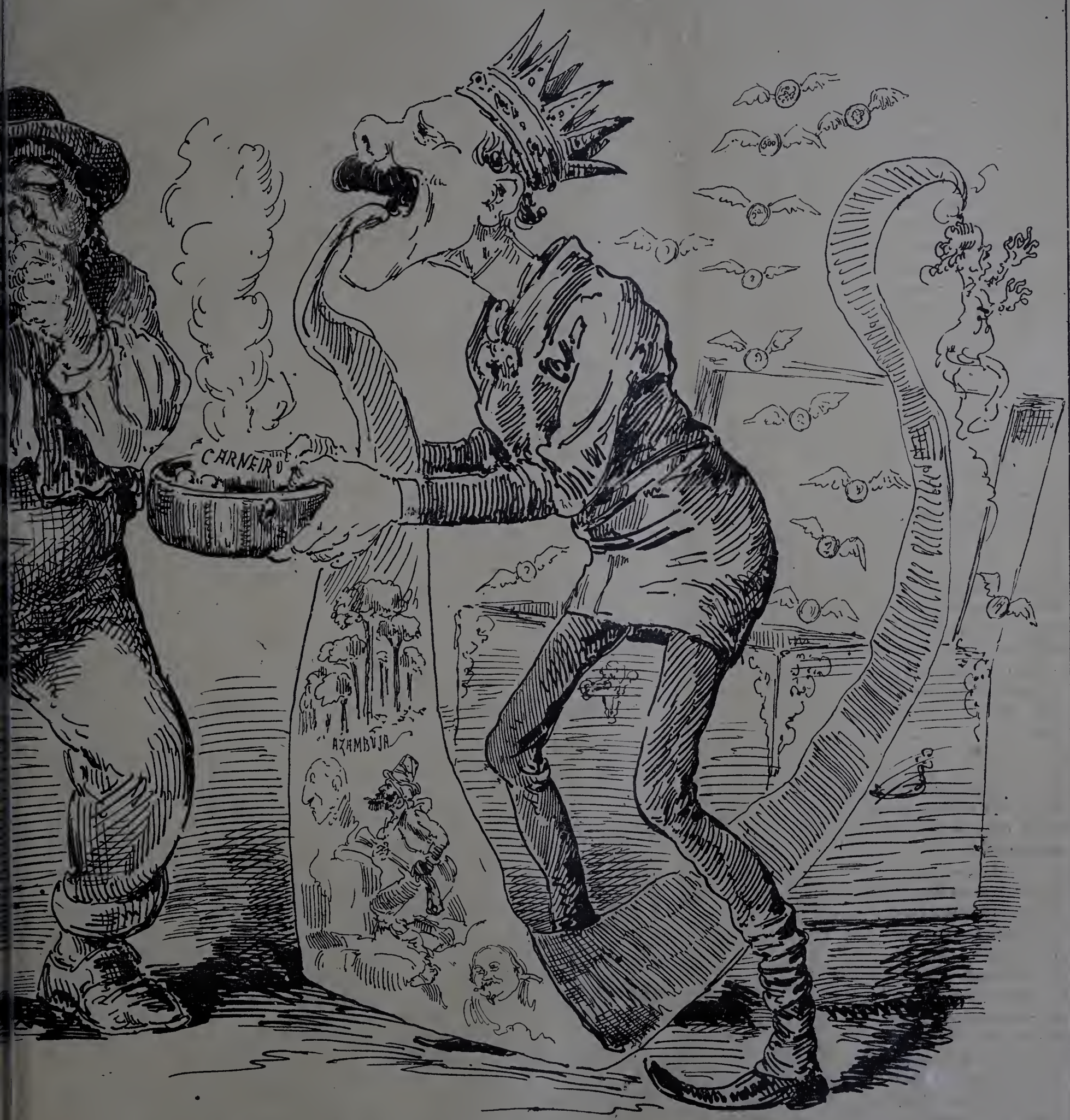
* * *

O *Exercito Portuguez* lançou aos ventos da publicidade a suspeita de que os dois pretos que vieram a Lisboa figurando emissarios do regulo Gungunhana são tão emissarios no fundo como o bigode do sr. Fontes é preto na essencia!



Agora vê por onde te decid

OLHA



ó pateta das luminarias...

A noticia criou vulto e já havia até quem affirmasse que os pretos eram brancos como a cal da parede, que tinham sido engraxados pelo homem do Caes do Sodré, que as pennas com que se enfeitavam eram pennas de perú adquiridas na praça da Figueira e que o discurso que impingiram a s. magestade el-rei fora plagiado dos sermões do Zé Augusto no enterro do bacalhau!

O sr. Cazaleiro, que apresentára os pretos, veiu á imprensa protestar que os seus emissarios pretos eram authenticos, já como emissarios já como pretos, que elle proprio os fôra buscar á sua origem, que tinha a certeza de que lh'os não trocaram na ama, e que, finalmente, se alguem se queria certificar de tudo isso, tomava a liberdade de convidar esse alguem para dar uma passeiatasinha de recreio atravez dos sertões africanos, na extensão d'umas cem leguas, quando muito.

Esta rasão convenceu metade dos incredulos; mas como a outra metade ainda desconfia de que os pretos sejam falsos, vão estes ser submettos pelo sr. ministro da marinha ao exame do unico contraste que pode resolver a questão, aquilatando os pretos na sua pedra de toque...

Em vista da nova lei que manda pôr sellos em todos os annuncios, o sr. ministro da Fazenda acaba de expedir um officio para a camara municipal de Lisboa, ordenando-lhe que mande pôr o respectivo sello no largo da *Annunciada* e de dirigir uma circular a todos os chefes de familia, afim de que procedam da mesma forma para em todas as *Annunciações* que tiverem em casa.

* * *

Até á madrugada do proximo domingo está exposto no edificio do governo civil o curioso arsenal com que o Peito de Carvalho tenciona mattar o bicho dos republicanos.

A entrada é gratuita, não obstante o que, alguns accionistas dos Recreios, já metteram requerimento para pagarem apenas meios preços.

Dizem-nos que entre as armas expostas ha uma linda faca de matto Miranda, um elegante espadim de ponta delgada e um soberbo punhal de cabo verde.

Parece que depois da eleição o governo tenciona presentear o sr. governador civil de Braga com o espadim de ponta delgada...

A empresa do Colyseu mandou afixar cartazes pelas esquinas, annunciando que a mulher do canhão não trabalhará no domingo por ter de acompanhar o Peito de Carvalho na matança dos infieis.

O velho Marques do Gymnasio ainda hontem dizia como nos felizes tempos da *Morte do Gallo*:
—Bac haber munta xente morta n'esta terra!

POBRES BICHOS!

Lavra enorme borborinho
No Jardim d'Acclimação;
As frasqueiras não têm vinho,
E os armarios não têm pão!

Anda tudo n'um sarilho
A fazer espalhafatos,
Pois na bolsa não ha *milho*
P'ra comprar milho p'ra os patos!

Os lagartos soltam berros
Porque a *larica* lhes sobra,
E as cobras, presas em ferros,
Têm *peneira* como cobra!

O chimpanzé triste, horrendo,
Co'uma fome do diabo,
Come na cauda, dizendo:
—Isto é que é fome de rabo!

Hontem mesmo se dispoz,
Que, não havendo transtorno,
Aos patos se dê arroz...
Travessa e calor do forno!

Já comeu a *pêra* o bode,
E o camello dá-se á breca,
Revirado, a ver se pode
Chegar co'a a bocca á marreca!

Tudo berra e tudo grimpa,
E os porcos—porcos por fora—
Têm a barriga mais limpa
Que um alcatruz d'uma nora!

P'ra accudir de prompto e lesto
A tanto bruto indigente,
O meu talento aqui presto
Dando um sabio expediente;

Pois que não ha nem ceitil,
Saia toda á bicharada,
Chegue ao governo civil,
Peça chapa numerada.

Vão depois, dentro em gaiolas,
P'ra as entradas das egrejas,
Pau na mão, pedir esmola
A's alminhas bemfazejas.

E os macacos, em magote,
Correrão toda a cidade,
Qual na *Festa e Caridade*,
Erguendo supplices mãos:
—Pelo amor de Deus, senhores,
Esmolla, ricos e nobres,
Esmola aos macacos pobres...
Esmolla aos vossos irmãos!..

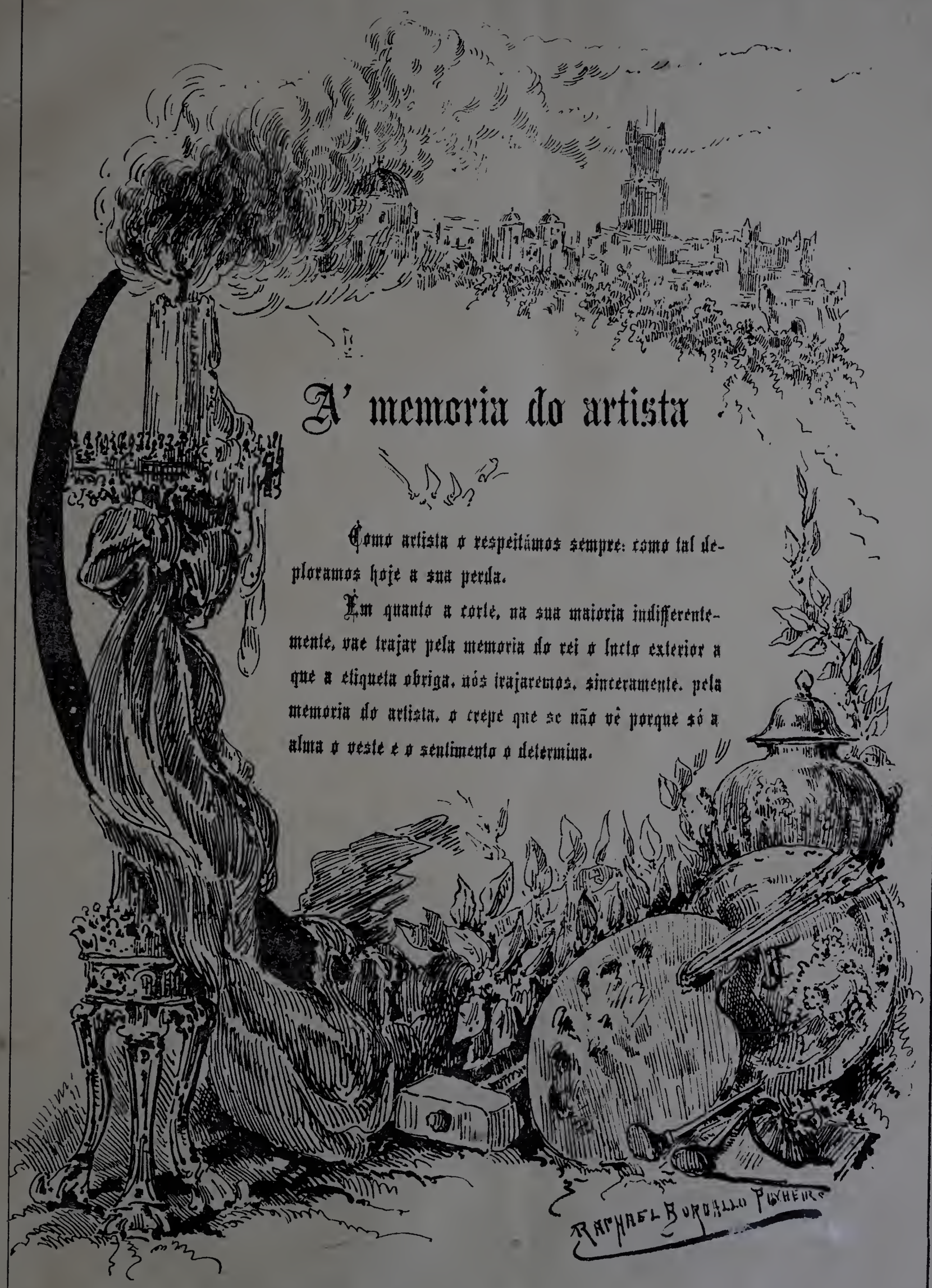
PAN-TARANTULA.

COM ESCRIPTOS

O inquilino que appareça, p'ra a casa ser alugada! Pode entrar quem tem cabeça...—Quem não tem não paga nada...

PARA AS ELEIÇÕES

A FORÇA DAS IDEIAS OU AS IDEIAS DA FORÇA



A' memoria do artista

Como artista o respeitámos sempre: como tal deploramos hoje a sua perda.

Em quanto a corte, na sua maioria indifferentemente, vae trajar pela memoria do rei o luto exterior a que a etiqueta obriga, nós trajaremos, sinceramente, pela memoria do artista, o crepe que se não vê porque só a alma o veste e o sentimento o determina.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

CHRONICA

A lista de *S. Carlos* cantou victoria!

E não admira que cantasse, attenta a sua procedencia do theatro lyrico...

Bem sabemos que para cantar lhe foi preciso ingerir muitos pacotes da fava torrada que o Franco de Belem impinge por farinha peitoral... Mas emfim, cantou, que era o que se queria...

O governo bem soube o que fez quando escolheu *S. Carlos* para lhe servir de pae da creança...

Alguem lembrára o circo do Colyseu para a votação da lista, observando atiladamente que uma casa de palhaços seria o logar mais apropriado para levar a effeito uma simples palhaçada...

Mas o governo abanou-lhe as orelhas, considerando com malicia:

—Lista de Coliseu é *cambalhota* certa... Vamos a *S. Carlos*, para termos a certeza de cantar de papo...

E cantou — mas como o pobre Gaspar da viola: esganiçando se muito, n'um grande esforço de pulmões e esmolando de porta em porta...

* * *

A situação estava tão enferma que o governo não poude deixar de convocar uma junta de tres medicos, o Manoel Bento de Sousa, o Tenreiro e o Quintino de Avellar, acolytados pelo respectivo boticario, o Franco de Belem.

Um phonographo invisivel, collocado na sala onde teve logar a conferencia medica, revelou-nos depois algumas palavras da curiosa reunião:

—O que é necessario, dizia o Pedro Franco; o que é necessario para apanhar votos, é *escorregar* alguma coisa...

—Pois para *escorregar*, dêem-lhe azeite! aconselhava o Quintino de Avellar.

—Ou mesmo *Azeitão*, murmurava o Manoel Bento, sempre preoccupado com as suas propriedades nas visinhanças da serra da Arrabida.

—Se a situação está enferma, segredava o Martinho Tenreiro, que é doutor do tempo das bichas, ventosas e ainda um terceiro medicamento que o sr. Bailio de Malta costuma usar muito a meudo e mesmo de perfeita saude: se está enferma, appliquem-lhe uma sangria.

—Isso é que é fallar claro e olhar direito! applaudiu o governo enthusiasmado; opinamos pela *sangria*...

E lá foi mais uma *sangria* de sessenta contos de réis!

* * *

Pedro Franco que já era franco com os governos de quem ia á bola, mesmo no tempo em que não passava d'um simples Pedro; agora, depois que o ministerio lhe enfeitou com o manto de arminhos as suas costas de boticario e com a corôa de conde as costas das cadeiras da saleta, passou a ser franco por partidas dobradas— como aliás lhe cumpria, na sua qualidade de par...

D'esta sorte, Pedro Franco, que d'antes fazia entrar na urna tantas listas quantos eram os eleitores de Belem, conseguiu agora fazer entrar o dobro de listas, apesar do numero de eleitores se conservar sempre na mesma.

Este phenomeno arithmetico—deixem-nos chamar-lhe assim— esteve quasi a dar volta ao miolo do Karrilho; e, se não deu, foi exclusivamente por falta de materia prima com que se effectuasse a citada volta...

Quanto ao caso phenomenal da multiplicação das listas na urna, só se explica se as listas entraram para lá na ultima hora do seu estado interessante...

Isto posto, resta apenas averiguar de que artimanhas se serviu o D. Xarope para lançar tanta lista bem comportada na estrada da perdição...

Iria elle buscar os elementos, para a consumação da sua negra ideia, áquella celebre these ultimamente apresentada na Escola de Medicina de Paris, e intitulada: a fecundação artificial?...

Não sendo assim, de que recursos então se serviria?

Se foi dos proprios, bem pode agora fortificar-se, tomando algumas duzias de barricas da sua farinha peitoral...

* * *

A escolha da cabeça para o partido progressista esteve um caso muito bicudo.

Até alguns correligionarios já murmuravam despeitados:

—Então? é bico ou cabeça?!...

Como os pretendentes eram trez, chegou a pensar-se na eleição d'uma *cabeça maioria*, composta dos dois mais notaveis, ficando o terceiro *pintado*.

Já se vê que o *pintado* era o sr. visconde de S. Januario.

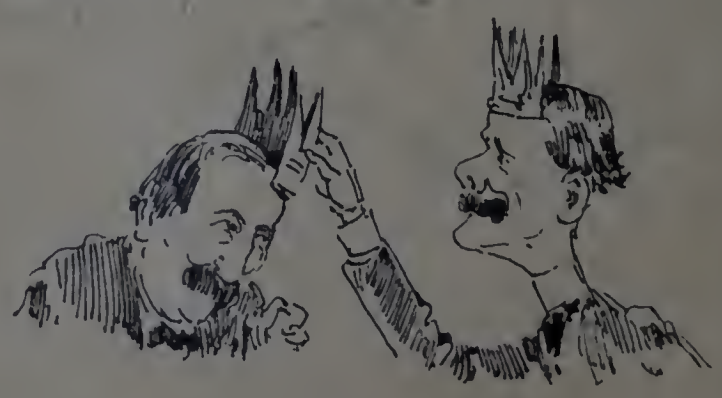
Pintado por todas as rasões e especialmente porque ao sr. Fontes não convinha na presidencia do conselho um antugonista que fosse camulativamente um correligionario...na *Agua Circassiana*...

O partido progressista com duas cabeças devia ficar uma lindeza e podia até ser vendido vantajosamente ao proprietario do museu Artkopff, que o addicionaria á sua collecção de phenomenos enfraseados em espirito de vinho.

Mas o partido progressista propõe e sr. Fontes dispõe. Por isso não houve remedio senão eleger a unica cabeça onde se puzera o dedo indicador do grande homem.

A eleição correu muito animada, fazendo-se representar todos os centros da provincia,—a maior parte d'elles na pessoa do Marianno de Carvalho.

Com tanta representação, o Marianno provou que está um reisinho pequeno, e o sr. Fontes ver-se-ha constrangido a dar-lhe ao menos uma amostra da sua coroa de bicos, para elle trazer nos dias de grande gala.



A eleição concluiu com todos os f f e r r, não lhe faltando até o complemento da ceia, indispensavel no caso sugeito, visto como, tendo o partido arranjado *cabeça*, era indispensavel que arranjasse tambem uma *touca*...

Mademoiselle Elvira Guerra veiu contagiar d'uma perigosa *amasonite* aguda todas as nossas elegantes.

Não ha por ahi rapariga gentil cujas ambições se não cifrem presentemente n'uma só coisa: ter um cavallinho!

As que o não podem obter de carne e osso, compram-o de papelão no Mattos Moreira, ou remedeiam-se em ultimo caso com o pau da vassoira, sobre o qual executam em casa os mais arriscados exercicios de alta escola, convenientemente paramentadas com as botas de cano e o chapeu alto do marido ou do mano, que tem de sahir para a rua em chinellos de ourello e de cabeça descarapuçada, como se fossem andadores das almas!

Nós deploramos sinceramente esta monomania que obriga o bello sexo a andar de vestidos com tres palmos a mais do comprimento usual; quando a verdade é que antes preferiamos ver esses palmos figurando de menos...

Maria Carolina Pereira, aquella distincta rapariga por quem o leitor se embasbaca — se não é cego ou pedaço d'asno — vae, segundo consta, apresentar-se brevemente em publico, trabalhando de amasona.

Ao que parece falta-lhe apenas o vestido e o chapeu que vae encommendar de Paris, o cavallo, que tenciona mandar vir de Inglaterra, e saber equitação, que projecta começar e aprender um dia d'estes.

Logo que Maria Carolina nos appareça amasona, quem dera que isto se transforme em reino de Dahomé e que ella nos tome como prisioneiro de guerra para pasto das hecatombes...

Acredite que marcharemos para o sacrificio de cabeça levantada...

Ao passo que as mulheres, consagrando-se á equitação, se *masculanisam*, como diz Gabriel Claudio (e elle que o diz é porque o sabe) vão-se os machos suavisando no cultivo da poesia.

Brevemente não se representarão nos nossos theatros senão peças em verso....

Fernando Caldeira, Monsaraz, Jayme Victor, Gonçalves de Freitas, Abel Accacio, e não sabemos se mais algum outro, teem escripto magnificas peças que não tardarão a apparecer.

D. João da Camara já expoz no Gymnasio a sua *D. Brizida*, um trabalho de que o leitor só aquilatará o merecimento quando se der o prazer de o ir apreciar.

Finalmente, a nossa humilde pessoa tambem se permittiu a velleidade de arranhar nas cordas da lyra, mas a lyra não lhe deu mais do que costumam dar as camas das hospedarias e os berimbaus do rapazio: — *Pulga!*

Se não fosse o grande talento do actor Silveira, não sabemos o que seria da *Pulga*...

Foi elle que salvou a vida ao pobre insecto.

Recommendamos o Silveira á Sociedade Protectora dos Animaes...

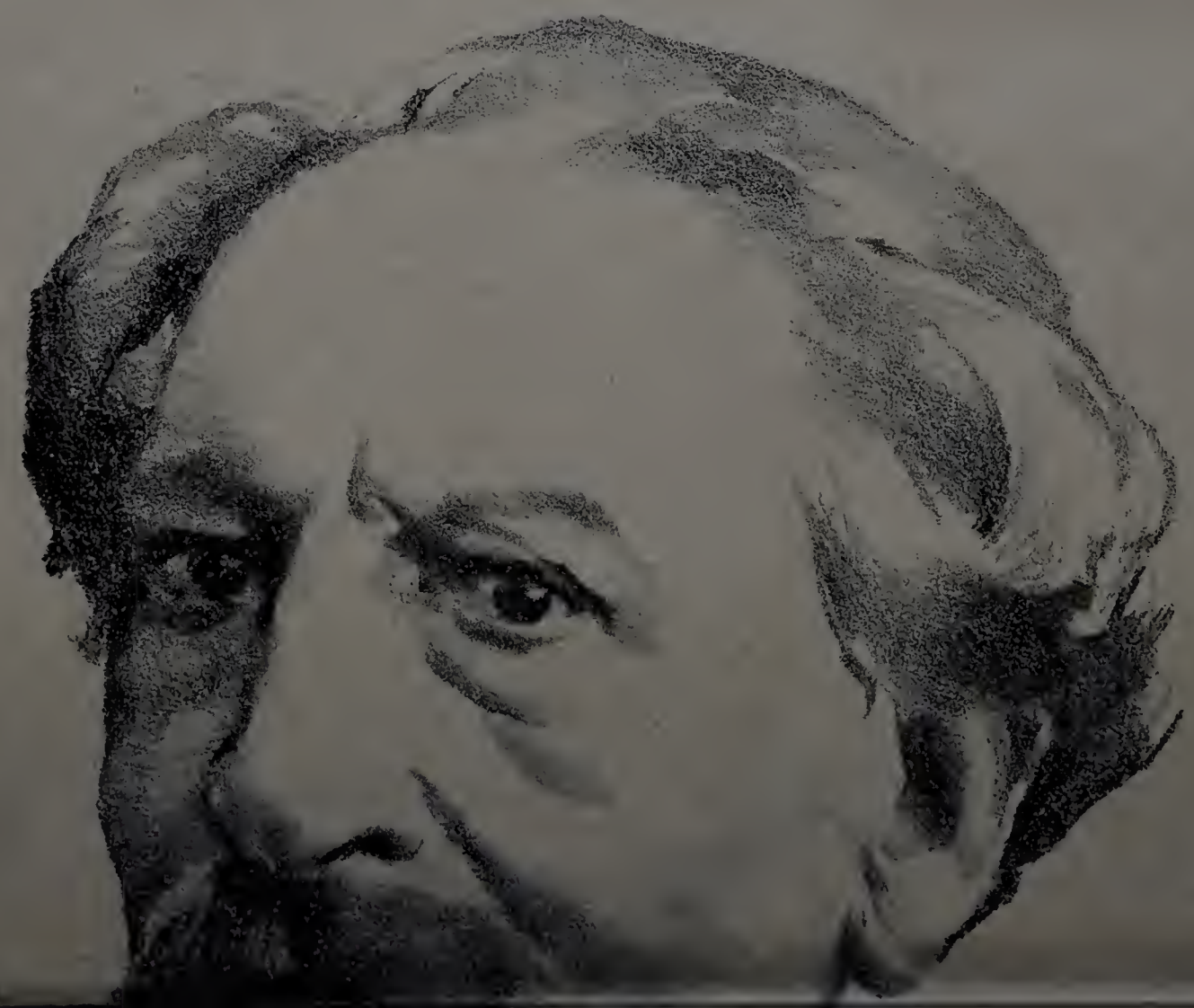
* * *

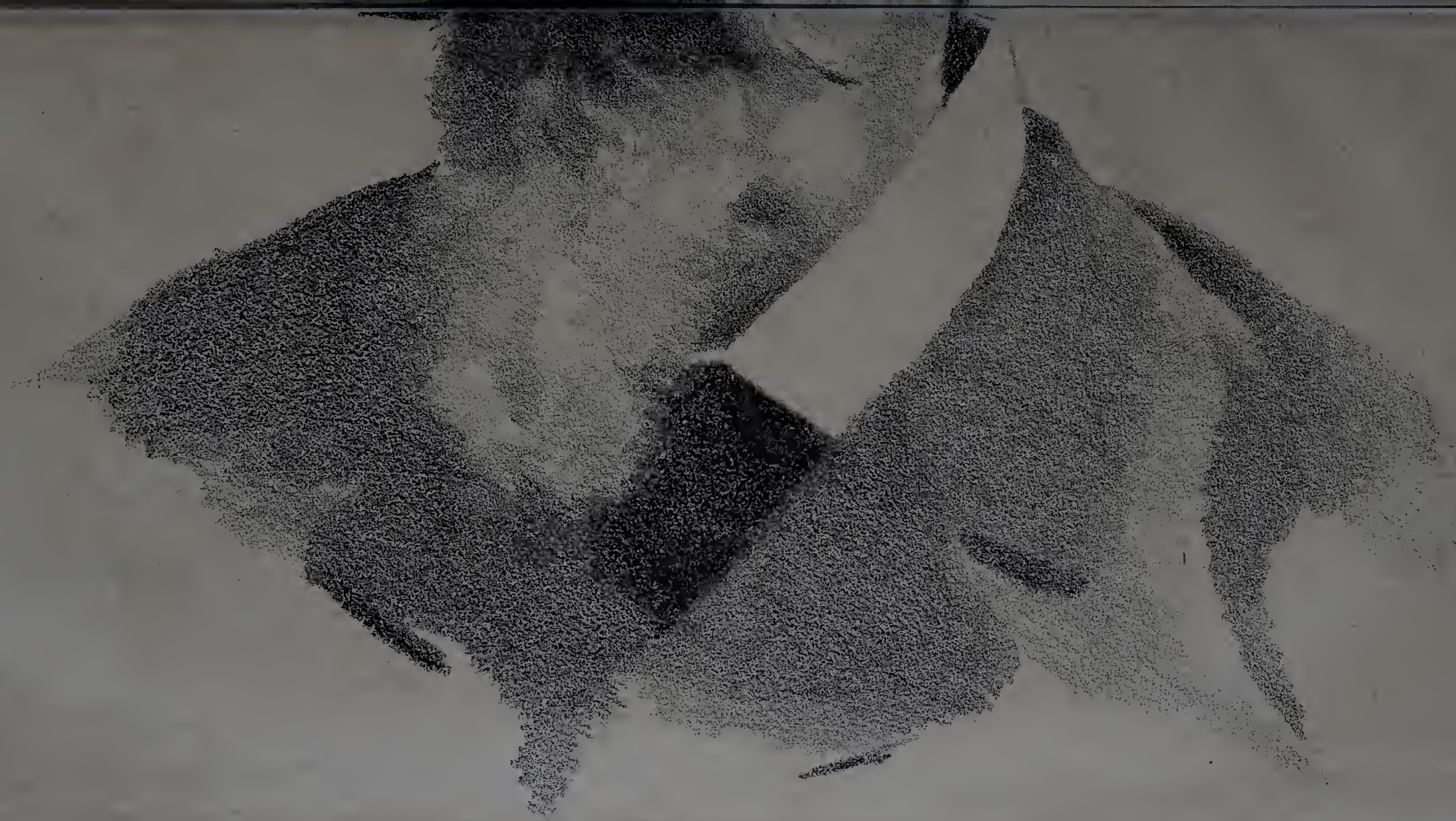
Acabamos de receber um curioso volume de Zacharias d'Aça, onde se referem todos os celebres escandalos de Londres, relatados na *Pall Mall Gazette*.

Vamos lel-o sofregamente e se acharmos que os *escandalos de Londres* são maiores de que os do governo regenerador, daremos as mãos á palmatoria, confessando humildemente que não ha nada superior ao que nos vem do estrangeiro...

PAN-TARANTULA.

Digitized by Google





O REI D. FERNANDO

FALLECIDO A 15 DE DEZEMBRO DE 1885

(Copia da ultima photographia de D. Fernando, tirada no atelier de Célestin Bénard, rua de Santa Catharina, 247, Porto).

A EXPOSIÇÃO DO GRUPO DO LEÃO

Exactamente como os *cargos de petiscos:* melhorada de anno para anno.

Um *Leão* cada vez mais pujante e cabelludo, que d'aqui a pouco já não terá pescoço que lhe baste para accomodar a juba, nem paredes que lhe cheguem para pendurar os quadros!

Como amigos que somos, e verdadeiros, só uma coisa lhe desejamos: que o não mandem para o Jardim Zoologico.

Ou então, se o mandarem, que lhe deem ao menos licença para o *Leão* vir, trez vezes ao dia, fazer as honras ao pato com macarrão do *restaurant* que lhe deu o nome...

Quanto á exposição temos muito em que debicar e, para nos pormos á vontade, vamos a começar a critica cá pela casa...

Os quadros imitando azulejo e intitulados *Um accordo e Rompimento* são verdadeiramente duas obras primas!

Mais de que *primas*:—irmãs—visto serem filhas do mesmo pae...

Os gatos, sobretudo, estão d'uma semelhança tão perfeita, que hontem o gato da casa, assim que olhou para a pintura, largou a fugir bufando assanhado; por julgar que estava na presença de dois verdadeiros cães!

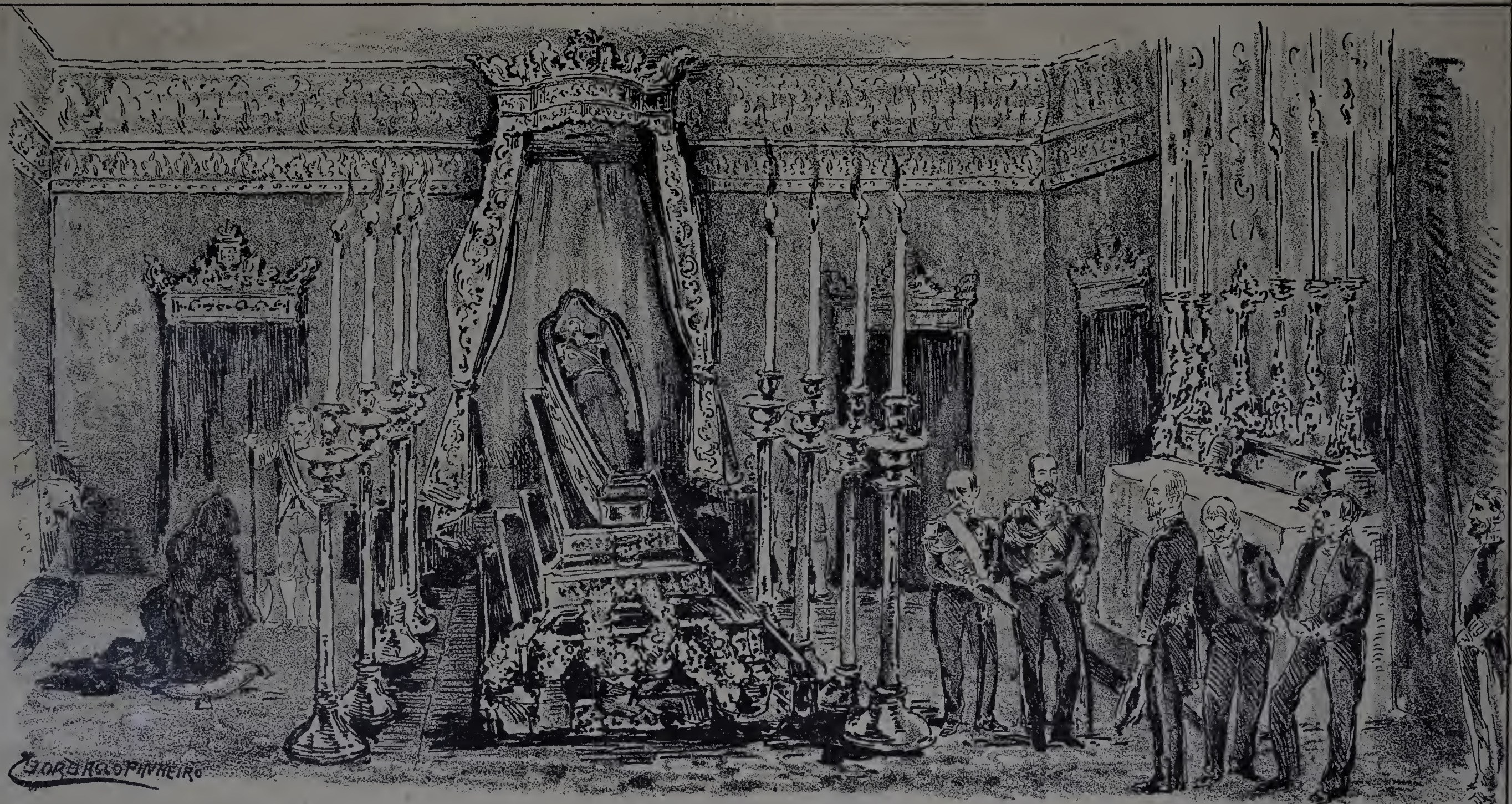
ADQUIRIDO PELO INFANTE D. AFFONSO.

Adquirido pelo Sr. D. Luiz

2

DOIS PARES

Só se distinguem pelo numero de votos, porque, no que respeita a merecimentos, são dois *pares* que jogam parelhas.



A CAMARA ARDENTE

Lithographia Cuedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

DAS NECESSIDADES A S. VICENTE

Isto é uma chronica escripta em peregrinação.

Notas soltas, bosquejos sortidos, que nem chegaram a ser tomados sobre o joelho, e ainda bem que o não foram, porque, em tal posição, ter-nos-hiam confundido com um casal de cegonhas, e remetido, quem sabe, para a lagoa do Jardim Zoologico.

E, francamente, para morrermos de fome, bem nos basta a administração do sr. Fontes...

E' um processo mais moroso, mas offerece muito mais seguras garantias...

Nós fizemos todo o trajecto a pé, porque os trens—certamente por se tratar d'um funeral — estavam pela hora da morte!

E depois, isto de ir para um enterro com as commodidades de quem vae para um *pic-nic* não nos parece que represente pela memoria do morto uma dedicação por hi alem.

E a nossa divisa era «dedicação—e economia.»

Até dava um bonito titulo para uma philarmonica de mano-flautistas. — *Dedicação* pela musica, *economia* nos instrumentos...

Mas vamos ao caso.

Da concorrencia enorme que ia por essas ruas já o leitor por certo está informado e, se o não estivesse, dir-lh'o-hia a seguinte quadra, que ouvimos improvisar a um trovador anonymo:

«N'uma ala permanente,
Era o povo em lotes grandes.
Da egreja de S. Vicente
Ao paço do D. *Farnandes!*

E foi verdade.

O indigena estendia-se em todo aquelle trajecto, n uma longa e dupla fita, como o cabo d'um elevador.

E não era só pelas ruas; era nas janellas, nos telhados, nos troncos das arvores, e alguns até pelos frisos da cantaria, á altura d'uma sobre-loja, encrustados na parede como aquelle soldado da loja do Verol!

Fóra do itinerario do funeral, a cidade estava completamente deserta.

A Avenida e o Chiado pareciam-se com a rua do *lá vem um.*

Em compensação, na rua do *Paraiso* era um inferno de concorrencia!

Das janellas, quando chovia, disfrutava-se muito: não se via senão tampos de *coupés* e pannos de chapeus de chuva.

A lama que alcatifava o macdam e que aos primeiros passos apenas nos chegara ao tornozello, foi tomando confiança comnosco e subia, subia, que nem uma apolice das minas de Huelva em tempos que já lá vão...

Foi assim que as meias dos archeiros, tão brancas como a flor de larangeira d'uma noiva esperançosa, ficaram em pouco tempo trajando o luto rigoroso d'uma viuva inconsolavel!

Quando elles sahiram de casa, a familia não se cançava de os contemplar cheia de orgulho.

As esposas andavam á roda d'elles, invertendo os papeis, como os gallos andam a meudo á roda das gallinhas...

Mas na volta é que foi desgosto.

—As minhas ricas meias! gritavam ellas; parece que andaste a passciar na gola do casaco do sabio *Pisca-pisca!*...

E é verdade que parecia

Alguns traziam tanta camada de lama secca sobre as barrigas das pernas que foi preciso mandal-os á officina de canteiro para lhe tirar aquillo á força de picão!

Outros, acossados pelo frio, não se contentaram em pingar as meias: pingaram tambem a capa — mesmo apesar de nunca terem accendido a tocha!

No prestito foi muito notada a coragem da corporação dos artistas que marchavam a pé, sobre um charco de lama, com a dupla consciencia de quem vae cumprir um dever sagrado e dar cabo d'um par de botas de vitella e a dupla segurança de quem é ao mesmo tempo grato e impermeavel.

O logar concedido a esta corporação é que não nos pareceu lá muito apropriado: atraz dos archeiros e adiante d'uma philarmonica.

Dir-se-hia que quizeram recuscitar, na pessoa dos artistas, a extincta e nunca assas chorada corporação dos porta-machados...

De todos os artistas, o unico que não se ralou por levar a philarmonica atraz de si foi o actor Taborda.

E não se ralou porque é surdo.

Outra coisa tambem muito notada foi o *bric-a-brac* dos fardamentos do exercito.

Uns de farda antiga outros de farda moderna.

Este de pala direita, aquelle de pala torta.

Aqui um capacete coberto de plumas, acolá uma barretina coberta de sebo.

Se alguns officiaes substituissem a espada pela faca da cosinha e as lunetas de tartaruga por uns oculos de folha de Flandres, não lhe faltava nada para se confundir com a antiga dança dos Terramotos.

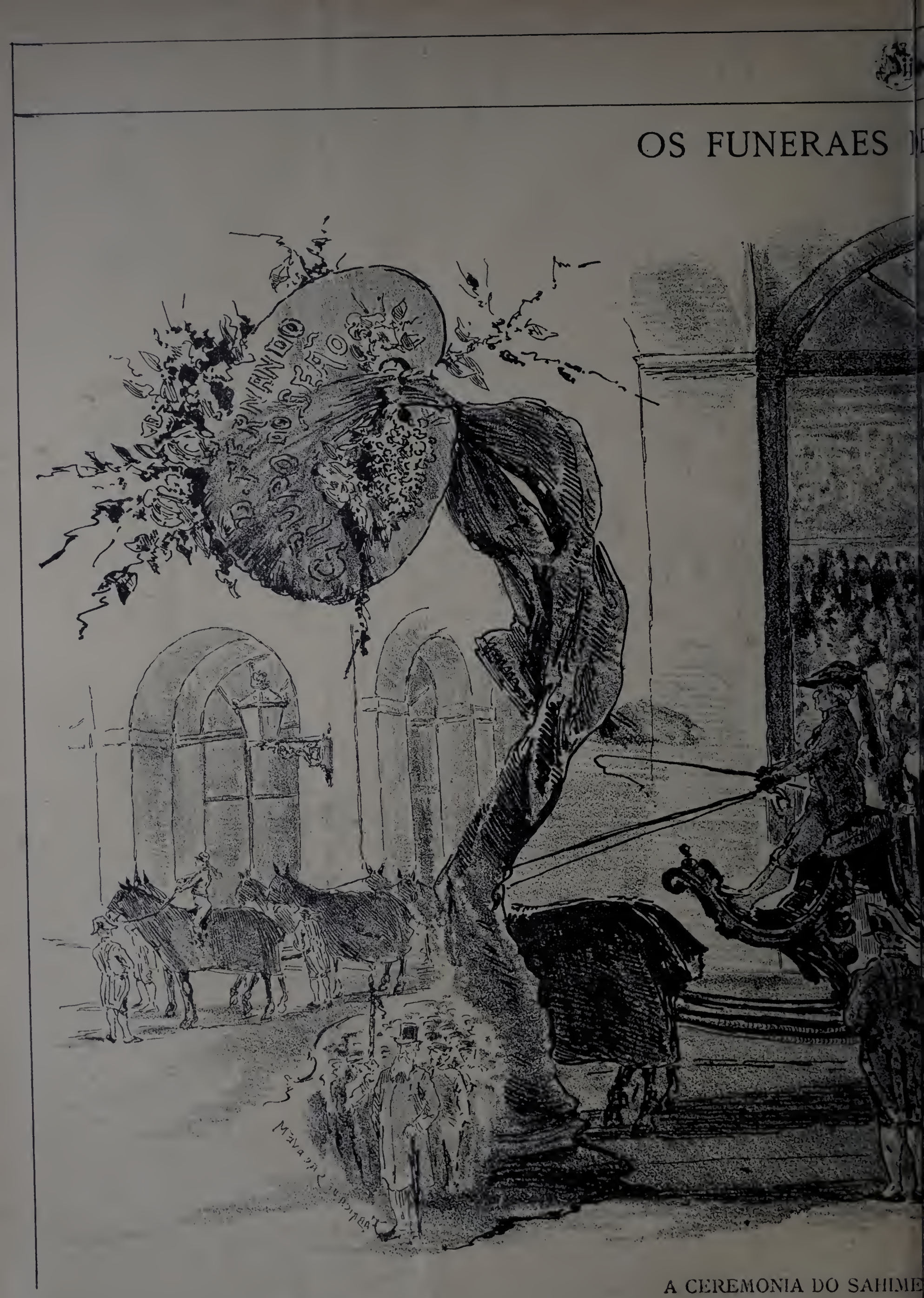
E depois, a respeito de soldados podiam contar-se pelos dedos, ainda que uma pessoa tivesse tantos dedos como mr. Unthan.

O grosso do exercito era composto de cabos de esquadra.

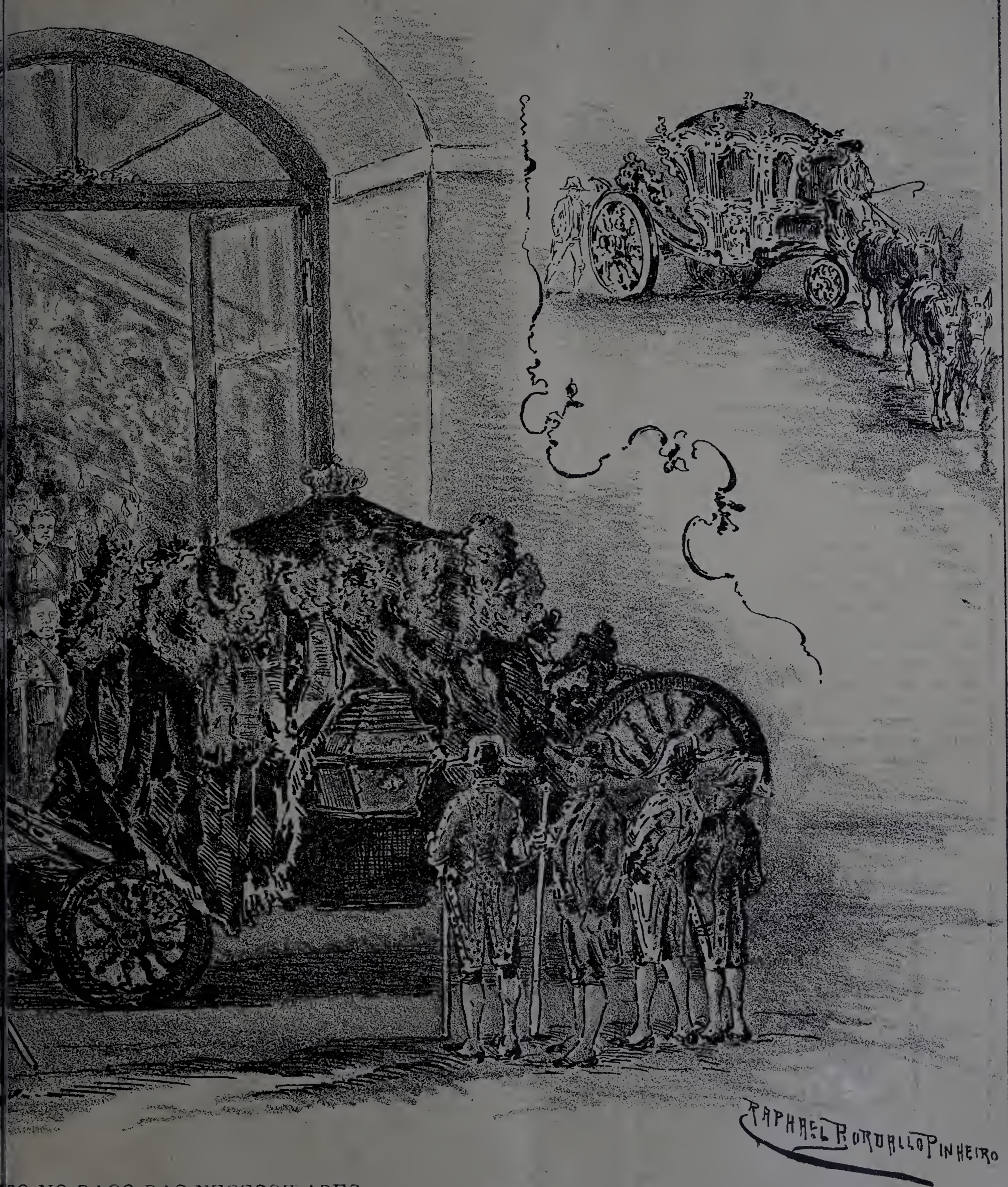
Tanto *cabo* que nem parecia uma guarnição, parecia um armazem de euxarcia.

Cabos de todas as procedencias, desde o cabo anemico de Lisboa, muito branco, como um *cabo* de linho, até o cabo sanguineo do Alemtejo, muito trigueiro, como um *Cabo*... Garvoeiro...

Como dissemos, todas as janellas aborrotavam de espectadores, que se debruçavam até meio corpo, no proposito de descobrir quem ia dentro dos trens.


OS FUNERAES
A CEREMONIA DO SAHIME

E D. FERNANDO



TO NO PAÇO DAS NECESSIDADES

N'esta situação os parapeitos das janellas passavam a desempenhar as funcções de parabarrigas.

O edificio da companhia do gaz estava repleto de familias, a quem a chuva deixara fresquinhas como outras tantas limonadas e que, com a visinhança do gazometro, adquiriram todas as qualidades desempachantes da limonada gazosa.

Alguns chefes das referidas familias até tiveram de segurar o chapeu, passando-lhe uma guita, que amarravam debaixo da barba, sem cuja precaução os chapeus teriam ido pelos ares como rolhas de cortiça!

No prestito viam-se coisas extraordinarias.

O sr. conde de Mesquitella, que anda agora a fazer tirocinio para duque, com biographias—reclames nos jornaes de todas as cores politicas, como se s. ex.ª tivesse os merecimentos e as pulseiras do Moreira 103; o sr. conde de Mesquitella lá ia muito bem repoltreado — tanto quanto a gravidade de fidalgo illustre e o espartilho de barbas de baleia lhe permittem repoltrear-se—no *seu* coxe almofadado.

S. ex.ª, que todos esperavam ver escarranchado sobre o fogoso corcel, na sua qualidade— o *sua* refere-se ao sr. conde—de capitão dos archeiros; s. ex.ª embirrou que queria ir de trem, sob o pretexto de que já se não sente com forças de montar coisa nenhuma, a não ser algum manso gerico e que, ainda assim, não prescindiria do trem, pelo que teria de ir a cavallo n'um burro e dentro d'uma sege...

Depois do sr. conde, o personagem mais notorio era o notario Camillo Junior, que pela primeira vez na sua vida se viu puxado a oito.

Até ao presente nunca tinha sido puxado senão a sete, e isso mesmo só quando subia de americano a rampa da Pampulha.

O Barruncho, administrador de concelho, tambem fez um figurão, atravessando a cidade de extremo a extremo sempre com a corôa ao collo.

Parece que ao terminar a cerimonia o Barruncho disse a algumas pessoas das suas relações:

—E ha quem affirme que «muito peza a corôa na cabeça dos reis»... Peza como o diabo, mas é em cima das pernas dos administradores de concelho!...

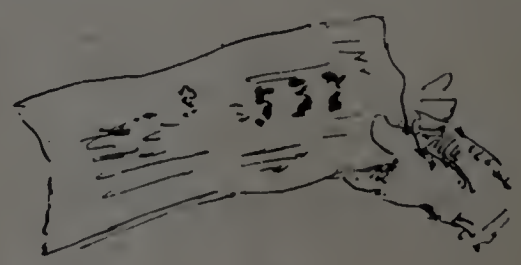
Os coches, riquissimos, faziam lamber as nadegas de ciume aos que nunca tinham tido a consolação de descançar o referido sitio em almofadas tão fofinhas. Houve tal que não se lhe dava de ser Camillo Junior, só para gozar um alegrão d'aquella força!...

Com que sexto peccado mortal olhava para aquelles estofos o rapazio que só conhece como systema de viação as trasciras dos *coupés* de praça, que dão clisteres de ferro em pontas, levando ainda suspenso sobre a cabeça, não precisamente a espada de Damocles, que afinal nunca chegou a cair, mas o pingalim do arreeiro, que tem caido mais d'uma vez!...

O commendador Antonio Ignacio da Fonseca foi o unico convidado que se apresentou em trem de praça.

O numero do trem era 537, e as duas horas da tarde já não restava nem uma cautella de 25, d'aquelle numero, no estabelecimento da rua do Arsenal.

Que reclame e que palpite!



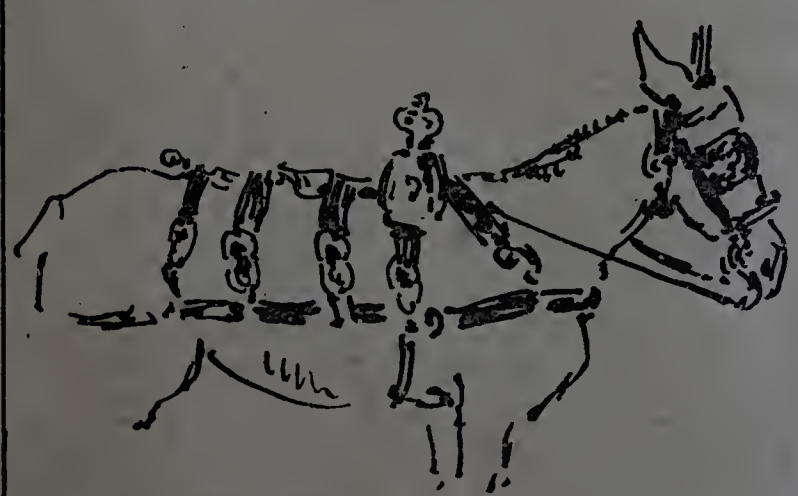
O sr. Duque de Palmella montava com um garbo que nem o Alfredo Tinoco em dia de toirada de fidalgos!

Quando elle passava, todas as donzellas, espremidas em painel das onze mil virgens pelas varandas dos quartos andares, soltavam instinctivamente ás brisas lá de cima os versos d'aquella trova do *Microbio*:

«Chiquitito, picador...»

Os criados de s. ex.ª, que marchavam a pé, eram dois perfeitos rapazes, bem mais distinctos de que alguns fidalgos que vimos de corpo tremido.

Os machos d'um dos coches tornavam-se notaveis pela formosura dos arreios.



Um dos nossos elegantes suspirava ao vel-os passar:

—Com uma *farpella* tão bonita até por gosto se podia *fazer a Avenida*!...

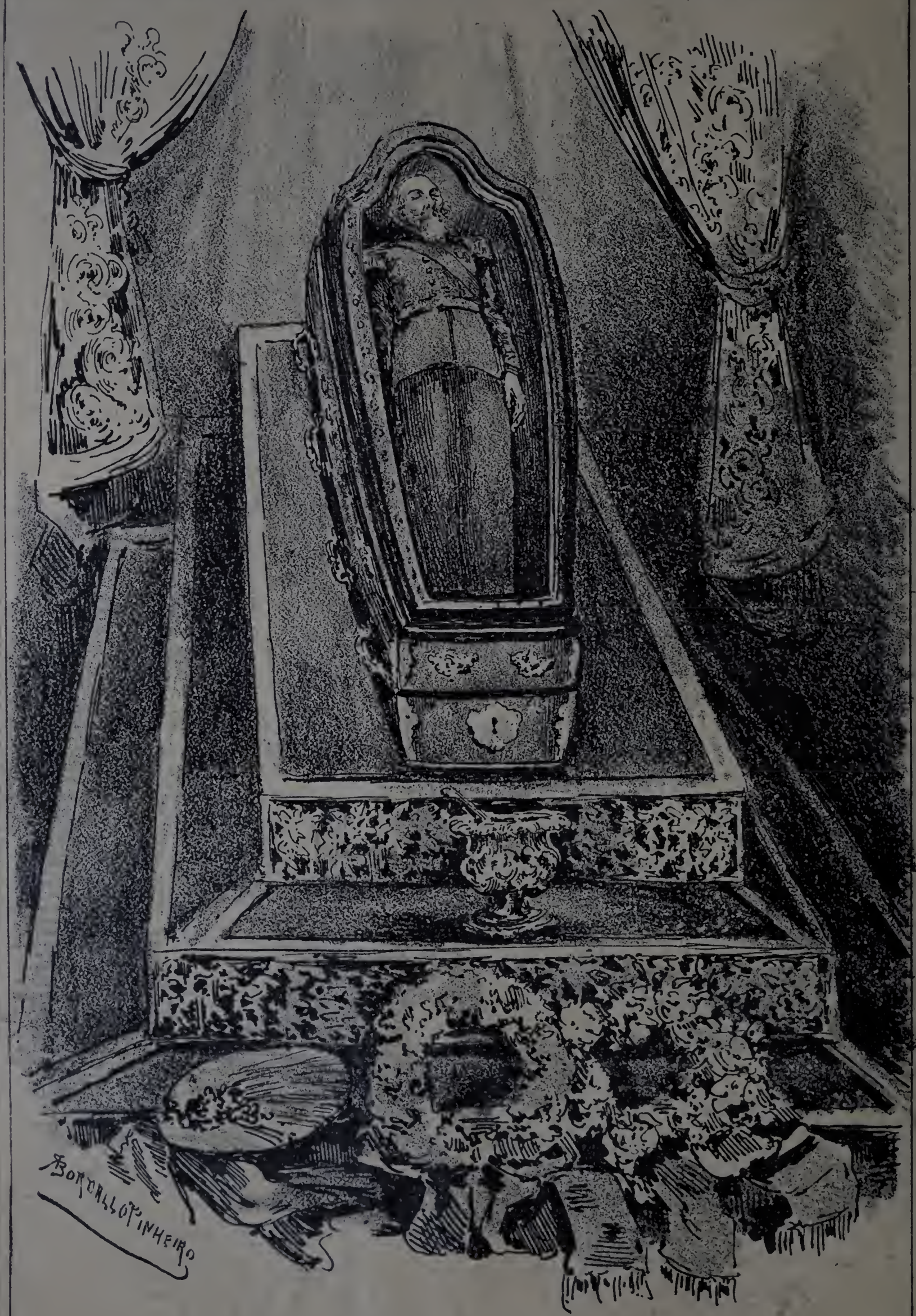
O mais notavel de tudo, porem, era o capacete do sr. Fontes, que teve n'esse dia a honra de estreiar, pelo lado de fora, aquella cabeça genial, pela banda de dentro.

O capacete é todo preto—e mesmo que o não fosse está claro que deixava de ser claro vivendo paredes meias com o cabello de s. ex.ª;—é todo preto e coberto d'uma alluvião de pennas.

Apenas o viu de pennas,
O povo disse, coitado:
—De taes pennas sinto penas,
Que estas pennas são apennas
Do que me tem depennado...

PAN-TARANTULA.

OS FUNERAES DE D. FERNANDO



O CADAVER

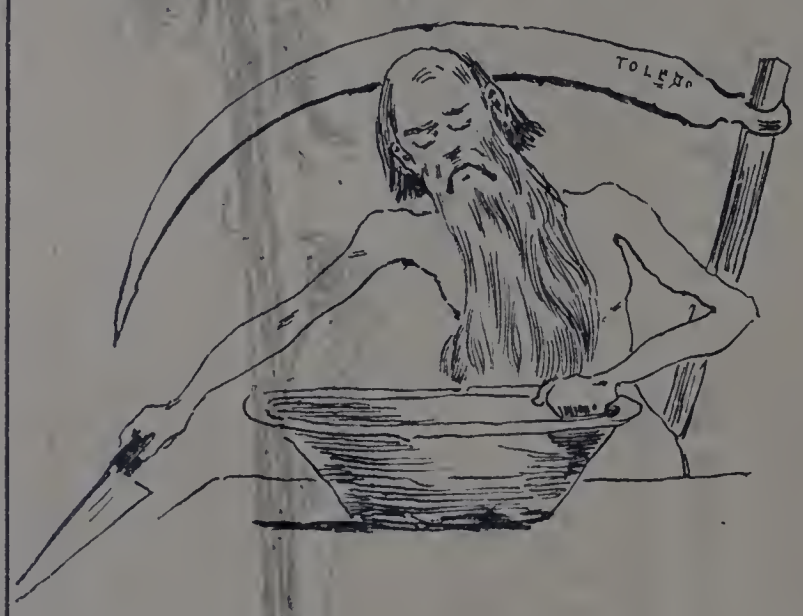
AINDA AS ELEIÇÕES

Tendo-se provado, pelas ultimas eleições camararias, que o elemento aristocratico existe principalmente fóra de portas, onde a lista monarchica obteve mais notavel superioridade de votos, passa o *casaca* de Lisboa a ser considerado como saloio, e o povinho dos saloios a gosar das regalias do *casaca*.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

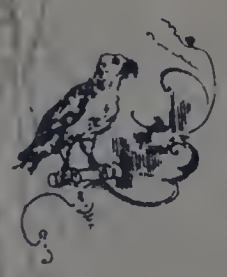
CHRONICA

A' hora em que o leitor, empunhando a sua espatula de marfim, cortar inexoravelmente as folhas d'esta chronica, estará o Tempo, tambem inexoravel, a puxar o fio nas bordas do alguidar á faca de cosinha com que d'ahi a meia duzia de horas hade cortar os gorgomillos ao anno de 1885!



O pobre anno já está ao facto da sorte que o espera.

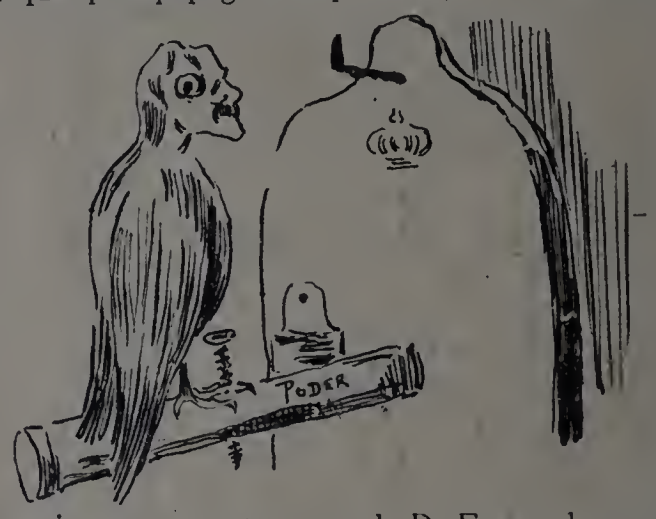
Ou porque lhe fosse parar á mão algum kalendario delator, ou porque lh'o segredasse alguma lingua besbelhoteira, o certo é que o desventurado anno mostra o aspecto triste e merencorio do vidro d'um espelho em cuja face collocassem a pessoa do sr. Hintze Ribeiro, depois do monumental fiasco da reforma alfandegaria!



Mas, como tristezas não pagam dividas—e a prova de que não pagam é que o referido sr. Hintze, a creatura mais triste d'este mundo e do outro, lá está ha que tempos no ministerio da fazenda, sem que as dividas se paguem com toda a tristeza de s. ex.ª, e antes cresçam a estoirar, como uma liga da Beatriz que fosse por engano parar á coxa da sua collega Jesuina;—como tristezas não pagam dividas, diziamos, não nos importemos lá com os pezares de 1885, e vamos a galhofar alegremente com o que se passa por esse mundo, que as vidas estão curtas e a tristeza faz mal ao figado..

A ultima novidade — *La dernière nouveauté,* como se diz em todas as amostras de botões d'osso; — a ultima novidade é o artigo de fundo das *Novidades.*

Aquella folha, desistindo de apear o sr. Fontes da presidencia do conselho, certamente por haver reconhecido que s. ex.ª tem os pés aparafusados á peanha como qualquer papagaio empalhado, deixou-se da politica e atirou-se ao testamento de D. Fernando com a vontade e o afinco com que o leitor se *atira* áquella rapariguinha loira que nós sabemos...



Ao testamento não: aos testamentos, porque as *Novidades* não só discutem o testamento publicado, que foi escripto ha um anno, como até exigem a apresentação d'um outro mais anterior, chegando a insinuar que se este não vier a lume, é porque já foi ao lume —para o queimarem...

Nós pedimos ao Deus Todo Misericordioso que tal testamento não appareça, porque, a avaliarmos pelos artigos das *Novidades* a respeito d'um só testamento, receiamos seriamente, se apparecer o outro, uma segunda edição dos folhetins do Miguel Paes, a proposito do local para o edificio do correio...

Como o leitor vê é uma questão muita intricada esta *do velho e do novo testamento...*

Mais do que intricada: uma questão religiosa e que terá naturalmente de ser, como o caso das Carolinas, resolvida pelo Papa..

Que, afinal, as *Novidades,* não discutem o testamento de D. Fernando.

Discutem mas é o testamento da sr.ª condessa d'Edla, visto como lh'o atribuem todo, desde a primeira lettra do texto até á ultima da assignatura.

Na opinião das *Novidades,* o fallecido rei escreveu as suas disposições de ultima vontade com a mão agarrada e conduzida pela mão da sr.ª condessa, como se esta fosse o Godinho professor de calligraphia e aquelle um estudante que começa a aprender riscos e ligações!

As *Novidades* chegam a dizer que o testamento foi escripto pela mão *sinistra* da sr.ª condessa, o que equivale a chamar-lhe canhota!

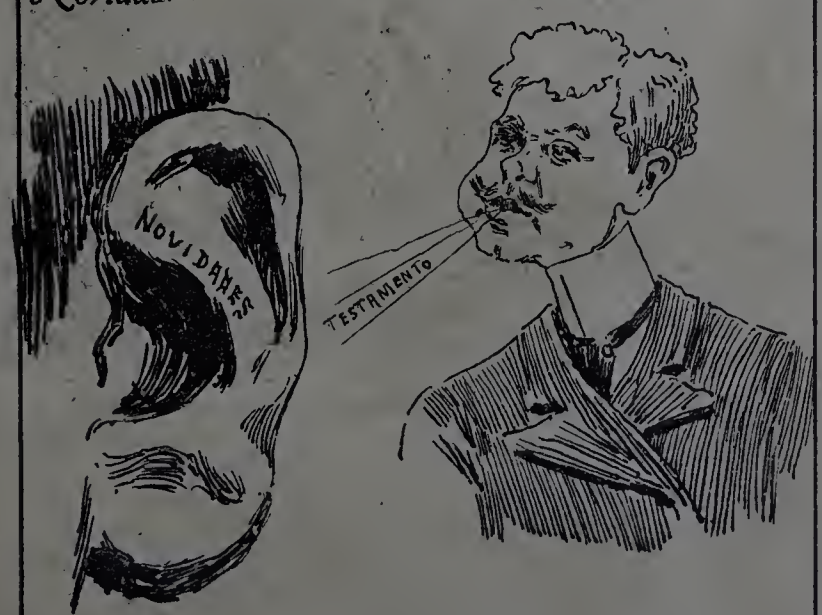
E, ainda assim, chamam-lhe *máo* só nos momentos de melhor humor; fóra d'isso chegam a denominal-a *garra adunca,* e por um triz que a não mandam, na sua qualidade de passaro carnivoro, para a gaiola do jardim Zoologico... depois de lhe tirarem a *Pena!...*

Ora vejam se ha maior barbaridade!

Uma pessoa *depennada*, com este frio, e ainda por cima a fazer cruzes na bocca a respeito de paparoca!...

As *Novidades* andam tão inchadas com aquella mina que descobriram para artigo de fundo que nem uma pescada do alto, com o bucho competentemente assoprado!

Só nos faltava descobrir que alguem *assoprou* as *Novidades*.



O general Sá Carneiro dispensou as bandas militares do Porto de lhe tocarem á noite á porta, emquanto durar o luto pesado pelo fallecimento de D. Fernando.

E' caso para as bandas deitarem luto pesado, quando principiar o luto aliviado.

Em um dos artigos publicados pelas *Novidades,* a proposito do testamento de D. Fernando, lê-se o seguinte paragrapho: «Mas o principe era homem. *Homo sum nihil a me alienum puto!* Ninguem, por mais elevado que seja, pode fugir a esta condição. As fragilidades da natureza dão-se nos principes como no commum dos mortaes...»

O sr. Bailio de Malta, assim que leu o artigo das *Novidades,* mandou cortar á tesoira o paragrapho que acima transcrevemos e encaixilhou-o n'uma moldura de pau santo, pendurando-o em seguida na parede principal da sua sala de visitas.

Dizem uns que o sr. Bailio procedeu d'esta forma em vista do artigo deffender *as fragilidades da natureza*, afirmam outros que o fez apenas por lhe ter dado muito no goto a citação latina, cuja euphonia em portuguez lhe pareceu uma referencia graciosa á sua illustre personalidade.

* * *

A começar do 1.º de Janeiro proximo todos os annuncios são obrigados ao pagamento de sello.

D'essa data em diante e por uma attenção que o leitor facilmente comprehenderá, não fallaremos do governo senão na secção de annuncios, só para termos o gosto de o ver *sellado.*

* * *

O TE
COMO E

TAMENTO

LES FICARAM

O sr. Hintze engulio o caso dos guardas da alfandega até que se abra o parlamento, tencionando por essa occasião tornar a deitar tudo cá para fora.

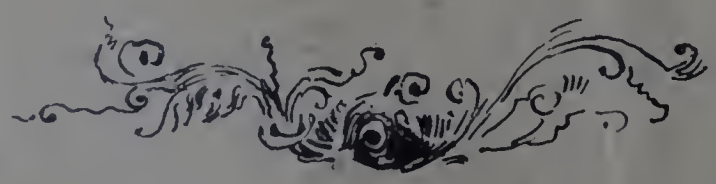
Se s. ex.ª fizer tal operação na camara baixa bem podem estabelecer um cordão sanitario no Largo de S. Bento e lavar em agua de Labarraque todos os illustres paes da patria e todos os guardas engulidos.

Se o sr. ministro não toma a resolução de tomar aquella *pilula*, as portas da circumvalação continuariam abandonadas e os porcos a entrarem, disfarçados em guardas da alfandega, como succedeu aos Terramotos.

Agora, com as coisas no primitivo estado, já o sabio *Pisca-pisca* não pode entrar a cidade sem previamente se dar ao manifesto...

Por um esquecimento imperdoavel temos deixado de agradecer aos srs. Fonseca & Companhia, proprietarios da *Photographia União*, na praça de Santa Thereza, 47, Porto, os esplendidos retratos de Capello e Ivens, que recebemos.

E' um trabalho primoroso e d'uma nitidez que ainda não vimos excedida.



Segundo referem varias folhas, s. magestade el-rei apanhou na ultima sorte de Hespanha doze contos de réis, sendo tambem contemplados, com maquias inferiores mas igualmente chorudas, alguns serviçaes do paço, a actriz Rosa Damasceno, o actor Brazão, e até uma criada d'aquella artista!

Foi o que se chama um bodo aos pobres—começando pela freguezia da Ajuda.

Só o capricho da sorte é capaz de unir assim, n'um mesmo elo de ventura, reis, artistas, e criadas de servir!

* * *

Vem a proposito a seguinte local, publicada ha dias pelo *Diario de Noticias*:

«O actor Brazão tambem recebeu convite para ir, elle só, ao Rio de Janeiro e outras cidades do imperio do Brazil representar o seu brilhante reportorio. O illustre artista recusou porem o convite attento os seus compromissos com a sociedade artista de que faz parte. A proposta foi-lhe feita pelo emprezario Celestino, o mesmo que depois contratou alguns societarios e artistas do theatro de D. Maria II.»

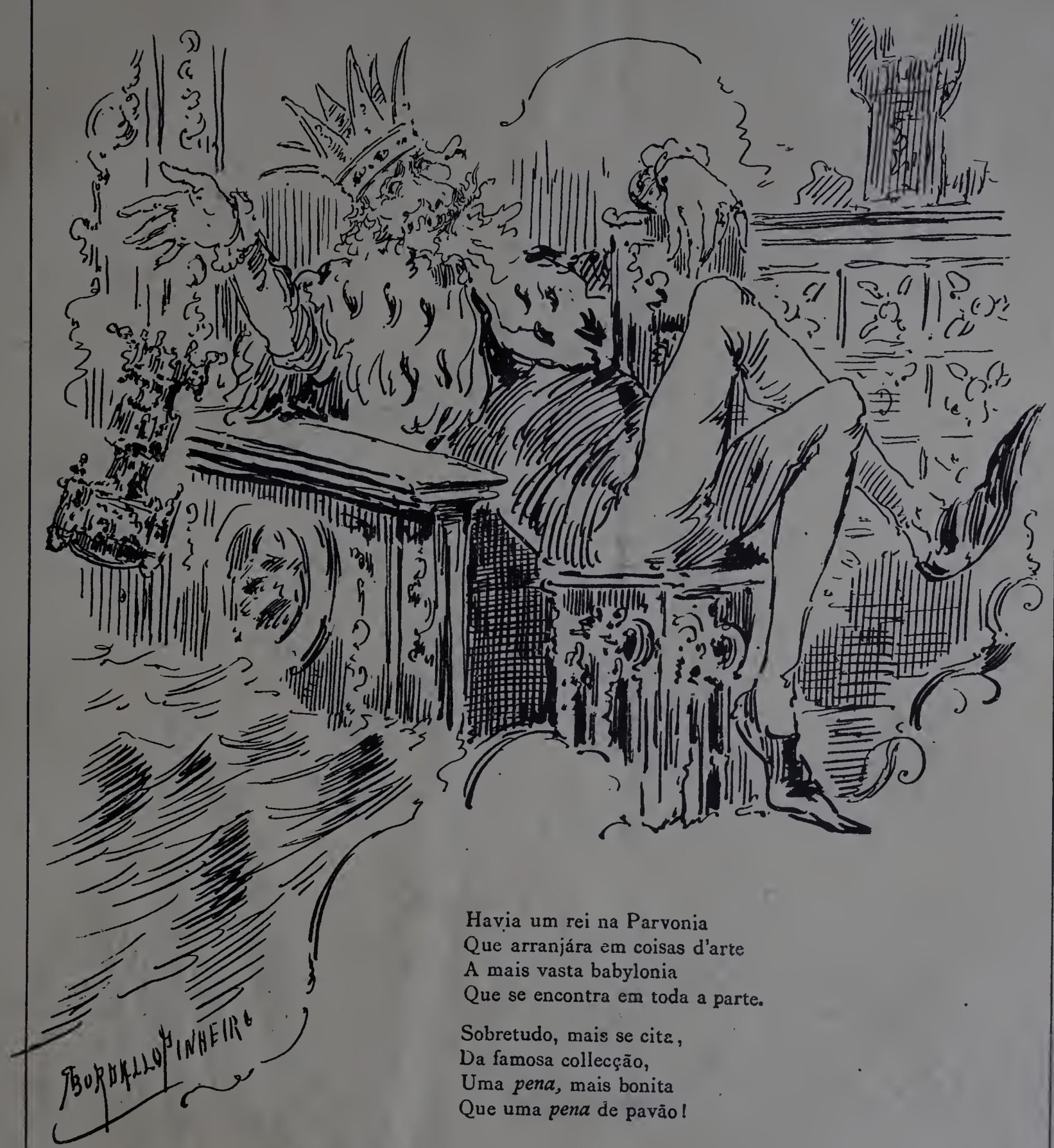
Esta noticia, notoriamente serodia para o assumpto a que se refere, vem comtudo mesmo ao pintar da faneca para o caso da sorte grande.

Se o *Diario de Noticias* não explicasse que «o illustre artista recusou o convite attentos os seus compromissos com a sociedade,» toda a gente ficaria suppondo que a recusa se fundára apenas na indifferença pelos lucros da excursão, visto como aquelle actor já contava antecipadamente com a taluda de Madrid—assim como quem conta com o ovo... no ovario da galinha.

E agora, leitor estremecido, se já *fez* a Avenida, vá fazer a barba ao *Cabelleireiro Lisbonense* da Praça do Loreto 19, a melhor navalha de Lisboa, mesmo incluindo as navalhas do bairro alto, faça depois um bocadinho de *toilette*, para fazer um pedaço de tempo ouvindo o Masini no *Rigoleto* ou vendo *A Linha* no Gymnasio; e, quando tiver feito tudo isto, vá para casa fazer a meia noite, depois de ter feito mais a extravagancia de comprar a *Lili*, na livraria do largo do Camões.

PAN-TARANTULA.

CANÇÃO DO REI DA PARVONIA



Havia um rei na Parvonia
Que arranjára em coisas d'arte
A mais vasta babylonia
Que se encontra em toda a parte.

Sobretudo, mais se cita,
Da famosa collecção,
Uma *pena*, mais bonita
Que uma *pena* de pavão!

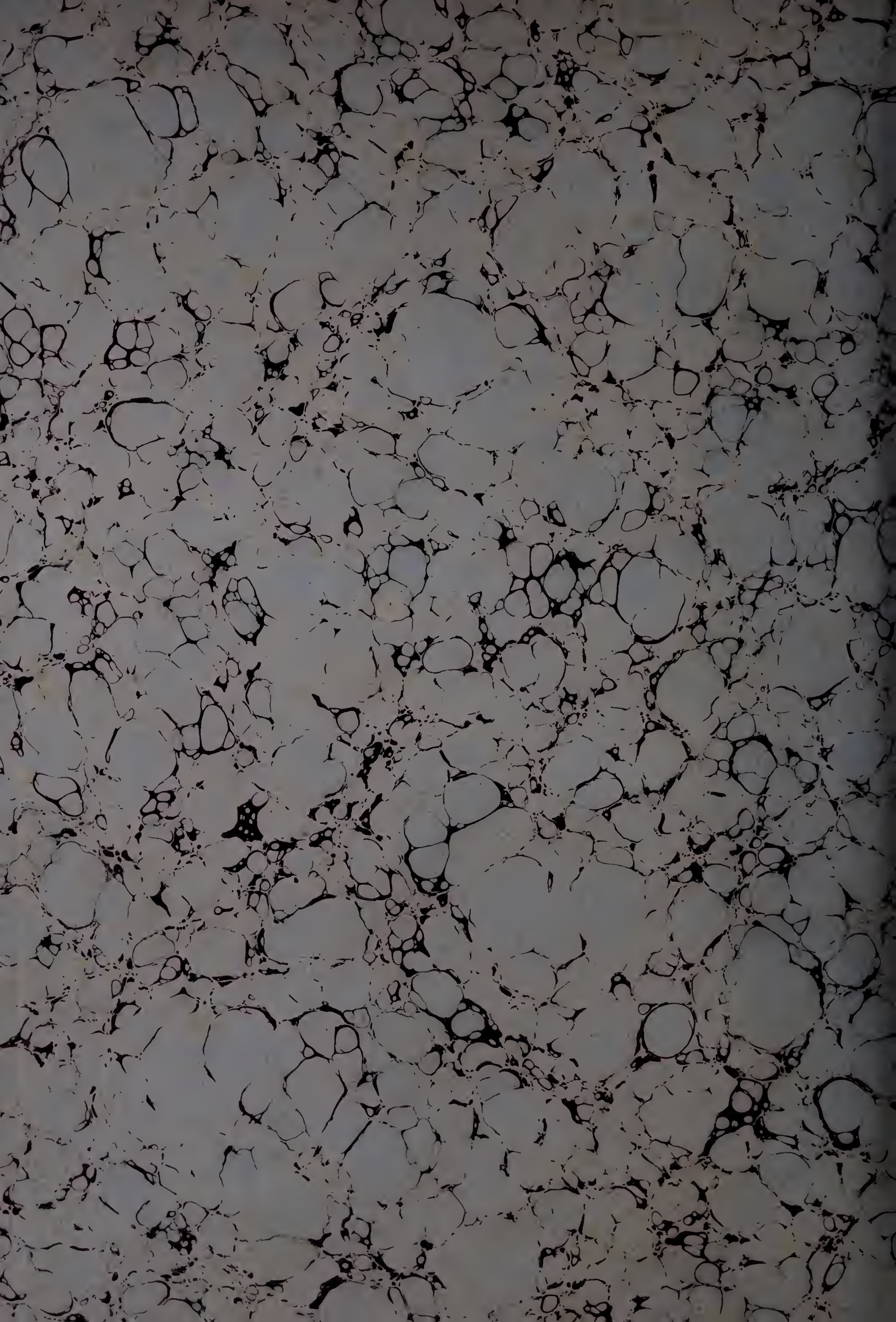
A' *pena* d'alta valia,
O rei, com rasão aos molhos,
Qu'ria tanto quanto qu'ria
A's meninas dos seus olhos!

Mas um dia vem a Parca
E em voz alta se esganiça
A chamar pelo monarcha
Qual por freguez d'hortaliça...

Diz o rei:—Não me amedronto,
Que á Parca não tenho medo!
Já lá vou! Isto é n'um prompto!
Vira mão e fia dedo...

E ao ver tetrico chegar
D'esta vida o negro fim,
Atirou c'o a *pena* ao mar...
E espichou o canelim!...

PAN-TARANTULA.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

GETTY CENTER LINRARY
3 3125 00682 9739